

# NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

**O “ZEBRO”:  
CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS, SUA IDENTIFICAÇÃO E  
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA, ORIGEM DA PALAVRA  
“ZEBRA” E CONSIDERAÇÕES SOBRE ETIMOLOGIA**



**NEHILP**

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

- P213 Papavero, Nelson.  
O “zebro” [livro eletrônico] : considerações históricas, sua identificação e distribuição geográfica, origem da palavra “zebra” e considerações sobre etimologia / Nelson Papavero, Mário Eduardo Viaro ; [coordenador da série monográfica]: Mário Eduardo Viaro. -- São Paulo : NEHiLP/FFLCH/USP, 2014.  
58000 kB ; PDF. -- (Arquivos do NEHiLP, ISSN 2318-2032 ; v.6)

Modo de acesso:  
<[http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP\\_6.pdf](http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_6.pdf)>  
ISBN 978-85-8489-000-2

1. Linguística histórica. 2. Zebra – Etimologia. I. Viaro, Mário Eduardo.  
II. Título. III. Série.

CDD 417.7

---

**NELSON PAPAVERO**  
**MÁRIO EDUARDO VIARO**

**O “ZEBRO”:  
CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS, SUA IDENTIFICAÇÃO E  
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA, ORIGEM DA PALAVRA  
“ZEBRA” E CONSIDERAÇÕES SOBRE ETIMOLOGIA**

FFLCH/USP

São Paulo

2014

## **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**REITOR:** Prof. Dr. Marco Antonio Zago

**VICE-REITOR:** Prof. Dr. Vahan Agopyan

## **FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS**

**DIRETOR:** Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

**VICE-DIRETOR:** Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

**COORDENAÇÃO GERAL:** Mário Eduardo Viaro

**PRODUÇÃO GRÁFICA:** Heloisa Guimarães

## **ARQUIVOS DO NEHILP**

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

[www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp](http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp)

[arquivosdonehilp@usp.br](mailto:arquivosdonehilp@usp.br)

## **CONSELHO EDITORIAL:**

Aldo Luiz Bizzocchi

Artur Costrino

Bruno Oliveira Maroneze

Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Daniel Kölligan

Elis de Almeida Cardoso Caretta

Federico Corriente

Francisco da Silva Xavier

Graça Maria Rio-Torto

José Marcos Mariani de Macedo

Joseni Alcântara de Oliveira

Mamede Mustafa Jarouche

Maria Clara Paixão de Sousa

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Marcelo Módolo

Marco Dimas Gubitoso

Margarida Maria Taddoni Petter

Mariana Giacomini Botta

Maria Filomena Gonçalves

Mário Eduardo Viaro

Mario Ferreira

Martin Becker

Michael J. Ferreira

Nelson Papavero

Nilsa Areán-García

Paulo Chagas de Souza

Phablo Roberto Marchis Fachin

Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Sandra Aparecida Ferreira

Sílvio de Almeida Toledo Neto

Solange Peixe Pinheiro de Carvalho

Valéria Gil Condé

Volker Noll

**ISBN 978-85-8489-000-2**

**ISSN 2318-2032**

# Arquivos do NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

[www.nehilp.usp.br/arquivosdonehilp](http://www.nehilp.usp.br/arquivosdonehilp)

Volume 6: 1-198, 2014

ISBN 978-85-8489-000-2

ISSN 2318-2032

---

## **NELSON PAPAVERO**

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP  
Bolsista de Produtividade Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

## **MÁRIO EDUARDO VIARO**

Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

## **O “ZEBRO”: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS, SUA IDENTIFICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA, ORIGEM DA PALAVRA “ZEBRA” E CONSIDERAÇÕES SOBRE ETIMOLOGIA**



Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo

2014

## RESUMO

Os equídeos africanos conhecidos internacionalmente como *zebra* não derivam seu nome de uma língua africana, mas do galego-português *zebro*, que se referia provavelmente ao extinto *Equus hydruntinus* Regalia, 1907. O animal foi mencionado com várias outras grafias nos documentos medievais (*zevro*, *zevra*, *zebro*, *ezevro* etc.), mas alguns textos renascentistas posteriores à sua extinção passaram a confundi-lo com o onagro (*Equus hemionus* Pallas, 1775), quase na mesma época em que uma outra confusão paralela se estendeu aos animais africanos. Haja vista a impossibilidade de associar o nome a uma origem latina, ao árabe ou a algum substrato ibérico, busca-se uma etimologia alternativa no superstrato suevo presente nos falares românicos do noroeste da Península Ibérica.

PALAVRAS-CHAVE: *zebra*, *zebro*, *identificação*, *etimologia*.

## ABSTRACT

The name of African equids internationally known as *zebra* is not derived from an African language, but from the Galician-Portuguese *zebro*, which probably referred to the extinct *Equus hydruntinus* Regalia, 1907 That animal was mentioned with several other spellings in Medieval documents (*zevro*, *zevra*, *zebro* , *ezevro* etc.), but its name began to be confused with the wild ass (*Equus hemionus* Pallas, 1775) in some post-extinction Renaissance texts, about the same time that another parallel confusion happened with the African equids. Given the impossibility of association of the name with a Latin origin, with the Arabic language or with some Iberian substrate, an alternative etymology was searched in the Suebian superstrate, which is present in the Romanic dialects of the northwestern Iberian Peninsula.

KEYWORDS: *zebra*, *zebro*, *identification of the species*, *etymology*.

## Sumário

1. O Zéfiro e as éguas da Lusitânia	
1.1. A fecundação de animais pelo vento .....	09
1.2. Fecundação de éguas pelo vento – algumas fontes históricas.....	11
2. O “zebro” nos antigos escritos e na toponímia da Península Ibérica	
2.1. Documentos medievais portugueses – os <i>Forais</i> .....	31
2.2. Documentos espanhóis e galegos.....	40
2.3. “Zebro” na toponímia de Portugal .....	43
2.4. “Zebro” na toponímia de Espanha .....	46
3. Do zebro às zebras africanas – citações e ilustrações	
3.1. As espécies de zebras africanas.....	48
3.2. As citações de Cassius Dio, Philostorgius e Timóteo de Gaza .....	53
3.3. Referências à zebra durante a Idade Média.....	55
3.4. Zebras em mosaicos de Israel, Jordânia e Turquia.....	57
3.5. A mais antiga figura de uma zebra na Europa.....	58
3.6. Zebras na China .....	59
3.7. A zebra do imperador Jahangir.....	62
3.8. Notícias sobre as zebras africanas por autores europeus (séculos XVI e XVII).....	63
4. Leutholf ( <i>Ludolfus</i> ) e a palavra <i>zecora</i>	
4.1. Vida e obra de Leutholf.....	76
4.2. A falsa origem hebraica da palavra <i>zecora</i> .....	85
Apêndice I. Considerações de Leutholf (1691: 28-35) sobre o Abba Gorgoryos.....	88
5. O ἵππος ἄγριος e o <i>equiferus</i>	
5.1. Citações de autores da Antiguidade e medievais.....	96
5.2. Referências aos cavalos selvagens durante a alta Idade Média.....	99
6. Identificações errôneas do “zebro”	
6.1. Bisão e outros.....	102
6.2. Boi ou vaca.....	102
6.3. Cabra ou cabrito.....	102
6.4. Cavalos <i>murcibios</i> .....	102
6.5. Onagro.....	107
6.6. Veado.....	112
6.7. Zebra.....	112
7. Zebro: <i>Equus ferus</i> ou <i>Equus hydruntinus</i> ?	
7.1. O <i>zevere</i> .....	114
7.2. Hipóteses sobre a identidade do zebro.....	126
8. Hipóteses etimológicas do nome <i>zebro</i>	
8.1. Datação das formas mais antigas.....	130
8.2. Origem hebraica.....	135
8.3. Latim <i>cibus</i> : a hipótese de Rodrigues (1926).....	135
8.4. Metátese de <i>cervo</i> : a hipótese de Nunes (1926).....	136



8.5. O nome <i>Zephyrus</i> : a hipótese de Marineus Siculus e Menéndez Pidal (1938).....	137
8.6. O latim <i>insipidus</i> e <i>separare</i> : as hipóteses de Agero (1947).....	139
8.7. O latim <i>equiferus</i> : a hipótese de Silveira (1948).....	140
8.8. O árabe <i>az-zāmilah</i> .....	144
9. Um étimo germânico do <i>zebro</i>	
9.1. Do germânico às línguas românicas.....	153
9.2. Do proto-indo-europeu ao germânico e ao suevo.....	158
9.3. Do suevo ao iberorromânico do Noroeste Peninsular.....	160
10. Conclusões.....	164
Apêndice II. O termo português <i>zebra</i> em diversas línguas do mundo.....	166
Apêndice III. Nomes da zebra não provenientes do português.....	167
Agradecimentos.....	168
Referências.....	169



# 1. O ZÉFIRO E AS ÉGUAS DA LUSITÂNIA<sup>1</sup>

## 1.1. A fecundação de animais pelos ventos

Desde tempos imemoriais souberam os homens que as galinhas punham ovos, tendo ou não copulado com galos. Como se originavam os ovos não galados? A explicação, que durou milênios, era serem essas aves inseminadas por ventos.

William Harvey, em suas *Exercitationes de generatione animalivm* (1666: 98), discorreu assim sobre o tema:

“Praecipua autem ovorum differentia est, quod alia, sint foecunda; alia, infoecunda; quae etiam dicuntur improlifera, irrita, hypenemia, sive subventanea, & Zephyria. *Hypenemia* dicuntur, quae sine maris coitu edita ad pullationem inepta sunt; quasi à vento prognata forent: quemadmodum *Varro* testatur, *equas in Lusitania vento concipere*. Est enim Zephyri Auro foecundissima, indeque illi nomen, quasi ζωηφόρος vitam ferens. Ita enim *Virgilius*

*Zephyrique tepentibus auris  
Laxant aura sinus, superat tener omnibus humor,  
Parturit omnis ager, &c.*

Hinc antiqui, cum verno tempore, stante hoc vento, viderent gallinas, aera maris operam, ova parere; *Zephyrum* eorundem procreationis autorem rem crediderunt. Sunt etiam ova urina & cynosura (quae fiunt incubatione derelicta) sic didicta, quod diebus canicularibus ova saepe putrescant, quia ob aestus nimios ab incubantibus gallinis deserunt; vel etiam quia ea anni tempestate crebrò tonat. *Aristoteles* enim asternit, *ova perire, si gallina incubante tonuerit*<sup>2</sup>

Na *Iliada* de Homero há duas passagens em que os ventos produzem descendência – na primeira (XVI, 148), Zéfiro teve com a harpia Podarge (também chamada Celaeno) dois filhos, os cavalos Xanthus e Balius; na segunda (XX, 219) é Bóreas que, materializado como um garanhão, fecunda várias éguas, tendo doze filhos.

Nos *Fasti* (V, 195-214) de Ovídio (43 – 17-18 aC), são comentados os amores de Zéfiro

---

<sup>1</sup> Um excelente artigo sobre este assunto foi publicado por Fernandes (1948).

<sup>2</sup> Na tradução de Willis (1847: 219): “The principal difference between eggs, however, is their fecundity or barrenness – the distinction of fruitful eggs from hypenemic, adventitious, or wind eggs. Those eggs are called hypenemic, (as if the progeny of the wind,) that are produced without the concurrence of the male, and are unfit for setting; although Varro [De Re Rust. lib. ii, cap. 1] declares that the mares, in Lusitania, conceive by the wind. For zephyrus was held a fertilizing wind, whence its name, as if it were ζωηφόρος [sic], or life bringing. So that Virgil says:

And Zephyrus, with warming breath resolves  
The bosom of the ground, and melting rains  
Are poured o’er all, and every field brings forth.

Hence the ancients, when with this wind blowing in the spring season, they saw their hens begin laying, without the concurrence of the cock, conceived that zephyrus, or the west wind, was the author of their fecundity. There are also what are called addle, and dog-day eggs, produced by interrupted incubation, and so called because eggs often rot in the dog-days, being deserted by the hens in consequence of the excessive heat; and also because at this season of the year thunder is frequent; and Aristotle [Hist. Anim. lib. vi, cap. 2; Plin. Hist. Nat. lib. x, cap. 54] asserts that eggs die if it thunders whilst the hen is sitting”.

com a a ninfa Chloris (a Flora dos romanos), mas sem resultarem filhos (cf. Frazer, 1959: 274, 276)<sup>3</sup>:

“Chloris eram, quae Flora vocor: corrupta Latino  
nominis est nostri littera Graeca sono<sup>4</sup>.  
Chloris eram, nymphe campi felicis, ubi audis  
rem fortunatis ante fuisse viris.  
quae fuerit mihi forma, grave est narrare modestae  
sed generum mari repperit illa deum.  
ver erat, errabam: Zephyrus conspexit, abibam.  
insequitur, fugio: fortior ille fuit,  
et dederat fratri Boreas ius omne rapinae  
ausus Erechthea praemia ferre domo.  
vim tamen emendat dando mihi nomina nuptae,  
inque meo non est ulla querella toro.  
vere fruer semper: semper nitidissimus annus,  
arbor habet frondes, pabula semper humus.  
est mihi fecundus detalibus hortus in agris:  
aura foveat, liquidae fonte rigatur aquae.  
hunc meus implevit generoso flore maritus  
atque ait ‘arbitrium tu, dea, floris habe’”

Para S. Isidoro de Sevilha (ca. 560-636) o Favônio ou Zéfiro exercia com seu sopro uma ação germinativa sobre flores e frutos (cf. Lindsay, 1911b, XIII, xi, 8):

“Favonius nuncupatus eo quod foveat fruges ac flores. Hic Graece Zephyrus, quia plerumque vere flat; unde est illus (Virg. Georg. I, 44): Et Zephyro putris se gleba resolvit. Zephyrus Graeco nomine appellatus eo quod flores et germina eius flatu vivificentur”.

O bispo de Ávila, Don Alonso Tostado (em latim *Tostatus Abulensis*, ca. 1400-1455), na Quarta Parte, Cap. CCCXXXV (*Dase la segunda [razon], que prueba lo mismo [que puedan algunas yeguas concebir sin junta alguna], y de la condicion de los cauallos engendrados de el viento, y como sean tan ligeros* (Tostado, 1679: 309-310), tentou dar uma explicação racional (mas confusa) para esse fenômeno:

“La segunda causa, y lo que concurre de parte del viento es, que aquello que falta a la simiente, ò principio material en las yeguas, se puede suplir por el viento, porque la simiente masculina siempre es mas caliente que la de la hembra: y por esto tiene poder para digerir, formar, y figurar algo; y de este calor falta a las simientes de las yeguas, y aquello se suple por el viento, por quanto este viene frio, y con su frialdad aprieta, y comprime el calor que halla en el cuerpo de la yegua en el lugar generatiuo. Aquel calor, pues, apretado se haze mayor, asi como lo vemos, quando echan agua sobre el fuego que arde en la fragua, que entonces se leuanta mayor la llama, y mas brauamente arde, y por essa causa la echa.

En esta forma concurren todas las cosas juntas. La vna es, que a la simiente de la yegua falta poco para llegar a igualar con la masculina. Lo segundo es, que se conforta esta virtud en aquel tiempo por la grande fuerça, ò poder que tiene el anima sobre el cuerpo en el tiempo de el deseo ardiente del ayuntamiento carnal. Lo tercero, que

<sup>3</sup> Na tradução de Frazer (1954: 275, 276): “I who now am called Flora was formerly Chloris: a Greek letter of my name was corrupted in the Latin speech. Chloris I was, a nymph of the happy fields where, as you have heard, dwelt fortunate men of old. Modesty shrinks from describing my figure; but it procured the hand of a god for my mother’s daughter. ‘Twas spring, and I was roaming; Zephyr caught sight of me; I retired; he pursued and I fled; but he was the stronger, and Boreas had given his brother full right of rape by daring to carry off the prize from the house of Erechtheus. However, he made amends for his violence by giving me the name of bride, and in my marriage-bed I have naught to complain of. I enjoy perpetual spring; most buxom is the year ever; ever the tree is clothed with leaves, the ground with pasture. In the fields that are my dower, I have a fruitful garden, fanned by the breeze and watered by a spring of running water. This garden my husband filled with noble flowers and said, ‘Goddess, be queen of flowers’”.

<sup>4</sup> Flora vem de *flos*, e nada tem a ver com o grego Chloris.

el viento frio recibido en aquel tiempo dentro de el cuerpo, con su frialdad aprieta el calor natural, y accidental, que entonces ay en aquel lugar generatiuo, y assi puede llegar a ser tanto, que baste para engendrar, ò concebir por su misma la yegua, y aquel calor pueda formar, y figurar aquella simiente que tiene la yegua: de esta suerte se puede discutir, que las yeguas por si solas engendren, y conciban.

Pero será bien lleuar aduertido, que lo que dexamos dicho, pocas vezes sucederà, y en pocas yeguas, porque en todas estas cosas son menester muchas circunstancias, y ocurrencias, las quales en pocas yeguas se pueden hallar juntas; porque no todas las hembras se acercan, y son semejantes en igual grado a la condicion, y calidad masculina en la simiente; ni el ardor tampoco, y deseo carnal puede ser igual en todas las yeguas. Tampoco acaeze venir el viento tan templado, y con tal temperamento con estas dos condiciones referidas, para que se iguale con la virtud masculina: y por todas estas circunstancias, rara vez sucede la tal cosa.

Dizese, que los cauallos nacidos de las yeguas en el modo dicho son ligeros. Esto procede de la condicion del viento, que supliò la masculina simiente, y no se dispuso el cuerpo del cauallo assi concebido, como los de los otros, que se conciben por el modo ordinario. Tambien haze el que los tales cauallos viven poco tiempo, y esto es aun mas natural en ellos, porque no tiene todo lo que los otros cauallos tienen por naturaleza, como en ellos no aya obrado cosa alguna el padre, del qual el hijo toma la robustez, y virtud: y assi no son de tanto viuir como los otros, ni aun tan fuertes han de ser.

Segun lo dicho, y el modo explicado, podrèmos declarar la fabula de Boreas, que amò las yeguas del Rey Dardano, y engendrò de ellas doze cauallos muy ligeros. Boreas es el viento Cierço, èl amò las yeguas, porque de su virtud concibieron, como concibe la hembra con la junta de su consorte. Esto seria, porque aquellas yeguas de el Rey Dardano concibirian del viento, abriendo las bocas: y porque las abririan contra el viento Cierço, que es lo mismo que Boreas, dèl concibirian.

No se opone a esto lo que Plinio, San Isidoro, y otros afirman, que las yeguas conciban del viento Zefiro, porque no solo conciben de este, sino de todos los otros, salvo del Solano, que no conciben, como lo dize Virgilio, que las yeguas buelven las bocas contra los vientos frios, y el Solano es caliente. Tambien se conforma esto con la dotrina de Marcos Varron, el qual sopone poderse hazer la dicha concepcion por los vientos frios, no distinguiendo otra cosa alguna. Y siendo el ayre Cierço de los mas frios, èl será mas a proposito para que las yeguas conciban y assi esto se acabò lo que pertenece a Boreas, que lleuó robada a Oritia”.

## 1.2. Fecundação de éguas pelo vento – algumas fontes históricas<sup>5</sup>

Não pretendemos que esta seção inclua exaustivamente todas as fontes; apresentamos apenas uma amostra razoável delas, para mostrar a permanência do mito por mais de dois mil anos.

É a partir de Aristóteles (384-322 aC) que os ventos, sem assumirem formas corpóreas, passam a ser responsáveis pela fecundação de éguas, por ele situadas na ilha de Creta. Esse trecho da *História dos Animais* do filósofo (VI, 18, 572a) é reproduzido na Figura 1.3<sup>6</sup>:

---

<sup>5</sup> Algumas destas fontes já foram citadas por Zirkle (1936; dono de ímpar cultura, listou cronologicamente os autores que trataram do tema, incluindo fontes árabes e chinesas, com relação à fecundação de éguas, abutres, galinhas e mulheres por ventos ou por água [Figuras 1.1 e 1.2]) e Canto (2009); mas ambos sem as citações dos textos na língua original e sem bibliografia, ou com a bibliografia incompleta. Ver também os trabalhos de Bermejo Barrera (1976), Fernandes (1984), Figueiredo (1825) e García Masegosa (1996).

<sup>6</sup> Na tradução de Peck (1970: 299): “In eagerness for sexual intercourse, of all female animals the mare comes first; next, the cow. Mares become horse-mad (hippomaniac), and the term derived from this one animal is applied by way of abuse to women who are inordinate in their sexual desires. Mares are also said to get impregnated by the wind at this season; and that is why in Crete they never take the stallions away from the mares, for when they get into that state they run away from all other horses. (This is the condition which in sows is known as being boar-mad). They run off neither to the east nor to the west, but either to the north or the south. When this condition overtakes them, they allow no one to come near until they are either exhausted by the effort or have got to the sea; at that stage they discharge a certain substance which is known by the same name as that which appear on the offspring mares produce, viz., *hippomanés*: it is similar to the sow-virus, and is the chief thing sought after by women who deal in philters and drugs”.

Chronological List of the Descriptions of Wind-Impregnation.

DATE	AUTHOR	ANIMAL IMPREGNATED
800 + B.C.	Homer	Mares
414	Aristophanes	Hens
384-321	Aristotle	Mares, Vultures, Hens
118-30	Varro	Mares, Hens
31	Virgil	Mares
43-17	Ovid	Nymphs
30-40 A.D.	Columella	Mares, Hens
77	Pliny	Mares, Hens
25-101	Silius Italicus	Mares
46-125	Plutarch	Vultures
156-200?	Oppian	Tigers
192-200	Athanaos	Hens
200 +	Aelian	Ewes, Vultures
248	Origen	Vultures
200-280	<i>The Recognitions of Clement</i>	Hens
275-300?	Solinus	Mares
260-340	Lactantius	Mares
318	Eusebius	Vultures
300-400?	Horapollo	Vultures
330-379	St. Basil	Vultures
334-397	St. Ambrose	Vultures
400	Claudian	Tigers
400	Justin	Mares
413-426	St. Augustine	Mares
499	Hui-shen	Women *
550-600	Cassianos Bassos	Vultures
622-633	St. Isidore	Vultures
629	Theophylactos	Vultures
618-907?	<i>Tu-huan-hsing-ching-chi</i>	Women *
1031	Ibrahim ibn Wasif Sah	Women
1110	Tzetzes	Vultures
1143-1156	Michael Glycas	Vultures
1162	Al-Mazine	Women *
1178	Ch'ou ch'ü-fir	Women
1105-1185	Ibn Tufail	Women

Figura 1.1. Tabela de Zirkle (1936: 128).

1200	Alexander Neckam	Mares, Hens
1225	Chao Ju-Kua	Women
1230-1240	Bartholomew the Englishman	Hens
1246	Walter of Metz	Mares
1256	Albert the Great	Hens
1260-1266	Ser Brunetti Latini	Vultures
1268	Roger Bacon	Mares, Vultures
1276	Qazwini	Women
1295-1346	Philes	Vultures
1319	Ma-tuan-lin	Women *
1339	Hamdalla Mustawfi	Women *
1340	Ibn-al-Wardi	Women
1400-1450	Bakuwi	Women
1430-1480	Perottus	Mares, Hens
1516	Rhodiginus	Vultures
1520	Ravisius	Mares, Vultures
1522	Pigafetta	Women
1570	Heresbach	Mares, Hens
1599	Aldrovandi	Vultures
1611	Harde	Hens
1614	Johnston	Mares
1632	Beaumont & Fletcher	Hens
1635	Nieremberg	Mares, Vultures
1640	Milton	Women
1651	Harvey	Hens
1691	Camerarius	Mares, Hens
1722	Wollaston	Women
1750	Hill	Women
1783	Marsden	Women
1912	Pilsudsky	Women

\* Impregnated by water.

Figura 1.2. Tabela de Zirkle (1936: 129).



Τῶν δὲ θηλειῶν ὀρμητικῶς ἔχουσι πρὸς τὸν συν-  
 δυνασμὸν μάλιστα μὲν ἵππος, ἔπειτα βούς. αἱ μὲν  
 10 οὖν ἵπποι αἱ θήλειαι ἵππομανοῦσιν· ὅθεν καὶ ἐπὶ τὴν  
 βλασφημίαν τὸ ὄνομα αὐτῶν ἐπιφέρουσιν ἀπὸ μόνου  
 τῶν ζώων τούτου ἐπὶ τῶν ἀκολάστων περὶ τὸ ἀφρο-  
 δισιάζεσθαι. λέγονται δὲ καὶ ἐξανεμοῦσθαι περὶ τὸν  
 καιρὸν τοῦτον· διὸ ἐν Κρήτῃ οὐκ ἐξαιροῦσι τὰ ὄχεια  
 ἐκ τῶν θηλειῶν. ὅταν δὲ τοῦτο πάθωσι, θέουσι ἐκ  
 15 τῶν ἄλλων ἵππων. (ἔστι δὲ τὸ πάθος ὅπερ ἐπὶ τῶν  
 ὑῶν λέγεται τὸ καπρίζειν.) θέουσι δ' οὔτε πρὸς  
 ἔω οὔτε πρὸς δυσμάς, ἀλλὰ πρὸς ἄρκτον ἢ νότον.  
 ὅταν δ' ἐμπέσῃ τὸ πάθος, οὐδένα ἐῶσι πλησιάζειν,  
 ἕως ἂν ἢ ἀπείπωσι διὰ τὸν πόνον ἢ πρὸς θάλατταν  
 ἔλθωσιν· τότε δ' ἐκβάλλουσί τι. καλοῦσι δὲ καὶ  
 20 τοῦτο, ὡσπερ <τὸ> ἐπὶ τοῦ τικτομένου <πώλου>,  
 ἵππομανές· ἔστι δ' οἷον ἢ καπρία, καὶ ζητοῦσι τοῦτο  
 μάλιστα πάντων αἱ περὶ τὰς φαρμακείας.

Figura 1.3. Trecho da *História Natural* (VI, xviii, 8-22) de Aristóteles (*apud* Peck, 1970: 298).

Com Varro (118-130 aC), em sua obra *De Re Rustica* (II, i), a história é pela primeira vez transferida para a “Lusitania” (cf. Nisard, 1856: 101-102)<sup>7</sup>:

“In foetura res incredibilis est in Hispania, sed est vera, quod in Lusitania ad oceanum in ea regione, ubi est oppidum Olysippo, monte Tagro<sup>8</sup>, quaedam e vento certo tempore concipiunt equae, ut hic gallinae quoque solent, quarum ova ὑπηνήμια appellant. Sed ex his equis, qui nati pulli, non plus triennium vivunt”.

Trogus Pompeius (séc. I aC) foi autor das *Historiae Philippicae*, obra em 44 livros, hoje perdida, e só conhecida através da *Epitome* de Justinus, onde consta (cf. Pareus, 1630: 224-225):

“In Lusitaniæ iuxta fluvium Tagum, vento equas fetus concipere multi auctores prodidere: qua fabula ex equarum fecunditate, & gregum multitudine natae sunt: qui tanti in Gallecia, & Lusitania, ac tam pernices visuntur, ut non immerito vento ipso concepti videantur”.

Graças a Virgílio (7-19 aC) ficamos sabendo que as éguas eram fecundadas por Zéfiro através da boca (*Georgicas* III, 265-281):

“Scilicet ante omnes furor est insignis equarum:  
 Et mentem Venus ipsa dedit, quo tempore Glauci

<sup>7</sup> Na tradução de Nisard (1856: 101-102): “Un phénomène de génération qui passe toute croyance, et qui est cependant de toute vérité, se voit sur les côtes de Lusitanie en Espagne, près de la ville d’Olysippe, sur le mont Tagro. Là des cavales conçoivent du vent, comme il arrive assez souvent chez nous aux poules dont les oeufs sont appelés ὑπηνέμος (conçus du vent); mais les poulains conçus de cette manière ne vivent plus de trois ans”.

<sup>8</sup> Possivelmente o Montemor (356,72 m), perto de Lisboa.

Potniades malis membra absumsere quadrigae.  
 Illas ducit amor trans Gargara<sup>9</sup>, transque sonantem  
 Ascanium<sup>10</sup>: superant montes, et flumina tranant:  
 Continuoque avidis ubi subdita flamma medullis,  
 Vere magis (quia vere calor redit ossibus) illae  
 Ore omnes versae in Zephyrum, stant rupibus altis,  
 Exceptantque leves auras: et saepe sine ullis  
 Conjugiis, vento gravidae, mirabile dictu,  
 Saxa per, et scopulos, et depressas convalles  
 Diffugiunt; non, Eure, tuos, neque Slis ad ortus;  
 In Boream, Caurumque; aut unde nigerrimus Auster  
 Nascitur, et pluvio contristat frigore coelum.  
 Hind demum, hippomanes vero quod nomine dicunt  
 Pastores, lentum distillat ab inguine virus” (Anôn, 1743: 164)<sup>11</sup>.

Columella (? – 60/70 dC) voltou a situar o fenômeno na Lusitânia, em seu *De Re Rustica* (VI, xxvii, 4-8) (cf. Forster & Heffner, 1954: 190, 192)<sup>12</sup>:

“Nec dubium quin aliquot regionibus tanto flagrent ardore coeundi feminae, ut etiam si marem non habeant, assidua et nimia cupiditate figurando sibi ipsae venerem cohortalium more avium vento concipiant (...).

Cum sit notissimum etiam in Sacro monte Hispaniae, qui procurrit in occidentem iuxta Oceanum, frequenter equas sine coitu ventrem pertulisse fetumque educasse, qui tamen inutilis est, quod triennio, prius quam adolescat, morte absumitur. Quare, ut dixi, dabimus operam, ne circa aequinoctium vernum equae desideriiis naturalibus angantur”.

Plínio (23-79), em sua *História Natural* (IV, 116) (Rackham, 1961: 208) escreveu:

“Oppida a Tago memorabilia in ora Olisippo equarum a favonio vento conceptu nobile, Salacia cognominata Urbs Imperatoria, Merobriga, promunturium Sacrum et alterum Cuneus. Oppida Ossonoba, Basa, Myrtilis”<sup>13</sup>

<sup>9</sup> Gargarus – o monte Ida, na Tróade, parte noroeste da Anatólia (moderna Turquia, onde é conhecido como *Kaz Daği*). Mas havia outro monte Ida em Creta, aonde Aristóteles, como vimos acima, situa o fenômeno da fecundação de éguas pelo vento. Teria Virgílio errado de país?

<sup>10</sup> *Ascanius*, nome de um rio da Bitínia, também na Anatólia (moderna Turquia).

<sup>11</sup> Na tradução de Anôn. (1743: 165): “Yet know the Fury of the Mares is most of all extraordinary: And this Spirit Venus herself inspired, what time his four Potnian Mares tore the limbs of Glaucus to Pieces with their Jaws. Love drives them across the pathless Gargarus, and roaring Ascanius: They climb the Mountains, swim the Rivers: And forthwith, when the Flame is secretly conveyed into their craving Marrow, chiefly in the Spring (for in the Spring the genial Heat returns into their Bones) they all, with their Mouths turned towards the Zephyr, stand on high Rocks, and catch the gentle Gales: And oft, wondrous to relate! Without any Mate, impregnated by the Wind, over Rocks and Cliffs, and hollow Vales they scour; not towards thine, o Eurus, nor the Sun’s rising, nor towards Boreas and Caurus, or whence grimly Auster arises, and saddens the Sky with bleak Rain. Hence at last, what the Shepherds call by its true Name Hippomanes, a clammy Poison distils from their Groins”.

<sup>12</sup> Na tradução de Forster & Heffner (1954: 191, 193): “Indeed, in some regions, there is no doubt that the mares are affected by such a burning desire for intercourse, that, even though there is no stallion at hand, owing to the continuous passion, by imagining in their own minds the pleasures of love they become pregnant with wind, just as farmyard hens produce ‘wind-eggs’. (...) For it is well-known that on the Holy Mountain of Spain, which runs westward near the Ocean, mares have often become pregnant without coition and reared their offspring, which, however, is of no use, because it is snatched away by death at three years of age, before it can come to maturity. Therefore, as I have said, we shall take care that the brood-mares are not tormented by their natural desires about the time of the spring equinox”.

<sup>13</sup> Na tradução de Rackham (1961: 209): “The notable towns on the coast, beginning at the Tagus, are: Lisbon, famous for its mares which conceive from the west wind; Alcazar do Sal, called the Imperial City; Santiago de Cacem; Cape St. Vincent, and the other promontory called the Wedge; and the towns of Estomba, Tavira and Mertola”. Ou, na tradução de Pereira (G.) (1879: 22): “As povoações notáveis desde o Tejo até aos litoraes são



Também no livro VIII (lxvii, 166-170) (cf. Rackham, 1967: 116)<sup>14</sup>:

“Constat in Lusitania circa Olisiponem oppidum et Tagum amnem equas favonio flante obversas animalem concipere spiritum, idque partum fieri et gigni perniciosissimum ita, sed triennium vitae non excedere”.

Silius Italicus (25/26–101) (*Punica* III, linhas 378-383) acrescentou uma nova informação (cf. Duff, 1961: 140, 142)<sup>15</sup>:

“At Vettonum alas Balarus<sup>16</sup> probat aequore aperto. hic adeo, cum ver placidum flatusque tepescit, concubitus servans tacitos, grex perstat equarum et Venerem occultam genitali concipit aura. sed non multa dies generi, properatque senectus, septimaque his stabulis longissima ducitur aestas”.

Justinus (Marcus Junianus Justinus) (século II), em sua *Historia Mundi* (XLIV, iii) falou mais uma vez da Lusitânia (cf. Cantel, 1742: 325 1815: 325)<sup>17</sup>:

“In Lusitanis, juxta fluvium Tagum, vento equas foetus concipere multi auctores prodidère: quae fabulae ex equorum foecunditate, & gregum multitudine natae sunt: qui tanto in Gallaeciâ & Lusitaniâ, ac tam pernice visuntur, ut non immeritò vento ipso concepti videantur”.

Aelianus (175-235), em seu *Περι ζῴων ιδιοτητος* (VII, 27) citou pela primeira vez ovelhas fecundadas por ventos<sup>18</sup> [Figura 1.4].

---

Olisipo, nobre porque ali as eguas concebem do vento Favonio; Salacia chamada *urbs imperatoria*, Merobrica, o promonório Sacro e outro chamado Cuneus, pelo feito de cunha, as cidades Ossonoba, Balsa e Myrtilis”.

<sup>14</sup> Na tradução de Rackham (1967: 168): “It is known that in Lusitania in the neighbourhood of the town of Lisbon and the river Tagus mares when a west wind is blowing stand facing towards it and conceive the breath of life and that this produces a foal, and this is the way to breed a very swift colt, but it does not live more than three years”.

<sup>15</sup> Na tradução de Duff (1961: 141, 143): “The squadrons of the Vettones were reviewed on the open plain by Balarus. In that country, when spring is mild and airs are warm, the drove of mares stand still, mating in secret, and conceive a mysterious progeny begotten by the wind. But their stock is short-lived: old age comes quick upon them, and the life of these horses lasts but seven years at the longest”.

<sup>16</sup> “E porque se veja o muito cabedal, que o Capitão Carthagines [Aníbal] fazia de gente Portuguesa, sera bem apontar o favor que procurou dos Vettones, com quem seu pay & cunhado, & inda elle proprio tiverão aspera guerra: mas como nella conhecesse, pera quanto era sua cavallaria, principalmente a daquelles, que vivião junto ao rio Tejo, naquellas partes onde se lança em Portugal, trabalhou com elles tanto, por seus meos & artificios costumados, **que lhe veo boa copia de cavallos ligeiros** [nossa ênfase], capitaneados por hum Portugues, que Silio chama Balaro, dizendo: *At Vettorum alas Balarus probat aequore aperto*. Cuja significação he, que Balaro exercitava os esquadrões dos Portuguezes Vettones” (Academia Real das Sciencias, 1806: 280-281).

<sup>17</sup> Na tradução de Watson (1877: 292): “In Lusitania, near the river Tagus, many authors have said that the mares conceive from the effect of the wind; but such stories have had their origin in the fecundity of the mares, and the vast number of herds of horses, which are so numerous, and of such swiftness, in Gallaecia and Lusitania, that they may be thought, not without reason, to have been the offspring of the wind”.

<sup>18</sup> Na tradução de Scholfield (1959: 139, 141): “Moreover Sheep know this too, viz. that the north wind and the south wind, no less than the rams which mount them, are their allies in promoting fertility. And this also they know, that whereas the north wind tends to produce males, the south wind produces females. And a Sheep that is being covered faces in this direction or in that according as its wants a male or a female offspring”. Aelianus segue aqui as teorias de Empédocles sobre o calor e o frio na determinação do gênero do feto (o calor originando machos e o frio fêmeas; cf. Bliersch, 1937).

τά γε μὴν πρόβατα κάκεινο οἶδεν, ὅτι αὐτοῖς ὁ  
βορρᾶς καὶ ὁ νότος συμμάχονται πρὸς τὸ τίκτειν  
οὐ μείον τῶν ἀναβαινόντων αὐτὰ κριῶν· οἶδε δὲ  
καὶ τοῦτο, ὅτι ἄρα ὁ μὲν βορρᾶς ἀρρενοποιός  
ἔστιν, ὁ δὲ νότος θηλυγόνος εἶναι πέφυκε· καὶ  
ἔαν δέηται τοῦδε τοῦ ἐκγόνου ἢ τοῦδε ὀχευομένη  
ἢ οἷς, πρὸς τὸν ἀπέβλεψεν ἢ πρὸς τόν.

Figura 1.4. Trecho em que Aelianus fala das ovelhas fecundadas por vento (VII, 27) (*apud* Scholfield, 1959: 138, 140).

Caius Julius Solinus (Século III), no *Polyhistor* (XXIV) citou brevemente as éguas da Lusitânia (Agnant, 1847: 186; Mommsen, 1864: 117)<sup>19</sup>:

“In proximis Olyssipponis equae lasciviunt mira fecunditate: nam aspirante favonio vento concipiunt, et sitientes viros aurarum spiritu maritantur”.

Lactantius (ca. 240 – ca. 320), em suas *Divinarum Institutionum* (IV, xii), aproveitou o mito para corroborar a imaculada concepção da Virgem Maria (Lactantius, 1548: 293-294)<sup>20</sup>:

“De Iesu ortu ex virgine, vita, morte, & resurrectione: deque ijs rebus testimonia prophetarum.

Descendens itaque de caelo sanctus ille spiritus Dei, sanctam virginem, cuius vtero se insinaret, elegit. At illa diuino spiritu hausto repleta concepit: & sine vlllo attactu viri repente virginalis vtervs intumuit. Quòd si animalia quaedam vento, aut aura concipere solere, omnibus notum est, cur quisquam mirum putet, cum spiritu Dei, cui facile est quicquid velit, guauatam esse virginem dicimus? Quod sanè incredibile posset videri, nisi hoc futurū ante multa secula prophetae cecinissent”.

Claudianus (370-404), em seu épico inacabado *De Raptu Proserpinae* (III, 265-268) também tratou sumariamente do assunto (cf. Platnauer, 1998: 364)<sup>21</sup>:

“fremit illa marito mobilior Zephyro totamque virentibus iram dispergit maculis timidumque hausura profundo ore virum vitreae tardatur imagines formae”.

<sup>19</sup> Na tradução de Zirkle (1936: 100): “In the neighbourhood of Olisippo the mares indulge in sexual play and bear issue with marvelous fertility, for when the west wind blows upon them they conceive, and they, when are athirst for males, are married by the breath of the breezes”.

<sup>20</sup> Na tradução de Zirkle (1936: 100): “Of the birth of Jesus from the Virgin; of his life, death and resurrection, and testimonies of the prophets respecting these things.

Therefore the Holy Spirit of God, descending from heaven, chose the holy Virgin, that He might enter into her womb. But she, being filled by the possession of the Divine Spirit, conceived; and without any intercourse with a man, her virgin womb was suddenly impregnated. But if it is known to all that certain animals are accustomed to conceive by the wind and the breeze, why should anyone think it wonderful when we say that a virgin was made fruitful by the Spirit of God, to whom whatever He may wish is easy? And this might have appeared incredible, had not the prophets many ages previously foretold its occurrence”.

<sup>21</sup> Na tradução de Platnauer (1998: 365): “Speedier than the west wind that in her paramour rushes the tigress, anger blazing from her stripes, but just as she is about to engulf the terrified hunter in her capacious maw, she is checked by the mirrored image of her own form”.

S. Agostinho (Aurelius Augustinus) (354-430), em *De civitate Dei* (XXI, v, 16-18) mencionou o fenômeno, desta vez na Capadócia (cf. Dombart, 1877: 496)<sup>22</sup>:

“In Cappadocia etiam vento equas concipere, eosdemque fetus non amplius triennio vivere”.

Maurus Servius Honoratus ou Servius Grammaticus (fim do séc. IV-início do séc. V) em seus comentários à *Georgica* de Virgílio (nota 273) escreveu (cf. Thilo, 1887: 297):

“273. ORE OMNES VERSAE IN ZEPHYRUM hoc etiam Varro dicit, in Hispania ulteriore verno tempore equas, nimio ardore commotas, contra frigidiores ventos ora patefacere ad sedandam calorem, et eas exinde concipere edereque pulos, licet veloces, diu tamen minime duraturos: nam brevis admodum vitae sunt”.

Em sua obra *De nuptiis Philologiae et Mercurii*, Martianus Capella (século V), falando da Lusitânia, acrescentou (cf. Kopp, 1836: 517):

“In ejus quoque confinio equarum fetura ventis maritantibus inolescit, volucres proli cursus, ispsa spirante Favonio”.

Alexander (of) Neckham (1157-1217), em seu *De naturis rerum*, escreveu (cf. Wright, 1863: 260)<sup>23</sup>:

“Ferunt equam, cum copia masculi ei deest, ex flatu aurae venti borealis concipere, sed foetus paucis diebus superstes erit. Sic et gallinae, dum pulveris fomento et crebra respersione fungente vice balnei delectantur, sine coitu ova apala ponunt, sed proli gratiam non consequuntur. Apala autem dicuntur ova, quasi sine pelle, et quandoque sorbilia hoc nomen sortiuntur. Proprie tamen dicuntur apala, quae in ventriculis gallinarum sunt, et sine testa reperiuntur”.

Gaultier (também Gautier, Gauthier, Gossuin, Gossouin, ou ainda Walter) de Metz, escreveu em 1245 *L'Image du Monde*, onde repetiu o trecho de S. Agostinho. Na edição de Prior (1913: 216) lemos:

“Si y a une maniere de jumanz qui conçoivent du vent, et sont en une contrée qui a non [nom] Capadoce. Mais il ne durent que .iii. anz”.

Lorenzo (ou Laurentius) Valla (ca. 1407-1457) falou brevemente do assunto (Valla, 1528: fólio IIIv; 1579 1008):

“a multis est Graecorum Latinorumq’ traditum, equas Fauonio, qui idem Zephyrus est, stanti obuertas tempore certo concipere, eumq’ partum esse perniciosissimum, licet triennium non excedat”.

Segundo o bispo de Palencia Rodrigo Sánchez de Arévalo (Rodericus Santius Palentinus, 1404/1405-1470) (cf. Sánchez de Arévalo, 1579: 294):

“Teste enim eodem Iustino in Lusitania iuxta flumen Tagum quod Toletanos agros vsque in oceanum mira

---

<sup>22</sup> Na tradução de Zirkle (1936: 102): “Then in Cappadocia the mares are impregnated by the wind, and their foals live only three years”.

<sup>23</sup> Na tradução de Zirkle (1936: 102): “They say that the female horse whose opportunity with a male is lacking conceives by the snorting blast of the North Wind, but its offspring will live only a few days. And so the hen when it takes its bath with frequent fluttering and with applications of dust, may lay soft eggs without coition, but does not obtain the joy of offspring. The eggs, however, are called soft as if they were without a skin, and whenever they are such that they may be supped up they receive this name. Those especially, however, are called soft which are found in the belly of hens and are without an outer skin”.

fertilitate rigat, compertum est equas vento flatuque concipere. quod a nonnullis fabulose exponitur, pro eo quod inibi tanta equorum equarumque copia generatur, vt quase vento concepti videantur: quod ipsorum scribentium salua dixerim gratia. Quinimmo natura ipsa, terraeque salubritate, aeris puritate, atque supra cęlestium corporum peculiari quadam inibi influentia, accedente naturali denique equarum ipsarum concipiendi desiderio, id effici posse physici non negant. Idque Solinus in eo quem de mūdi mirabilibus libro edidit, constanter affirmat. ait enim in ea quam ediximus Hispaniae parte, aspirante Fauonio, equas ipsas vento concipere, & cum masculos sitiunt, aut odorantur, aurum spiritu maritantur”.

Juan Margarit y Pau (Ioannes Gerundensis, 1421-1484), bispo de Girona, em seu *Paralipomenon Hispaniae* (1545: fólíos VIv e XIIIr, 1579: 10, 23) escreveu:

“In Lusitanis iuxta fluuium Tagum vento equas concipere multi autores prodidere, quae fabula ex equarum foecunditate & gregarum multitudine nota est, qui tāti Gallecia & Lusitania, ac tam pernices uisuntur, vt nō immerito vento ipso concepti videantur”.

“Item apud hunc amnem finxere poētae, vt ait Iustinus, equas ex aura concipere propter agri vbertatem”.

Nicolaus Perottus, arcebispo de Siponto (1430-1480), em sua obra de 1521 *Cornucopiae sive Linguae Latinae Commentarii* (Perottus, 1521: coluna 411, linhas 9-14)<sup>24</sup>, disse ainda de Portugal:

“Ferunt in Lusitania iuxta flumen Tagū, uento equas foetus concipere, Fauonio flante obuersas, & cum partū fieri penicissimum, sed triennium non excedere. Ego fabulam esse existimo, ex equarum foecunditate, & gregum multitudine natā, qui tanti in Lusitania, & tam pernices uisuntur, ut non immerito uento ipso concepti uideātur”.

Devemos a Luca Marineo (Lucius Marineus Siculus, ca. 1444-1533), aparentemente, a **hipótese de o nome zebro ser originado de zephyrus** (Marineus Siculus, 1533: fólíos 1v-2r; 1759: 743; [nossa ênfase]):

“Varro quoq’ refert in Hispania nonnullas equas vento concipere. **Quas a Zephiro vēto, qui flare solet ab occidente Zebras Hispani vocant** [negrito nosso]. Quae quidem siluestres, campestresq’ sunt, & indomitae. Ego vero Varronē hoc scripsisse arbitror propter equorū Hispaniae velocitatē. Qui non sine causa ex vento cōcepti vidētur, cū sint velocissimi. Com pręsertim scribat Iustinus hęc fabulā ex equorū foecunditate & gregū multitudine, nimiaq’ pernicitate ortā fuisse”.

Rafaello Maffei (Raphaelus Volterranus, 1451-1522) disse brevemente (Maffei, 1603: fim da coluna 925):

“Plin. vero aliter earum libidinem iuba tonsa extingui dicit, conciperēque flāte Fauonio apud vrbē Vlyxi-ponensem”.

Domenico Mario Negri (*fl. ca.* 1490), autor do *Geographiae Commentarium* declarou (Negri, 1557: 30):

“ac in omnē Lusitanię oram teste Varone alijsq’ scriptorib. equas uerno tēpore nimio ardore cōmotas contra frigidiores uētos ora hiscere solitas & exinde cōcipere edereq’ pullos quos uelociss. in cursu esse dicūt, nō tamē diu duraturos, breuis admodū uitae sunt: Plinius, trienniū uitae nō excedere. Trogus falsum putat: ait em fabulae quae ex equarū foecunditate ob gregū multitudinē natae sunt, qui tanti in Galetia & Lusitania tanq’ pernices uisunt, ut nō immerito uento ipso cōcepti uideant”.

<sup>24</sup> Na tradução de Zirkle (1936: 103): “They say that in Lusitania by the river Tagus, the mares conceive fetuses by the wind, facing it when Favonius is blowing, and offspring is born through that (necissimus), but it does not live more than three years. I believe that this fable has arisen because of the fertility of the horses and the immense size of the herd, for they are very abundant in Lusitania and are observed to be so fleet that the wind itself seems not unworthy to share in their conception”.

Johannes Ravisius Textor (Jean Tixier de Ravisi, 1480-1524) declarou em seu livro *Epi-theta* (Textor, 1524: fôlio 141v)<sup>25</sup>:

“Constat foeminas tanto coeundi ardore plaerumque rapi, vtsi marem non habeant, nimia cupiditate venerē sibi figurātes vento concipiant. Nam Varro dicit in vltiore Hispania verno tempore equas nimio calore commotas contra frigidiores plagas & ventos ora patefacere ad sedandum calorem, & eas exinde concipere, pullosque edere, sed non diu victuros licet veloces. Nam triennio priusquam adolescant, morte absumuntur”.

Damião de Góis (1502-1574), em sua *Hispania* (1542 [não paginada], 1579: 1236):

“Non mihi iam figmentum uidetur auro Tagum turbidum fluere, equas ex fauonio subuentaneum foetum concipere”.

Juan Luís Vives (1492-1540), comentando um trecho do livro de S. Agostinho *De Civitate Dei*, diz (Vives, 1555: coluna 1275, nota k):

“[In Cappadocia etiā uento equas concipere]. Sic Solinus in descriptione Cappadociae, sed de equabus Hispaniae ad Tagū amnem, qui Lusitaniā interluit, plurimorū est opinio Fauonio uento impletas parere, ut Homerus tradidit, cui frequentes sunt assensi scriptores. Varro in fecundo De re rust. & hunc secuti Columella, Plinius, & Plinij simia Solinus. Varro nō plus triennio tales foetus uiuere existimat. Iustinus libro ultimo ad maximos equorū prouentus hoc refert, ut uento generati uideant. an quod eo potissimū uento spirante cōcipiant”.

Para o naturalista inglês Edward Wotton (1492-1555), em sua obra *De Differentiis Animalium libri decem* (1552: fôlio 85v):

“Nec dubium, quin aliquot regionibus tanto flagrent ardore coeundi foeminae [as éguas], ut etiamsi marem non habeant, assidua & nimia cupiditate figurantes sibi ipsae uenerem (cohortalium more auium) uento concipiant”.

Jan van de Straet ou Stradanus (1523-1605) ilustrou em sua obra *Equile Ioannis Austriaci Caroli V imp. F.* [Figura 1.5] (Straet, 1570) uma égua sendo inseminada pelo Zéfiro [Figuras 1.6-1.8].



Figura 1.5. Frontispício da obra de Straet (1570).

<sup>25</sup> Na tradução de Zirkle (1936: 103): “It is known that when the females assemble they are mostly seized with such a great ardor that if they do not have a male they imagine a lover for themselves and in too great a love desire, they conceive by the wind. For Varro says that in further Spain in the spring time, the horses, incited by too much heat, throw open their mouths against the cooler airs and winds to relieve their heat; and thereafter they conceive and bring forth young, but these are not allowed much time for their surpassing fleetness. For before they reach their third year they are removed by death”.





Figura 1.6. Égua sendo inseminada pelo Zéfiro (Straet, 1570).

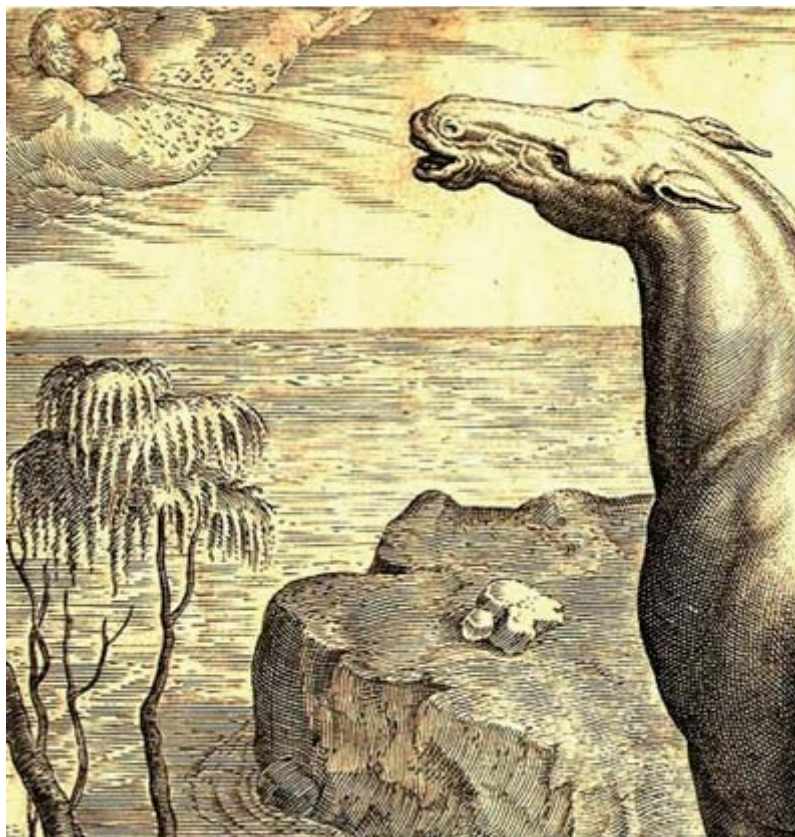


Figura 1.7. Detalhe da figura de Straet (1570).

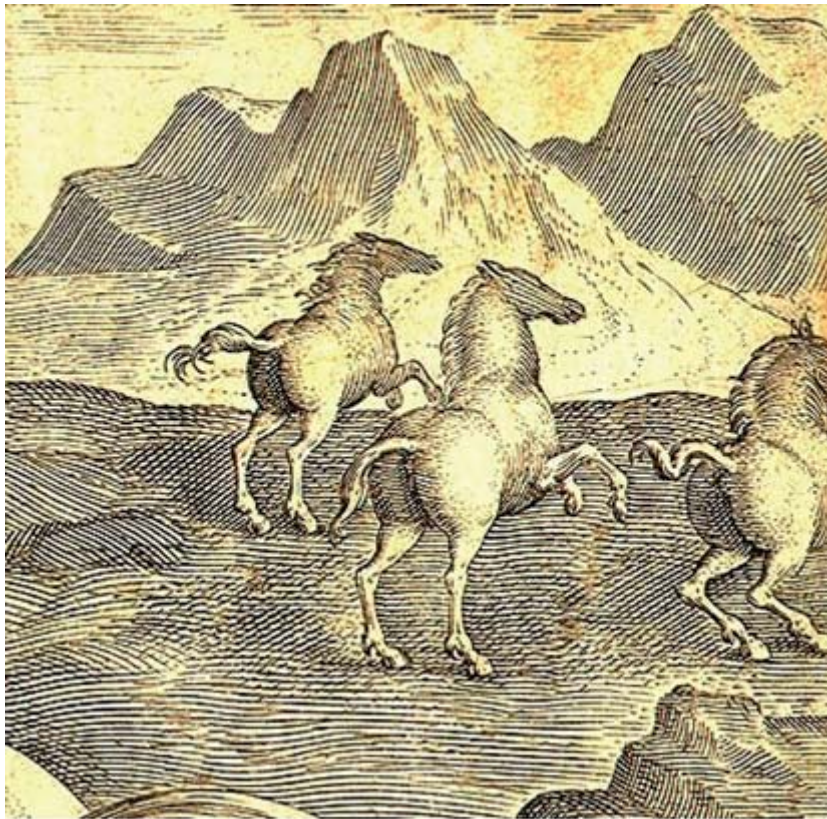


Figura 1.8. Detalhe da figura de Straet (1570).

Lucio André Resende (1495-1575), no ‘Liber Primus’ de seus *Libri quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae*, no capítulo intitulado *DE MONTE TAGRO, SIVE IVNCTO* (1593, fólhos 40-42, cf. Fernandes, 1996) discorreu abundantemente sobre o assunto, citando vários autores romanos, mas mais preocupado com os topônimos do que com a fecundação das éguas pelo vento:

“Tagrum montem, in quo equae vento concipiunt Olesiponi vicinum Varro asserit. In foetura inquit, res incredibilis est in Hispania, sed est vera, quod in Lusitania ad Oceanum, in ea regione, vbi est oppidum Olisipo, monte Tagro, quaedam è vento, certo tempore concipiunt equae. Non disputo de conceptu ex vento, re nobis modo incomperta, sed quod ad institutum meum attinet, mouet mihi scrupuli nescio quid, similitudo Tagri, & Tagi, hoc est montis, & fluuis.

Subduvitauī saepè, referendum ne esset quod de monte ait, ad amnem, vt pro Tagro monte, amne Tago substitueremus. Quemadmodum fecit Plinius qui circa Olisiponem oppidum & Tagum amnem, dixit: & Iustinus, in Lusitania iuxta Fluuium Tagum, sed duae res impedimento sunt. Alteraquod non bene diceretur equas concipere amne Tago, Altera Cullumellae verba montem quoque nominantis, tametsi sacrum, non Tagrum, Verum quum id à Varrone acceperit ad illius lectionem reuocâdus vtiq’ est. Quod si quis opinetur etiam apud Varronem legendum. Monte sacro non repugnarem, si montem aliquem sacrum alicubi isto in loco legeremus, Sacrum montem in Callaecia esse nouimus ex Iustino. Sacrum & in Lusitania, qui eiusdem nominis efficit promontorium. Sed horum vterq’ longissimè ab Olisipone distat, quum Varro vicinum dicat. Quare non andeo lectionem eius immutare: neq’ temere in notae eius auctoribus faciendum censeo.

Nam quod Plinius, & Iustinus iuxta amnem Tagum dixere, non tollit, in monte qui iuxta ipsum amnem sit, idem etiam fieri, vt verè dixerint hi iuxta amnem, & illi in monte. Caeterum montem hunc eum esse, quem Iunctum ad colae vocant, contiguumq’ illi Albardū, videtur liquere, ex equiferorum inibi passim multitudine per montem, quum solitariè tum etiam gregatim errantium. Corporatura illis mediocris, sed firma. Soliditas vngulatum siccissima, perniciousa mirabilis. Quare capti, ac domiti, ad perferendo Labores, tam sarcinae, quàm itineris, caeteris duritia, videlicet rupibus assueti longè praestant.

Sed quanquam de conceptu ex vento disputandum à me negaui, referam tamen, quod inquirendae rei gratia percontanti, mihi indicatum est. Diuersti ab hinc septennium apud colonnm [sic] agri Beneuētani, iuxta Tagum: Et quum ab illo quaererem ecquid de huiuscemodi conceptu, aut sciret ipse, aut ab alijs auditum meminisset, respondit, neq’ se, neq’ vicinos, qui equarias haberent, de ea vnquam re fuisse sollicitos.

Tantum vt equire foeminas animaduertent, admitti eas curare. Se tamen cum pulchram equam haberet,



cuperetq' bene vendibilem in proximas nundinas efficere, ante initum, in Insula quae in medio Tago est solam inclusisse, vt abundãtia pabuli saginaretur. Inuisam post menses duos reperisse grauidam, miratumq' eo quos illuc nunquam accessisset admissarius, euentum expectasse. Septem ferè iam menses cum tulisset vterum, enixam non quidem animal, sed concreti sanguinis informem materiam abortumq' suspicatum.

De hac equarum genitura aliud noui nihil, miror tamen vt Virgilium, Siliumq' libro tertio taceam, Varronem doctrina tanta esse veram asseuerantem, Columellae habitam pro notissima, Plinium constare testatum, nec vno id loco referentem: Verum id inter se agitent physici. Nos ad susceptam material reuertamur"<sup>26</sup>

Florian Ocampo (entre 1494 e 1513 – entre 1555 e 1590), na *Coronica General de España* (Ocampo, 1791: 48-49) escreveu:

“Esto negociado, como la principal intencion de Tubal fuese dar manera para que la tierra se morase, partió de Andalucía con algunos que lo siguiéron caminando por la costa del mar Océano hasta que llegó bien dentro de la provincia que despues dixéron Portugal, y fundó cierta poblacion: la qual por causa de su nombre llamáron Tubal, á quien agora decimos Setubal, asentada sobre la boca de cierto rio que por allí se lanza en el mar Océano de Poniente: rodeada de tierra saludable, no llena de tales vicios, que bastasen á turbar las buenas costumbres y buena manera de vivir, que traia la gente de su compañía: pero viéronla bien aparejada para la conservacion de sus ganados, sobre todo de vientos tan substanciosos, que poco despues conociéron notoriamente empreñarseles mu-

<sup>26</sup> Na tradução de Fernandes (1996: 99-101): “O MONTE TAGRO OU O MONTEJUNTO.

Varrão diz que o Tago é aquele monte perto de Lisboa onde as éguas são fecundadas pelo vento: ‘Na altura da reprodução, diz ele, uma coisa incrível mas verdadeira acontece na Hispânia, pois naquela região da Lusitânia junto ao mar, onde está a cidade de Lisboa, em certa altura do ano algumas éguas são fecundadas pelo vento do monte Tago’. Não discuto a fecundação pelo vento, coisa de que nesta altura não temos conhecimento, mas, porque está no âmbito do meu trabalho, inspira-me uma certa dúvida entre Tago e Tago (Tejo), ou seja o nome do monte e do rio.

Frequentemente me interroguei sobre se não se deveria atribuir ao rio o que diz acerca do monte, com o fim de substituímos monte Tago por rio Tejo (Tago), tal como Plínio que disse ‘junto à cidade de Lisboa e do rio Tejo’ e Justino ‘na Lusitânia junto ao rio Tejo’. Duas coisas, no entanto, o impedem: a primeira, porque não faria sentido dizer que as éguas são fecundadas no rio Tejo; a segunda, as palavras de Columela que também nomeia um monte, embora lhe chame Sacro e não Tago. Como ele consultou Varrão temos, de qualquer modo, de conservar a lição. Se alguém achar que também em Varrão se deve ler ‘Monte Sacro’, tal não me repugnaria se soubéssemos que existe um Monte Sacro algures na região. Existe um Monte Sacro na Galécia, do qual temos conhecimento por Justino, e um outro na Lusitânia, o qual forma o promontório do mesmo nome. Ambos estão, porém, muito longe de Lisboa e Varrão refere-se a um que está perto. Eis a razão por que não ousou modificar a sua lição nem sou de opinião que isto deva ser feito ao acaso pelos comentadores.

Por outro lado, o que Plínio e Justino disseram ‘junto ao rio Tejo’ não impede que o mesmo tenha acontecido no monte que está perto do próprio rio. Deste modo, todos falaram verdade: uns ao dizerem ‘junto do rio’, outros, ‘no monte’. Quanto ao resto, parece-me ser claro que este é o monte a que os habitantes da região chamam Junto e que está contíguo ao Albardo, assim designado pela grande quantidade de cavalos selvagens [os cavalos do Sorraia] que por ali vagueiam à vontade, sozinhos ou mesmo em manada. São de pequena estatura mas rijos, com cascos sólidos e espantosa agilidade. É por isso que habituados, como é evidente, aos montes, uma vez apanhados e submetidos, quer a trabalhos de carga quer à estrada, são de longe superiores em resistência aos outros cavalos.

Muito embora tenha afirmado que não discutiria a fecundação pelo vento, ainda assim contarei o que me disseram quando andei a investigar o assunto por amor à verdade. Deixei, faz agora sete anos, a casa de um lavrador da região de Benavente, junto ao Tejo, a quem perguntei o que ele próprio sabia e se se recordava ter ouvido contar a outros acerca deste modo de reprodução. Respondeu que nem ele nem os seus vizinhos, proprietários de manadas, se tinham alguma vez preocupado com isso.

Logo que se davam conta de que as fêmeas estavam com cio, mandavam-nas cobrir. No entanto, de uma vez que possuía uma bela égua, desejando que ela estivesse em boas condições para ser vendida na feira seguinte, deixou-a sozinha, antes de a mandar cobrir, no mouchão que está no meio do Tejo, para que ela engordasse com a abundância da pastagem.

Daí a dois meses a égua, que não tornara a ver, foi encontrada prenha. Admirado, porque nenhum ganhão se tinha aproximado daquele local, aguardou o resultado e, quase sete meses depois, a água pariu, não um animal, mas uma pasta informe de sangue endurecido, um aborto, segundo pensou.

Nada mais soube desta procriação das éguas. Admira-me, porém, que Virgílio não refira isto em passo algum, para não falar de Sílio no canto terceiro, embora Varrão com tanto saber assevere que ela é verdadeira, Columela a tenha como conhecidíssima e Plínio testemunhe a sua existência. Mas os naturalistas que discutam isto entre si. Voltemos nós ao assunto que nos compete tratar”.

chas veces las yeguas del ayre solamente con los embates que salian de la mar, y parir sin ayuntamiento de machos: la qual naturaleza me dicen que les dura tambien algunas veces en este nuestro tiempo, y aun Plinio, Columela, Marco Varron, y muchos otros Autores de gran calidad en lo suyo, por cosa muy averiguada lo dexaron escrito, certificando que los potros así nacidos eran tan ligeros, que parecen mas volar que correr: á cuya causa los poetas antiguos fingian, que los vientos salian de la mar enamorados de las yeguas Españolas, y se casaban con ellas, y las empreñaban”.

Damião de Góis (1502-1574) preocupou-se com a localização do monte “Tagro”, em sua *Vrbis Olisiponis Descriptio* (Góis, 1554; a obra não é paginada; reproduzida em Mylius, 1602: 62-63):

“Id enim fortasse tam multis fabulosum videretur, quam illud Varronis, a Iustino iudicatur. In Lusitania vbi est oppidū Olisipo, monte Tagro, equas è vento concipere. Cuius sententiam, & Plinius, & Solin, approbarunt. Quam tamen vt diximus, Iustinus his verbis mendosam esse enixe affirmat. In Lusitanis (inquit) iuxta fluuiū Tagū equas vento concipere multi authores, prodiderunt, quae fabulae ex equarum foecūditate, & gregum multitudine natae sunt, qui tanti in Gallecia & Lusitania, & tam pernices visuntur, vt nō immerito ipso vēto cōcepti esse videantur. Quae sentētia nobis sane non ita displiceret: nisi physici rationib, adniterētur probare, naturam ipsam, ex femineo tantum sexu, sineq’ marium congressu, multa gignere, & procreare solitam esse. Quem quipem Varronis locum. D. Rodericus Archiepiscopus Toletanus, in sua historia, satis luculenter comprobatur. Mons vero Tagrus, cuius Varro meminit, meo quidem iudicio ille idē est quem nos Sintreum vocamus, & aquo lunae promontorium in mare prorumpit, millia passuū ab Olisipone plus minus viginti, & quatuor. Quod nostris hodie Rocham, appellari placuit, siue vt latine dicam Rupem. In cuius decliui montis, oppidum, admirabili loci amoenitate, coeliq’ clementia, hodie conspicitur, ingenti ac magnifico regum Lusitaniae domicilio nobilitatum, quod de nomine montis Sintram dixere. Mons vero diuersis ferarum generibus, auiumq’, mire abundans, pecori item pascēdo p’pter singularem soli bonitatem, adeo est accōmodus, vt cuilibet facilē possit persuaderi, equas sine admissario cōcipere”<sup>27</sup>.

Conrad Heresbach (1509-1576), em seu *Rei rusticae libri qvatvor* (Lib. III) (Heresbach, 1570: 210r) comentou:

“Nec dubium quin flagrent aliquot regionibus equae tanta libidine, vt etiam si marem non habeant, nimia cupiditate figurantes ipsae sibi venerem cohortalium more auium vento concipiant. Id quod Poeta notat: Scilicet ante omnes furor est ingens equarum. Vento enim concepisse in Hispania equas proditum, foetumque educasse, sed triennij vitam non excedere”<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Na tradução de Machado (1937: 25-27): “Não me atrevo a estabelecer sem bases a origem do nome de Lisboa; talvez isso parecesse a muita gente um caso fabuloso, - tão fabuloso como aquele facto que Varrão foi buscar a Justino, o qual escreve que ‘na Lusitânia, onde está a cidade de Lisboa, no monte Tagro, as éguas ficam prenhes só pelo vento’. Note-se que Plínio e Solino admitem igualmente êste fato. Contudo, o mesmo Justino, referindo-se a isto, assevera, com afinco, que tal opinião é errônea. ‘Na Lusitânia, diz êle, conforme muitos autores narraram, junto ao rio Tejo, as éguas concebem por meio do vento. Mas estas lendas são originadas por causa da fecundidade das éguas e da grande quantidade das manadas; pois estas são em tão grande número na Galiza e na Lusitânia e correm tão velozes que não sem razão parecem concebidas pelo próprio vento’. Esta explicação de Justino realmente não me desagradaria, se os físicos não tivessem razões para provar que natureza costuma produzir e procriar muitas coisas, sem as fêmeas terem contacto com machos. E assim, Dom Rodrigo, arcebispo de Toledo, admite, na sua História, com grande soma de argumentos, aquele passo de Varrão. O Monte Tagro, que Varrão menciona, é, segundo creio, aquele mesmo que nós chamamos Sintra, donde avança para o mar o Promontório da Lua, situado a vinte e quatro mil passos, mais ou menos, de Lisboa; actualmente chama-se a *Rocha*, ou, em latim, *Rupis*. Na encosta dêsse monte ergue-se agora uma cidadezinha, de admirável amenidade e suavidade pelo sítio e pelo clima, enobrecida com um grandioso e magnífico palácio dos Reis de Portugal, que, do nome do monte, se chama Paço de Sintra. Êste monte tem grande abundância de animais selvagens e de aves, e é de tal maneira propício, por causa da especial bondade do solo, para o pastio de rebanhos, que fãcilmente nos podemos persuadir de que as éguas, naquela região, concebem sem auxílio alheio”.

<sup>28</sup> Na tradução de Googe (1586: 117v-118r): “neither is to be doubted, but that the Mares in some Countries so burne with luste, as though they haue not the horse, with their owne feruent desire they conceaue and bring forth after the maner of Byrdes, as the Poet noteth.

*In furious lust the Mare exceeds all other beastes that be.*

It hath bene said, that in Spaine Mares haue conceaued with the winde; and brought up their Colts, but the Colts haue not liued about three yeeres”.

Segundo Amatus Lusitanus (João Rodrigues de Castelo Branco, 1511-1568), em suas *Cvrationvm Medicinalivm Centvriae Septem* (Amatus Lusitanus, 1628: 774-775):

“Distat autem Almerinum à Sãcterena, nobili apud Lusitanos oppido, cū quavis opulenta civitate confere-  
rendo, quarto lapide, inter corrente Tago aurifero flumine, qui Sãcterenam praeterlabitur, & eius eam pos fertiles  
irrigat, de quibus Plinius, ob eorum amenitatem, & aeris clemētiam ac temperiem, lib. 8. Naturalis suae historiae,  
cap. 42. in quò de equorum natura disserit, inquit. Constat in Lusitania circa Olisipponam oppidum, & Tagum  
omnem, equas favonio flante obversas animalem concipere spiritum, idque partum fieri, & gigni perniciosissimum,  
ita sed triennium vitae non excedere”.

Pineda (?1513-?1593), em seus *Los Treynta y Cinco Dialogos*, no final do cap. IV e no  
cap. V acrescentou uma facécia (Pineda, 1589: 4v-5r):

“Aristoteles y Plutarco afirman que las ratoncillas quedan preñadas en solo lamer la sal.

POLY. O si mis yeguas se empreñassen con sal, y como ternia yo mas potros, pues andan cerca de las salinas:  
mas no parece creible tal preñez. PHILALET. Yo nunca fui partero de ratonas para poderme vender por testigo de  
vista, mas alego lo que los sabios naturales escriuen: y para que perdais parte de vuestra incredulidad ratonera, por  
no dezir ratiña, el mesmo Aristoteles escudriñador de los secretos naturales afirma que se ha visto nascer raton-  
cilla preñada del vientre de su madre: y caer vna ratona preñada en la ratonera, y parir dentro de vna hora ciento  
y veinte hijuelos, y que acontece sobreuenir tanta multitud de ratones, que como tal oy se mostrassen los panes  
segaderos, mañana fueron hallados comidos de ratones. POLY. Vos me distes vna marauilla para me desmarauillar  
de otra, y aueis me trasmarauillado. PHILALET. Si porfiais en vuestra marauilla de que por comer sal las ratoncillas  
se empreñan con ella, quiero remarauillaros con lo que Plinio y otros muchos dizen de las yeguas de las costas de  
Portugal, que se empreñauan del viento que les entraua por las bocas: y aun el Cardenal Pedro a Damiano dize lo  
mesmo de las de Capadocia. POLY. O solen mentira de hombres. O que bien fuera para los Portugueses, si ansi se  
pudieran empreñar sus mugeres sin hombres, para que ansi recobraran presto la falta de los hombres que tienē, por  
el estrago que padecieron con su rey don Sebastian en Africa: y no se ciscaran tanto con la pretension que el Rey  
don Philipe les opone de aquel reyno...”.

Em sua obra *Philosophia Secreta*, Juan Perez de Moya (1513-1597) citou Homero, S.  
Isidoro de Sevilha, Plínio e Virgílio (Perez de Moya, 1599: 199v-201r).

Duarte Nunez do Leão (?1530-1608), em sua obra póstuma *Descrição do reino de Portvgal*  
(Leão, 1610: 54r-55r) escreveu:

“E tornando aos cauallos de Portugal, todos los scriptores antigos que das cousas de Hespanha screueram,  
dizem que nam longe de Lisboa, como vinha o veram & ventauam os ventos fauonios que sam os Zephyros pon-  
dose com os rostos fronteiros as egoas concebiam delles sem ajuntamento de macho, & pariam delles cauallos  
ligeiros como os mesmos ventos. Isto nam se tem por tam vam que o não conte Marco Varram em seus liuros de Re  
rustica, que foi varam illustre & de môr authoridade que todos os Romanos, segundo testemunho de Marco Tullio,  
& que steue em Hespanha vindo contra Cesar no tempo das guerras Ciuijs. O qual diz que a cousa era admiravel,  
mas verdadeira. E confirma poder aquillo ser assi, como as galinhas de casa sem ajuntamento de macho parem os  
ouos. O mesmo affirma por a razam de Marco Varram, Columella author de grande authoridade & natural Hes-  
panhol fallando nos liuros de sua Re rustica da criaçam dos gados & cauallos, & despois delles Plinio no liuro 8.  
capit. 42. de sua historia o qual teue muita noticia das cousas de Hespanha, como quem nella foi vedor da fazenda  
do Emperador Vespasiano. Isto mesmo das egoas approuando o Marco Varram entendeo Virgilio no liuro 3. de suas  
Georgicas & o teue por verdadeiro (...);

E Silio Italico poeta guauissimo de geração Hespanhol no liuro 3. teue a mesma opinião acrescentãdo que  
aquelles cauallos filhos do vento nam viuem mais que sete annos (...).

Soo Iustimo abbreuiador de Trogo Pompeio cõtra estes auctores tam graues, & como testemunhas de vista  
que tâta noticia tinham das cousas de Hespanha, steue nisto contumaz, & teue pêra si que isto foi fabula que nasceo  
da ligeireza dos cauallos de Portugal: os quaes com razão diz elle que se podē comparar aos ventos. E se por algũs  
se pode isto dizer, he, por os cauallos & egoas do campo de Mondego que se achão de Coimbra ate Montemoor o  
velho, & outros lugares comarcãos, q' no corpo saõ pequenos, & semelhantes aos pequenos de Galliza: os quaes  
os moradores daq'lles lugares da ribeira de Mondego, sem ferraduras & sem sellas assentados em hũs coxijes ou  
enchimêto (q' elles chamam sellegoës) & somente com hũs barbicachos sem freos correm de maneira, que cõ  
muita razão se pode dizer, que aquelles cauallos sam ventos ou semelhantes aos ventos”.

Garibay y Zamalloa (1533-1600), no cap. XII de seu *Compendio Historial* ufanou-se dos cavalos da Espanha:

“Si estas cosas son de España, en quanto a la tierra, hombres, y fabricas della, que se podria referir de los hermosos y velocissimos caualllos suyos? de cuya ligereza espantandose las gentes, vinieron los antiguos Poetas a dezir, y otros graues varones a afirmar, que las yeguas Españolas concebian de los vientos y enbates de la mar, que enamorandose dellas los sustanciosos ayres, causauan esta marauilla repugnante a natura, lo qual se afirma durar hasta nuestros dias, y que a vezes sucede esto en el reyno de Portugal, en la comarca de Setubal, donde esto solia antiguamente acontecer, pareciendo los caualllos assi engendrados, que mas volauan que corrian” (Garibay y Zamalloa, 1628: 67-68)

Torquato Tasso (1544-1595), em sua obra *La Gerusalemme liberata* (VII, 75-77) [cf. Scartazzini, 1882: 158-159] citou éguas emprenhadas pelo vento nas margens do Tejo:

“Con tali scherni il saracino atroce  
Quasi con dura sferza altrui percote;  
Ma più che altri Raimondo a quella voce  
Si accende e le onte sofferir non puote.  
La virtù stimolata è più feroce,  
E si aguzza dell’ira all’aspra cote:  
Si che tronca gli indugi, e preme il dorso  
Del suo Aquilino, a cui diè il nome il corso.

Sul Tago il destrier nacque, ove talora  
L’avida madre del guerriero armento,  
Quando l’alma stagion, che ne innamora.  
Nel cor le instiga il natural talento,  
Vôlta l’aperta bocca incontra l’ôra,  
Raccoglie i semi del fecondo vento:  
E de’ tepidi fiati (oh meraviglia!)  
Cupidamente ella concepe e figlia.

E ben questo Aquilin nato diresti  
Di qual aura del ciel più lieve spiri;  
O se veloce si, che orma non resti,  
Stendere il corso per l’arena il miri;  
O se il vedi adoppiar leggieri e presti  
A destra ed a sinistra angusti giri.  
Sovra tal corridore il conte assiso  
Move all’assalto, e volge al cielo il viso”<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Na tradução de Wiffen (1868: 249-250):

“With such like taunts the savage Pagan lash’d  
The minds of all; but most his words inflame  
The Count Toulouse, - his eyes defiance flash’d,  
And ill could he endure th’imputed shame;  
His courage, stigmatized, more fierce became,  
Ground on the whetstone of his wrath; that, freed  
From all prevention, a delay so tame  
He breaks, and leaps to Aquiline his steed,  
Named from the Northern Wind, and like that wind in speed

Upon the banks of Tagus was he bred,  
Where oft the mothers of those martial steeds,  
When with her warmth inspiring Spring has fed  
The eager heat which genial instinct breeds,  
Mad o’er the mountains, o’er the spacious meads,  
Run open-mouth’d against the winds of May,  
And greedily receive their fruitful seeds;

Louis Carrion (Ludovicus Carrio, 1547-1595) (cf. Carrion, 1576, 1583a: Liber I, 32r-34v; 1583b: Liber II, 10v; cf. tb. Gruytere, 1604: 122-124, 136) compilou trechos de vários autores romanos.

Luís Nunes de Antuérpia (em latim Ludovicus Nonius) (1553-1645), em seu livro *Hispania* (Nonius, 1607: 120) apenas citou a frase de Plínio: “Opida memorabilia à Tago, in ora Olisipo, equorum è vento fauonio conceptu nobile”.

Paulus van Merle (em latim Paulus Merula) (1558-1607), em sua *Cosmographia generalis* (Merula, 1639: 214):

“Tanquam notissima, haec de Equis vento concipi solitis, scribit Columella; pro re incredibili, sed vera, recitat Varro. Addens Equas ex Vento ibi concipere, ut hic Gallinae solent, quarum *Ova Hypenemia* vocat, *Zephyria* Plinius. Uistinus ex libro Trogi ultimo natam credit Fabulam ex Equarum foecunditate, Equorumque perniticitate”.

Juan Luís de La Cerda (1558-1643) redigiu copiosas notas sobre o tema em sua obra sobre a *Bucolica* e a *Georgica* de Ovídio (La Cerda, 1628: 424, 427-429).

Scipione Gentili (1563-1616), nos versos 105-109 de seu poema *Nereus* (Gentili, 1585), colocou em dúvida a ação do vento na fertilização das éguas:

“Ille vel Armeniae cursu vestigia tigris  
Praevertet, Zephiro quamvis sit nata parente  
Ut prisco memorat Graii: quis credunt auris  
Vel tygras foetas, vel equas, sub vertice Ibero  
Tagri montis equas, tygres Euphratis ad amnem?”<sup>30</sup>

Francisco Fernández de Córdoba, abade de Rute (Córdoba) (1565-1626), escreveu sobre as éguas da Lusitânia no capítulo XLVIII de seu livro *Didascalía Mvltiplex* (1615: 374-376, citando autores romanos e Florian de Ocampo.

Em sua obra sobre a fundação de Lisboa, Luiz Marinho de Azevedo (? – 1652) pôs em dúvida uma das fantasiosas etimologias de “Olisipo” (Lisboa) (Azevedo, 1552: 155-156; Capítulo XIII. De outras etymologias que se deraõ ao nome Olisipo, em que algũs Autores se fundarãõ para negar, que Vlisses edificasse Lisboa):

---

Whence growing quick, they (singular to say)  
Give, when ripe time rolls round, their issue to the day.

And, to see Aquilino, you would say  
None but the sprightly Wind could be his sire,  
So instantly his feet cut short the way;  
Swift to rush forward, nimble to retire,  
And wheel to right and left in narrowest gyre,  
Yet leave no print upon the sands he trode, -  
Playful, yet proud; though gentle, full of fire;  
Such the Count’s steed: he, as to war he trode,  
Thus with uplifted eyes preferr’d his prayers to God”.

<sup>30</sup> Na tradução de D. F. Sutton (1999. Scipio Gentili’s *Nereus* (1584). A critical hypertext critical edition) (cf. *Nereus* – Philological Museum. <http://www.philological.bham.ac.uk/nereus>): “He will outrun even the Armenian tigress’ track, even though she had the west wind for a father, as the ancient Greeks relate – but who would believe tigresses or mares to be impregnated by breezes, either mares beneath the crest of Mt. Tagrus, or tigresses by the Euphrates’ stream?”.



“Naõ considerando alguns Autores as corrupções do nome Olisipo, nem sua origem, lhe buscarão nouas etymologias, a fim de negar a vinda de Vlisses a estas partes, tomando motiuo para esta opinião tão mal fundada da Geographia de Ptolomeo, o qual (tratando das situaçoens dos lugares de Portugal) chama a Lisboa Oliosippo, dandolhe sinco graos, & dez minuos de longitude, & quarenta & sinco de latitude. E ou he que Ptolomeo se enganou, ou está deprauido o texto, porque se não acha em outro Autor, senão Olisipo [...]. Aproueitandose pois da forma, que a palaura soaua a intrerpretaraõ dizendo, q’ se compunha de duas dicçoens Gregas, que eraõ, *Olios*, & *Hyppon*, que valem o mesmo, que estabula, ou lugar, onde se juntão os caualllos, & acrescentão logo para comprouar sua opinião, as muitas que allegamos, com as quaes se proua conceberem as egoas do vento nos campos de Lisboa, & a famosa raça dos ligeirissimos potros, que nelles apascentauão, filhos do Zephyro, de que herdáraõ a velocidade”.

O mesmo autor, no capítulo XXXI (*Em que se proua com autoridades, & exemplos de Escriptores antigos, & modernos, que as egoas dos campos de Lisboa concebião do vento*) enumerou uma grande série de autores (Azevedo, 1652: 91-95), muitos dos quais incluímos neste artigo.

Em Thomas Lansius (1577-1657) lemos algo novo (Lansius, 1620: 9, 1635: 11, 1637: 8):

“in media Germania videmus oppidò multos: qui sicuti in Hispania equas à vento Favonio concipere ajunt, sed foetu evanido: ita & illi Austro blandientium opinionem gravidi, domi serium nihil pariunt, sed ut tumidi tantum utres ventos fabularum & mendaciorum evaporant”.

O jesuíta espanhol Juan Eusebio Nieremberg<sup>31</sup> (1595-1658), em sua *Historia natvrae maxime peregrina* (1635: 410, Cap. LXVI. *De equabus Olyssoponensis*), percorreu longamente sobre o tema, fazendo uma compilação da literatura:

“Constans inter veteres fuit fama & admiratio, circa Olyssiponensis vrbis confinia equarum foeturam ventis maritantibus inolescere. Vnde Silius Italicus lib. 3.

*Hic adeò, cùm ver placidum statusq’ tepescis,  
Concubitus seruans tacitos grex prostat equarum,  
Et Venerem occultam genitali concipit aurâ:  
Sed nõ multa dies generi, properatq’ senectum  
Septimaq’ bis stabulis lōgissima ducitur aetas.*

Luculēter idem confirmat Plinius l. 8. c. 42. sed de aetate multum à Poëtâ diuertius. *Constat in Lusitaniâ circa Olyssiponem opidum, & Tagum amnem, equas Fauonio flante obuersat animalem concipere spiritum, idq’ partũ fieri, & gigni perniciosissimum, sed triennium vitã non excedere.* Sed suspectae fidei ne fit Plinius ex M. Varrone haec hausit lib. 2. de Re rusticã cap. I. *In foetura*, Varro inquit, *res incredibilis est in Hispaniã, sed est vera, quòd in Lusitaniã ad Oceanum in eã regione, vbi est opidum Olyssipo monte Tagro, quaedam è vento certo tempore concipiunt equa, vt híc gallina quoque solent, quarũ oua ‘vπηνέμα appellat; sed ex his equis qui nati pulli, non plus triennium vivunt.* Hęc ille. De equabus alijs Greciae idem affirmavit S. Augustinus. Et Columellae res certissima est, & que suo tempore in dubiũ vocari non posset. Miror ita asseuerare hoc ferios istos Auctores & Philosophos, atque sapientissimos nature Doctores, quales Varro et Columella fuerunt, quasi compertum ipsis esset ex aliquo experimento euidenti aut minimè reprobando. Quare non credũt aliqui hoc omnino fabulosum, cùm non sit extra naturae vires; nam & pisces multi sine mare fecundantur. & equa visa in Hispaniã edere mulã aliã mulã guaudam, quemadmodum de muribus refert Aelianus. Sed nec leue vestigium priscae, hoc est immaritatae fecunditatis, nũc apparet ex ijs quae Resendus sic narrat. Sed quãquam de conceptu ex vento disputandũ à me negaui, referam tamen, quod inquirendae rei gratiã percunctãti mihi indicatũ est. Diuerti abhinc septennium apud colonum agri Beneuentani iuxta Tagũ, & cùm ab illo quęrerem, ecquid de huiuscemodi conceptu aut sciret ipse, aut ab alijs auditum meminisset; respõdit, neque se neq’ vicinos, qui equarias haberent, de eã vmquam re fuisse sollicitos; tantum vt equire feminas animaduenterent, admitti eas curare: se tamẽ, cùm pulchram equam haberet, cuperetq’ benè vendibilem in proximas nũdinas efficere, ante hinnitum in Insulã, quae in medio Tago est, solã inclusisse vt abundantia pabuli saginareur. Post menses duos reperisse grauidã, miratumq’ eò quòd illuc numquã accessisset

<sup>31</sup> Canto (2009: 171) errou quando escreveu: “Nieremberg (1635) quien, para comprobar la historia, se desplazó a una granja cercana a Lisboa y al Tajo, de nombre ‘Benevento’ (obsérvese qué ajustado microtopónimo). Es curioso comprobar que Nieremberg recabó recuerdos negativos de los vecinos del lugar”. Na realidade, o jesuíta apenas transcreveu um trecho de André de Resende (ver acima).

admissarius. Euentum expectasse. Septem fere iam menses cùm tulisset vterum, enixa, non quidē animal, sed concreti sanguinis informem materiam, abortumq' suspicatum. De hac equarū geniturā aliud noui nihil. Hactenus Resendius. Quare Ludouicus Carrion, & Eduardus VVetonus famam antiquam veram fuisse censent. Accedit, quòs natura saepè mutari solet; nec conuincit, No nest hodie, ergo non fuit heri”.

O naturalista polonês Johannes Johnston (1603-1675), em sua *Thaumatographia naturalis* (1665: 30, VII, xv, De Equo), mencionou brevemente que:

“Equas in Lusitania vento concipere refert Varro, Plinius & Solinus partu evanido affirmant. Natos quippe pullos non plus triennium vivere. Fabulas appellat Iustinus”.

Issac Thomas de Pinedo (1614-1679), em nota (no. 11) ao livro de *Stephanus de Bizâncio* (Pinedo, 1678: 427) comentou:

“praecipua urbs ac totius Hispaniae celeberrima, non modo Lusitaniae est Olysippo, equarum è Favonio vento conceptu nobilis, ut inquit Plinius. Hanc fabula alibi explodimus. Id enim confictum fuit propter equorum equarumque in cursu celeritatem, & adhuc hodie hujusmodi phrasiologia vulgo Hispani utuntur, *es hijo del viento*, cum equi celeritatem laudant”.

Segundo revelado por Canto (2009: 173-174):

“..es más meritoria, por minuciosa, la refutación inédita de Gaspar Ibáñez de Segovia Peralta y Cárdenas (1628-1708), noveno marqués (consorte) de Mondéjar y otro de los más importantes políticos y eruditos españoles del siglo XVIII quien, en la línea crítica histórica ‘protoilustrada’, escribió bajo pseudónimo, hacia 1690, el *Discurso crítico en que se manifiesta que los antiguos creían ser los caballos hijos del viento para expresar su gran ligereza*, manuscrito que permanecía inédito y he localizado en la Biblioteca Nacional de Madrid [Ms. 4233, fols. 239-288] y que está lleno de citas, argumentos y bibliografía, mostrando una riquísima erudición para su siglo, así como la amplitud del debate anterior sobre la cuestión, tema que al que orienta, también críticamente, su exposición. El marqués de Mondéjar resulta ser, de todos los autores que he podido consultar hasta su época, el único que afrontó decididamente la ardua tarea de probar, una por una, por qué todas las fuentes usuales tenían que estar equivocadas”.

Joseph Barbosa de Sáa (?-1775), em seus escritos sobre o Mato Grosso (1769), também pôs em dúvida a ação dos ventos na fecundação das éguas (cf. Papavero *et al.*, 2013: 24):

[Fólio 284v]: “Ha final mente abundancia delles [cavalos] entodos nosos lemites, e dos melhores de todo o mundo sem exagerasaõ, que naõ tem que ver com eles Andaluses de Espanha, Pias<sup>32</sup> de Flandes, Frisoens<sup>33</sup> de França, Quartagos [sic]<sup>34</sup> de Alemanha, nem apocrifos filhos de Zefiro que achou – Virgilio<sup>35</sup>; naõ saõ destes nem dos/ que conta Andre de Resende nas antiguidades lusi-”

<sup>32</sup> Bluteau (1720: 490): “Pia, Egoa, ou cavalo remendado. Pia vem do Francez *Pie*, que significa duas cousas, a saber, a Ave a que chamamos Pega, & ao cavalo, que como a pega he manchado de branco, & preto, & ainda que no corpo de algum destes animaes o branco se ache misturado com alguma outra cor, não deyxão de chamar-lhe Pia. Pia manchada de branco, & preto. *Equus piae in morem varius*, ou *albo nigroque distinctus* (As manchadas pias, que rodaõ a carroça da Lua. Vieira, tomo 1. 279)”.

<sup>33</sup> Bluteau (1713: 217): “FRISAM. Natural da Frisa” e “Cavallo Frisaõ. *Equus Frisius*, ou *Friso, onis*. Seis galhardos *Frisoens* ao jugo presos/ Com correones de prata, & negro ràso/ Retem a terra em nobre fogo acesos./ Galhego, Templo da Memor. Livro 4. Estanc. 80 [referência a Gallegos, 1635] ”.

<sup>34</sup> Bluteau (1713: 210): “Cavallo quatralvo, tem as maõs, & os pès brancos. *Equus quatuor pedibus albus*. Os QUATRALVOS se tem por cavalos fracos, & de pouco trabalho, &c. No regimento da criação dos cavalos, impresso no anno de 1645, pag. 12”.

<sup>35</sup> Erro; a história encontra-se na *Iliada* de Homero (XVI, 148). Zéfiro teve com a harpia Podarge (também chamada Celaeno) dois filhos, os cavalos Xanthus e Balius.



[Fólio 285r]: “tanos nascidos nos campos do Mondego [sic] concebidos do vento<sup>36</sup>; os destes nosos destritos sam gerados segundo a ordem da natureza, adonde senaõ achaõ partos daquelles, nem intendimentos taõ vaos como os que esas cousas acreditarãõ; provase o serem os melhores e mais fortes de todo o mundo, vendece partirem da Bahya e Parnambuco conducçoens de cavalarias caregadas de fasendas, com oyto arobas de carga que he regra geral, e com ellas chegarem as minas gerais e Goas [sic; Goiás] com quatro meses de viagem e a do Cuyaba com seis marcando [sic] a 4 legoas por dia sem mais trato nem sustento que chegados aos pousos lavalos e lansalos ao campo a pastarem a erva que com os dentes podem apanhar; a quais foraõ os mais selebres dos que contaõ as historias, que fisesem estas ventagens; seselebraõce fasendas de cavalos maravilhosos criados em estribarias com pam e vinho<sup>37</sup>, mas naõ secontaõ destas que referi”.

---

<sup>36</sup> Referência à obra de André de Resende (1593), ver acima.

<sup>37</sup> Um dos cavalos de Heitor era alimentado por Andrômaca com trigo adocicado e vinho (Homero, *Iliada* VIII, 185).

## 2. O “ZEBRO” NOS ANTIGOS ESCRITOS E NA TOPONÍMIA DA PENÍNSULA IBÉRICA

### 2.1. Documentos medievais portugueses – os *Forais*

Ensina-nos Antunes (2006: 219) que:

“The purpose of the King (or other body) in granting *Forais* was to create conditions for people to settle in depopulated territories.

Privileges and advantages had to be granted in order to attract new dwellers.

The documents concerned statutes pertaining to lawsuits, penal, military, administrative, revenue and tax procedures, sometimes also inheritance and family ones. The *Forais* were exceptional in character. The general law was applied only in cases of omission (...). There were plenty of almost depopulated areas as a result of conflict between Islamic and Northern Christians. The latter were reconquering these unstable areas and progressing southwards. Fighting and hostile forays occurred.

This also happened as a consequence of political strife between Portugal and the Kingdom of León and Castille. The first *Forais* precede Portugal’s proclamation as a Kingdom in times of the ‘Portucalense County’ and even sooner.

Among the earlier documents there are toponyms that clearly refer to the *zebro* (...).

The accession date of Afonso Henriques in 1128, before being recognized as King, is convenient as a starting point for this chapter. However the Provinces of Portucale and Coimbra had been dominated by Christians since much earlier.

During the early reigns of the Kings of Portugal (XIIth and XIII centuries) *Forais* were especially needed for regions that were being acquired to the East and the South. This period ended when the Algarve was secured. Some *Forais* contain provisos concerning freight, tolls, rents, trade, municipal and additional taxes on *zebro* leather and sometimes on animals and meat too. *Forais* were granted by Afonso Henriques or Afonso I as Infans and Prince (1128, 1138), and as King (1138-1185); Sancho I (1185-1211), Afonso II (1211-1223), Sancho II (1223-1248), Afonso III as Regent, 1245-248; as King (1248-1279) who issued the last *zebro*-referring *Foral* (1277) containing references to *zebro*. Later *Forais* yield no more such references, except when they indeed are copies of earlier ones. New, updated *Forais* were much in demand. This situation improved especially with the *Forais* granted by King Manuel I (1495-1521), but none of the several that were consulted (especially some that replaced earlier *Forais* with *zebro* references, such as those for Lisbon, Almada and Sesimbra) contain the slightest *zebro* reference.

Evidence from the *Forais* concern areas around the towns to which these documents were granted (...). References to the *zebro* in the *Forais* may be arranged in four types:

1. the most common ones *are entirely devoid of any zebro reference*;
2. other *Forais only refer zebro leather*, which suggests that such a merchandise was brought from distant areas;
3. still further references, including some for major towns (presumably with more affluent people and higher economic power), *concerns both leather and animals or meat*, which implies that *zebras* were hunted nearby;
4. rarely references simply concern *zebro*-derived toponyms”.

Em seu douto capítulo, esse autor (Antunes, 2006: 221, tabela 6) enumerou 44 citações de *zebro* nos *Forais*; e em sua Tabela 8 (p. 224) referências ao *zebro* e outros mamíferos publicadas por Neves, Acabado & Esteves (1980).

Abaixo citamos alguns desses documentos, extraídos da monumental obra *Portugaliae Monumenta Historica (Leges et Consuetudinis)*<sup>38</sup>, editada por Alexandre Herculano<sup>39</sup>:

<sup>38</sup> Segundo Antunes (2006: 219): “The PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA records 223 such documents that can be dated and ascribed to the reigns of Afonso I, Sancho I, Afonso II, Sancho II and Afonso III. To this number could be added another 15 *Forais* whose dates are unknown, plus 4 doubtful ones. Hence the total number of *Forais* is 242”.

<sup>39</sup> Vários desses forais foram citados em tradução portuguesa por Banhoz (2005).

2.1.1. Nas *Posturas Municipais de Coimbra (Item de zapatariis)*, de 1145, há uma citação de sapatos feitos com couro de *zebro* (cf. Herculano, 1866: 743):

“Zapatos bonos uacaris cum bonas pezas untados et de bonas sessiutas, pro XII denarios. Zapatos **zebrunos** et bezerrunos untados pro X denarios: et de aqua, pro VII denarios. [...]. Zapatos bonos ceruunos, pro XVIII denarios: et non tales, pro XV denarios. Zapatos bonos caprunos de corrigia liados, pro XV denarios; et non tales pro X denarios: et carneirunos pro VIII denarios”.

E no mesmo documento (*Item de carnizaria*) lê-se:

“Item de algazaria. Carnezaríi dent duos arratales de carne de uaca grossa pro I denario: De macra uero et de **zeuro** et de ceruo de omnibus istis, III arratales pro Iº denario. De gamo duos arratales pro Iº denario: de carnario grosso arratal et medium pro Iº denario: non tal IIºs arratales. De porca grossa arratal et quarta pro Iº denario, tam de foras quam de intus: quarta de cordeiro bono pro III denarios: et de non tal pro II denarios”.

2.1.2. No *Foral de Évora (Elbora)*, de 1166 (cf. Herculano, 1863: 393):

“De corio de uaca et de **zeura** II denarios. De corio de ceruo et de gamo III mealias”.

2.1.3. No *Foral de Santarém (Sancta-Herena, Sanctaren)*, de 1179 (cf. Herculano, 1863: 406):

“*De almotazaria*. Et almotazaria sit de concilio et mittatur almotace per alcaidem et per concilium uille, et dent de foro de uacca I denarium et de **zeuro** I denarium et de ceruo I denarium et de bestia de piscato I denarium et de barca de piscato I denarium et de indicato similiter et de alcauala III denarios: de ceruo et de **zeuro** et de uacca et de porco I denarium et de carneiro I denarium. Piscatores dent decimam. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanis et supra dent I morabitinum. De equa uendita uel comparata dent II solidos: et de boue II solidos et de uacca I solidum et de asino et de asina I solidum. De mauro et de maura medium morabitinum. De porco uel de carneiro II denarios: de caprone uel de capra I denarium. De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum dent medium morabitinum”.

2.1.4. No *Foral de Lisboa (Ulixbona)*, de 1179 (cf. Herculano, 1863: 412):

“*De almutazaria*. Et almutazaria sit de concilio, et mittatur almotaze per alcaidem et per concilium uille, et dent de foro de uacca I denarium, et de **zeuro** I denarium, et de ceruo I denarium, et de bestia de piscato I denarium, et de barca de piscato I denarium, et de indicato similiter, et de alcauala III denarios: de ceruo et de **zeuro** et de uacca et de porco I denarium et de carneiro I denarium. Piscatores dent decimam. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora, a decem morabitanis et supra dent I morabitinum, et a decem morabitanis et infra dent medium morabitinum. De equa uendita uel comparata dent II solidos. Et de boue II solidos, et de uacca I solidum, et de asino et de asina I solidum. De mauro et de maura medium morabitinum. De porco uel de carneiro II denarios. De caprone uel de capra I denarium. De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum dent medium morabitinum”.

2.1.5. No *Foral de Coimbra (Colimbria)*, de 1179 (cf. Herculano, 1863: 416):

“Et almotazaria sit de concilio, et mittatur almotaze per alcaidem et per concilium uille, et dent de foro de uacca I denarium et de **zeuro** I denarium et de ceruo I denarium et de bestia de piscato I denarium, et de barcha de piscato I denarium, et de alcauala III denarios: de ceruo et de **zeuro** et de uacca et de porco I denarium, et de carneiro I denarium. Piscatores dent decimam. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanis et supra dent I morabitinum: et de X morabitanis et infra medium morabitinum. De equa uendita uel comparata dent II solidos: et de boue II solidos, et de uacca I solidum, et de asino et de asina I solidum. De mauro et de maura medium morabitinum. De porco uel de carneiro II denarios. De caprone uel de capra I denarium. De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum dent medium morabitinum”.

2.1.6. No *Foral de Abrantes (Ablantes)*, de 1179 (cf. Herculano, 1863: 419):

“Portagem de caualo quem uendiderint in azougue I solidum. De mulo I solidum. De asino IV denarios. De boue VI denarios. De carneiro III mealias. De porco II denarios. [...]. De corio de uaca et de **zeura** II denarios. De corio de ceruo et de gamo III mealias”.

2.1.7. No *Foral de Coruche (Culuchi)*, de 1182 (cf. Herculano, 1863: 427):

“Portagem de caualo quem uendiderint in azougue I solidum. De mulo I solidum. De asino IV denarios. De boue VI denarios. De carneiro III mealias. De porco II denarios. [...]. De corio de uaca aut de **zeura** II denarios. De corio de ceruo et de gamo III mealias”.

2.1.8. No *Foral de Palmela (Palmella)*, de 1185 (cf. Herculano, 1863: 431):

“Portagem de caualo quem uendiderint in azougui I solidum. De mulo I solidum. De asino VI denarios. De boue VI denarios. De ariete III mealias. De porco II denarios. [...]. De corio de uaca aut de cerua [erro por **zeura**] II denarios. De corio de gama, aut de ceruo III mealias”.

2.1.9. No *Foral de Covilhã (Coveliana)*, de 1186 (cf. Herculano, 1863: 458):

“Portagem de cauallo quem uenderint in mercato I solidum. De mulo I solidum. De asino IV denarios. De boue VI denarios. De carneiro III mealias. De porco II denarios. [...]. De corio de uacca et de **zeura** II denarios. De corio de ceruo uel de gamo III medalias”.

2.1.10. No *Foral de Almada (Almadana)*, de 1190 [tradução posterior; MS mutilado] (cf. Herculano, 1863: 475):

“E dem de foro da vaca I dinheiro. E do **zeuro** I dinheiro. E do ceruo I dinheiro [...] **zeuro** e de vaca e de porco I dinheiro, e do carneiro I dinheiro”.

2.1.11. No *Foral de Centocelas (Centumcellas)*, de 1194 (cf. Herculano, 1863: 488):

“Portagem de caballo quem uendiuerint in mercato I<sup>m</sup> solidum. De mulo I<sup>m</sup> solidum. De asino VI denarios. De boue VI denarios. De carneiru III<sup>es</sup> medaculas: de porco II denarios. [...]. De corio de uaca, uel de **zeura** II denarios. De corio de ceruo uel de gamo III<sup>es</sup> medaculas”.

2.1.12. No *Foral de Povos (Poboos)*, de 1195 (cf. Herculano, 1863: 492):

“Et almotazaria sit de concilio, et mittatur almotace per alcaldem, et per concilium uille. Et dent de foro de uacca I denarium, et de **zeuro** I denarium, et de ceruo I denarium [...]. De ceruo et de **zeuro**, et de uacca, et de porco, I denarium, et de carneiro I denarium [...]. De equo uel de mula quem uenderint homines de fora, a decem morabitanis et supra dent I morabitanum. De porco uel de carneiro II denarios. De caprone uel de capra I denarium. De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum medium morabitanum”.

2.1.13. No *foral de Leiria (Leirena)*, de 1195 (cf. Herculano, 1863: 495):

“Et almotazaria sit de concilio, et mittatur almotace per alcaldem, et per concilium uille: et dent de foro de uaca I denarium, et de ceruo I denarium, et de **zeuro** I denarium [...] de ceruo, et de **zeuro**, et de uacca, et de porco, I denarium, et de carnario I denarium [...]. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanis et supra, dent I morabitanum, et a decem morabitanis et infra, dent medium morabitanum De equa uendita uel comparata dent II solidos. Et de boue II solidos, et de uacca I solidum, et de asino et asina I solidum. [...]. De porco uel de carnario, II denarios. De caprone uel de capra, I denarium. De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum, dent medium morabitanum”.

2.1.14. No *Foral de Benavente*, de 1200 (cf. Herculano, 1864: 513):

“Portagem de caballo quem uenderint in foro I solidum. De mulo I solidum. De asino IV denarios. De boue VI denarios. De carnario III mealias. De porco II denarios. [...]. De corio de uaca et de **zebra** II denarios. De corio

de ceruo et de gamo III mealias”.

2.1.15. No *Foral de Alpreada (Alpedrinha)*, de 1202 (cf. Herculano, 1864: 522):

“De corio de uaca uel de **ezeura**, II<sup>os</sup> denarios. De corio de ceruo uel de gamo, III mealias”.

2.1.16. No *Foral de Penamacor (Penamacor)*, de 1209 (cf. Herculano, 1864: 540):

“De equo quem uendiderint in mercato, I solidum. [...]. De corio de uacca uel de **zeura**, II denarios. De corio de ceruo, uel de gamo, III mealias”.

2.1.17. No *Foral de Pinel (Pinhel)*, de 1209 (cf. Herculano, 1864: 543):

“De corio de uaca et de **zeuura**, II denarios. De corio de ceruo et de gamo, III<sup>es</sup> mealias”.

2.1.18. No *Foral de Alcobaça (Alcobacia)*, de 1210? (cf. Herculano, 1864: 548):

“De almotasaria: Et almotasaria sit de concilio, et mutatur [sic] almotaze per alcaidem et per concilium ville, et dent de foro et [sic] de vaca et de ceruo I denario [...]. De ceruo et de **zeuro**, et de vaca et de porco I denarium. De carneyro I denarium. [...]. De equo vel de mula vel de mulo qui venderint homines de fora a X<sup>m</sup> morabitanis et supra dent I morabitanum, et a X<sup>m</sup> morabitanis et infra dent medium morabitanum. De equa vendita vel comparata dent II solidos: et de boue II<sup>os</sup> solidos, et de vacca I solidum et de asino vel de asina I solidum. [...]. De porco vel de carneyro II denarios. De caprone uel de capra I denarium. De carrega dazeyte vel de coriis bouum uel **zeurorum** uel ceruorum dent medium morabitanum”.

2.1.19. No *Foral de Sarzedas*, de 1212 (cf. Herculano, 1864: 556):

“Portagem de caballo qui uendiderit in mercato, I<sup>m</sup> solidum. De mulo, I<sup>m</sup> solidum. De asino, VI denarios. De carnario, II mealias. De porcu, II denarios. [...]. De corio de uaca et de **zeura** II denarios. De corio de ceruo et de gamo III mealias”.

2.1.20. No *Foral de Alenquer (Alanquer)*, de 1212 (cf. Herculano, 1864: 560):

“Et almotazaria sit de concilio: et mittatur almotace per alcaidem et per concilium uille: et dent de foro de vaca unum denarium, et de **zeuro** unum denarium, et de ceruo unum denarium [...]. De ceruo, et de **zeuro**, et de vaca [et] de porco unum denarium et de carneyro unum denarium [...]. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanis et supra, dent unum morabitanum, et a decem morabitanis et infra, dent medium morabitanum. De equa uendita uel comparata dent duos solidos, et de boue duos solidos, et de vaca unum solidum, et de asino et asina unum solidum. [...]. De porco, uel de carneyro, II denarios. De caprone uel de capra, unum denarium. De carrega de azeite uel de coriis bouum uel **zeurorum** uel ceruorum, dent medium morabitanum”.

2.1.21. No *Foral de Vila Franca de Xira (Cira)*, de 1212 (cf. Herculano, 1864: 563, coluna esquerda):

“Et almotacaria sit de concilio. Et mitatur almotace per alcaide et per consilium uille. Et dent de foro de uaca I denarium et de **zeuro** I denarium. Et de ceruo I denarium [...]. De ceruo et de **zeuro** et de uaca et de porco et de carneyro I denarium [...]. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanis et supra dent I morabitanum. Et a decem morabitanis et infra dent medium morabitanum. De equa uendita uel comparata dent duos solidos. Et de boue duos solidos et de uaca I solidum, et de asino I solidum, et de asina unum solidum. [...]. Et de porco et de carneiro duos denarios. Et de caprom et capra I denario. De carga de azeite uel de coriis bouum uel **zeurorum** uel ceruorum dent medium morabitanum”.

Herculano (*l.c.*, coluna direita) também apresentou ao lado do texto latino uma tradução do século XVI:

“Item a almotaçaria seia do concelho e seia metudo o almotace pelo alcaide e pelo concelho da uila. Item dem de foro de uaca I dinheiro. Item do **zeuro**, I dinheiro. Item do ceruo, I dinheiro. [...]. Item do ceruo e do **zeuro** e da uaca e do carneyro e do porco, I dinheiro. [...]. Item do caualo ou do muu ou da mua que uenderem ou comprarem os homens de fóra de dez marauidiis acima dem ao senhorio I marauidi. Item de dez marauidis a fundo dem ao senhorio meio marauidi. Item da egoa uendida ou comprada dem ao senhorio X soldos. Item do boy, dez soldos. Item da uaca hum soldo. Item do asno, I soldo. Item da asna, I soldo.[...]. Item do cabrom e da cabra, I dinheiro. Item da carrega do azeite ou de coyros de bois ou de **zeuros** ou de ceruos dem ao senhorio I marauidi”.

Segundo Silva (D. F.) (2013: 42), constam ainda do Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, dois manuscritos desse *Foral* – um em latim, datado de 15 de abril de 1439 e outro em vernáculo. À página 46 de seu capítulo, Silva comparou as passagens acima com as do manuscrito em latim:

<i>Et dent de foro de uaca I denarium et de zeuro I denarium</i>	Item de foro de uaca I dinheiro. Item do zeuro, I dinheiro
<i>Et de ceruo I denarium</i>	Item do ceruo, I dinheiro
<i>De ceruo et de <b>zeuro</b> et de uaca et de porco et de carneyre I denarium</i>	Item do ceruo e do zeuro e da uaca e do carneyro e do porco, I dinheiro
<i>De equo et de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanos et supra dent I moabitanum</i>	Item do caualo ou do muu ou da mua que uenderem ou comprarem os homens de fora de dez marauidiis acima dem ao senhorio I marauidi
<i>Et de boue duos solidos, et de uaca I solidum, et de asino I solidum, et de asina I solidum</i>	Item do boy, dez soldos. Item da uaca hum soldo. Item do asno, I soldo. Item da asna, I soldo
<i>De carga de azeite uel de coriis bouum uel <b>zeurorum</b> uel ceruorum dent medium morabitanum</i>	Item da carrega do azeite ou de coyros de bois ou de zeuros ou de ceruos dem ao senhorio I marauidi

2.1.22. No *Foral de Castelo Branco (Castelbranco)*, de 1213 (cf. Herculano, 1864: 567):

“Portagem de caualo que venderint in azouge, I solidum. De mulo I solidum. De asno, VI denarios. De boy, VI denarios. De carneiro, III medalias. De porco, II denarios. [...]. De coyro de uaca et de **zeura**, II denarios. De coiro de ceruo et de gamo, III medalias”.

2.1.23. No *Foral de Proença Velha (Prohencia)*, de 1218 (cf. Herculano, 1864: 578):

“De portagen de caballo qui uendiderint in mercato, Iº solidum. [...]. De porco, II denarios. [...]. De corio de uacca uel de **zeura**, II denarios. De corio de ceruo uel de gamo, III medalias”.

2.1.24. No *Foral de Sortelha (Sortelia)*, de 1228/1229 (cf. Herculano, 1864: 609):

“Portagium de uilla tale est: de equo, de mulo, et de mula, I solidum [...]. De carrega de asino, II denarios [...]. De equo qui uendiderint in mercato, I solidum: [...]. De porco, II denarios [...]. De corio de uaca, aut de **zeura**, II denarios: de corio de ceruo, aut de gamo, III<sup>es</sup> mealias [...]. De [carrega] de boue, et et de asino, VI denarios [...]. De mulo, aut de mula, I solidum”.

2.1.25. No *Foral de Crato (Ocrate)*, de 1232 (cf. Herculano, 1864: 625):

“Portagem de cauallo qui uendiderint in azougue: I solidum: De mulo, I solidum: De asino, VI denarios: De boue, VI denarios: De carneyro, III mealias: De porco, II denarios. [...]. De coiro de uaca et de **zeura**, II denarios. De corio de ceruo et de gamo, III mealias”.

2.1.26. No *Foral de Canha (Villa-Nova de Canya)*, de 1253 (cf. Herculano, 1864: 627):

“de portagem de cauallo qui uendiderint in azouge: I solidum: de mulo, I solidum: de asyno, VI denarios:



de boue, VI denarios: de ariete, III<sup>es</sup> mealias: de porco, II denarios. [...]. de corio de vaca, aut de cerua [erro por **zeura**], II denarios: de corio de gama aut de ceruo, III<sup>es</sup> mealias”.

2.1.27. No *Foral de Proença a Nova (Proemcia Nova)*, de 1244 (cf. Herculano, 1864: 631):

“Portagem de caballo qui uendiderint in mercado:, I solidum: De mulo, I solidum: De asino, VI denarios: De boue, VI denarios: De carnario, III mealias: De porco, II denarios. [...]. De corio de uaca, uel de **zeura**, II denarios. De corio de ceruo et de gamo, III mealias”.

2.1.28. No *Foral de Aljustrel (Aliustrel)*, de 1252 (cf. Herculano, 1864: 637):

“de cabalo quem vendiderint in azouge, I solidum: de mulo, I solidum: de asino, VI denarios: de carneiro, III meallas: de porquo, II denarios. [...]. de corio de vaca et de cerua **zeura**, II denarios: de corio de ceruo et de gamo, III meallas”.

2.1.29. No *Foral de Beja (Begia)*, de 1254 (cf. Herculano, 1864: 641, coluna esquerda):

“Et almotaçaria sit de concilio et mittantur almotaces per Pretorem et per concilium ville. Et dent de foro de vaca I denarium et de **zeuro**, I denarium: Et de çeruo, I denarium [...]. de çeruo et de **zeuro** et de vaca et de porco, I denarium. Et de carnario, I denarium [...]. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a X morabitanos et supra dent I morabitanum, et a decem morabitanis et infra dent medium morabitanum: De equa uendita uel comparata dent II solidos: et de vaca, I solidum: Et de asino et asina, I solidum. [...]. De porco uel carnario, II denarios: De caprone uel de capra, I denarium: De carrega de azeyte uel de coriis bouum uel **zeurorum** uel ceruorum, dent medium morabitanum”.

Herculano (*l. c.*, coluna direita) também incluiu uma tradução em português (não datada):

“E a almotaçaria seja do conçelho: E mudem os almotações pelo alcaide, e pelo conçelho da uila. E dem de foro de uaca hum dinheiro: E do **zeuro**, I dinheiro: E do ceruo, I dinheiro: [...]. E do çeruo, e do **zeuro**, e da uaca, e do porco, e do carneiro, I dinheiro:[...]. De caualo, e de muua, e de muu que uenderem ou comparem homens de fôra de dez marauedis a çima dem hum marauedi, e de dez marauedis a iuso meyo marauedi: De egua uenduda ou comprada dem II soldos: E de uacca, I soldo: E do asno e da asna, I soldo:[...]. Do porco e do carneiro, II dinheiros: Da cabra e do cabrom, I dinheiro: Da carrega do azeyte, ou de coiros de boys, ou de **zeuros**, ou de çeruos dem meyo marauedi”.

2.1.30. No *Foral de Odemira (Vdimira)*, de 1255 (cf. Herculano, 1866: 664):

“Et almotaxaria sit de Concilio et mittantur almotaxees per pretorem et Concilium ville: et dent de foro de vaca unum denarium: et de **zeuro**, I denarium: [...] De ceruo, de **zeuro**, et de vaca, et de porco, I denarium: et de carneyro, I denarium [...]. De equo, de mula, uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanis et supra, dent unum morabitanum: Et a decem morabitanis et infra, dent medium morabitanum: De equa uendita uel comparata dent duos solidos: Et de boue, duos solidos: Et de vaca unum solidum: Et de asino et asina unum solidum. [...]. De porco uel de carneyro, II solidos: De caprone uel de capra, I denarium: De carrega de azeyte uel de coriis bouum uel **zeurorum** uel ceruorum, dent medium morabitanum”.

2.1.31. Num documento do rei D. Afonso de Portugal, de 1255<sup>40</sup> (cf. Herculano, 1858: 192), dirigido a “omnibus prelatibus et pretoribus et aluazilibus et comendatoribus et alcaldibus et iudicibus et universis Conciliis et toti Populo a Minio usque ad Dorium”, há uma lista dos preços de vários produtos animais, entre os quais são citados os seguintes:

“Et melior porcus qui fuerit cibatus, de tribus annis, ualeat unum morabitanum uetus. Et melior **zeurus** uel **zeura** ualeat quinquaginta solidos. Et melior gamus ualeat uiginti solidos: Et melior ceruus ualeat triginta solidos. Et melior corzus ualeat duodecim solidos: Et melior corium de uaca uel de boue ualeat uiginti septem solidos. Et melior pellis de capra ualeat tres solidos. Et melior pelle de capro ualeat sex solidos. Et melius corium de **zeuro**

<sup>40</sup> Ribeiro (1813: 61) cita esse texto como escrito em janeiro de 1291.

aut de **zeura** ualeat triginta solidos. Et melius corium de gamo ualeat octo solidos et si fuerit cortido ualeat decem solidos. Et melius corium de ceruo ualeat uiginti solidos. Et melius corium de corzo ualeat quinque solidos et si fuerit cortida ualeat septem solidos”.

2.1.32. No *Foral de Monforte (Monte Forti)*, de 1257 (cf. Herculano, 1866: 670):

“et almotazaria sit de Concilio, et mittantur almotacees per pretorem et Concilium ville: et dent de foro de uaca unum denarium, et de **zeuro** unum denarium, et de ceruo unum denarium [...]. de ceruo, de **zeuro**, et de uaca, et de porco, unum denarium, et de carneyro unum denarium [...]. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora, a decem morabitanis et supra, dent unum morabitanum: et a decem morabitanis et infra, dent medium .morabitanum: De equa uendita uel comparata dent duos solidos: et de boue duos solidos et de uaca unum solidum, et de asino et de asina unum solidum. [...]. et de porco uel de carneyro, duos denarios: De caprone uel de capra unum denarium, de carrega de azeyte, uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum, dent medium morabitanum”.

2.1.33. No *Foral de Estremoz (Stremoz)*, de 1258 (cf. Herculano, 1866: 680):

“Et almotazaria sit de Concilio, et mittatur almotace per alcayde et Concilium ville: et dent de foro de vaca I denarium: Et de **zeuro**, I denarium, et de ceruo, I denarium [...]. de ceruo, et de **zeuro**, et de vaca, et de porco, I denarium, et de carneyro I denarium [...]. De equo uel de mulo uel de mula quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanis et supra, dent unum morabitanum, et a decem morabitanis et infra, dent medium .morabitanum: De equa uendita uel comparata dent duos solidos: De boue duos solidos, et de vaca, I solidum, et de asino et de asina, I solidum. [...]. de porco uel de carnario, II denarios: de caprone uel de Capra, I denarium: de carrega de azeyte, uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum, dent medium morabitanum”.

Na coluna direita há a antiga tradução para o português (não datada):

“E a almotazaria seia do Conçelho, e metase o almotaçe pelo alcayde, e pelo Conçelho da uila: e dem de foro da uaca I dinheiro, e o **zeuro** I dinheiro, e do çeruo I dinheiro [...] De çeruo e de **zeuro** e de uaca e de porco e de carneyro I dinheiro: [...] Do caualo ou de muu ou de mua que uenderem ou comparem homens de fôra de dez marauedis a susso dem huum marauedi, e des X marauedis a iusso dem neio marauedi: De egua uenduda ou comprada dem II soldos: e do boy II soldos: e de uaca huum soldo: e dasno ou dasna, huum soldo [...] e de porco ou de carneyro, II dinheiros: e de cabra ou de cabram huum dinheiro: e de carrega dazeite ou de coiros de bois, ou de **zeuros** ou de çeruos, dem meio marauedi”.

2.1.34. No *Foral de Alcaçovas (Sancta Maria das Alcazovas)*, de 1258 (cf. Herculano, 1866: 690):

“De carrega de asino, VI denarios [...]. Portagen de caualo qui uendiderint in azougue, I solidum: De mulo, I solidum: De asino, VI denarios: De boue, VI denarios: De carneiro, III mealias: De porco, II denarios. [...] De coyro de uaca, et de **zeura**, II denarios. De coyro de ceruo et de gamo, III mealias”.

2.1.35. No documento *João Peres de Aboim outorga 'foros e costumes' de Évora aos habitantes do castelo de Portel*, de 1º de dezembro de 1262 (cf. Cabo, 2008: 299, no. 315), há as seguintes determinações:

“De Múú .j. soldo. De asno .ij. dinheiros. De boy .vj. dinheiros. De carneiro .iij. mealhas. De porco i.ij. dinheiros [...]. De corio de vaca & de **zeura** .ij. dinheiros. De corio de çeruo & de gamo .iij. mealhas”.

2.1.36. No *Foral de Silves (Silve)*, de 1266 (cf. Herculano, 1866: 706):

“Et almotazaria sit de Concilio, et mittatur almotace per alcaydem et Concilium ville: et dent de foro de vacca I denarium, et de **zeuro**, I denarium, et de ceruo, I denarium [...]. De ceruo, et de **zeuro**, et de vacca et de porco, I denarium: Et de carnario, I denarium [...]. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitanis et supra dent unum morabitanum, a X morabitanis et infra, dent medium .morabitanum: De equa uendita uel comparata, dent duos solidos: et de boue, II solidos, et de vaca I solidum, et de

asina uel de asino, I solidum. [...]. De porco uel de carnario, II denarios: De caprone uel de capra, I denarium: De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum, dent medium morabatinum”.

2.1.37. No *Foral de Aguiar*, de 1269 (cf. Herculano, 1866: 713):

“E almotaçaria ssea de Concelho, e metam almotaçe por conselho do alcaide e per conselho da villa: e dem de foro da vaca huum dinheiro: et do **zeuro** huum dinheiro: e de çeruo huum dinheiro [...]. e de ceruo e de vaca hum dinheiro e de porco hum dinheiro: e de carneiro hum dinheiro [...]. de besta cauallar ou muar quem vender ou comprar a homem de fóra de dez marauedis a ssuso dem hum marauedi, e de dez marauedis a juso dem hum meio marauedi: e de egua vendita ou comprada dem dous soldos: e de boi dous soldos: e de vaca hum soldo: e dasno hum soldo e dasna hum soldo [...]. de porco e de carneiro dous dinheiros: de cabrom e de cabra huum dinheiro: De carrega dazeyte ou de coiros de bois ou de **zeuruns** [**zeuruas**] ou de ceruos dem meio marauedi”.

2.1.38. No *Foral de Vila Viçosa (Villaviçosa)*, de 1270 (cf. Herculano, 1866: 717):

“Et almotaçaria sit de Concilio, et mitantur almotazes per pretorem et Concilium uille. Et dent de foro de vaca unum denarium: et de **zeuro**, I denarium: et de ceruo, I denarium [...]. De ceruo et de **zeuro** et de uaca et de porco et de carnario, unum denarium [...]. De equo uel de mulo uel de mula quem uendiderint uel emerint homines de fora, a decem morabitinis et supra dent unum morabatinum, et a decem morabitinis et infra dent medium morabatinum: De equa uendita uel comparata dent duos solidos: et de boue, duos solidos et de vaca unum solidum: et de asino unum solidum: et de asina similiter unum solidum [...]. de porco uel de carnario, II denarios: De caprone et de capra unum denarium: Et de carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum dent medium morabatinum”.

2.1.39. No *Foral de Seda*, de 1271 (cf. Herculano, 1866: 721):

“Portagem de caualo quem uendiderint in açouge: I solidum: De mulo, I solidum: De asino, VI denarios: De carneiro, III medaculas: De porco, II denarios. [...]. De corio de uaca et de **zeura**, II denarios. De corio de ceruo et de gama, III mealhas”.

2.1.40. No *Foral de Evoramonte*, de 1271 (cf. Herculano, 1866: 722):

“Et almotaçaria sit de Concilio, et mittatur almotace per pretorem et Concilium ville: et dent de foro de vacca unum denarium, et de **zeuro**, unum denarium, et de ceruo, unum denarium [...]. de ceruo et de **zeuro** et de vacca et de porco, unum denarium, et de carneyro unum denarium. De equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitinis et supra, dent unum morabatinum, et a decem morabitinis et infra, dent medium morabatinum: De equa uendita uel comparata, duos solidos: Et de boue, II<sup>os</sup> solidos: Et de vaca I solidum: et de asino, I solidum, et de asina, *slidum*. [...]. De porco uel de carneyro, duos denarios: De caprone uel de capra, unum denarium: De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum, dent medium morabatinum”.

2.1.41. No *Foral de Castromarim*, de 1277 (cf. Herculano, 1866: 735):

“Et almotaçaria sit de Concilio, et mittatur almotace per alcayde et Concilium ville: et dent de foro de vacca I denarium, et de **zeuro**, I denarium, et de ceruo, I denarium [...]. De ceruo, et de **zeuro**, et de uaca, et de porco, I denarium: Et de carnario, I denarium. [...] de equo uel de mula uel de mulo quem uendiderint uel emerint homines de fora a decem morabitinis et supra, dent I morabatinum, et a decem morabitinis et infra, dent medium morabatinum: De equa uendita uel comparata, dent II solidos: et de boue, II solidos, et de uaca I solidum: et de asino uel de asina, I solidum [...]. De porco uel de carnario, II denarios: De caprone uel de capra, I denarium: De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zeurorum** uel ceruorum dent medium morabatinum”.

2.1.42. No *Foral antigo de Torres Vedras*, de 1288 (cf. Torres, 1819: 125):

“Et almotaçaria sit de concilio, et mittatur almotace per alcaide et per concilium ville; et dent de foro de vaca unum denarium, et de **zevro** unum denarium, et de ceruo unum denarium [.....] marabatinum et supra dent unum marabatinum, et a decem marabitinis infra dent medium marabatinum: de equa vendicta vel comparata dent duos solidos, et de bove duos solidos, et de vaca unum solidum, et de asino vel de asina unum solidum [...]. De

porco vel de carnario duos denarios, de caprone vel de capra unum denarium: De carrega de azeite uel de coriis boum uel **zevrorum** dent medium marabatinum”.

2.1.43. No *Foro de Beja*, de 1292, dado pelo rei D. Afonso, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa (1824: 458) há o seguinte trecho:

“E dem de foro da vaca hũu dinheiro. E do **zevro** hũu dinheiro. E do cervo hũu dinheiro. [...]. e do cervo, e do **zevro**, e da vaca, e do porco, e do crneiro hũu dinheiro. [...]. De cavalo, e de mũa, e de mũu, que venderem ou comparem homens de fora de dez maravedis a cima, dem hũu maravedís [sic]; e de dez maravedís a iuso, meyo maravedí. De egua venduda ou comprada dem dous soldos. E da vaca hũu soldo. E do asno, e da asna hũu soldo. [...]. Do corço, ou do carneiro dous dinheiros. Da cabra, e do cabrom hũu dinheiro. Da carrega do azeite, ou de coiros de boys, ou de **zevros**, ou de cervos dem meyo maravedí”.

2.1.44. Brandão (1883: 353) publicou um documento escrito em português, de 1369, tradução do *Foral de Santarém* escrito em latim, originalmente dado pelo rei D. Afonso de Portugal:

“E a almotaçaria seia do concelho, e seia metudo o almotacé pelo alcayde, e pelo concelho da Villa. E dem de foro de vaca hũu dinheiro, e de **zevro** ũu dinheiro, ede cervo hũu dinheiro [...]. De cervo, e de **zevro**, e de vaca, e de porco hũu dinheiro, e de carneiro hũu dinheiro.

[...]. De cavalo, ou de mua, ou de muu, que venderem, ou comparem homeens de fora, de dez maravedis a ssuso dem huum maravedí, e de dez maravedis aiuso dem meio maravedí: De egua venduda ou comprada, den dous soldos. E de boy dos soldos. E de vaqua hũu soldo. E de asno de dasna hũu soldo. [...]. De porco ou de carneiro dous dinheiros. De cabrom ou da cabra hũu dinheiro. De carrega dazeite, ou de coiros de boys, ou de **zevros**, ou de cervos, den meyo maravedí”.

2.1.45. No documento *Domingos Eanes, meio-cónego do Porto e subcoletor apostólico nessa diocese, dá seguimento, através de uma inquirição, ao processo de inventário dos bens móveis deixados por D. Afonso Pires, bispo do Porto, falecido em Balsemão (fr. Sé, c. Lamego) a 28 de Novembro de 1372*, datado de 9 de dezembro de 1372 (cf. Saraiva, 2001: 221) há o seguinte trecho:

“Item do dicto dia Martin Lourenço criado do dicto bispo jurado sobre os Sanctos Evangelhos e perguntado en razm dos dictos beens do dicto bispo e se outrossi sabia quanto tempo e ouvera o dicto bispo doente desta door prestumeyra de que se morrei disse que do tempo que o dicto bispo jouvera doente nem dos seus beens que el avya que nom sabia mays que esto que se adeante segue porqre non fora hi presente nem residente: convem a saber que via ora em esta cidade en casa do dicto Affonso Martiinz dayam do Porto hũa mũa e hum muu e huum rocim que eram azamelas do dicto bispo e hũa mũa ruça de sella en que dizia que andava o dicto bispo; item disse que Johan Rodriguez filho de Roy Vaasquez Pereyra filhara na aldeã de Figueyra cerca de Balssamom huum **muu zevro** que era azemelo do dicto bispo...”.

2.1.46. Na *Carta por elrey dom Affonso que pobrou beia, em que mandou que os de beia non paguem montado*, de 1393 (cf. Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1824: 480-481) encontramos:

“Do cavalo, ou do muu, ou da mũa, que venderem ou comparem homens de fora, de dez maravedís acima, dem hũu maravedí. E de dez maravedís a iuso, meyo maravedí.

De egua venduda ou comprada, dem dous soldos.

De do boy dous soldos, da vaca hũu soldo.

E do asno e da asna hũu soldo.

Do mouro ou de moura, meyo maravedí

De porco, ou de carneyro, dous dinheiros.

De cabra, ou de cabron, hũu dinheiro.

Da carrega do azeite, ou de coyros de boys, ou de **zevros**, ou de cervos, meyo maravedí”.

2.1.47. “No meio da província da Beira, e na extremidade oriental da diocese de Coimbra,

comarca da Guarda, e em agradável colina da serra da Estrella está assentada a antiga villa de Cea [Seia]; ficando-lhe ao nascente e em distancia de oito legoas a cidade da Guarda, ao norte e em distancia de seis a cidade de Viseu, e ao poente e em distancia de doze a de Coimbra” – assim iniciou Falcão (1823) um artigo em que transcreveu um Foral que a Seia fora concedido pelo rei D. Anfonso Henriques em 1136. Nesse interessante documento há uma intrigante menção a uma *pedra zebra*l:

“Et homine, qui dederit jugada, et venatum occiderit in madeiro aut in baroza det unum lumbum costal. Et de porco montez quatuor costas. Et homine qui fuerit de rege, et fuerit carniceiro det duos lumbos de intus de porcos, **et de bove aut de vaca una pedra zebra**l” (Falcão, 1823: 25).<sup>41</sup>

A forma feminina (zeura, etc.) está quase sempre associada à vaca e ambas palavras andam sempre juntas nos textos, seja latinos ou portugueses. Isto se verifica nos forais 2.1.2, 2.1.6, 2.1.7, 2.1.8, 2.1.9, 2.1.11, 2.1.14, 2.1.15, 2.1.16, 2.1.17, 2.1.19, 2.1.22, 2.1.23, 2.1.24, 2.1.25, 2.1.26, 2.1.27, 2.1.28, 2.1.34, 2.1.35, 2.1.39.

Por outro lado, a forma masculina está sempre associada ao cervo ou ao boi - Forais 2.1.1, 2.1.3, 2.1.4, 2.1.5, 2.1.10, 2.1.12, 2.1.13, 2.1.18, 2.1.20, 2.1.21, 2.1.29, 2.1.30, 2.1.32, 2.1.33, 2.1.36, 2.1.37, 2.1.38, 2.1.40, 2.1.41, 2.1.42, 2.1.43, 2.1.44, 2.1.45 - mesmo que ocorra a palavra vaca no texto.

O texto do foral 2.1.31 fala claramente do macho e da fêmea do bicho.

O do foral 2.1.46 emprega o masculino por estar associado a mulo (muu).

## 2.2. Documentos espanhóis e galegos

2.2.1. A coleção de textos denominada *Fuero de Teruel*, cuja forma definitiva deve ter sido completada por volta de 1247, foi publicada por Gorosch (1950), baseado nos Mss. 1-4 da Sociedad Económica Turolense de Amigos del País e no Ms. 802 da Biblioteca Nacional de Madri. Nessa esplêndida obra encontram-se duas referências ao *ençebro*:

[Gorosch, 1950: 350]: “**661. Del que uenado mouiere.**

Mando encara que qual quiere que uenado con sus canes primera miente mouiere, o puerco o çieruo o cabrón o liebre o coneio o perdiz o ad éstas semeiantes, sea suya, maguera que otro omne o canes agenos o aut agena el uenado matare, o caya en ageno ingenio, sacada casa. Qual, si alguno casa porá prender **ençebros** o outro uenado et otro en aquella casa prisiere uenado, dé al sennor de aquella casa la meytat de aquel uenado e pora sus huebos prenga la outra meytat que finca, segunt del fuero”.

[Gorosch, 1950: 351]: “**665. Del que em huest mouiere uenado.**

Decabo, si alguno en huest o en caualgada o en otro lugar de empeçamiento mouiere uenado et outro primeramiente lo firiere, aya del puerco la cabeça con quanto tan[n]e la oreia, e del çieruo aya el cuero, e del **ençebro** aya la tuértega de los lomos e de las carnes su part, e lo que romaneçiere aya aquel que el uenado mouiere del empeçamiento, assí como es dicho. Mas aquel que al ferido resto auant dicho le uedare peche lo dupplado”.

2.2.2. Na edição de Ureña y Smenjaud & Bonilla y San Martin (1907: 47) do *Fuero de Usagre*, sob o no. 125 (*De çapateros*) há o seguinte trecho:

<sup>41</sup> Viterbo (1799: 415) comentou: “ZEBRAL. No foral de Cêa de 1136 se manda, que ‘o Carniceiro dé dous lombos de porco, e do boi, ou vaca huma pedra zebra’l’. Livro dos *Foros velhos*. Eu me persuado, que por esta *Pedra zebra*l se entende o peso de uma arroba, que particularmente servia para se pesar no açougue a carne de vaca; pois não julgo os Portuguezes d’aquelle tempo tão anatómicos, que procurassem a pedra, que se gera no boi, ou vacca, á qual chamam *ovos de vaca* e he *pedra bazar*, ou *Pazahar*, a que se atribuem grandes virtudes contra venenos, e algumas outras enfermidades”. Mas por qual razão essa pedra foi chamada de *zebra*l não se sabe. Lopes (L. S.) (2005: figura 1) ilustrou uma dessas pedras, encontrada em Lafões – um peso de pedra, com argola de ferro, que representa uma arroba de 14.645 kg.



“Los çapateros, per solar denles III.<sup>or</sup> dineros, et qui mas diere o mas tomare, unusquisque pectet senos [singulos] morauetis medios al conceio medius alcaldibus si eis firmaren. Sin autem saluense cum singulos uicinos. Todo cortidor curta el cuero uacuno et **enzebruno** a quarto, et caualluno o de mulo o de asno a tercias. Et si çapatero o cortidor este coto quebrantar, pectet II. morauetis, medios al conceio medios alcaldes”<sup>42</sup>.

2.2.3. Na *General Estoria* escrita por Alfonso X de Castela (1252-1284) (em versão galega do século XIV; cf. Martínez Lopes, 1962: 221) consta:

[Fólio 112v, 13-19] Et aquilo al que conta de Ysmael Moysem aos vijnte et hũ capitulos do Genesis, enque diz asy em latim: Hic erit ferus homo, dizendo: este sera brauo homẽ, ou ajnda sauage, departe Jeremyas que outros lhe chamã rrustico, quee por aldeão ou câpesyno, asy cõmo de campo ou outtroso saluage. Et dizẽ Jeronymo et mēestre Pedro quelle chama ãno ebrayco fará, et fará tanto quer dizer ãno nosso latym cõmo **onage**, et **onager** dizemos nos quee/

[Fólio 113r, 19-30] ãna nosa language por **asno montes** ou por **zebro**. Et por esto diz Metodio<sup>43</sup> que he aquesto dito: os **asnos mōteses** ou os **ezebros**, et as corças que verram do desert sobrepojaram co sua crueleza aacrueldade de todaslas outras gentes et será quebrantadas deles todas as anymalias mansas. Et aparte sobre esto meestre Pedro que esto diz Metodio dos fillos de Ysmael, poor que diz que tẽpo verra que sayram estas gentes hũa vez, et toda a terra conqueriram, et gáánarla am, et téerla am em seu poder seys semanas de anos, ou tantos anos cõmo som os dias de sete semanas, et veẽ por conta quareẽta et nove anos; et que acarreyra daquelas gentes será chamada de angustura por que Deus chamou aYsmael padres deles onagro...”.

2.2.4. O chamado “Lapidário de Alfonso X, el Sabio” (MS Escorial h-I-15, fólio 107v) constitui tradução de um original árabe, em língua caldeia, de meados do século XIII, feita pelo médico judeu Yehudá bem Moshé há-Kohén e pelo clérigo Garcí Pérez. Nele consta:

“Dela piedra aque dizen cornelina. Et aun a otra uertud la cornelina por la fuerça de uenus. que el quela touiere co<n>-sigoyendo esta planeta en su exaltatio<n>& en su hora. & la colgaren sobrel estomago del q<ue>ouiere dolor a el. ol dieren a beuer del agua en q<ue>fuere lauada; sanara. Pero esto faz ella mas manifestamente descendiendo sobresta piedra la uertud de figura de cabeça de **ezebra**. & sobrel la cabeça de mosca”.

2.2.5. No *Fuero de Salamanca* (século XIII), sob o no. 244 (*De cueros conprar*) há o seguinte texto (cf. Castro & Onís, 1916: 164):

“Nengun menestrar de Salamanca non conpre cuero dasno o de mulo o de caualo: e si lo conprar, peche .LX. soldos; e si negare, jure con .I. uezino. E si los escuderos otro cuero posieren enos escudos, se non fuer de mulo o de caualo o de asno o de buey o de uacca o de **zebra**, peche .LX. soldos; e si non, iure con .III.”

2.2.6. No *Fuero de Alarcón*, de fins do século XIII e início do XIV (cf. Ureña y Smenjau, 1911: 409):

“De cuero de buey o de **ezabra**, I dinero.

<sup>42</sup> Na edição de Gorosch (1950: 382), sob o no. 755 (De los çapateros) consta apenas: “El çapatero encara que çapatas carneru[nas p]or cabrunas o carner[una] por cordouán o badana por guadamazín uendiere, peche V sueldos al pebos[tr]e de los çapateros et al querelloso, prouándlo com testigos, así como es fuero; si non, jure solo et sea credido”.

<sup>43</sup> Referência ao *Apokalypse* de Pseudo-Methodius, do século VII. Na edição de Garstad (2012) há duas passagens relativas a esse trecho da *General Estoria*: [P. 110, Cap. II, 3]: “In hac itaque Gabaoth cadent in ore gladii [...] a semine Ismaheles, qui appellatus est ‘onager’, eo quod in ira et furore mittuntur super faciem totius terrae, super hominess quoque et iumenta et bestias silve et super omnem saltum et plantariam et super omnem nemorum etin omnem speciem fructiferam”; e [P. 118, Cap. II, 17]: “Et quoniam onager appellavit Deus Ismahelem patrem illorum, propter hoc onagri et capriae a deserto et omnem speciem bestiarum supergredien[tum] raviem et mansuetorum conterentur ab eis et paucitabant sub eis et persequentur homines et bestias silvae famae interibunt eo, quod distituti sunt regiones terrae, et abscondent omnem lignum saltui et speciem montium disperiet, et desolabuntur urbes et erunt regiones sine via, eo quod deminuta est humanitas, et polluetur terra a sanguine et continebit fructos suos”.

De cuero de cieruo, I meaia”.

2.2.7. Três passagens do *Fuero de Plasencia* (final do século XIII e início do XIV) falam da *azebra* ou *ezebra* (cf. Postigo Aldeamil, 1984: 210):

“[657] DE MOUER UENADO.

Montanero que primero con sus canes el uenado mouiere, gamo o cieruo o **azebra** o liebre o coneio o perdiz o todo otro uenado, sea del primero qui lo mouio, maguer que otro omne o canes agenos o que agena lo mate, o que caya ingenio ageno, sea de aquel que l muere fuera de casa. Et si alguno el uenado prender fiziere a casa, dé la meatat al sennor de la casa e la otra sea del montanero. Todo omne qui fuerça fiziere al uenador qui primero el uenado mouiere, assi commo es dicho, por el **ezebra** dos morauedis; e por cieruo .I. morauedi e por el puerco .I. morauedi; e demas perche .X. morauedis por la fuerça, si el montanero prouar pudiere. E si non, saluesse el sospechoso con un uezino e sea creydo. Que fuerça al uenador sobre liebre o sobre conejo o sobre perdiz o sobre otro uenado o sobre alguna aue, peche el uenado doblado e el coto .X. morauedis, si prouar puede el querrelloso, si non, saluesse con un uezino”.

“[659] LEY IIIª.

Todo omne que en hueste o en otro logar el uenado mouiere primero, el que el uenado primero firiese aya la cabeça con quanto las oreias atinxiere, si puerco fuere. Si cieruo, aya el cuero. Si **azebra**, aya la tuerdega, del lomo e de las carnes su parte. Todo omne que sobre esto alguna cosa fiziere, pechelo dobrado. Si algun uenado a poblado uiniere si(n) carnes y muriere quantos que se y acertaren ayan sus raciones, e muger pren(na)da aya dos raciones; aquel que primero lo firiere aya el cueyro commo dicho es”.

“[661] LEY QUINTA.

Todo omne qui el uenado canssado fallare sin canes, non responda por él. Et si uenado muerto fallare e algun uenador dixiere que sus canes lo mataron o él mismo con saeta, iure el uenador con un vezino por cieruo e por **ezebra** e por puerco e por gamo; e por otros uenados iure solo e sea creydo e aya el uenado. Si iurar non quisiere e non pudiere, non gelo den. Quanto dezimos de uenablo e de cada una arma de engennio. Todo omne que en çepo uenado fallare o que aya el pie quebrantado o lagado o muerto, delo al sennor de çepo, si (non) lo fixiere, pechelo commo dicho es”.

2.2.7. Enrique de Aragón, Marquês de Villena, em sua *Arte cisoria*, publicada em 1423 (cf. Enrique de Aragón, 1766: 105-106), tratou das propriedades da carne da *encebra*:

“A fueras destas cosas dichas, que se comen por vianda, è mantenimiento, è placer de sus faouores, se comen otras por Melecina, asi como la carne del Ome, para las quebraduras de los huesos; è la carne de Perro por calzar los dientes. La carne del Tasugo viejo por quitar el espanto, è temor del corazon; la carne del Milano para quitar la sarna; la carne de la Habubilla, para aguzar el entendimienti; la carne del Cauallo, para facer Ome esforzad; la carne de Leon para ser temido; la carne de la **Encebra**, para quitar pereza” (Henrique de Aragón, 1766: 69-70).

“El Cavallo en la Turquia, è Tartaria, donde lo comen por viada preciada, assanlo enero, è las pospiernas con la cola, è cuero fata medio espinazo, hán por mejor, è de aquello tajam tajadas anchas, è delgadas em los conuites ante los de mayor guisa, è lo ál à la gente menuda dexan. Esto fazen porque es mas muelle carne, que la bacuna, è sy por esforzar menester fuere, como es dicho, de aquella se corte guisa; à para esto por non comer dèla à los que della hán asco: ni Dan el hueso em esta, nin su corazon poluorizado: è tal mesma es la carne de la **Encebra**, è del Oso, è asy los cortan, saluo que las manos osunas peladas, è cochass son como ternilla mejores, que lo ál; su carne mejor salada, que fresca” (Herinque de Aragón, 1766: 97-98).

“Los Morlones, Corzos, Cabras Montesés, Alguacelas, **Encebras**, è tales se cortan como la carne de Baca, sy non lo que dan en pan destas, que fazen tajadas anchas, è delgadas”.

2.2.8. O mesmo autor (Enrique de Aragón, [1425] 2003) publicou o *Tratado de fascinación o de aojamiento*, no qual o sebo da *enzebra* foi citado como medicamento:

“E por la primera via usavan los pasados bostezar en nombre del enfermo muchas vezes, fasta que les cruxian las varillas e esa ora dezian que le era quitado el daño. Otros lo pesavan en balanças con un canto grande e lançándolo en el agua corriente. E aun lavávanle el pie derecho con agua de lluvia e dávala a beber a gallina que non oviese puesto; e quando la avia bevido, que era señal de salud; e si aun ruda con péñolas de habubilla e de

lechuza. Otros le aniravan as sobreçejas com sevo de **enzebra** untado. E algunas d'estas cosas han quedado en uso d'esse tiempo; e tal cosa non la han por bien en la santa Iglesia cathólica e, por ende, usar non se deve por fieles e creyentes”.

### 2.2.9. Em Anôn. (Séc. XV) encontramos:

“Commo dizes non ssoy enconada & enpos de los baalyn non sseguj uey la tu vja en los ualles cognosçe lo que tienes fecho eres camella ligera que tuerce los ssus camjnos. & commo el **zebro** vsado del yermo & con el desseo de la ssu anjma rrecoje el ujento del deseo que toma qujen lo puede boluer quantos la buscaren non canssaran que en ssu mes la fallaran. escusa ya el tu pie de lo tener descalço & la tu garganta de ssed & dizes con desesperaçion non que agenos ame & enpos de ellos yre. ssegund la uerguença del ladron quando es fallado assy fueron confusos la casa de israhel ellos & sus rreyes & ssus principes & ssus ssacerdotes & los ssus prophetas” (cf. [www.corpusdelespanol.org](http://www.corpusdelespanol.org), sob *zebra*).

2.2.10. O livro *Bocados de Oro* foi traduzido do original árabe *Maukhtār al-hilam wa'mahāsin al-kalim* (“*Máximas seletas e ditos melhores*”), composto pelo médico, filósofo, historiador e bibliófilo sírio-egípcio Abu-al-Wafā al-Mubashir b. Fātik em 1408-1449. Era uma coletânea de sentenças tomadas de fontes escritas da Antiguidade clássica, como as de Diógenes Laércio, com influência do *Kitāb ādāb al-falāsfā* de Hunayn ibn Ishāq (“*Livro dos bons provérbios*”). A versão castelhana dos *Bocados de Oro* foi composta nas primeiras décadas da segnda metade do século XIII (Haro Cortés, 1996: 11-12). Numa de suas edições (Bonium, Rey de Persia, 1510: fólio VIr, coluna esquerda, final) lê-se:

“E vedolos [Hermes] comer carne de puerco y de **zebra**, y de camella: y otros tales comerés”.

2.2.11. O monge Juan de Padilla (1468-1520), cognominado *El Cartuxano*, publicou em 1518 *Los doze triumphos de los doze apostoles* (Foulché-Delbosc, 1912: 361), no qual escreveu:

“Y como delante de los caminantes  
traviesan corriendo los ciervos ligeros,  
heridos a veces de los ballesteros  
con yerbas peores que pasavolantes,  
asi nos pasaron delante bramantes  
unas amargas personas, heridas  
com armas de fuego cruel encendidas;  
sus trancos y pasos asi festinantes  
como las **cebras** por llano corridas”.

2.2.12. A relação topográfica escrita aos 18 de março de 1579 em La Roda comentou a extinção da *enzebra* na Espanha:

“A pocos años que se acabo la caza de los venados que avia muchos y podra aver quarenta años que avia muchas **enzebras** en termino desta villa y se a acabado ansi mismo la dicha caza” (Cebrián Abellán & Cano Valero, 1992)

## 2.3. O “zebro” na toponímia de Portugal

Em documentos medievais portugueses surgem frequentemente topônimos relativos ao *zebro*<sup>44</sup>. Antunes (2006: 220, tabela 5) listou 13 topônimos encontrados nos *Forais* e em sua Ta-

<sup>44</sup> Nunes (1026: 429, nota 1) listou vários desses topônimos. Silveira (1948: 227-228) já assinalara esses topônimos e os documentos a eles referentes: “Em Portugal, denominou-se *Ezebrario* (em doc. de 897), *terra de Eceurario* (em outro de 922) ou *territorio Ezebreiro* (em outro de 1072), um velho *territorio* de entre Vouga e Caima, correspondente pouco mais ou menos ao actual concelho de Vale de Cambra e à maior parte do de Sever, ao N. do Vouga.

bela 2 (pp. 213-214) arrolou 81 topônimos encontrados no Repertório Toponímico de Portugal (Carta Militar de Portugal 1/25.000); ver também sua Tabela 3.

Apresentamos na sequência alguns desses documentos.

No mais antigo documento latino-português (6 de abril de 882), uma carta de dotação e fundação da igreja de S. Miguel de Lardosa (*Fundatio cujusdam ecclesiae in Lordosa*) (cf. Azevedo, 1898: 208; Emiliano, 1999: 14; Herculano, 1867: 6, no. IX; Antunes, 2006: 220) há a seguinte passagem:

“duas annes kauluno et **cebrarjo** subtus monte petroselo territorio aneg[r]je”.

Na *Charta foundationis et dotis quarundam ecclesiarum inter flumina Durium et Vaugam* do ano de 897 (cf. Herculano, 1867: 8, no. XII; Antunes, 2006: 220) consta:

“in ripa uaga de seueri et mediadate de illa uarcena de caruonario et in **ezebrario** uilla de bigas quos fuit de froila lopo...”.

Na *Donatio amplissima Regis Ordonii episcopo Gomado et Monasterio de Crestuma facta* (cf. Herculano, 1867: 16, no. XXV; Antunes, 2006: 220), do ano de 922, lê-se:

“inuenit ipsum terminum per montem de **zeurario**...” e

“Et in terra de **eceurario** uilla de ossella ecclesia de sancto pelagio”.

No *Testamentum de uilla seuer et de illius ecclesia* (cf. Herculano, 1867: 55, no. LXXXVII; Antunes, 2006: 220), do ano de 964, temos:

“in uilla que uocitant seueri subtus monte **zebrario**...”.

No *Pactum venditionis praedii cujusdam in Villa de Maceeira siti* (cf. Herculano, 1867:

---

Devia servir-lhe de denominador ou centro um monte chamado *Zebrario* em docs. de 964 e 1002, *Ezebrario* em 994, *Zebreiro* e *Zeureiro* em 995, 1019 e 1097, etc., o qual suponho corresponder ao monte, em cuja falda meridional assenta hoje o lugar de *Zibreiros*, na freg. de Silva Escura (Sever do Vouga). Vid. P. M. H., *Diplomata et Chartae* n.º 12 (p. 8, l. 22), 25 (p. 16, l. última), 87, 172, 177, 191, 241, 502 e 850, e o 2.º mapa junto ao estudo de Paulo Merêa e Amorim Girão, *Territórios portugueses no séc. XI*, na *Rev. Port. de História*, tomo II, pp. 255-63, Coimbra, 1943. Outro monte *Zeurario*, diverso do de cima, é citado em 922 e chama-se actualmente de *Zebreiros*, ficando eminente ao lugar do mesmo nome, na freguesia de Sousa (Gondomar), lugar que por sua vez é nomeado já por *Villa Zebrario* em doc. de 1070, e por *Zevrerios* nas inquirições de 1258, Cfr. *Dipl. Et Chartas* n.º 25 (p. 16, l. 19) e 493; *Inquisit.*, p. 516. Num doc. de 882, relativo a uma *Villa Lauridosa*, hoje Lordosa, na freg. de Rãs (Penafiel), e esta localizada ‘inter duos annes [amnes] Kauluno et *Cebrario*’. Este segundo nome designa um pequeno ribeiro, a que outro doc. de 1078 chama *Zebrerius*, que aflui ao Cavalum (afluente, por sua vez, do Sousa) no sítio do *Zibreo* daquela freg. de Rãs, e a que vários outros documentos do séc. XII se referem também, sob as formas *Zebrario* e *Zevreiro*. Vid. *Dipl. et Chartae*, n.º 9 e 689. Nas extremas do concelho medieval de Murça, em Trás-os-Montes, nomeia também o respectivo foral de 1224 um *Planum de Zeuras*, ‘Chão das Zevas’ (P. M. H., *Leges*, 600). E nessa mesma região, no moderno conc. de Valpaços, ficava no séc. XII um lugar da *Zevra Podre* – ‘villa illa *Zeura Putre*’, que foi coutado por D. Afonso Henriques em 1135 (?) e que era confinante com S. Pedro de Lila. Cfr. Abiah Reuter, *Docs. da chancelaria de D. Afonso Henriques*, pp. 81-2, e J. A. de Figueiredo, *Nova Malta*, I, 484, nota. Igualmente, o foral de Sortelha (Beira Baixa), de 1228-29, traz, entre os limites desse concelho, um sítio de *Zeurera*, que ficava no alto curso do rio Meimoa, na parte N. do moderno conc. de Penamacor, perto da raia espanhola (P. M. H., *Leges*, 610). Finalmente, as inquirições de 1258 mencionam, entre as confrontações do elho couto de Coja (Arganil), um local chamado ‘Saxum de *Asina Brava*’ (P. M. H., *Inquisit.*, 772; *Nova Malta*, citada, II, 117, nota), nome que deve relacionar-se talvez com os actuais topônimos Pisão de *Asna Brava* e Barca de *Asna Brava*, na freg. de Azere (Tábua), pertencente à mesma região, denunciando todos eles a presença antiga aí do animal em questão, embora sob o seu nome mais corrente nos tempos modernos”.

106, no. CLXXII), do ano 994, foi dito:

“in uilla quot uocitant mazanaria territorium subtus monte **ezebrario**...”.

No *Pactum venditionis dimidii fundi in Villa de Castellões* (cf. Herculano, 1867: 109, no. CLXXVII; Antunes, 2006: 220), do ano de 995, aparece o seguinte trecho:

“facimus kartula uindictionis de medietate de omnia mea creditate quos aueo in uilla castellanus subtus mons **zebreiro**...”.

No *Testamentum de uilla rocas et de penso* (cf. Herculano, 1867: 117, no. CLXXXI; Antunes, 2006: 220), do ano 1002, encontra-se:

“subtus monte **zebrario** in uilla quam uocitant rocas...”.

No *Testamentum de hereditate qui est in seuer quam matilli testata est simile cum uilla castellanos* (cf. Herculano, 1867: 149, no. CCXLI; Antunes, 2006: 220), do ano 1019, há:

“subtus monte **zeureiro** secus riuuo uanga territorio portugalensi”.

No documento *Praedia tam laica quam ecclesiastica, quae in Villa de Cerzedo, possidebant, Gondina Guttierriz et filii Gundisalvo Guttierriz uxori que ejus donant, additis villis Coelhosa, Castellões, Maceira, Cabril, aliaque bona immobilia*” (cf. Herculano, 1869: 310, no. DII; Antunes, 2006: 220), do ano de 1072:

“et abent iacentia ipsas uillas terretori **ezebreiro**...”.

No *Pactum venditionis partis quartae praedii in uilla Zebrario dicto, prope montem Gondomar, partis que cuiusdam piscinae ad ripam Durii* (cf. Herculano, 1869: 305, no. CCC-CLXXXIII; Antunes, 2006: 220), do ano de 1070:

“cartula uendicionis de ereditate nostra propria que auemus in uilla **zebrario**...”.

No documento *Sextam partem, quam possidebat, fundorum in villis de Celgana, de Canas, et de Quintanella Romanus monachus Monasterio S. Joannis (de Pendorada) donat* (c. Herculano, 1870: 413, no. DCLXXXIX; Antnes, 2006: 220), do ano de 1087:

“et quintanella subtus mons aluugates discurrente arrugios **zebrerios** et cauallunono [sic]...”.

No *Pactum venditionis cuiusdam partis Ecclesiae S. Petri, in Villa de Castellões sitae* (cf. Herculano, 1873: 505, no. DCCCI; Antunes, 2006: 220), do ano de 1097:

“in ecclesia sancti petri que est sitain uilla castellanos hic in calambria subtus montem **zebrario** excurrente riuulo kamia in territorio portugalensi...”.

E num documento de 1224 (cf. Herculano, 1864: 600), consta:

“et per planum de **zeuras**, et per souereyro aquas uertentes...”.

Numa carta escrita por Francisco Botelho a D. João II, datada de 12 de outubro de 1545, consta o nome Vall de Zevro (cf. Ricard, 1951: 182):

“V. A. me manda por sua carta feyta em trimta de setembro que emvie aos moynhos de Vall de Zebro qui-



nhentos moyos de tryguo...”.

## 2.4. O “zebro” na toponímia de Espanha

Quanto à Espanha, citaremos apenas uns poucos exemplos, iniciando pelo bispo de Astorga, Sampiro (ca. 956-1041):

“Sanctio defuncto filius eius Ramirus habens à nativitate annos V. suscepit regnum patris sui: continens se cum consilio Amitae suae Domina Gelvirae, devotae Deo, ac prudentissimae, habuit pacem cum Sarracenis, & corpus Sancti Pelagij ex eis recepit, & cum religiosis Episcopis in civitate Legionensi tumulavit. Anno II. regni sui C. classes Normannorum cum Rege suo, nomine Gunderedo ingressi sunt vrbes Galletiae, & strages multas facientes in gyro Sancti Iacobi: Episcopum loci illius gladio peremerunt nomine Sisenandum, ac totam Galleciam depraedaverunt, vsqueque pervenerunt ad Pyreneos montes **Ezebrarij**...” (Monge de Silos, 1721: 538, 1789: 299; Sampiro, 1634: 70, 1727: 45).

O mesmo encontramos em Lucas de Tuy (ou Tudensis; morto em 1249) (cf. Lucas de Tuy, 1608: 86):

“Anno autem secundo segni Ramiri Regis centum classes Normannorum cum Rege suo Gundaredo videntes dissensiones Gotthorum ingressae sunt Galleciam, & strages multas facientes in giro Sancti Iacobi, Episcopum loci ipsius nomine Sisuanum gladio peremerunt, & totam Galleciam depraedati sunt, vsque dum pervenirent ad Alpes montis **Zebrarij**”.

Consta do *Índice de los documentos del Monasterio de Sahagun* (Archivo Histórico Nacional, 1874: 287, no. 1245) uma

“Carta en la cual consta que habiendo habido pleito entre Pedro, limosnero del monasterio de Sahagun, de una parte, y de outra Anaya Ectaz, Miguel Garivaz y Juan, sobre la propiedad de una viña en Telliatello, **iuxta lacuna Ezebrera**, conviniéronse aquéllos en dejar al monasterio de San Salvador la mencionada viña. Para la cual hacen esta carta de donación á favor del mismo.

Facta carta VIII. kal. Octobris, Era T. C. XXVIII [24 de setembro de 1091]. Regnante rege Adefonso in Toledo”<sup>45</sup>.

Como assinalaram Nores Quesada & Liesau von Letow-Vorbeck (1992: 66-67), a lista desses topônimos é importante para se recuperar a passada distribuição do animal na Península Ibérica<sup>46</sup>.

<sup>45</sup> À página 652, esclarece-se que se trata de “Laguna situada junto á Tejadillo, hoy despoblado, en la provincia de Zamora”.

<sup>46</sup> Dentre os topônimos que, do ponto de vista fonético, aparentemente, se referem ao mesmo nome investigado, citem-se: *Abrigo de los Encebras* (Alacón, Teruel, Espanha); *Acebrón* (Jumilla, Murcia e Cuenca, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Acequia de Oncebreros* (La Herrera, Albacete, Espanha); *Acibreira* (Galiza, Espanha) (Menéndez Pidal; Silveira, 1948: 226); *Acibreiros* (Galiza, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Auga dos Cebros* (Pontevedra, Galiza, Espanha); *Azebral* ou *Zebral* (Fafe, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Azenha do Zebro* (Avis, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Azibral* (Guarda, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Azibreiro* (Baião, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Barranco de las Encebras* (Letur, Albacete, Espanha); *Barranco Cebrero* (Malanquilla, Zaragoza, Aragón) (Frago Gracia, 1987: 71); *Casa de las Encebras* (Barrax, Albacete, Espanha); *Casais do Vale de Zebras* (Cartaxo, Santarém, Portugal); *Casal da Zebreira* (Corche, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Casal do Zebrinho* (Coruche, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Casa Nueva de Oncebreros* (Higueruela, Albacete, Espanha); *Casas da Azibreira* (Oleiros, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Casas de las Encebras* (Letur, Albacete, Espanha); *Casas de Oncebreros* (Higueruela, Albacete, Espanha); *Cebral* (Lugo e Orense, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Cebrecos* (Burgos, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Cebreiro* (Becerreá, Lugo, Espanha; citado como *Montes Ezebrarii* por Sampiro) (Silveira, 1948: 226); *Cebreiros* (Orense, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Cebroero* (Lugo, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Cebros* (Ávila, Espanha) (mas Covarrubias 1611: 266v, declara: “CEBREROS, lugar de sierra, em el Obispado de Auila, corrompido el vocablo de Ciperio, por auerse llamado assi el mote dõde està assentado el lugar”); *Cebrones del Río* (León, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Cibreiro* (Lugo, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Collado de las Encebras* (Letur, Albacete, Espanha); *Cortijo de la Encebra* (Jumilla, Murcia, Espanha); *Cortijo*

“Se reparten, en su mayor parte, por el occidente peninsular, desde Galicia al Algarve, el borde occidental meridional de Castilla la Vieja hasta Teruel, Extremadura, Castilla-La Mancha, Andalucía y Murcia, salvo tres localidades aisladas en Zaragoza y Barcelona. Esta distribución corresponde a topónimos derivados de enzebros e zebro y azebro-zebro, originados a partir del siglo IX, y que están documentados desde el XI.

Podemos considerarla como una área potencial que podía ocupar el zebro durante este intervalo, o de manera más precisa hasta el XIII, siglo en el que (...) se puede apreciar una importante recesión.

Estos topónimos se extienden por los Distritos portugueses de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Porto, Guarda, Castelo Branco, Leiria, Santarém, Porto Alegre, Lisboa, Setúbal, Évora, Beja y Faro, y las Provincias españolas de La Coruña, Lugo, Orense, Pontevedra, León, Zamora, Salamanca, Ávila, Segovia, Teruel, Alicante, Murcia, Cuenca, Ciudad Real, Albacete, Toledo, Cáceres, Badajoz, Granada, Sevilla y Huelva. Se aprecia una ausencia de topónimos a lo largo de la Cornisa Cantábrica, la mayor parte de Castilla-León y de Aragón, Navarra, La Rioja, Cataluña y Comunidad Valenciana<sup>47</sup>”.

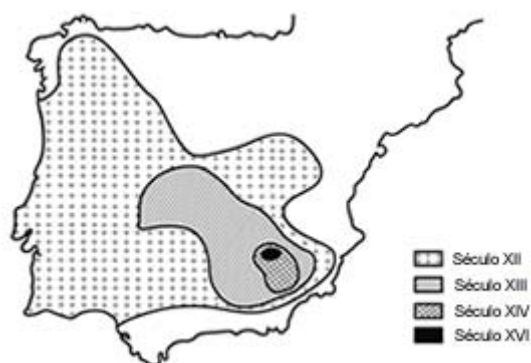


Figura 2.1. Distribuição cronológica dos topônimos relacionados com as palavras “zebro” e “encebro” (modificado de Nores Quesada & Liesau Vonletow Vorbeck, 1992: 67).

*de las Encebras* (Letur, Albacete, Espanha); *Costa do Zebreiro* (Vila Verde, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *El Acebrón* (Cuenca, Espanha); *El Encebrico* (Paterna, Albacete, Espanha); *Encebras* (Pinoso, Alicante e Albacete, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Encebrico* (Albacete, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Encebras* (Albacete, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Encebras* ou *Encebras* (Alicante, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Fuentecebras* (Llamberra, León, Espanha); *La Encebra* (Granada, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Las Encebras* (Almansa, Albacete, Espanha); *Las Encebras* (Chinchilla de Monte Aragón, Albacete, Espanha); *Las Encebras* (Lezuza, Albacete, Espanha); *Las Encebras* (Pozo Cañada, Albacete, Espanha); *Linchas de la Cebrera* (Alcalá del Júcar, Albacete, Espanha); *Lomas de Oncebreros* (Higuera, Albacete, Espanha); *Monte das Zebras* (Sátão e Cartaxo, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Monte dos Zebros* (Beira Baixa, Portugal); *Monte Zebro* (Trancoso, Portugal); *Nava de las Cencebras* (El Bonillo, Albacete, Espanha); *O Cebreiro* (Lugo, Galiza, Espanha); *Oncebreros* (La Herrera, Albacete, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Oncebrico* (Albacete, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Outeiro da Zibreira* (Torres Vedras, Portugal); *Zibreira* (Torres Vedras, Portugal); *Pico Cebrón* (Sevilla, Espanha); *Piedrafita de Cebreiro* (Lugo, Galiza, Espanha); *Portela da Zebra* (Arcos de Valdevez, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Ribeira do Zebro* (Moura, Beja, Portugal); *Rincón de Valdecebras* (Zamora, Samra, Castilla y León, Espanha); *Sebras* (Luco, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Teruel em Valdencebro* (Alacón, Teruel, Aragón, Espanha); *Valcebre* (Lérida); *Val Cebrera* (Viana, Navarra) (Frago Gracia, 1987: 71); *Valdecebro* (Teruel) (Silveira, 1948: 226); *Vale da Zebra* (Ribatejo, Portugal); *Vale das Zebras* (Figueiro dos Vinhos, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Vale de Zebrinho* (Abrantes e Santiago de Cadém, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Vallcebre* (Barcelona, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Vegacebrón* (Asturias, Espanha); *Veja de Cebrón* (Oviedo, Espanha) (Silveira, 1948: 226); *Volcán de la Encebra* (Ciudad Real); *Zebra* (Arcos de Valdevez, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebra* (Vieira do Minho e Montalegre, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebras* (Fundão e Valpaços, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebreira* (Castro Verde e Idanha-a-nova, Beira Interior Sul, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebreiras* (Ponte de Sor, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebreiro* (Vila Verde, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebreiros* (Gondomar, Porto, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebres* (Caminha, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebro* (Avis, Chamusca, Coruche, Moncique, Moura, Odemira, Santiago de Cacém e Sines, Portugal); *Zebro de Baixo* (Almodôvar, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebro de Cima* (Almodôvar, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zebro do Grou* (Santarém, Portugal); *Zebros* (Felgueiras, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zibreira* (Torres Vedras, Portugal) (Zibreira (Torres Vedras, Sobral, Sintra e Torres Novas, Portugal); *Zibreira* (Torres Vedras, Portugal) (Silveira, 1948: 226); *Zibreira da Fá* (Sobral de Monte Guaçó, Portugal); *Zibreiro* ou *Zebreiros* (Sever do Vouga, Portugal) (Zibreira (Torres Vedras, Portugal).

<sup>47</sup> Este fato já havia sido assinalado por Castro (1928: 177): “como no encuentro restos de *zebro* en la toponimia aragonesa, ¿querría esto decir que la palabra y el animal no se extendieron por el Nordeste de la Península?”.

### 3. DO ZEBRO ÀS ZEBRAS AFRICANAS – CITAÇÕES E ILUSTRAÇÕES

#### 3.1. As espécies de zebras africanas

Existem atualmente na África três espécies do gênero *Equus* (Perissodactyla, Equidae), conhecidas pelo nome de *zebras*:

1. *Equus (Dolichohippus) grevyi* Oustalet, 1882, das regiões secas e desérticas do sul e do leste da Etiópia, do norte do Quênia e antigamente do sul da Somália (hoje extinta nessa região) [Figura 3.1.].

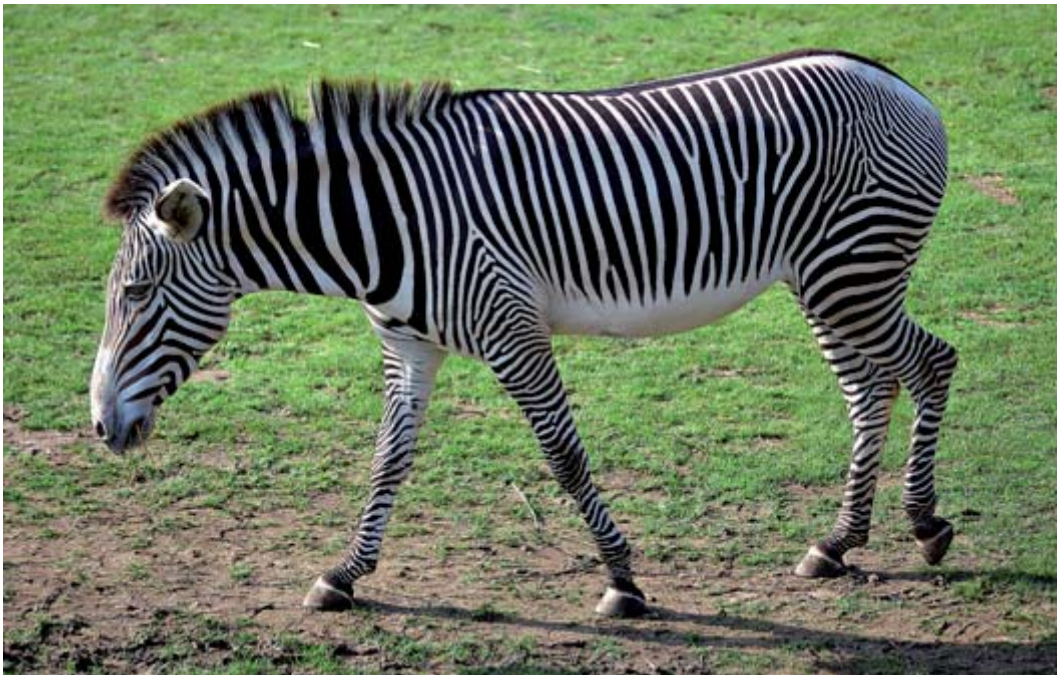


Figura 3.1. *Equus (Dolichohippus) grevyi* Oustalet, 1882.

2. *Equus (Quagga) quagga* (Boddaert, 1785), a “zebra das planícies”, com as seguintes subespécies:

(i) *Equus (Quagga) quagga boehmi* Matschie, 1892, a menor desse grupo, de Zâmbia (a oeste do rio Luangwa) para oeste, até Kariba, Província de Shaba na República Democrática do Congo, ao norte até o platô de Bibanza. Na Tanzânia ao norte, de Nyangau e Kibwezi até o sudoeste de Quênia até Stik. Acha-se também no leste do Quênia e a leste do “Great Rift Valley” até o extremo sul da Etiópia. Talvez ocorra até o rio Juba, na Somália [Figura 3.2.].





Figura 3. 2. *Equus (Quagga) quagga boehmi* Matschie, 1892.

(ii) *Equus (Quagga) quagga borensis* Lönnberg, 1921, no noroeste de Quênia, desde o Guas Ngishu e o lago Baringo até o distrito de Karamoja em Uganda. Acha-se também no sudeste do Sudão, ao leste do rio Nilo. O limite norte dessa subespécie está nos 32° N. [Figura 3.3].



Figura 3.3. *Equus (Quagga) quagga borensis* Lönnberg, 1921.

(iii) *Equus (Quagga) quagga burchellii* Gray, 1824, que ocorria ao norte do sistema fluvial Vaal/Orange até o noroeste, via Botswana meridional até Etosha e o Kaokoveld, e para sudeste até a Swaziland e Kwazulu-Natal. Atualmente está extinta na porção mediana e sobrevive apenas nos limites noroeste e sudeste de sua distribuição. [Figura 3.4].



Figura 3.6. *Equus (Quagga) quagga burchelli* Gray, 1824.

(iv). *Equus (Quagga) quagga chapmani* Layard, 1865, das savanas do nordeste da África do Sul, para o norte até Zimbabwe, oeste até Botswana, a “Caprivi Strip” na Namíbia e sul de Angola. [Figura 3.5].



Figura 3.5. *Equus (Quagga) quagga chapmani* Layard, 1865.

(v) *Equus (Quagga) quagga crawshayi* De Winton, 1896, nativa do leste de Zâmbia, ao leste do rio Luangwa, Malawi, sudeste da Tanzania e norte de Moçambique, ao sul até o distrito de Gorongosa. [Figura 3.6].





Figura 3.6. *Equus (Quagga) quagga crawshayi* De Winton, 1896.

(vi) *Equus (Quagga) quagga quagga* (Boddaert, 1785), extinta, que vivia na África do Sul. [Figuras 3.7 e 3.8].



Figura 3.7. *Equus (Quagga) quagga quagga* (Boddaert, 1785), fêmea. (Edwards, 1758: pl. 223).



Figura 3.8. *Equus (Quagga) quagga quagga* (Boddaert, 1785). Pintura de Nicolas Marechal, 1793, de um garanhão da *ménagerie* de Louis XIV.

3. *Equus (Hippotigris) zebra* Linnaeus, 1758, com duas subespécies:

(i) *Equus (Hippotigris) zebra hartmannae* Matschie, 1898, a “zebra da montanha”, do sudoeste de Angola e oeste da Namíbia. [Figura 3.9.].



Figura 3.9. *Equus (Hippotigris) zebra hartmannae* Matschie, 1898.



(ii) *Equus (Hippotigris) zebra zebra* Linnaeus, 1758, da África do Sul (Província do Cabo). [Figura 3.10].



Figura 3.10. *Equus (Hippotigris) zebra zebra* Linnaeus, 1758.

### 3.2. As citações de Cassius Dio, Philostorgius e Timóteo de Gaza

Aparentemente, a primeira citação de uma zebra africana, denominada *hippotigris* (cavalo-tigre), foi feita por Cassius Dio (ca. 155 a 163/164 – depois de 229), em sua *História de Roma* [Figura 3.11]. Disse que durante a vida de Marco Aurélio Antonino, mais conhecido como Caracala (188–217):

Ἐκ δὲ τῶν φόνων ἐς τὰς παιδιὰς ἀποκλίνων  
οὐδὲν ἤττον καὶ ἐν ταύταις ἐφόνα. ἐλέφαντα  
μὲν γὰρ καὶ ῥινοκέρωτα καὶ τίγριν καὶ ἵππο-  
τιγριν ἐν οὐδενὶ λόγῳ θείη ἂν τις φονευομένους  
ἐν τῷ θεάτρῳ· ὁ δὲ καὶ μονομάχων ἀνδρῶν ὅτι  
πλείστων<sup>2</sup> ἔχαιρεν αἵμασι

Figura 3.11. Trecho de Cassius Dio mencionando o *hippotigris* (apud Cary, 1955: 290)<sup>48</sup>.

O *hippotigris* não foi citado por Plínio, porque talvez fosse muito raramente visto em Roma (Brown, 1831: 563; Griffith, 1827: 466).

<sup>48</sup> Na tradução de Cary (1955: 291): “Veering from murder to sport, he showed the same thirst for blood in this field, too. It was nothing, of course, than an elephant, rhinoceros, tiger, and hippotigris were slain in the arena, but he took please in seeing the blood of as many gladiators as possible”.

Ὁ γυναικίος εἶδος ὁμοιώσεως  
 λέοντος δὲ, ἀφ' ἧς τὸ θηριώδες, καὶ  
 ὅτι καὶ τὸ πλεόντων τοῖς τέτρασι  
 τυχαίᾳ ποσὶν ἐρμώδῃμον, λόγου  
 ὃ τὸ θηριώδες μετέδωκε τὸ πλε-  
 σμα, ἀφ' ἧς τὸ θηριώδες αἰθερ-  
 κωδὲς ἀνιγματούδης. δὲ, ἀφ' ἧς  
 τὸ ἀσκησθῆναι φησὶν ἐπισημα-  
 ματὸν ὄντων, πολλὰ γὰρ ἐστὶν ἀ-  
 σκῆσις τοῖς ἔλλησι πρὸς τὸ θη-  
 ριώδες. ἀφ' ἧς πλεόντων. Καὶ αὐτὴ  
 ὃ χῶρος ἐστὶν ἀγροῦς μεγίστους  
 τῶν μεγάλων φέρει, καὶ πλεόντων  
 καὶ τὸ ξείλιον πεποικιλμένον,  
 λατὴν σφίσι ἐστὶν μέγιστος χρω-  
 ματος, ὃ καὶ μικροῖς συμποικιλ-  
 νομένον. ἀλλὰ ζῶνται ἕντες εἰσὶν  
 ὁποῖοι τὸ ῥαχίον ὅτι ταῖς πλε-  
 ραῖς ἐστὶν ἐπιλείπει καὶ ἡκίστοις. καὶ  
 ὅτι αὐτὰ ἔκτιναι ἔχοντα, καὶ κατὰ  
 ἕντας περὶ φέρει ἀλλήλαις ὁ-  
 ρητοῦσθαι, ἡματιῶν ἕνα καὶ  
 ἕνα ἀφ' ἧς τὸ πλεόντων καὶ  
 πεποικιλμένον. ἀλλὰ γὰρ δὲ καὶ ὁ  
 φησὶν τὸ πολυφύλλον ὄντων  
 καὶ αὐτὸς τυχαίᾳ γινώσκων.  
 καὶ μὲν δὲ καὶ τὸ Σιπτικὸν ἔκτιναι ἕνα καὶ  
 ὁποῖοι τὸ ῥαχίον, καὶ τῆς αἰθερπίτης γλώττης

muliebris speciei similitu-  
 dinem : leonis verò pro-  
 pter feritatem, & quod ut  
 plurimum in quatuor pe-  
 des erectum stet: Sermo-  
 nem verò fictio animaliti tri-  
 buit, propter vocem hu-  
 manæ similem; ænigmati-  
 cum autem finxit, eo quod  
 incerta sonet. Neque mi-  
 rum id, nam & multa alia  
 Gentilibus mos est, in fa-  
 bulam vertere. ¶ Sed &  
 hæc ipsa regio fert *Asinos*  
*agrestes* maximos & pelle  
 versicolores admodum, al-  
 bo nigroque colore haud  
 parum interstinctos: Sed  
 & zonæ his quædam sunt  
 à spinâ dorsi ad latera ven-  
 tremque usque demissæ,  
 indeque diuisæ, & conuol-  
 uulis quibusdam inter se  
 implicatæ mirum quædam  
 & peregrinū exhibent ne-  
 xum & varietatem. ¶ Quia  
 & *Phoenix*, famosa illa avis,  
 apud eos nascitur: ut &  
*Pittacus* indo allatum vi-  
 di, quæ auium est loqua-  
 cissima & humanæ lingue

P 2

Figura 3.12. Menção da zebra da Etiópia por Philostorgius (Godefroy, 1643: 43).

Posteriormente foi mencionada por Philostorgius. Nascido na Capadócia por volta do ano 364, no seio de uma família humilde, Philostorgius dirigiu-se a Constantinopla em sua juventude; não se sabe se ali foi educado para a carreira legal ou eclesiástica. Compôs uma história da igreja, desde o começo do cisma ariano até o ano de 425. Em sua narrativa incluiu muitas curiosidades geográficas e outros detalhes sobre regiões remotas e desconhecidas da Ásia e da África, tratando também de vários animais. Essa obra não mais existe e só é conhecida a partir da *Epitome* compilada por São Photius de Constantinopla (ca. 810 - ca.893). Na edição de Godefroy (1643: 43) [Figura 3.12], a passagem relativa à zebra é a seguinte:

“Sed & hæc ipsa regio fert *Asinos agrestes* maximos & pelle versicolores admodum, albo nigroque colore haud parum interstinctos: Sed & zonæ his quædam sunt à spinâ dorsi ad latera ventremque usque demissæ, indeque diuisæ, & conuoluis quibusdam inter se implicatæ mirum quædam & peregrinū exhibent nexum & varietate”.

Na edição melhor de Migne (Photius, 1864: coluna 498) temos:

“Caeterum eadem regio fert etiam asinos agrestes, statura maximos, et pelle mirum in modum variegata, albo ac nigro colore sibi invicem valde permisso: quippe zonas quasdam habent, a spina dorsi ad latera et ad ventrem usqua demissas, ibique divisas, quae per círculos quosdam sibi invicem innexae, mirabilem quandam texturam efficiunt ac varietatem”<sup>49</sup>

Timóteo de Gaza (491-518), em seu *Peri Zoon*, foi o terceiro a citar o animal. Bodenheimer & Rabinowitz (1949) publicaram a tradução dessa obra.

### 3.3. Referências à zebra durante a Idade Média

Escrito no Egito no 5º. Século da Hégira (século X da era comum), por autor desconhecido, o *Kitāb al-dahā'ir wa l-tuḥaf* (“Livro dos tesouros e presentes preciosos”) traz uma das mais antigas citações da zebra no mundo árabe. Devemos a Mohammed el-Chennafi (1976) a publicação dessa preciosa informação:

“C’est un recueil d’anecdotes, réparties en chapitres, sur le theme des présents somptueux que les souverains et hauts personnages s’offraient dans les diverses circonstances de la vie officielle ou privée. L’accent est mis, mais non exclusivement, sur les fastes de la cour fātimide. Il évoque en arrière-plan une Egypte prospère, grâce au croisement des itinéraires d’échanges, au cours d’une phase active, entre l’Océan Indien et Méditerranée, Asie Centrale et Soudan Occidental. Les informations sont très souvent circonstanciées, avec indication des autorités – y compris témoignages oculaires pour l’époque de l’auteur –, dates, détails précis dans l’énumération des cadeaux. Au pages 66-67, figure le récit de l’envoi de présents, fait en 359 H./ 969-970 ap. J.-C., par ‘Ishāq ibn Ziyād, maître du Yaman’ au souverain buwayhide d’Irak ‘Bahliyār ibn Um’izz al-dawla’. La liste des présents comporte ‘une ânesse rayé provenant d’une des régions d’al-Ḥabaša sur laquelle règne une femme”

«حارة مخططة من  
بلد من بلدان الحبشة تملكه امرأة»

Les souverains nommés dans ce passage sont connus. Abu ‘l-Ġayṣ Ishāq ibn Ibrāhim Ibn Ziyād qui régna de 291 à 371 H./ 904-981 ap. J.-C., appartenait à la dynastie ziyādide de Zabīd qui domina les Basses-Terres (Tihāma), et non l’ensemble du Yaman, durant deux siècles (202-412 H./ 820-1021 M.). [...]. Bahliyār (356-367 H./ 967-977 M.) était le second prince buwayhide d’Irak. La date de cette ambassade pourrait être plutôt 357 H./ 967-968 H., soit peu de temps après l’avènement de Bahliyār [...].

Les Ziyādides, maîtres des côtes orientales de la Mer Rouge et de quelques îles, entretenaient des relations politiques et commerciales avec les contrées de la rive en face, Ethiopie et Corne Orientale. L’ânesse royale – il doit s’agir d’un zèbre femelle – devait faire partie de cadeaux au Ziyādide, à l’occasion d’une ambassade envoyée par la ‘reine”.

Munro-Hay (1991) acrescenta:

“It seems more than likely that this queen is identical with the Queen enshrined in Ethiopian legend as the destructive Gudit, Yodit, or Esato, who invaded the kingdom and drove the legitimate kings into hiding, in spite of her legendary association with the establishment of the Sagwé kings”.

Abu Hamid Muhammad ben Abd al-Rahman (ou Abd al-Rahim) ben Sulayman al-Mazini al-Qaysi al-Gharnati (1080-1170), viajante andaluz, escreveu o *Tukfat al-albab wa nukhbat al a’djab* (*Presente dos Espíritos*), em que descreveu as coisas maravilhosas e estranhas vistas em suas viagens. Também citou a zebra (cf. Ferrand, 1925: 267-268; o autor publicou o texto árabe e uma tradução parcial):

<sup>49</sup> Na tradução de Amidon (2007: 49): “The same country also contains the most enormous wild asses, whose coat is strongly variegated, with white and black splashes of color all jumbled together; they form stripes reaching from the spine to the flanks and abdomen, where they separate and wrap about each other in swirls to produce a strange and remarkable intricacy and variety”. Existe outra tradução de Photius para o inglês, feita por Walford (1855).



“Dans le pays du Zeng (ou Zenj)<sup>50</sup>, il y un âne dont la robe est semblable à l'étoffe *al-'itābi* qui est rayé de blanc et de noir<sup>51</sup>: les rayures sont égales, plus belles que les rayures blanches et noires de la soie *al-'itābi* de Bagdad et du Horasān. Sa peau a été conservée, rembourré de coton et on le sort le jour de la fête. C'est une des merveilles du monde”.

Jourdain de Séverac, Jordanus ou Jordan Catalá, em latim Jordanus Catalanus (ca. 1280 – após 1330), missionário e explorador da África e da Ásia, descreveu as maravilhas que viu em suas viagens no *Mirabilia Descripta*, provavelmente redigido enquanto era bispo de Malabar (1329-1330). Segundo ele, numa “região entre a Etiópia e a Índia” (notar que a frase é quase a mesma que a de al-Gharnati), havia um animal semelhante a um asno, mas listrado de preto e branco (Jordanus, 1839: 57):

“Ibi sunt quaedam animalia ad modum asini laminati per transversum de nigro et albo; ita quòd una lamina est nigra et altera alba. Ista animalia sunt ita pulchra quod est mirabile”<sup>52</sup>.

Al-Mufaddal ibn Abi al-Fada'il, historiador egípcio do século XIV e cristão copta, em sua obra *al-Nahdj as-sadid wa-l-durr al-farid fimâ ba'd Ta'rîkh Ibn al'Amîd (História dos sultões mamelucos)*, completada em 1358, citou uma zebra doada ao chefe mongol Berke Khan em 1262 (cf. Blochet, 1982: 453) [Figura 3.13]:

العدوّ يعنى هولاءون كافر وقد تعدّى على قتل المسلمين واستولى على بلادهم وقد رأيت  
ان تقصده انت من جهتك واقصده انا من جهتي وضدته يداً واحدة ونزيحه عن البلاد وانا  
اعطيك ما في يده من بلاد الاسلام فشكر له السلطان على ذلك ونقذ اليه هدية حنة  
ورسولاً وهو السيد الشريف عماد الدين عبد الرحيم الهاشمي العباسي والامير فارس الدين  
اقوش المسعودي الاسدي صحبة رسل بركة وكان في جملة الهدية من الوحوش الغريبة في  
تلك الارض فيل وزرافة وقرود وحشيرة عتائية<sup>1</sup> وهجن وحمبر مصرية وجملة كبيرة  
من ملبوس ومصاغ وشمعدانات<sup>2</sup> فضة وحصر عبدانية وامتعة واوان صيني<sup>3</sup> وثياب سكندري<sup>4</sup>

Figura 3.13. Texto árabe à página 453 de Blochet (1982).

“Le sultan rendit grâces à Berké de ces propositions, et il lui envoya de beaux présents ainsi qu'un ambassadeur, le sayyid sharif 'Imad ad-Din 'Abd ar-Rahim al-Hashinmi al-'Abbassi, et l'émir Faris ad-Din Oughoush al-Mas'oudi al-Asadi, pour accompagner les ambassadeurs de Berké. Parmi tous les présents qu'il lui faisait parvenir, il y avait, comme bêtes sauvages inconnues dans ce pays lointain, un elephant, une giraffe, des singes, des zèbres<sup>53</sup>, des dromadaires, des ânes d'Égypte, une quantité considérable de vêtements, de bijoux, des candélabres d'argent, des tapis fabriqués à 'Abdan, des objets mobiliers divers et sortant de la manufacture des broderies, du sucre candi et du sucre blanc en quantité considérable”.

<sup>50</sup> *Zanj*, “terra dos negros, nome usado pelos geógrafos árabes medievais para designar certas partes da África oriental e seus habitantes. Aplica-se à região situada ao sul dos planaltos da Etiópia e a Somália, habitada pelos Zenj, ou Zinj, um grupo de fala bantu.

<sup>51</sup> Diz Ferrand (1925: 268, nota 1): “Il s'agit naturellement du zèbre. Il est curieux de constater qu'aucun peuple oriental en dehors des Somalis n'a de nom pour le zèbre. Ceux-ci le désignent sous le nom de *fār'o*”. Cohen (1956: 317) acrescenta: “...faroo est une des désignations du zèbre en somali. [...] dans diverses langues bantoues du Nord-Est et de l'Est [de l'Afrique], géographiquement les plus proches du somali, le même mot se retrouve comme désignation soit du zèbre soit de l'âne, avec des formes peu divergentes: *mpuru*, *mburu*, *foro*, *bori*, *puru*, *buru*, *burru*, etc.”.

<sup>52</sup> Na tradução de Yule (1863: 44): “here also be certain animals like an ass, but with transverse stripes of black and white, such as that one stripe is black and the next white. These animals be wonderfully beautiful”.

<sup>53</sup> Blochet (1982: 453, nota 4) faz notar: “Litt. ‘des ânes sauvages à la robe ondée’ (*hamīr waḥṣīyya 'aṭṭābiyya*)”.

Shihab ad-Din Abu al-‘Abbas Ahmad ben Fadl Allah al-‘Umari, ou simplesmente al-‘Umari (1300-1384), nascido em Damasco, escreveu o *Ta’rif bi’l mustalah ash-sharif* (“O nobre livro das definições do costume estabelecido”), no qual designou a zebra pelo nome de *himāra ‘aṭṭābiyya* (?nome da fêmea), distinguindo-a do asno selvagem, chamado *ḥimār waḥṣī* (Cohen, 1956: 330, addition 1; Buquet, 2013: 384).

Taqi ad-Din Abu al-Abas Ahmad ibn ‘Ali ibn ‘Abd-a-Quadir ibn Muhammad al-Maqrizi (1364-1442), em sua história dos sultões mamelucos do Egito (cf. Quatremère, 1840: 49) escreveu que, em 1267 (666 da Hégira):

“Sur ces entrefaites, le sultan partit de Safad, prit la route du Caire, et entra sain et sauf au château de la Montagne. Il reçut des ambassadeurs envoyés par le souverain du Yémen, et qui lui présentèrent vingt chevaux équipés comme pour la guerre, plusieurs éléphants, **une ânesse sauvage, de couleur d’attabi**, ainsi qu’un grand nombre de choses curieuses et de d’objets précieux\*”.

\*

**la guerre, plusieurs éléphants, une ânesse sauvage, de couleur d’attabi** عتابة اللون, ainsi qu’un grand nombre de choses curieuses et d’objets précieux.

Giovanni Giovano Pontano (1429-1503), humanista e político italiano, em sua obra *De Magnificentia*, escreveu que um “asno” listrado fora visto em Nápoles, no final do século XV, um presente de um “príncipe assírio” a Fernando de Aragão (1380-1461) (Pontano, 1501 [sem paginação]):

“Nuper Assiriorum Rex ad Ferdinandum inter alia munera Camelus pardalū misit, & asinū quē ex ultimis orientis partibus adductum cōstat. Quid asilius uilius. Ad eū tamē spectandū multi remotissimis e locis uenere. Fecit autē spectabilē res unaq’, cū esset maculoso pilo uirgatum corpus ostentabat, diversi coloribus ac paribus lineis. Fuere in his munerib<sup>9</sup> res quidē multe & preciose, duo tamē haec animalia, ut peregrina, ut nō ante uisa reddidere donum ipsum etiā spectandum”.

### 3.4. Zebras em mosaicos de Israel, Jordânia e Turquia

Descoberta em 1965 por arqueólogos egípcios na antiga cidade de Maiumas, na faixa de Gaza, a Sinagoga Antiga de Gaza, construída em 508 d. C. tem um mosaico de três metros de altura e quase dois de largura mostrando o rei Davi com coroa, tocando uma lira. Há também um pavimento de mosaicos, com três colunas e onze medalhões (a base está danificada), com figuras alternadas de mamíferos e aves, com cenas de caça de animais selvagens nas fileiras 2, 4 e 8. Na sexta fileira duas girafas ladeiam uma zebra (cf. Hachlili, 1988: 312, pl. 86, 2009: 112, fig. VI-1).

Também na planície costeira de Gaza, no Kibbutz Kissufim, foram descobertos os restos de uma igreja bizantina de meados do século VI. A descoberta foi acidental – um condutor de trator estava preparando o campo para novas plantações, em 1977, e descobriu fragmentos de mosaicos coloridos. Vários animais estão representados, incluindo uma zebra. Cohen (1980) publicou um artigo sobre suas escavações desse sítio e descreveu os mosaicos. Sobre os animais, declarou:

“The mosaic pavement of the northern aisle had also been badly damaged, especially at its eastern end, by both the 20th century Arab building and by the Israeli tractor. The remaining surface is well preserved and consists of a series of 12 animal scenes set one above the other (...). Of the scenes which remain, three pertain directly to hunting. The most striking depicts a horseman spearing a leopard with his lance. A second shows a hunter on foot, holding a sword and shield, struggling in hand-and-hand combat with a bear. In the final hunting scene, an antelope and hare are being pursued by a hound with its collar and leash still around its neck – a common scene in hunt-

ing scenes of the time. Two other scenes feature combat between animals and a lion attacking a bull and a griffon seizing a swan. Five panels treat more peaceful themes: a lioness and her cub; a man milking an animal (perhaps a goat); an elephant and a giraffe; prancing **zebras**; and sheep nibbling at foliage”.

Ainda em Israel, na antiga cidade de Citópolis (Scythopolis; atualmente Beth She’an), fora dos muros bizantinos da cidade, numa colina oposta ao “tell” chamado Tell Istaba, arqueólogos acharam um monastério cristão que fora contruído em 567, chamado da “Senhora Maria”, uma das ricas doadoras mencionadas numa inscrição. Num mosaico estão representadas uma girafa, uma zebra e um avestruz. Para Dauphin (1978: 407), os desenhos de animais exóticos em Beth She’an deveriam ter sido baseados em observações dos próprios animais; estes poderiam ter passado através de Citópolis numa parada de animais exóticos semelhante à que passara por Gaza, assinalada por Timóteo de Gaza. Ali, em 496, um homem da Índia trouxera duas girafas e um elefante para o imperador bizantino Flavius Anastasius Augustus ou Anastasius I Dicorus (430-518). Segundo a mesma autora, a presença de representações de animais exóticos em Gaza pode ser explicada pela sua posição geográfica, como junção de rotas de caravanas e um centro de comércio – de onde os animais eram comercializados ou importados.

No Monte Nebo (814 metros de altura), na Jordânia, em seu ponto mais alto – Syagha – foram descobertas em 1933 as ruínas de uma igreja e de um monastério; a igreja foi aumentada em fins do século V e reconstruída em 597. O Monte Nebo foi mencionado na Bíblia como o lugar de onde Moisés pôde ver a Terra Prometida, na qual nunca entraria. Na fileira inferior do pavimento do *Diakonikon* há duas figuras, uma representando um negro levando um avestruz e a outra um homem em roupagens orientais conduzindo uma zebra e uma girafa (cf. Hachlili, 2009: 168, pl. VII.15c).

Talvez o mais belo mosaico representando uma zebra foi encontrado na Turquia, na cidade de Şanlıuفا (antiga Edessa), num palacete romano com 14 quartos, ocupando uma área de 1277 m<sup>2</sup>, construído entre o final do século V e o começo do século VI. A figura representa um negro conduzindo uma zebra e foi reproduzida por Merola (2010).

### 3.5. A mais antiga figura de uma zebra na Europa

Em 1261 emissários egípcios chegaram em Sevilha, na corte de Alfonso X, o Sábio, vindos da parte de Baybars<sup>54</sup>, sultão mameluco do Egito e da Síria de 1260 a 1277. Traziam presentes: tecidos, joias e, como consta da *Crônica* de Alfonso, o Sábio:

“otrosi trajieron un marfil é una animalia que decian azorafa<sup>55</sup>, é **una asna, que era buiada**<sup>56</sup>, **que tenia la una banda blanca é la otra prieta**, é trujéronle otras bestias é animalias de muchas maneras” (cf. Buquet, 2013: 181).

Buquet (2013: 382) comentou:

“Fait rare, cette description et cette liste d’animaux sont confirmées par une image à peine postérieure: une miniature des célèbres *Cantigas de Santa Maria*, recueil de chansons dédiées à la Vierge Marie, ayant pour auteur

<sup>54</sup> Al-Malik al-Zāhir Rukn ad-Dīn al-Şāliḥī al-Bunduqdārī.

<sup>55</sup> “Le vocabulaire utilisé par la chronique espagnole pour nommer et décrire les animaux étrangers et exotiques entretient des rapports étroits avec les zoonymes orientaux. Les mots *marfil* et *azorafa* semblent des adaptations directes de l’arabe: on y reconnaît les zoonymes *fil* (éléphant) et *zarāfa* (*girafe*). Le zèbre n’a pas de nom spécifique” (Buquet, 2013: 382).

<sup>56</sup> “*buiada*, dans ce contexte, ne pourrait-il pas signifier ‘rayé?’” (Buquet, 2013: 381).

Alphonse le Sage lui même, et dont le manuscrit richement enluminé a été réalisé spécialement pour le roi. La miniature\* [\*Madrid, Bibl. de l'Escorial, T.j.I, Cantiga 29. Les trois autres manuscrits conservés (Madrid, Bibl. de l'Escorial, JB2, Bibl. Nazionale centrale, BR 20 et Madrid, Bibl. Nat., TO, incomplets, ne contiennent pas cette miniature. Les quatre manuscrits datent d'environ 1270] nous montrent un ensemble d'animaux, pour la plupart agenouillés, priant la Vierge. À droite, on reconnaît un elephant, un lion, un dromadaire, et, de façon plus exceptionnelle, le cou d'une giraffe, ainsi que la tête d'un zebra [Figura 3.14]. Tous ces animaux sont figurés avec un réalisme étonnant pour l'époque, notamment la giraffe et le zèbre, dont il s'agit là des plus anciennes représentations naturalistes de l'art occidental. Cette grande qualité artistique peut accréditer l'idée d'une étude d'après nature, prise sur le vif dans la ménagerie du roi”.



Figura 3.14. Zebra em miniatura das *Cantigas de Santa Maria*, MS. do Escorial.

### 3.6. Zebras na China

Zhao Rugua (1170-1228), um inspetor de alfândega da cidade de Quanzhou durante o final da dinastia Song, escreveu um livro em dois volumes intitulado *Zhufan Zhi* (“Descrições dos povos bárbaros”), por volta de 1225. O primeiro volume contém um catálogo de lugares estrangeiros com a descrição de cada lugar, costumes do povo local e as mercadorias produzidas. O segundo é um catálogo das mercadorias. A obra foi traduzida por Hirth & Rockhill (1911), onde lemos, à página 128, no capítulo 25, intitulado Berbera Coast<sup>57</sup>, o seguinte:

“The country brings forth also the (so-called) ‘camel-crane’ [avestruz], which measures from the ground to its crown from six to seven feet. It has wings and can fly, but not to any great height.

There is also (in this country) a wild animal called *tsu-la* [girafa]; it resembles a camel in shape, an ox in size, and is of a yellow colour. Its fore legs are five feet long, his hind legs only three feet. Its head is high up and turned upwards. Its skin is an inch thick.

There is also (in this country) a kind of mule with brown, white and black stripes around its body [zebra]. These animals wander about the mountain wilds; they are a variety of the camel. The inhabitants of this country, who are great huntsmen, hunt these animals with poisoned arrows”.

Zheng He (ou Ho) (cf. Duyvendak, 1933; Filesi, 1962, 1972; Information Office of the People’s Government of Fujian Province, 2005; Moule, 1025; Pelliot, 1933, 1935, 1936; Rockhill, 1925; Willetts, 1964) nasceu por volta de 1371 no que é hoje a província de Yunan, na

<sup>57</sup> Pi-p’a-lo (弼琶羅) no original. Segundo Hirth & Rockhill (1911: 128, nota 1), “is Berbera, the Somali coast generally”.



China, no seio de uma família muçulmana. Seu nome original era Ma He; o nome Ma referia-se ao Profeta Maomé. Aos 10 anos de idade Ma foi capturado, juntamente com outras crianças, quando o exército chinês invadiu Yunan para tomar conta da região. Quando completou 13 anos foi castrado, junto com outros prisioneiros, e posto a serviço do quarto filho do imperador chinês, o príncipe Zhu Di. Este mudou o nome de Ma para Zheng He. Quando Zhu Di tornou-se imperador, adotando o nome de Yongle, em 1402, Zheng He obteve grande poder. Yongle nomeou Zheng He almirante e ordenou-o a supervisionar a construção de uma Frota do Tesouro, para explorar os mares que cercavam a China. Zheng He fez três viagens explorando a Ásia. Durante a quarta viagem, até a sétima, alcançou a África Oriental.

Numa estela (162 cm de altura por 76 de largura) erigida em novembro de 1431, antes da sétima (e última) viagem de Zheng He, em Ch'ang-le, província de Fukien, no templo da deusa “Esposa Celestial” (Tian Fei ou Mazu) há uma longa inscrição, resumindo o sucesso das navegações de Zheng He, agradecendo a proteção da deusa e celebrando as glórias da dinastia Ming obtidas por esses empreendimentos. Nela constam os animais trazidos numa dessas expedições [cf. Pieter Derideaux. Medieval authors about East Africa. Zheng Ho: Two inscriptions (1431). [www.geocities.ws/derideauxp/cheng\\_ho.html](http://www.geocities.ws/derideauxp/cheng_ho.html)]:

“In the fifteenth year of Yung-le [1417] commanding the fleet we visited the western regions. The country of Hu-lu-mo-ssu [Ormuz] presented lions, leopards with gold spots and large western horses. The country of A-tan [Aden] presented ch'i-lin of which the native name is Tsu-la-fa [giraffe], as well as the long-horned animal ma-ha [oryx]. The country of Mu-ku-tu-shu [Mogadishu] presented hua-fu-lu<sup>58</sup> [zebras] as well as lions. The country of Pu-la-wa [Brawa] presented camels which run one thousand li as well as camel birds [ostriches]. The countries of Chao-wa [Java] and Ku-li [Calicut] presented the animal mi-li-kao”.

Zhu Quan (1378-1448), príncipe de Ning (*Ning xiang wang*) foi o 17º. filho do Imperador Hongwu, da Dinastia Ming. Escreveu o *I Yu Thu Chih* (“Registro ilustrado de países estranhos”), em 1430. Nessa obra há uma figura da zebra [Figura 3.15] [cf. Pieter Derideaux. Medieval authors about East Africa. Ning Xiang Wang (Zhu Quan). *I Yu Thu Chih [Yi Wu Tu Zhi]* (1430) (The Illustrated Record of Strange Countries). [www.geocities.derideauxp/ning\\_xian\\_wang.html](http://www.geocities.derideauxp/ning_xian_wang.html)].

Ma Huan (1380-1460) acompanhou Zheng He em três de suas viagens, mas não naquela que incluiu a África Oriental. Por volta de 1451 escreveu seu livro de viagens, *Yingyai shenglan* (“Levantamento geral das praias do oceano”), onde também citou a zebra. Essa obra foi traduzida por Mills (1970).

Huang Sheng-Zeng escreveu em 1520 o *Xiyang Zhaogong Dianlu* (Registros dos tributos feitos por países do Oceano Ocidental). Dos animais enviados à China desde Aden disse [cf. Pieter Derideaux. Medieval authors about East Africa. Houang Cheng-ts'eng: Si Yang tchao kong tien lou (Records on tributes made by foreign countries from the Western Ocean, [www.geocities.ws/derideauxp/houang\\_cheng\\_tseng.html](http://www.geocities.ws/derideauxp/houang_cheng_tseng.html)):

“There are twelve strange things among the articles of merchandise... the 7th is called ch'i-lin (giraffe), the 8th is called shih-tzu (lion), the 9th is called hua fu-lu (zebra), the 10th is called chin ch'ien pao (cheetah?), the 11th is called t'o chi (ostrich)... [Of one] the shape is like a mule, white body, white face and black stripes. The name is called hua fu-lu...” (cf. Pieter Derideaux. Medieval authors about East Africa. Houang Cheng-ts'eng: Si Yang tchao kong tien lou (Records on tributes made by foreign countries from the Western Ocean, [www.geocities.ws/derideauxp/houang\\_cheng\\_tseng.html](http://www.geocities.ws/derideauxp/houang_cheng_tseng.html)).

---

<sup>58</sup> Segundo Bretschneider (1871: 21): “花福祿 *hua fu lu*, spotted fu lu.”. *Fu lu* é a versão chinesa do nome somali da zebra que, segundo Larajasse (1897: 46, 288) é *farow*. Ver também a nota 51 acima. A palavra somali é a mesma raiz semítica para outros equídeos, como o onagro (cf. 6.5).





Figura 3.15. Figura da zebra no *Yi Wu Tu Zhi* de Zhu Quan (1430).

Na tradução de Mills (1970: 158):

“The ‘fu-lu’ resembles a mule; it has a white body and white face; between the eye-brows there starts imperceptibly a pattern of very fine black lines which extend over the whole body as far as the four hooves; these fine lines take the form of spaced stripes [and look] as though the black pattern was painted on”.

Nos “Anais da Dinastia Ming” [*Ming Zhi*], do séc. XV, capítulo 396, existem duas citações da zebra. Uma referente à cidade de Hormuz, onde se diz que a região produz leões, *k’i-lin* (animal fabuloso dos chineses; no caso, nome talvez aplicado ao antílope *Oryx beisa*, da África Oriental), *t’o-ki* (avestruz) e *fu-lu* (zebra) (cf. Bretschneider, 1888: 134). A segunda, referente à cidade de Barawa (ou Brava), na Somália (*Pu la wa* no texto chinês), situada a 200 km de Mogadiscio (*Mu ku tu su* em chinês), a capital da Somália, consta de Bretschneider (1871: 21) [Figura 3.16]:

不刺哇 *Pu la wa* (Ming shi, chap. 326,) adjoins Ma ku tu su and is likewise on the sea,—has little grass and few trees, but produces plenty of salt. There are rhinoceroses, elephants, camels, an animal 馬哈獸 *ma ha shou*, which resembles the 獐 *chang* (antelope) and another animal resembling the ass, is called 花福祿 *hua fu lu*, spotted fu lu.

Figura 3.16. Trecho do *Ming Shi* citando a zebra (*hua lu fu*) (Bretschneider, 1871: 21).

### 3.7. A zebra do imperador Jahangir

Nur-ud-din Mohammad Salim, conhecido por seu nome imperial Jahangir (1569-1617) [Figura 3.17] foi o quarto imperador Mughal, tendo reinado de 1605 até sua morte em 1627. Muçulmano sunita, mas não estrito, foi tolerante com jesuítas, permitindo-os manter discussões públicas com os *ulemās* ortodoxos e até fazer conversões. Fascinado por arte, ciência e arquitetura, desde jovem demonstrou grande interesse pela pintura, levando-a a um grande desenvolvimento. O pintor Ustad Mansur (cf. Verma, 1999) tornou-se um de seus melhores artistas, tendo documentado animais e plantas encontrados durante as expedições militares do imperador ou recebidos como presentes de emissários de vários países. Jahangir foi também um naturalista; manteve um grande aviário e um jardim zoológico, mantendo um registro de cada espécie e executando experiências. Entre outras raridades, chegou a ter um Dodô e um peru da América do Norte.

Em 1621, segundo consta de suas memórias, escritas em persa – o *Tūzuk-i-Jahāngīrī* (cf. Rogers, 1914: 200-201):

“Mukarram K., governor of Orissa, sent by way of offering thirty-two elephants, male and female, and these had the honour of being accepted. At this time I saw a wild ass [**zebra**] (*gūr-khar*), exceedingly strange in appearance, exactly like a lion [sic; tiger]. From the tip of the nose to the end of the tail, and from the point of the ear to the top of the hoof, black markings, large or small, suitable to their position, were seen on it. Round the eyes there was an exceedingly fine black line. One might say the painter of fate, with a strange brush, had left it on the page of the world. As it was strange, some people imagined that it had been coloured. After minute inquiry into the truth, it became known that the Lord of the world was the Creator thereof. As it was a rarity, it was included among the royal gifts sent to my brother *Shāh ‘Abbās*<sup>59</sup>”.



Figura 3.17. O imperador Jahangir.

<sup>59</sup> Referência ao Xá da Pérsia Shah Abbas I (1571-1629) [Figura 3.18].



Figura 3.18. Jahangir abraçando o Xá da Pérsia Shah Abbas I.

Essa zebra foi pintada por Ustad Mansur [Figura 3.19]. No lado direito da figura Jahangir escreveu de seu próprio punho, segundo Verma (1999: 136):

“Astarī ki Rūmān az Ḥabsha bā hamrāhī-e Mīr Já’far āwurda būdand. San 1030 Hijrī Shabīh-i īn rā Nādir u’l ‘Aṣrī Manṣūr kashīdan. San 16 (A zebra (lit. mule) which the Turks who came in company with Mīr Ja’far had brought from Abyssinia Year 1030 of the Hijra [AD 1621]. Painted by Nādir u’l ‘Aṣrī [Wonder of the Age] Ustād Manṣūr. 16th Regnal year [1621])”.



Figura 3.19. Desenho da zebra feito por Ustad Mansur em 1621.

### 3.8. Notícias sobre as zebras africanas por autores europeus (séculos XVI e XVII)

Como comentado por Antunes (2006: 233):

“The *zebro* became extinct, but the noun survived as applied to the African striped equids. Portuguese navigators, missionaries and chroniclers in charge of writing voyage reports had reached coastal and inland areas inhabited by the striped equids in the XVth century. It seems useful to check the Portuguese North to South progression along western Africa: Cabo (= Cape) Bojador 1434; Cabo Branco 1441; Banco dos (= Bank of) Arguim 1443; Cabo Verde (on the coast, not the islands) 1444; Serra Leoa (Sierra Leone) 1460; Cabo das Três Pontas (Cape Three Points) 1470; Fernando Pó Island 1472; Rio (River) Zaire (lower reaches) 1482; Cabo Negro (Southern Angola) 1486; Cabo da Boa Esperança (Cape of Good Hope) South Africa 1487. In East Africa, Portuguese contacts with Ethiopia were established by Pêro da Covilhã in 1486. News came back to Portugal.

Zebras (...) inhabited the Maghreb but became extinct here. Some regions reached by the Portuguese were inhabited by striped Equids. However, no confusion was possible with asses or horses or their hybrids, so common in Portugal and in Morocco. In Portuguese, asses are named *asno*, *burro* or *jumento*; horse is named *cavalo*.

For the Portuguese, if there were wild asses they would naturally be named as above, or as *burro bravo* or *asno bravo* (*bravo* = wild).

A new name was required for equids that were not horses nor asses, i. e. the striped ones. A word that would be easy to remember was *zebro*, a name that still was in use, at least as a recent tradition, for an equid roughly similar to the striped ones, with the black longitudinal stripe along the back and maybe dark patches on the legs: the *zebro* or *zevro*.

The Portuguese called these striped animal *zebras* [...]. This name was subsequently used in the XVIIth century by Italian, French and German authors”.

Devemos a primeira notícia sobre o nome português “zebro” aplicado à zebra africana a Pigafetta, baseado no relato de Eduardo ou Duarte Lopes, que explorou o Congo de 1578 a 1582. O texto de Pigafetta (1591: 30-31), é o seguinte:

“Nasce parimente in questa contrada altro animale, che chiamano **Zebra**, comune anco ad alcune prouintie della Barbaria, & dell’Africa, il quale essendo al tutto delle fatezze d’vna mula grande, non è mula, perche partorisce i figli, & haue il pelo molto singulare, & eccettuato da gl’altr’animali, conciosia cosa che dal filo della schiena inuerso il ventre sta listato di tre colori, nero, bianco, & leonato scuro, andandosi à congiungere insieme le liste larghe d’intorno à tre dita, ogn’vna alla sua in cerchio, & cosi il collo, & la testa, & le chiome non grandi, & l’orecchie, & le gambe tutte alternate di questi colori con tal ordine, che infallibilmente se incomincia dal biâco segue il nero, & nel terzo luogo il leonato, & poi vn’altra volta se incomincia dal bianco, & finisca nel leonato, mantenêdo sempre la regola stessa. La coda haue à guisa di mula di color morello mal tinto, & lustro, & li piedi à guisa di mula, & le vnghie, ma il resto del portamento è leggiadro, & gaio alla somiglianza del cauallo, & sopra tutto nell’andare, & nel correre ammirabilmente leggiero, & veloce à tanto che in Portogallo, & in Castiglia ancora si dice, **veloce come Zebra** [negrito nosso] per notare vna estrema prestezza. Partoriscono ogn’anno questi animali, & si trouano in copia innumerabile tutti saluatichi. Seruirebbero fatti mansueti per correre, & tirare, & in guerra, & nelle altre cose tutte come li bonissimi caualli: talche pare la madre natura hauer proueduto in ogni contrada al comodo, & alla necessitâ degli uomini con diuerse maniere di animali, & di alimenti, & di temperanza d’aere, accioche nulla loro manchi. Non hauendo adunque in tutto il reame di Congo caualli ne sapendo vsare li buoi al giogo, ò col basto per farsi tirare ò portare, ne domesticano le Zabre [sic] col freno, & la sella, ouero in altra maniera pigliando la commodità di farsi condurre da bestie, la necessitâ mostrò loro l’adoprarè gl’huomini inuece di giumenti: & cosi in certe quasi lettieri coricandosi, ò ponendosi à sedere coperte dal sole, ouero con le ombrellesi fanno portare da loro schiaui, ouero da huomini, che per guadagno stanno per cio alle poste.

E chi vuol andar veloce mena seco molti schiavi, & stanchi li primieri, sottentrano al peso li secondi, & cosi successiuamente cambiandosi, come fanno i Tartari de’ Caualli, & li Persiani: vanno tanto velocemente quegli huomini auezzi à cotali fatiche, & mutandosi spesso, agguagliano il galoppo de’ postiglioni. **De’ quali modi di farsi portare, & d’andar in viaggio habbiamo disegnato le figure, & della Zabra, & degli habiti delle femine, & de gli huomini, & de’ soldati, & de suoni militari, & dell’albero della palma** [nossa ênfase]<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Na tradução de Hutchinson (1881: 50-51): “In this country another animal is found, called the Zebra. It is common also to some parts of Barbary and Africa, and, though in all respects like a mule, still is not one, as it produces male progeny. It has a very peculiar skin, and different from all other creatures, inasmuch as from the back bone round towards the body it is streaked with three colours, black, white, and dark brown. These large stripes are three fingers’ length from each other, and meet in a circle, every row with its own colour. The neck and head are marked in the same manner, as well as the ears and legs; so that a streak beginning with white is invariably followed by black, and then by dark brown, always maintaining the same regularity of colour. The mane is not long. The tail, like that of the mule, is very glossy, and of good colour. The feet and hoofs are also like those of the mule. This animal resembles the horse in its fleetness, for so rapid is its motion that in Portugal and Castille, they still say, as swift as a zebra, to denote extreme speed. These animals bring forth their young every year, and are found in large numbers quite wild. When tamed, they are used for riding, for transport service, and also as good war-horses, as well as in many other ways. From all this we see that mother nature has provided in every country for the convenience and necessities of man a variety of animals, of food, and of climate, so that nothing is lacking for his comfort. Not having, however, horses in any part of the Kingdom of Congo, nor knowing how to train oxen to the yoke or the pack saddle, for drawing or carrying, neither how to tame zebras with bridle and saddle, or, indeed, in any way to transport their merchandise from place to place by means of these animals, they are of necessity obliged to employ men instead of beasts of burden. And so, lying down in a sort of litter, or seated in them, and protected from the sun with umbrellas, the people are carried by their slaves, or else by men who are stationed at various posts for hire. Whoever wishes to travel quickly must take many slaves with him, and when the first carriers are tired a second set take up the load, so changing continually, in the same way as the Tartars and the Persians do with their horses. These men travel very rapidly, being accustomed to their burdens, and, by constant changing rival a postillion’s gallop. Of the manner in which these people are carried, whilst travelling, we have furnished pictures, and also of the zebra, of the dress of men and women, of soldiers, of military instruments, and of the palm-tree”.



Apesar dessa declaração final (em negrito acima), nenhuma figura foi incluída nessa obra. Elas vão aparecer somente na edição holandesa (Pigafetta, 1596), mas só as de pessoas e a da palmeira – sem a da zebra.

Uma figura da zebra africana apareceu na edição alemã feita por de Bry dos manuscritos de Duarte Lopes (Lopes (E.), 1597) [Figura 3.20]. No ano seguinte, a mesma figura foi publicada por de Bry na edição latina da obra, desta vez atribuída a Pigafetta (Pigafetta, 1598) [Figuras 3.21 e 3.22].



Figura 3.20. Ilustração de uma zebra, na edição de Duarte Lopes feita por de Bry (1597).

Botero (1595: 324) citou brevemente a zebra:

“La **Zebra** è animal della grandezza d’vna mula, ma di incomparabile leggerezza: listata di color nero, bianco e lionato con liste larghe quase tre dita; si che fa bellissima mostra”.<sup>61</sup>

Jan Huyghen Linschoten (1596: 9) foi o seguinte a citar a zebra, utilizando o texto de Pigafetta de 1591<sup>62</sup>. Na tradução inglesa (Linschoten, 1598: 207) lemos:

<sup>61</sup> Na tradução espanhola (Botero, 1603: 124v): “la Zebra, bestia de la grandeza de vna mula, aunque de incomparable ligereza, remendada la piel de listas negras, blancas y leonadas, cada lista del ancho de tres dedos, de manera que tiene vna hermissima, y bella apariencia”.

<sup>62</sup> Há também a tradução holandesa (Pigafetta, 1596).





Figura 3.21. Edição latina do livro de Pigafetta por De Bry (1598).



Figura 3.22. Desenho da zebra no livro de Pigafetta editado por De Bry (1598).

“The same prouince hath another kind of beast called Zebra, altogether like a mule, only differing herein, that it breedeth, which the mule doth not: this beast is of a verie strange haire, for that from the backe downe to the bellie it is all striped with three colours, white, blacke, and darke red, each stripe orderly following the other, and three fingers broad, as by the figure therof, in the book printed at Rome you may perceiue. Of these beasts because they breede euerie yeare, there are great numbrs, and al wilde, and there with passing swift, whereby the Portugales haue an ordinary speech, to say a man or other thing is as swift as a Zebra, meaning thereby, as swift as possible may be, being tamed, they would serue in place of horses, both to ride upon, to drain, as also in wards and other necessary affaires, so that herein a man may wel see the great prouidence of God, that hath enriched all countries with necessary prouisions, both of beastes and other things, as also with victuals: but because in al the kingdome of Congo there are no horses, and that they know not how to vse them, many of them know how to make their oxen tame, whereof they haue great numbers, and setting saddles on their backs, with bridles in their mouthes, they ride upon them also: in steede of beasts they vse men, which are brought up to the same vse, and stande in the streethes readie to beare men, either in fieldbeds, (like the Indians in Palamkins) or sitting vpon stooles or chaires, as you may see in the same booke that was printed in Rome. Therefore such as desire to make great haste (as we doo in riding post) take diuers slaues to beare them, and when one is wearie, there changeth and taketh another, as we do horses, and by that meanes make speedy iournies”.

No capítulo XXIII (*Da variedade de animaes que há nos matos de Sofala [Moçambique], & como se matão as onças, & do binho [sic; bicho] Inha zara*”, o Pe. João dos Santos (1609: 31v) escreveu:

Há muytas **zeuras** fermosas, & pintadas, muy semelhâtes a mulas na feição do corpo, & quasi da mesma natureza, porque quando correm metem a cabeça entre as mãos, & vão correndo & respingando, com outros effeitos de mula: tem vnha redonda nos pês, & mãos, como mulla: as pinturas que tem são hūas cintas de cabelo branco, & preto muy fermosas, de largura de dous dedos, bem compassadas por todo o corpo, pês, & mãos, & cabeça, hūa branca, & outra preta, de cabelo muy brando, & massio como seda”.

Pyrard de Laval (1611: 316-317, 1679: 10-11) viu zebras no Brasil<sup>63</sup> (naturalmente vindas de Angola; os navios portugueses vindos da África faziam escala em portos brasileiros):

“Au Bresil lors que i’y arriuay ie vis deux animaux fort rares. Ils estoient de la forme, hauteur & proportion d’vne petite mule, & toutefois ce n’est pas vne espece de mule, par ce que c’est vn animal à part qui engendre & porte son semblable. La peau estoit admirablement belle, polie & esclattante comme du velourx, & le poil aussi court, & ce qui est plus estrange, c’est qu’elle est composee de petites bandes extremement blanches, & extremement noirs si proportionnément que iusques aux oreilles, bout de la queuë & autres extremitez, il n’y auoit rien à dire de ceste figure, si biẽ compassée qu’à peine l’art des hommes em pourroit faire autant. Au demeurant c’est vne beste fort fiere, qui ne s’appriuoise iamais tout à fait: les sauages sont infiniment furieuses, mangent & deuorent les hommes [sic]. On les appelloit du nom du pays où ells sont *Esures* [sic; *seuvres*]. Elles naissent en Angole en

Afrique, d’où on les auoit amenees au Bresil, pour les presenter par après au Roy d’Espagne, & les ayans prises ieunes & fort petites, on les auoit vn peu appriuoisées, & pourtant il n’y auoit qu’un hōme qui les soignait, ny qui osast en approcher: mesmes peu auparauãt que i’y arrivasse vne qui se destacha d’adventure tua vn palefrenier, & eust deuoré le corps [sic], si on ne l’eust tiré d’entre ses dents. Encores celuy qui les traicte, m’a monstré comme elles l’auoiẽt mordu en plusieurs endroits, quoy qu’elles soient attachees fort court. Certainemẽt c’est la peau d’animal la plus belle qu’on sçauroit veoir”.

Claramente calcado na obra de Linschoten é também o texto dado por Aldrovandi (1616: 416; 1623: 196; 1639: 416) em seu capítulo VIII (*De Zebra Indica*):

Qvi de Congi dicta regione scribunt, inter alia quadrupeda, vnum habere testantur, quod Zebra vocetur mulo per omnia simile, nisi quod partu foecundum sit: fimbriatis autem lineatisque pilis miro aspectu videri etenim à dorsi spina ad ventrem vsque pictas habere lineas, triplici colore, nigras nempe, candidas ac fuluas, iusta propor-

<sup>63</sup> Curiosamente, Alvarez de Quindós y Baena (1804: 333) declarou que “Tambien traxéron á S. M. [Carlos III, 1716-1788; para o Real Bosque de Aranjuez] unas cebras del Brasil, que son burros pintados com faxas negras sobre blanco con simetria por todo su cuerpo, que los hace de una vista muy agradable”. A não ser que se trate de um cochilo desse autor, talvez se refira a uma escala feita no Brasil por algum navio que trazia uma zebra da África.

tione dispositis ac tres ferè digitos latis, figura quae in libro Romae impresso patet. Beluae huiusmodi annuae, vt aiunt, multiplices passim sunt, syluestres cunctae, ac pernici cursu inclytæ, velocitate Zebrae in prouerbium Lusinatorum accepta. Cicurata Zebra in equi locum succedere posset, in bello, vehendo, & trahendo, vt naturae inde sollicitudo circa necessaria considerari posset. At cùm terra haec equis careat, ipsique incolae circurandae Zebrae artem ignorent, boumque adiumentis vti nequeant, licet magna ijs in locis sint, homines aequi per vicorum angulos dispositi, sellas varie subeunt, aut lecticas gestant, more quae in Romano libro imaginibus ostenditur. Iccirco quibus celeritas itineris necessaria est, subinde mancipia commutant, & velut veredis adiuti, quàm citissimè iter conficiunt. Fuerit fortassis mula foecunda Aristotelis, de qua suo loco”.

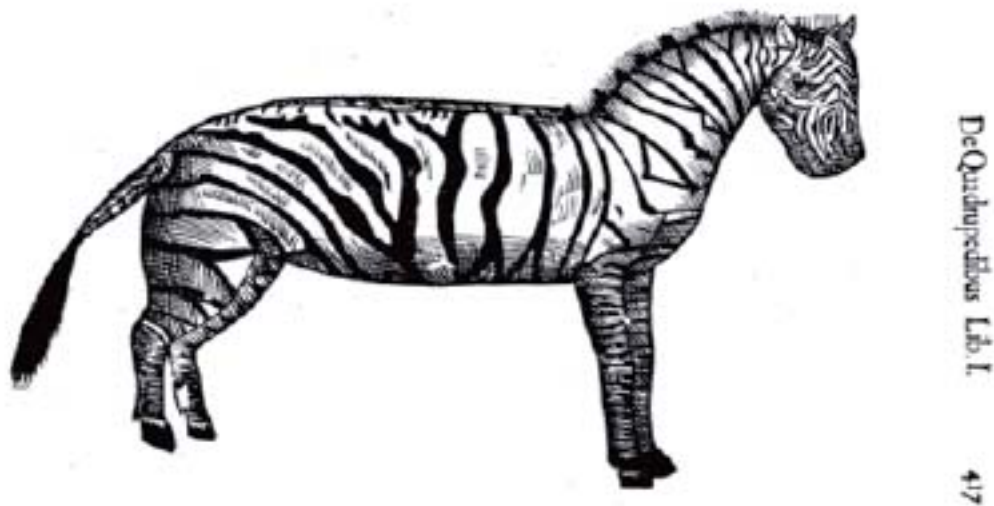


Figura 3.23. Desenho da zebra de Aldrovandi (1616).

As figuras apresentadas por Aldrovandi [Figuras 3.23 e 3.24] foram evidentemente redenhadas daquela publicada por Pigafetta (1598).

Andrew Battell, que de 1589 a 1607 esteve brevemente no Brasil e depois foi para a África, também deu um desenho da zebra [Figura 3.25]:

“Here [na África] is also the *Zeuera* or *Zebra*, which is like an horse; but that his mane, his taile, his strakes of diuers colours downe his sides and legges, doe make a difference. These *Zeueras* are wilde, and live in great heards, and will suffer a man to come within shot of them, and let them shoote three or foure times at them before they will runne again” (Battell, 1626: 983-984, 1905: 403; Ravenstein, 1901: 63-64).

O jesuíta Afonso Mendes (1579-1659), Patriarca da Etiópia de 1622 a 1626, escreveu *Expeditionis Aethiopiae* (por volta de 1651). Sua obra só foi editada por Beccari em 1908. Nela lê-se:

“Duae inter caeteras belluae, confines inter domesticas et immanis, sed facile magistri magnum agnoscen-tes, novitate commendatur. Prima est onager, mular per omnia compar praeter Midæ aurículas, quae ipsi asini notam et nomen addiderunt. In eo picturando non minus natura quam in pavone laboravit; sed, ut huic pedes im-politos, sic aures illi longiores reliquit, ut utriusque fastus alicuius dedecoris pensitatione subsiderit. Per lumbos nigricans agitur instita e qua ad utrumque latus in imum ventrem fasciolae, modo nigrae, modo candidae, modo ci-nericiae, modo subrubrae, mira aequalitate et pari longitudine ducuntur. Nec alia corporis membra similes maculae deficiunt singularum mensurae congruentes. Quae collum decorant, contractiones sunt iis quae per illa funduntur, quae manus et pedes, collis taeniis, quae vultum et caudam, pedum ac manuum vittis. Ipsae adeo aures, et labra competentibus lineis et coloribus variantur, ut videatur natura totam solertiam asino, quase esset aureus, comendo impedisse, ne pavus aut ii, qui vestis phrygias vel attalicas sibi inducunt, in arrogantiam earum cultu efferantur. Ex pellibus, quas in Lusitania conspeximus, hoc idem est animal quod Angolani *zevram* dicunt” (Beccari, 1908: 37-38).





Figura 3.24. A zebra na edição de 1623 de Aldrovandi.





Figura 3.25. Desenho da zebra publicado por Battell (1625: 984).

Na margem direita do texto à página 37 há a chamada “Onager seu **zevra**”; não se pode saber se estava no MS. do Pe. Mendes ou se foi acrescentada por Beccari.

Jonstonus (1657: 17, 1755: 23-34) citou Aldrovandi, Battell e Pigafetta e republicou os desenhos de Aldrovandi e Pigafetta com algumas alterações [Figura 3.26]:

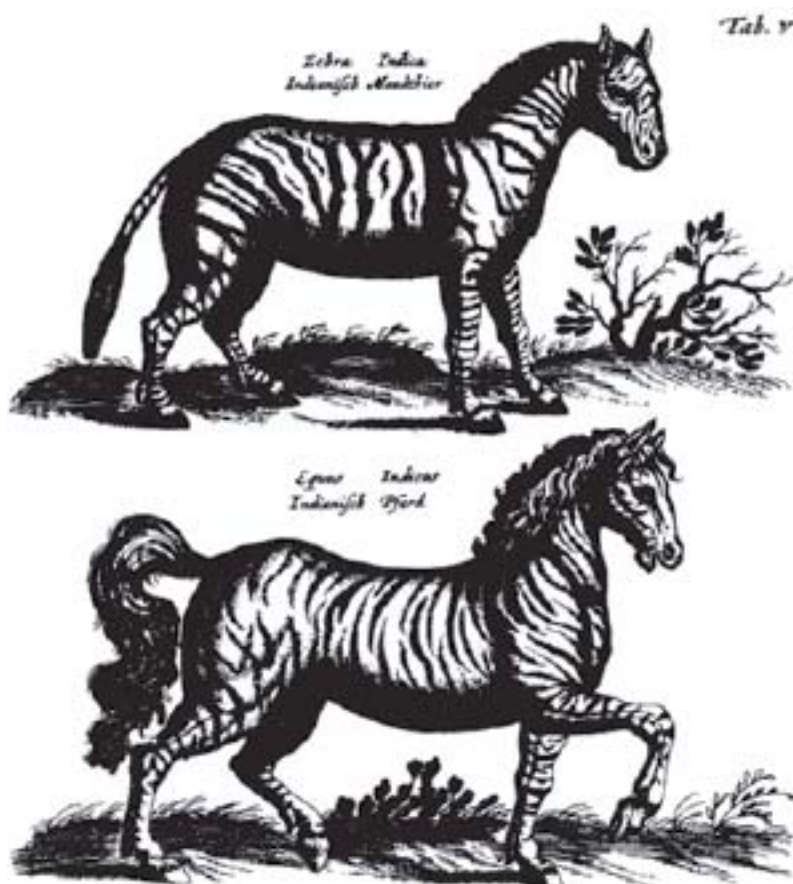


Figura 3.26. Desenhos da zebra (Jonstonus, 1657, pl. V).

“Mulo per omnia similis est *Zebra*, nisi quod foecunda sit. Fimbriatis autem lineatisque pilis miro aspectu videri. Etenim à dorsi spina ad ventrem usque, pictas habet lineas triplici colore, nigras nempe, candidas, ac fulvas, justâ proportione dispositis fimbriis, ac tres ferè digitos latis. Sylvestris est gregalis, & pernici cursu inclyta, possetque, cicurata, in equi locum succedere. Mula, foecundam Aristotelis quidam esse opinantur. Ita de ea Pigafeta. Nascitur quoque in hoc tractu, (congo) ut & in aliis Barbariae et Africae locis, animal aliud *Zebra* dictum: quod cum mulae quoad formam et staturam sit simile; mula tamen (parit enim) non est, & colore non tantum à mula, sed etiam ab omnibus aliis animalibus differt. Tribus enim diversis coloribus, nigro, albo & spadiceo, qui per lineas tres digitos latis, corpus à dorso versus ventrem hemicycli in modum ambiunt, per totum corpus distinctum est, caudâ colore rubicundo & lucente. Pes & unguiae ut mulae, incessu alioqui levi & alacri similes equo, quem rursus velocitate equorum loco, quibus hoc regnum destituitur, subminimultum superat, ita ut Lusitanorum proverbio ansam praebuerit, qui, cum celerem aliquem dicere volunt. *Zebra* velociorem dicunt. Parit quotannis, unde & maxima habetur copia; sed incolis, qui eâ uti nesciunt, est inutilis: equorum enim loco ipsis tam pace quam bello esse possent, naturâ eas equorum loco, quibus hoc regnum destituitur, subministrante. Incolae verò ignavi, cùm equos non habeant, & boves jugo subdere nesciant, *zebras* insuper domare & fraenare non valeant, variisque aliis animalibus uti non possint, hominum ad haec omnia operâ uti coguntur. Atque ita ut omnia hominum superimponuntur humeris, ita quoque ipsi ab hominibus vel in lecticis, aut sedibus portatilibus à Sole coopertis circumferentur, ad manus semper servos aut alios ad id conductos habentes...”.

O mesmo animal voltou a ser mencionado pelo jesuíta Baltasar Teles (Telles, 1660: 37) [Figura 3.27], que se encarregou de publicar os dados coligidos pelo padre Manuel de Almeida:



Figura 3.27. Portada do livro redigido pelo Pe. Baltasar Teles (1660).

“Muytas outras feras ha, & animays bravos, que deyxo por nam terem feyçoens muyto estranhas, apontarey dous que dam mays materia de advertencia por sua novidade, o primeyro he hum, que chamam burro do matto, he do tamanho de hũa boa mula, gordo, lizo, & proporcionado, só as orelhas o desautorizam, & por ellas grangeou o nome, sendo que pello mays nam merecia o descredito do appellido; nam he domestico, posto que facilmente se domestica, os que há, vêm a Ethiopia de huns mattos alem das terras que hoje possuem os Gallas<sup>64</sup>: o que nelle

<sup>64</sup> Coincidentemente, ao descrever essa espécie em 1882, Oustalet mencionou como localidade-tipo “la région de l’Afrique orientale qu’on appelle le pays des Gallas”.

he mays notavel vem a ser o artificio com que a natureza o variou, raxou, & pintou, porque pelo fio do lombo lhe corre hum circulo de cinta preta, a qual he como principio, & primeyro fundamento das de mays, porque por hũa & outra banda correm entresachadas outras cintas, ou rayas, hũa de cor preta finissima, outra de cor cinzenta, todas com tanta proporçam, com tal ordem, & tam igual correspondencia, tam conformes na largura, & tam ajustadas no comprimento, que nam haverà linha de Apelles, que mays direyta, & bem compassada se pudesse lançar no quadro de mayor valentia; & assim como o corpo deste animal se vay, ou alargando nos lombos, ou estreitando no pescosso, na cabeça, nas mãos, & nos pés, assim vâm continuando estas cintas na proporçam que se requer, que parece se poz a natureza quando mays folgada, & descansada estava, a pintar, & enfeytar, & galhardear a este bruto përa abater os fumos a o pavam, & a outros que tem melhores nomes, mas nam iguays perfeçoens.

Hum destes mandou o Emperador Seltan Segued<sup>65</sup> de presente a hum Baxá de Suâqhem, a o qual o comprou hum Mouro da India por dous mil Venezeanos, para o levar a o Gram Mogor. Outro diz o mesmo Padre Manoel d'Almeyda que fez com o mesmo Emperador o mandasse a o Baxá de Suâqhem pella boa passagem, que tinha feyto a os nossos Padres, o qual quando se foy a Constantinopla o levou a o gram Turco, & por isso foy bem recebido, & melhor despachado, pella novidade do presente, q' tal vez para o bom despacho mays obram as boas dadivas, que os bons serviços<sup>66</sup>.

No capítulo LXVII da segunda parte de seu livro, Thévenot (1665: 473-474) mencionou que:

“Av mois d'Octobre il arriua au Caire vn Ambassadeur d'Ethiopie, qui auoit plusieurs presens pour le Grand Seigneur, entre les autres, vn asne qui auoit vne peau fort belle, pourueu qu'elle fut naturelle, car ie n'en voudrois pas respondre, ne l'ayant point examinée; cet asne auoit la raye du dos noire, & tout le reste du corps estoit bigarré de rayes blanches, & rayes tannées alternativement, larges chacune d'vn doigt, qui luy ceignoient tout le corps: sa teste estoit extrêmement longue & bigarrée comme le corps, les oreilles fort larges par en haut, comme celles d'vn buffle, & noires, jaunes & blanches: ses jambes bigarrées de mesme que le corps, non pas en long des jambes, mais à l'entour iuaqu'au bas, en façon de jarretiere, le tout avec tant d'ordre & de mesure qu'il n'y a point d'Alagia si bien varié & proportionné, ny de peau de tygre ou de leopard, si belle: Il mourut à cet Ambassadeur deux asnes pareils par les chemins, & il en portoit les peaux, pour presenter au Grand Seigneur, avec celuy qui estoit viuant”.

Dapper (1668: 568, 1676: 195, 1681: 195) registrou os nomes *azebro* e *zebra*:

“Daer is in't lant [Congo] een zeker slagh van peerden, *Azebro* of *Zebra* by d'inwoordens geheten, van satzoen eenen muil-paert gelijk, met een vel, gestreept gelijk een tiger aen't hooft, en over't geheel lijf, met kleuren van wit, zwart, en een kleur tusschen root en blauu: desgelijx zijn de benen en ooren geschakert met deze drierlei kleuren. Zy zijn zeer wilt en snel, en qualik levendigh te vangen, en tam te maken, hoewel de Portugezen zeggen dat zy voor eenige jaren vier dusdanige *Asebro*s na Portugael to teen geschenk aen den Koningh gezonden hebben, die dezelve voor een karos deed spannen, en den perzoon, die deze peerden overbragt, voor hem en zijne nakomelingen, met het notarisschap van *Angole*, to teen vergeldingh begiftighde”.

Dapper (1668: 568) deu uma figura bastante ruim da zebra, junto com um “empalanga” e um búfalo [Figura 3.28].



Figura 3.28. Uma zebra junto com um “empalanga” e um búfalo (Dapper, 1668: 568).

<sup>65</sup> Malak Sagad III (1572-1632), imperador da Etiópia de 1607 a 1632, também chamado Sissinios ou Susenyos I. Sobre ele, cf. Veiga (1628).

<sup>66</sup> Na tradução inglesa (Teles, 1710), esse trecho acha-se às páginas 36 e 37.



Grimm (H. N.) (1683: 368) escreveu uma breve nota [reproduzida por Bonet, (1687: 870) e Schürig (1744: 523-514)] descrevendo o egagrópilo das zebras (que chamou apenas de *equus ferus*) de Mombaça (hoje no Quênia; de 1593 a 1698 estava na posse dos portugueses) e indicando suas virtudes medicinais; forneceu igualmente uma figura [Figura 3.31]. Seu texto é o seguinte [Figura 3.29]:

**OBSERVATIO CXLIX.**  
**D. HERMANNI NICOLAI GRIMM.**  
**Lapides de Bombaço, vel Mombaza.**

**H**ic lapis, qui magni æstimatur à Lusitanis, reperitur in animali quodam, & secundum relationem quorundam, in equo fero; magnitudine ad ovum columbinum ferè accedens: summa duritiæ, colore cinereo, externè aliquantulum ad flavedinem vergens, elegantè concentricus, & instar lapidis Bezoar, crustulæ compactus. In centro subpilosus est: deinde aliquantulum calciformis, & postea sequitur durities. Nomen habet à loco, in quo invenitur.

A Lusitanis usurpatur ad Colicam, dolorem venteris, varias febrium species, Melancholiam, & præcipuè commendatur ad partum facilitandum, nec, nisi in summâ necessitate usurantur, cum alijs, ut pertinet, ante debitum tempus, sortum propelleret virtute suâ maximâ. Propinant cum ferè ℥ij. ad ʒß. in vino, cum adest frigus; & in aqua, quando calidè sentiantur.

Fig. XXIX.

**OBSER-**

Figura 3.29. Texto de Grimm (H. N.) (1683: 368).

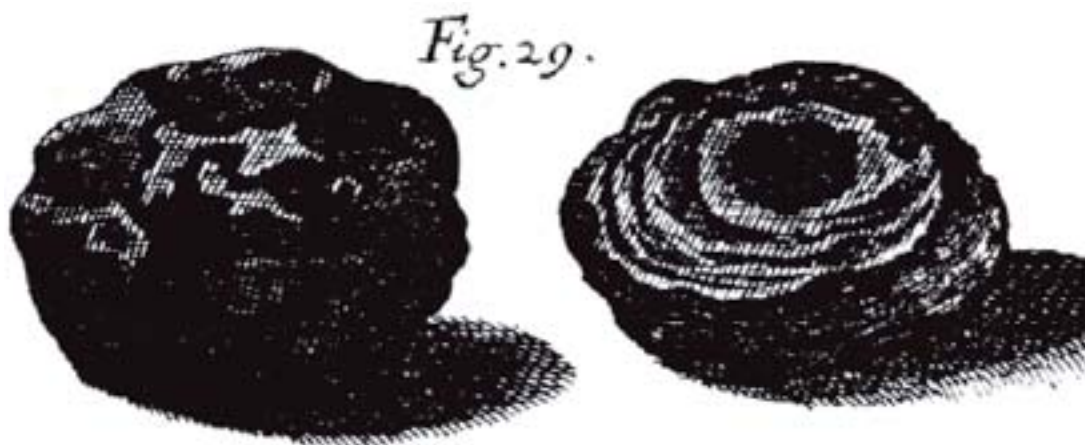


Figura 3.30. Egagrópilo de zebra de Mombaça (Grimm (H. N.), 1683: fig. 29, após a p. 368).

O Pe. Tachard (1686: 91) citou brevemente a zebra do Cabo da Boa Esperança e forneceu nova figura desse equídeo, na qual o chamou *zembra* [Figura 3.31]:



“On y a vu des Chevaux, & des Asnes d’une rare beauté. Les premiers ont la tête extrêmement petite, & les oreilles assez longues. Ils sont tout couverts de bandes noires & blanches, qui leur prennent du haut en bas de la largeur de quatre doigts, ce qui sont un effet fort agreable. J’en ay vû la peau d’un qu’on avoit tué, & que M. l’Ambassadeur a acheté pour porter en France comme une chose fort curieuse”.



Figura 3.31. Desenho de uma zebra do Cabo da Boa Esperança pelo Pe. Tachard (1686: pl. entre as pp. 90 e 91).

Dionigio Carli da Piacenza (1687: 53), missionário capuchinho no Congo mencionou brevemente a zebra que viu em Bamba:

“Ci fù mostrato vna Bestia, detta **Zembram** ò **Zebra**, di grandezza d’vna Mula, mà d’incomparabile leggerezza, listata di color bianco, nero, e lionato; e dette linee sonno larghe tre dita, si che fà vna bellissima vista; questa pure si potrebbe adomesticare, poichè si lascia vedere si vicino”.

Outro capuchinho, Girolamo Merolla da Sorrento (1692: 64-65), também escreveu sobre a zebra, incluindo uma figura bastante tosca [Figura 3.32]:

“Nodriscono anche le foreste di questo Regno vn quadrupedo, nominato, **Zerba**, simile al Mulo seluaggio, la di cui pelle è cosi bella, che spingerebbemi ad affermare esser più tosto vn finissimo Saio, dall’arte ingegnosamente attaccato al suo capo, che gētilissimo cuoio, ricamato dall’industriosa natura sù la sua carne. Consiste il lauoro in più righe candide, e nere, trè, ò quattro dita larghe, disposte l’vna doppo l’altra, con ordinata distintione, & in vn altra linea di color bigio attaccata alla nera, che fà come vn chiaro scuro. Tal’animale quanto è curioso allo sguardo, tanto è più veloce nel corso, in modo, che se da natiui del paese si addomesticasse, la domestichezza gli accrescerebbe il pregio, e si terrebbe in maggior stima delle tanto celebrate Chinee. Il nostro P. Prefetto Giouanni da Romano, frà l’altre galanterie di questi contorni, mandate da lui al Serenissimo Gran Duca di Toscana, per segno di gratitudine al molto, che con noi Missionarij, doueuamgli, furono certe pelli intiere di Zerba”.



Figura 3.32. A zebra segundo Girolamo Merolla da Sorrento (1692).

## 4. LEUTHOLF (*LUDOLFUS*) E A PALAVRA *ZECORA*

### 4.1. Vida e obra de Iob Leutholf

Iob Leutholf (em latim *Iobus Ludolfus*) [Figura 4.1] nasceu em Erfurt aos 24 de junho de 1624 e morreu em Frankfurt am Main em 8 de abril de 1704. Ingressou na Universidade de Erfurt em 1639 para estudar medicina, direito, música e línguas e literatura orientais, incluindo Ge'ez, Hebraico, Siríaco e Árabe. Formou-se em direito em 1645 e continuou seus estudos filológicos em Leiden. Viajou extensamente pela Europa e em 1648, em Oxford, estudou manuscritos etíopes na Bodleian Library. Nesse mesmo ano entrou a serviço do Barão von Rosenhan, representante da Suécia em Paris. Este, a pedido da rainha Cristina da Suécia, enviou Leutholf para Roma, a fim de pesquisar manuscritos suecos.



Figura 4.1. Job Leutholf (Ludolfus).





Figura 4.2. Abba Gorgoryus (Leutholf, 1891).

Em 1648, em Roma, conheceu quatro monges etíopes, um deles sendo o *Abba* Gorgoryos, que iria influenciar definitivamente seus estudos.

Originalmente chamado Iskander, Gorgoryus (Gregorius ou Gregorius Habessinus em latim) [Figura 4.2] nasceu por volta de 1595 em Makana Sellase, na província de Amhara, Etiópia, um dos grandes centros da cultura etíope. Pertencia a uma família *makwanent* (título dado à nobreza). Após receber uma excelente educação em seu país natal tornou-se pagem a serviço do imperador Susenyos e ordenou-se padre católico. Quando Susenyos abdicou, Gorgoryos, juntamente com outros cristãos, abandonou a Etiópia e, via Índia, dirigiu-se a Roma, onde, na primavera de 1649, encontrou Leutholf nos jardins do Vaticano.

Gorgoryos tornou-se o professor de Leutholf e seu principal informante. Tiveram frequentes reuniões durante esse ano de 1649, e os ensinamentos do monge etíope foram fundamentais para as futuras publicações de Leutholf. Este regressou a Erfurt em 1651, e entrou a serviço de Ernst I, Duque de Saxe-Gotha-Alteburg. Por sugestão do duque, Leutholf convidou Gorgoryos a passar um período em Gotha, no castelo de Friedenstein, onde, durante três meses, continuou a ensinar Ge'ez e Amárico. Lutholf iria empregar os ensinamentos de Gorgoryos em suas várias obras. Sua colaboração durou vários anos, através de correspondência.<sup>67</sup>

<sup>67</sup> “De persona *Gregorii* cujus fide res & facta Aethiopica, apud alios vix reperta, narro: quem etiam saepiùs nominaturus sum, in commentario nostro plura dicentur. Id tantùm nunc lectorem non celo, illum contractâ mecum Romae amicitia, noscendarum rerum Europaearum, Latinaeque linguae discendae desiderio, in Germaniam me visitarum venisse: mox à Serenissimo Principe ERNESTO *Saxoniae &c. Duce &c.* (de cujus pietate & studiis in rem Christianam, ut dignum esset, dici nunc non potest) *Gotam* vocatum, institutis cum eo colloquiis, *virum gravem & fide dignum* habitum fuisse. Etenim quinquagenario major, & tunc exul, quòd Patres Societatis Regno emigrantes,



Ao regressar à Etiópia, Gorgoryos morreu afogado em frente à costa da Síria, em 1658.

A gratidão de Leutholf aos ensinamentos de Gorgoryos foi amplamente expressada. Em seu livro *Historiam Aethiopicam Commentarius* (Leutholf, 1691), além de publicar o retrato de seu mestre, teceu uma série de comentários biográficos e outros dados dele (*l. c.*, pp. 28-35) (cf. Apêndice I abaixo), reproduzindo algumas de suas cartas (*l. c.*, pp. 35-47).

\*

Na *Sciagraphia*, Leutholf (1676) diz simplesmente, falando da zebra:

“Ac propterea à Lusitanis *Burro do matto*, i. e. *asinus sylvestris* appellatur. Nos *mulum sylvestrem*, vel cum Congensibus *Zebam* vocabimus”.

**Foi em sua *Historia Aethiopica* que Leutholf (1681, Livro I, cap. 10: De animalibus quadrupedibus; republicado em Leutholf, 1691: 150) publicou pela primeira vez o nome *zecora* [nossa ênfase]:**

“Caeterum pulchritudine omnia totius orbis quadrupedia praecellit *Zecora*; Congensibus *Zebra* dicta. Animal istud, muli magnitudine, ex sylvis ultra Habessiniam, & terras à Gallanis possessas adducitur, & facilè cicuratur; in donis Regum Habessinia frequens, & precipuum esse solet. Illud paucis ex Tellezio describemus. *Lumbos ambit circulus coloris nigri in morem cinguli, quem utrinq' plures sequuntur; pro corporis portione, modo latiores, modo arctiores, tam nigri, quàm cineritii coloris nitidissimi; tantà elegantia atque ordine, ut cujuslibet etiam egregii pictoris artem superare videantur. Solis auribus dehonestatur; eas enim paulò longiores habet; ob quam causam à Lusitanis Burro do matto h. e. asinus sylvestris, sed immeritò, cognominatur. Quantae autem elegantiae sit, vel ex pretio illius intelligi potest. Donaverat enim *Susneus* Rex tale animal Turcico Suaqenae Praefecto, qui illus bis Mille Venetianis cuidam Indo vendidit, múnus magno Mogorum Indorum Regi”<sup>68</sup>.*

Nessa obra forneceu um desenho da zebra [Figura 4.3].

É muito provável que a grafia *zecora* seja um erro de leitura de *zeura*, feito por Leutholf,—o “u” num manuscrito poderia ser facilmente confundido com “co”. Cuidadoso em citar suas fontes, Leuthof não mencionou nenhuma obra anterior em que aparecesse a palavra *zecora*. Seu trecho de 1681 foi claramente baseado no Pe. Teles, que só designa o animal por *burro do mato*.

A grafia *zeura* fora usada pelo Pe. João dos Santos, em 1609, mas com referência a Sofala, em Moçambique (*vide supra*).

Outro que, aparentemente, empregou essa grafia foi o Pe. Jerônimo Lobo, S. J. (1595-1678), que escreveu sobre a Etiópia. Sua obra, entretanto, só foi publicada por primeira vez

---

contra mandatum Regis in Indiam secutus esset, adversis rebus multum exercitus, *levitatem & jactantiam, fortunatorum juvenum vitio*, durum exuerat. Quam vis igitur ab illo edoctus, & Aethiopicae lingua peritiâ (qua Tellezius [o Pe. Teles] caruit) instructus, multa aliter ac veteres prodere jamdudum potuissem, nolui tamen unius viri fide aliorum pravè dicta refellere, donec pluribuss autoritatibus insisterem” (Leutholf, 1681: Proemium 17-20).

<sup>68</sup> Na edição francesa do livro de Dapper (1686: 420), o tradutor usou o texto de Leutholf (1681) e não o próprio texto holandês de Dapper (1681: 195): “Mais il n’y a point d’animal à quatre pieds si beau que celui qu’on appelle *Zecora*. Il est de la grandeur d’un mulet, & tout rayé de divers cercles noirs & gris qui sont plus larges, ou plus étroits, selon l’endroit du corps où ils se trouvent. Ces couleurs sont si vives & si bien séparées, qu’un pinceau ne les sauroit égalier. Il a seulement les oreilles un peu longues, ce qui a fait que les Portugais l’ont appelé *Burro do Matto*, c’est à dire âne sauvage. On peut juger de sa beauté, par l’estime qu’en fait le Roi d’Ethiopie, qui regarde cet Animal comme un des plus considérables présens qu’il puisse faire. Le Roi *Susne* en ayant donné un au Gouverneur Turc de Snaken, ce dernier le vendit quatre mille livres à un marchand Indien, qui en vouloit faire présent au grand Mogol”.

numa “tradução” (parece ser mais um grosseiro resumo) de Le Grand (1728) que, na página v de seu prefácio, declarou:



Figura 4.3. Desenho da “zecora” (Leutholf, 1681).

Outro que, aparentemente, empregou essa grafia foi o Pe. Jerônimo Lobo, S. J. (1595-1678), que escreveu sobre a Etiópia. Sua obra, entretanto, só foi publicada por primeira vez numa “tradução” (parece ser mais um grosseiro resumo) de Le Grand (1728) que, na página v de seu prefácio, declarou:

“Pour revenir aux Manuscrits que j’ai découverts pendant mon séjour à Lisbonne, aucun ne m’a fait plus de plaisir que cette Relation du Pere Jerôme Lobo Jesuite, que Mr. le Comte d’Ericeira eut la bonté de m’apporter dans le tems que je desespérois de la déterrer”.<sup>69</sup>

O trecho em que Lobo falou da **zeura**, segundo Le Grand (1728: 15)<sup>70</sup> é o seguinte:

<sup>69</sup> “The manuscript of Lobo’s travels, presently known as the *Itinerário* and long thought to have been lost, was found by Padre M. G. da Costa in 1947 in the Public Library at Braga! (Now the Library of the University of Minho. Except for some corrections and additions the MS. is not in Lobo’s own hand), where it is MS; no. 813. [...] in 1971 [he] published an annotated edition [Costa, 1971] along with those other writings of the author which had either not been printed at all or had appeared only in translation...” (Beckingham, 1994: ix).

<sup>70</sup> A tradução de Lockhart (1984: 48-49), baseada na edição de Costa (1971) difere enormemente da passagem acima traduzida por Le Grand: “I stayed in Goa for a little more than a year finishing my theological studies. At that time letters came from Ethiopia in which the Fathers of that mission asked for more Jesuits because of the conversion of Emperor Seltam Segued, who had received Communion and had professed himself a Roman Catholic! (His personal name was Susenyos, which, because of the ambiguity of the Ethiopic script, can also be read Susneyos. His throne name was Seltan Sagad, or Malak Sagad. He came to the throne in 1607, professed the Roman Catholic faith in 1621, restored the practices of the Ethiopian church in 1632, and died in September of that year). Because of this and because of the many new converts to our holy faith, more labourers were needed to

“Les assurances que l’Empereur nous donnoit, que nous pourrions passer facilement en Ethiopie, ne nous empêchoient pas de voir toutes les difficultez que nous pouvions rencontrer, quelque route que nous prissions. Celle de terre ne nous paroissoit pas moins dangereuse que celle de la mer; & nous voyions qu’en prenant cette dernière, nous nous mettions au hazard de tomber entre les mains des Turcs, & sur-tout du Bacha de Mazua: que s’il ne nous coûroit pas la vie, il nous en coûteroit la liberté, & que nous n’arriverions jamais à la Cour de l’Empereur d’Ethiopie. Cette consideration obligea nos Superieurs à nous partager en deux bandes, & de huit Jesuites qu’on choisit pour cette Mission, on en envoya quatre par mer & quatre par terre. Je fus du nombre de ceux derniers. Les quatre premiers furent les plus heureux; néanmoins le Bacha de Mazua ne voulut point les laisser passer que l’Empereur d’Ethiopie ne lui eut envoyé un **Zeura**, ou Asne sauvage. Cet animal est fort grand, & d’une beauté merveilleuse, & les plus beaux ne se trouvent que dans l’Abissinie”<sup>71</sup>.

Teria Leutholf obtido acesso a alguma cópia manuscrita do Pe. Lobo, lendo erradamente *zeura* por *zecora*? Como se pode ver no parágrafo abaixo, ele associou o nome *zecora* com os Abissínios – e só na obra do Pe. Lobo é que isso sucede.

Leutholf (1693: 11) reproduziu uma carta escrita em árabe (com uma tradução latina a seu lado) (*Epistola prima Regis Aethiopiae, AELAF-SAGEDI*<sup>72</sup>, *ad Gubernatorem Generalem Batavorum in India, per Chowagia-Moradum Armenium, Anno 1673. missa*) [Figura 4.4], em que o imperador da Etiópia enviava de presente “*quatuor equi: & duo asini variegati ex asinis*

---

carry forward the good beginning set in motion by that Christian mission. Although the Father of the mission, as I say, asked for many, it was not possible at the time to send more than eight, for entering and leaving Ethiopia was necessarily by way of the Red Sea and the island of Maçua, which were in the hands of the Turks, and there was no obvious danger that they would not allow them to pass and would capture them all<sup>2</sup> (<sup>2</sup> Massawa and a varying extent of territory in northern Ethiopia had constituted a province of the Ottoman Empire since 1555). And there was even doubt that as many as eight would be sent, so we made good use of a letter written by the converted Emperor to the Father Provincial of India asking him for many Fathers and informing him that they could go through the kingdom of Dancalim whose inhabitants, although Muslim, were his vassals and friends<sup>3</sup> (<sup>3</sup> The Danakil (Afar), a Muslim people inhabiting the saline depression between the Ethiopian plateau and the Red Sea, sometimes owed a vague allegiance to the Emperor). The secretary, however, had erroneously written Zeila instead of Dancali, little dreaming how much this word was to cost two Jesuit Fathers, my companions, for it was the cause of their losing their lives, and the same would have happened to the other two, of whom I was one, as I shall presently relate. Of the eight chosen for this mission and undertaking, four were ordered to enter Ethiopia by the ordinary way via Macuá<sup>4</sup> (<sup>4</sup> These four were Manoel Lameira, Thomé Barneto [sic], Gaspar Paez and Jacinto Francisco). **These soon left and successfully entered the empire even though the Baxa of the Turks, taking advantage of the opportunity, refused to let them pass unless the Emperor first sent him a wild ass of a species called zebra, as large as a good mule, the most beautiful animal I have seen and of which I shall make further mention. When the zebra was brought and delivered, the Fathers left** [negrito nosso]. The other four, of whom I was one, were to enter by way of Zeila, a new and risky way, vouched for only by the Emperor’s letter, and we were totally unaware that the information contained in it was in error and, of course, were unable to foresee the dire outcome. Since we wanted the find a new, safe way to enter that empire in order to avoid the tyranny of the Turks which we always experienced upon entering their ports and falling into their hands, there began to be a rumour that by way of the coast of Melinde, penetrating that interior, one could find an easy, safe way. There were even people who gave news of such a way, indicating a river that could be navigated and lands and people to deal with and to civilize; and as this way was new and risky, even though there was a great desire to discover it, the superiors were unwilling to risk individuals except when there were volunteers; and as there were already four of us who had volunteered for a similar task via Zeila, although there were more of these later, and since I was of the opinion that there was very little difference between the two as far as risk was concerned, another Father and I decided to be the pioneers in this undertaking of discovery. So the four of us divided, two to go via Zeila, and two to enter the coast of Melinde...”.

<sup>71</sup> Em 1624 o Pe. Manuel Lameira, S. J., escreveu sobre esses incidentes: “Doi mesi li trattenne il Bascià, perche l’Imperatore d’Etiopia fosse necessitato à mādargli vn asinella [uma **zebra**] per presentarla al gran Turco. È tanto marauiglioso il colore e la dispostezza delle membra di questo animalletto, che i Padri restono attonitti di sì grande delicatezza, & è in tanta stima, che ne vanno venduta qualcheduna tanto quanto montano 14. ò 15. mila scudi d’oro della nostra moneta. All’arriuo della somarella hebbero i nostri, gente armata che li condusse tutti in Fermona sani, e salui” (Anôn., 1627: 299).

<sup>72</sup> A’ilaf Sagad ou Yohannes I, imperador da Etiópia de 1667 a 1682.







No dicionário Amárico-Inglês e Inglês-Amárico de Isenberg (1841) também encontramos, às páginas 157 e 218 [Figura 4.6]:

ዝብራ: s. zebra. al. የበጊ: አህያ: "wild ass."  
Ze'bra, s. ዝብራ:: የበጊኻ: አህያ::

Figura 4.6. A palavra “zebra” em amárico (Isenberg, 1841: 157, 218).

Cohen (1956: 319) diz:

De nos jours, en plus du terme indiqué par Ludolf et, plus usuellement semble-t-il, on dit የሜዳ ፣ አላያ ፣ *yam'eda ahyya* «âne de campagne» où le premier terme désigne la campagne inculte aussi bien que cultivée.

Pour le tigrigna, on trouve l'expression équivalente አድጊ፣ በጊኻ፣ *ጋደጊ ስጋራካ* qui serait aussi bien «âne sauvage» que «zèbre». Mais il y a aussi, dans les deux sens également, un terme unique non expliqué ወደምብ ፣ *wadambi*.

En tigré, on a recueilli አድግ ፣ ከደን፣ *ጋደጊ ካድዳን* «âne de campagne» comme nom du zèbre.

Paullinus (1695: 35) citou um trecho de Leutholf e empregou a grafia *zecora*:

“Hoc singulare est, quod Celeberrimus Ludolfus de *Zecora* affert. Quod animal muli magnitudine est, & pulchritudine omnia totius orbis quadrupedia vincit; solis auribus dehonestatur, quas Paulo longiores habet, ideoque à Lusitanis *Burro du Matto* i. e, *asinus sylvestris* (licet immeritò) dicitur. Venditum fuit duobus millibus Venetianis, i. e, *Zecchinis*, seu aureus ungaricis. Et tale forsàn fuit donum istud Regis Assyriorum *Ferdinando* Neapolitano missum”.

Le Grand (1728: 230), em um comentário seu ao livro do Pe. Lobo, voltou a empregar a palavra *zecora*, muito provavelmente baseado em Leutholf:

“Il y a deux animaux particuliers à l'Abissinie qui nous donnent occasion de parler encore de quelques autres qui leur ressemblent & qu'on confond avec eux. Le premier est une espece de mulet qu'il appellent *zeura* ou *zecora*; il est raïé par tout le corps, les raïes sont noires & blanches, toutes égales & bien compassées, larges de deux doigts & douces comme de la soye, il a une espece de bourre aux pieds; lorsqu'il court, il met la tête entre les jambes & d'abord fait beaucoup de ruades. Le Roi d'Abissinie fait ordinairement present de quelque *zeura* aux Princes à qui il envoye des Ambassadeurs. On confond quelquefois cet animal avec l'âne sauvage, quoiqu'il soit fort different”<sup>73</sup>.

Note-se que essa passagem nada mais é que uma paráfrase do Pe. João dos Santos (cf. 3.8).

<sup>73</sup> Na tradução de Johnson (S.) (1789: 228-229): “The *zeura* is a creature peculiar to Abyssinia; his whole body is diversified with black and white streaks of an equal breadth, which are as soft as silk; he has a kind of wool about his feet; when he runs he puts his head between his legs, and at first kicks out his heels very much. The Emperor of Abyssinia frequently accompanies an embassy with a present of this animal. The *zeura* is often confounded with the wild ass...”.

Kolbe (1727: 174-176), na edição original (holandesa) de seu livro sobre o Cabo da Boa Esperança, teceu algumas considerações sobre a zebra, na maioria paráfrases de Leutholf, e apresentou uma figura [Figura 4.7].

Na tradução francesa dessa obra (Kolbe, 1741: 22-25) consta:

“L’autre espèce d’ane est originaire du Cap, & on lui donne le nom d’ane sauvage: mais jamais nom ne fut plus mal appliqué que celui-là. Car l’ane sauvage, appelé par les latins *Onager*, est gros, bien pris, beau, vif: il ne ressemble aux anes ordinaires en quoi que ce soit, que par la grandeur de ses oreilles: dans tout le reste, il ne le cede en rien au plus beau cheval. ‘Infortuné animal, s’écrie Mr. *Ludolf* en parlant de l’ane sauvage, qui, quoique revêtu de si belles couleurs, et forcé de porter en Europe le nom d’Ane! Ses oreilles l’ont deshonoré: mais on pourroit les couper, comme on fait en Allemagne aux chevaux qui les ont trop longues’.

Je donnerai ici une description de l’ane sauvage d’Afrique, aussi exacte qu’il me sera possible. Car, si j’en excepte *Philostorge*, qui encore ne conoissoit pas fort bien cet animal, je ne sache aucun Auteur qui en ait parlé passablement.

L’ane sauvage du Cap est un des plus beaux animaux que j’aye jamais vus. Il a la taille d’un cheval de monture ordinaire. Ses jambes fort déliées & bien proportionnées, & son poil est doux & uni. Depuis sa crinière jusqu’à sa queue on voit au milieu du dos une raie noire, de laquelle de part & d’autre il sort un grand nombre d’autres raies de diverses couleurs, qui forment tout autant de cercles en se rencontrant sous son ventre: quelques-uns de ces cercles sont blancs, d’autres jaunes, d’autres châtains; & ces couleurs se perdent & se confondent les unes dans les autres, de manière qu’elles forment un coup d’oeil charmant. Sa tête & ses oreilles sont aussi ornées de petites raies, & des mêmes couleurs. Celles qui brillent sur la crinière & sur la queue, sont pour la plupart blanches, châtains, ou brunes: il y en a moins de jaunes.

Il est si vîte, qu’il n’y a pas un cheval au monde qui puisse à cet égard lui être comparé. Aussi faut-il beaucoup de peine pour en prendre quelqu’un; & lorsqu’on a ce bonheur, on le vend très cher. Le P. *Tellez* dit que le Grand-Mogol avoit donné deux mille ducats pour un de ces animaux. *Nauendorf* rapporte qu’un ambassadeur d’Abyssinie à Batavia, en aiant fait présent d’un au Gouverneur-Général, celui-ci l’envoya à l’Empereur du Japon, qui en échange donna à la Compagnie, tant en argent, qu’en robes de chambre, la valeur de cent soixante mille écus<sup>74</sup>.

J’ai vu fort souvent de ces animaux, par grosses troupes. Le P. *Tellez*, *Thévenot* & d’autres écrivains disent qu’ils en ont vu d’appivoisés; mais je n’ai pas ouï dire que jamais on en ait pu appivoiser au Cap. Plusieurs européens ont employé toute leur habileté & leur patience pour en venir à bout; ils s’y sont pris de toutes les manières; ils en ont éprouvé de jeunes, & de vieux: leurs soins ont toujours été inutiles. On ne sauroit leur faire perdre l’amour dominant qu’ils ont pour la liberté”.

A figura que aparece na edição francesa (Kolbe, 1741) [Figura 4.8] é diferente daquela da edição original holandesa.

O missionário checo Vacláv Remedius Prutký, OFM, que esteve na Etiópia em 1752 e 1753, também citou a *zecora* (Arrowsmith-Brown, 1991: 204-205; Dospěl, 2007: 145):

“The *Zecora*, or wild ass, is a most handsome and remarkable creature, striking in colour and delicate in physique, the first sight of which strikes the beholder with astonishment at its beauty. The *zecora* is no larger than the domestic ass, its head is oblong. Its ears long like asses’ ears, its body not unlike an ass in shape, but its colour is

<sup>74</sup> Referência ao seguinte trecho de Leutholf (1691: 150-151): “Misit Rex Habessinorum *Af-saghedus* aliquas ad summum Batavorum in India Praefectum, quas ille Imperatori Japonia dono dedit, magno antidoto accepto. De quo *Emanuel Nawendorff Altenburgensis Bataviâ Indiae a me scripsit* (d. XI. Feb. 1678.): Es ist wahr/ dass ein Gesandter von Abissinien hier gewesen/ welcher auch unterschiedene mahl zu mir in mein Hauss kommen. Er war ein geborner Araber/ und war ein Creditiv in Arabischer Sprach geschrieben. Die Praesente waren etliche Pferde und Wald-Esel so schon/ dass sie kein Mahler nachmahlen kan/ ich habe ihrer selbst zween davon gesehen/ welche nach der Hand dem Kayser von Japan zu einem Present übersandt worden. Dafür er der Ost-Indischen Compagnie 10000 Tail/ Silber/ und 30. Japonische Röcke zum Gegen Praesent vrehret/ also dass sie theuer gnug bezahlet worden. Sensus est: *Vidisse sese & Legatû & equos atque asinos agrestes, quos secum adduxerit, tam pulchros, ut nullâ pictoris arte exprimi potuerint; Regi Iaponiae postea dono datos, qui Societati Indicae pro remuneratione miserit X.M. Taelis* (qui summa est centum & sexaginta millium Talerorum Germanicorum) & *triginta tunicas Iaponicas*. Munificentia Regis planè insolita, sed procul dubio praeter illas *Zecoras* alia pretiosa munera à Societate acceperat. Exinde tamen enorme illarum, pretium credibilius sit. Nota hîc quoque, quòd etiam navibus per maré procul vehi possint, modo frigoris patientes essent”.

altogether different and unusual, such as no painter's art could equal: its back is marked by a straight line of glossy black, and the whole of the rest of the body by other lines of black and white mixed, a finger in width, terminating at the belly: the head is similarly striped, the ears black, white, and yellow, the legs marked also but with round not vertical stripes, in fact ring-shaped. Faced with such admirable order and proportion the stranger marvels at what an unusual creature he has met, and at the beauty and variety of nature's handwork".



Figura 4.7. A zebra da África do Sul, segundo Kolbe (1727).



Figura 4.8. A zebra na edição francesa de Kolbe (1741).



## 4.2. A falsa origem hebraica da palavra *zecora*

Leutholf (1698: coluna 63) [cf. figura 4.5], aparentemente, resolveu explicar a etimologia de *zecora*: “Scilicet pulchrum illum, qui Zecora appellatur”, fazendo essa palavra provir do hebraico *zehoroth*.

Segundo o Abade Calmet (1720: 70):

“L’Hébreu *Zéhoroth*, signifie proprement la variété des couleurs, du rouge & du blanc dans des ânes, comme le montre Bochart”.

O trecho referido por Calmet está em Bochart (1663: coluna 182; 1692: colunas 181 e 182; 1712: colunas 181 e 182) [Figura 4.9].

Interim non

omnes asinos in Oriente rubuisse constat ex Cantico  
*Debora* Jud. v. 10. ubi commendat אֲנָסִים אֲחֵרִים  
*asinas albas*, ut *Hebraei* reddunt, quomodo אֲנָסִים  
*Ezech.* xxvii. 18. volunt esse *lanam albam*. Sunt, qui  
*asinas* λαμπύρας, *lucentes*, nitentes, & ἄριον εἶλον, *la-*  
*nam lucidam*, explicant; quasi אֲנָסִים per *Cheth* sit idem,  
 quod אֲנָסִים per *He*. Sed ex *Arabibus* discimus אֲנָסִים co-  
 lorem esse *subalbum*, aut ex albo & rubro distinctum,  
 etiam in asi- אֲנָסִים cum camelus haud valde  
 no. *Giggeius*; الصكره *albus est, color terra pa-*  
 rium *ruber, ad albedi-* אֲנָסִים *asinus*  
*nem leviter declinans.* آبان *albo*  
*rubroque distinctus.* אֲנָסִים  
*Alcanus explicat* آبان فيها بياض وحمرة  
*asinam; in qua albedo & rubedo mixta.* Et in *Gian-*  
*hari*, apud اصكره *est asinus, in quo rubedo, nempe*  
*Gobium;* cum albedine.  
 Ut אֲנָסִים, *chamor, asinum*, sic אֲנָסִים, *atbon, asinam*  
 sonat. Nomen ab אֲנָסִים, *ethan, seu robore*, quo ma-  
 jori par est oneri, quam ullum aliud animal similis  
 molis. Unde *Jacobus Patriarcha*, *Gen.* xlix. 14. *Issachar*  
*est asinus robustus.* Potest etiam idem nomen ad con-  
 stantiae laudem perti- אֲנָסִים *athana* Verbum est  
 nere. *Arabicè* quippe آبان *in proposito constanter*  
*perseverare.* Quamvis asini constantia sit pertinacia  
 potius.

Figura 4.9. Trecho da obra de Bochart (1663: colunas 181 e 182).



No latim da Vulgata *zehoroth*<sup>75</sup> foi traduzido por “nitentes” (asinos) [apesar de ser um adjetivo feminino no plural] (cântico de Débora, em *Judices* 5, 19: ‘qui ascendit super nitentes asinos et sedetis in iudicio et ambulatis in via loquimini’). Era portanto um adjetivo relativo à cor do animal (asno, em hebraico *chamor*<sup>76</sup>) e não o nome do animal propriamente dito<sup>77</sup>.

Calmet (1722: 75) referiu-se posteriormente a Leutholf e acrescentou:

“Ludolf en a fait représenter un [âne sauvage] dans le Commentaire sur son Histoire d’Ethiopie, à la page 150. Il dit que les Africains appellent cet animal *zecora*, & ceux de Congo *zebra*, & que mal-à-propos on lui a donné de nom d’âne sauvage”.

Em outro trabalho (Calmet, 1738: 163; 1759: 130) admitiu ter a palavra *zecora* provindo do hebraico:

“Nomen *Zecora*, quo ab Africanis appellatur [sic], accedit ad alterum *Zechora*, quo Debora indicavit asinas

<sup>75</sup> Como curiosidade, o rabino português Issac Aboad da Fonseca (1605-1693), que esteve no Recife durante a ocupação holandesa, de 1642 a 1654, escreveu a obra *Menorah Hamaor*; na tradução holandesa (Abuabh, 1756: 394) há uma referência à palavra *Zehoroth* que aparece em *Juízes* (5, 10):

Dus leet men ook in het Tractaat *Eruubin*, bladz. 54. dat *R. Anan* over *Richt. V: 10.* dus verklaard heeft, *Gy, die op witte Ezelinnen rydt, en die aan 't Gerichte zittet, en die overweg wandelt, spreekt 'er van. Gy, die op witte Ezelinnen rydt, beteekent de Gelcerden, die van Stad tot Stad en van Land tot Land wandelen, om zich in Gods Woord te oefenen, en te maken dat het verstaanbaar word voor elk een als het heldere zonneligt op den middag; [want het woord witte in den Text צְהוֹרוֹת *Zehoroth*, word van den Rabbynen gelezen צְהוֹרוֹת *Zehoroth*, van het Wortelwoord צָהַר *Zabar*, beteekenende Licht en Glans*

<sup>76</sup> Segundo Hackett & Abbot (1872: 182): “*Chamôr* (...) denotes the male domestic ass, though the word was no doubt used in a general sense to express any ass whether male or female”.

<sup>77</sup> Cohen (1956: 319-320), ignorando que o termo *zeuro* ou *zeura* já existia em Portugal desde o século IX, muito antes de terem os lusitanos contatos frequentes com a Etiópia, ainda tentou justificar a origem do termo *zecora* a partir de uma língua cuchítica: “Dans les langues couchitiques agaw du haut plateau éthiopien on n’a pas signalé jusqu’à présent sauf erreur de terme pour l’âne sauvage ou zèbre. Mais le nom agaw de l’âne domestique fournit, d’après une suggestion de Joseph Tubiana, déjà brièvement reprise dans Marcel COHEN, *Une denomination commune de l’âne et de la surdité en chamito-sémitique*, Comptes rendu du Glecs, tome VI, p. 15 (séance du 28 Mai 1952), la seule explication valable pour le *zecora* que Ludolf considèrerait au 17ème siècle comme le vrai nom abyssin du zèbre. En effet les lexiques fournissent des formes peu divergentes suivant les langues: *duquarā*, *duk<sup>h</sup>arā*, *degara*, *dok<sup>h</sup>warā* (voir LEO REINISCH, *Die Bilen-Sprache, Wörterbuch* 1887; *Die Quara-Sprache* 1887; C. CONTI ROSSINI, *La langue des Kemant en Abyssinie* 1912). La correspondance phonétique avec *zecora* ne fait pas de difficulté sérieuse. La similitude générale est frappante. (Noter que les substantifs ont généralement un *a* final en agaw. En ce qui concerne la consonne médiane et la voyelle suivante, une aspirante vélaire devait être interprétée comme occlusive post-palatale par des Européens n’ayant pas eux-mêmes de spirante de cette région, et l’*a* était normalement vélarisé. Pour l’initiale l’interprétation est plus délicate. Mais l’échange de la dentale occlusive et de la dentale sifflante, toutes deux sonores, n’est pas très gênant. On peut observer que la comparaison des langues couchitiques entre elles et avec les langues sémitiques d’Abyssinie montre assez souvent des alternances *d-z*. (Voir à ce sujet par exemple W. LESLAU, *Influence of Cushite on Ethiopic*, dans *Word* I, 1, 1945, § 29). D’autre part le premier qui a écrit *zecora* a peut-être voulu noter una affriquée *dz* de quelque dialecte que nous ignorons, ou qui a évolué. Enfin il n’est pas impossible que la connaissance de *zebra* ait influé, chez un Européen, sur l’audition et la notation. Ce qui reste mystérieux jusqu’à présent, c’est le mode de transmission du terme agaw, se substituant en *burro do matto*, d’Abyssinie jusqu’à Ludolf. Celui-ci n’en attribue pas la connaissance à son informateur habituel *Gorgorios*, et il n’en indique pas d’autre. Jusqu’à présent, aucune source écrite n’a été décelée”.

ad usum virorum Principum Israelis, de quibus alibi. Insinuare videtur verbis illis suis, bellicis usibus valuisse animalia illa; & quidem Orientales in eam rem hodie pariter iis uti, sat constat.

Quod adequitabat Mahometus animal, cùm iter coeleste suscepisset, mole fuisse corporis dicunt Mahometani inter asinum, & mulum media; *Borak* appellant, quod est nitens, fulgens. Porro hisce onagro designati, ne ambigerem quidem, ex *Borak* autem factum vernaculo nostro sermone *Bourique*. Etymologiae reliquae hujus

vocis seu violentiores sunt, seu nimis à longè deductae. *Boruk* Arabicè & *Zechorah* Hebraicè idem significant<sup>78</sup>.

E ainda (Calmet, 1756: 191):

“Hebraeum *Zehoroth* sonat potius mixturam colorum albi, & rubri in asinis, ut a Bocharto demonstrator. Phrasis hic valet *ascenditis super asinas variegatas...*”.

Schumacher (1773: 58) [Figura 4.10] tratou do mesmo tema.

**Nomina, quibus hos afinos insigniunt Hebraei, non parum lucis materiae substratae afferunt. אֲשֵׁר אֲפִינוֹרִים nomen est, qui in oriente rubere perhibentur. Africani id genus vocant Zechorah, quod idem est cum voce צְהוֹרוֹת Zehoroth, quae afinos colore rubro et albo mixtos, significat, quales equitabant principes, judiciis in Israele praefidentes**

Figura 4.10. Texto de Schumacher (1773: 58), sobre o sentido de *Zehoroth*.

Esse erro iniciado por Leutholf foi repetido por numerosos autores, alguns dos quais famosos naturalistas<sup>79</sup>. Dentre estes últimos, podemos citar Gmelin (1789: 213), que, sob *Equus zebra* citou: “*Zecora. Ludold aeth. I. c. 10. n. 35. Comm. P. 150*” e “*Zeura ou Zecora. Lobo abiss. I. p. 291*”.

<sup>78</sup> Na tradução de Migne (1860a: coluna 805): “Le nom de *zechora*, que les Africains [sic] lui donnent, revient beaucoup à celui de *Zechora* que Débora donne aux ânesses qui servaient de monture aux grands d’Israel, e dont nous venons de parler. Elle semble insinuer que ces animaux servaient à la guerre; et l’on en voit encore en Orient qui servent à cet usage. L’animal que les mahométans donnent pour monture à [...] Mahomet dans le [...] voyage qu’il fit au ciel était, dissent-ils, d’une taille moyenne entre l’âne et la mule; son nom était *Borak*, qui signifie brillant, éclatant; je ne doute pas que ce ne soit des ces ânes don’t nous parlons ici [onagre], et don’t a fait *Bourique* en notre langue. Les autres etymologies qu’on donné de ce terme sont toutes violentes de tirées de loin. *Boruk* en arabe et *Zechorah* en hebreu signifient la même chose”.

<sup>79</sup> Só para citar uns poucos que mencionaram *zecora* como sinônimo de *zebra* (além dos citados no texto), em ordem cronológica: Lobo (1728: 230; 1789: 228; que também incluiu a variante *zeura*); Grotius (1729: 169); Simon (1735: 687-689); Klein (1751: 5); Hanovius (1768: 460); Pennant (1771: 2); Schulz (1793: 533); Fischer (1814: 493); Ritter (1822: 212; 1835: 278); Russell (1833: 304); Thienemann (1856: 202, que também incluiu a variante *zeckora*).





## Gregorii exilium. Iter Suaquen. & Romam. 29

- 5 Quippe *Gregorius* Patres Societatis tunc temporis florentes, Regis aliorumque Procerum exemplo, solatus fuerat, variâ illorum doctrinâ & artibus egregiâ ita captus, ut postea, quamvis mutata fortunâ, exules in Indiam sequeretur: Sed ibi non ita, ut speraverat, habitus, quia de Patrum actionibus paulo liberius locutus fuerat, in Lusitaniam proficisci statuit. Navem ingressus, cum nautæ jamjam è portu solvere & vela ventis dare vellent, à Rectore navis exire juberetur, causam frustra rogans scaphæ imponitur, & in portum revehitur: retentis ejus sarcinis, quas *minha rupa, minharupai. c. Rei meas, Rei meas* Lusitanicè clamitans, in cassum efflagita verat.
- 6 Sicâ spe sua dejectus in patriam refugere paravit, atque parvum navigium Indicum conscendit. Litus Arabicum legens gravestimationes à popularibus suis, qui Mosulmanni facti orant, perpeffus est. Nam Habessinî in a doléscencia capi, & Arabiæ regulis venditi, Religionis Christianæ desertores, portubus & urbibus ob ingenii præstantiam præficiuntur, ut in historiâ nostrâ docuimus. Illi postea alios ostentatione præmiorum suoque exemplo ad Islamismum sollicitant.
- 7 Postremò ad *Suaquenam* Maris rubri insulam appulsus, reperit tres Capucinos Suaquepost expulsionem Patrum Societatis Româ missos, iter in Habessiniam tentaturos. nam venit. Hi sibi gratulabantur; quòd hominem nacti essent, per quem literas ad Regem Æthiopiæ, de suo scilicet adventu & missione incautè compositas, præmitterent, ut perferret, Gregorium rogant: at ille cautior, præmium, quod illarum auctores jacturâ capitis sui reportarunt, expectare noluit. Itaque literæ per Arabes (ut in *Historia* nostrâ diximus) missæ: ille solus in aulam profectus, Regi statim reconciliatus fuit. Sufficiens enim responderat is, quæ curiosè ex eo sciscitatus fuerat *de Lusitanorum* *Itinere in Indis: qua belli, qua commerciorum, qua navigationis ratio esset. Quid Patres Societatis cum Patriarcha suo agerent, molirentur vè.* Sed mox ab æmulis suis, Monachis potissimum, accusatus, quod Patres extra Regnum secutus esset, ut explorator & proditor, ac Loyolitarum alumnus, (tantumodium supererat:) catenis oneratur. Sed præscitu Regis, qui eum contra tot inferos servare non poterat, clam liberatus, quasi vinculis ruptis effugiens, regno rursus excessit, & terrestri itinere in Ægyptum, dehinc in Italiam & sic Romam pervenit. Tellezius de eo sic scribit: *Abba Gregorius Abærim* tinha sido familiar da casa do Patriarca, visto nos livros de Ethiopia, o qual se tinha voltado da India, com desejos de tornar acudir à sua patria; ainda que depois se tornou a fahir d'ella, pelo muyto roim tratamento que os seus monges lhe daram.
- 8 *Abba Gregorius Habessinicus familiaris fuerat in domo Patriarchæ, bene versatus in libris Æthiopicis, qui reversus fuerat ex India ex animo, ut epistularum patriam suam, quamquam rursus ex ea egressus sui sit ob graves vexationes, quibus Monacho cum persecuti sunt.*
- 9 At *Roma* hospitio Habessinorum exceptus, liberalitate summi Pontificis cum tribus aliis suæ gentis sustentabatur. Inter quos *Antonius d' Andrade*, quem paulo ante nominavimus, Missam celebrabat, quam ille stans audiebat, patrio more etiam aliis vivens. Prudenter enim præsci Pontifices externis Christianis libertatem suorum rituum reliquerunt, quo eò plures Romam allicerent: dederuntque Habessinî domum cum ædicula *St. Stephani in Vaticano post Basilicam St. Petri*, ubi Habessinî ultra seculum vixerunt, priusquàm *Schismatici* vel *Hæretici*, ut nunc fit, audirent. Missam ibi linguâ Æthiopica more suo celebraverunt, ut *Joh. Parken* in præfatione: *Psalterii Æthiop.* testatur. Impresserunt etiam Liturgias suas, etiam cum Novo Testamento extantes, & in Bibliotheca Patrum Latine, sed parùm aptè, redditas, quas tamen Patres Societatis, ut infra dicitur, in Æthiopia improbarunt.
- 10 Tertio mense post illum, ego quoque Romam veni, documenta quædam & antiqua Manuscripta Suecica quaesiturus; quæ à *Johanne Magno Archiepiscopo Upsaliensi, & Suecici primatæ*, mutatae religionis tempore è patria profugo, Romam delata parabantur. Sic enim *Erius Georgii filius, aliàs Tegel* dictus, Succus, in *Historia* *Gustavi I. Suecici* Regis scribit (x):

(\*) Lib. II. An. 17. c. 100.









Præf. XIII. cipis Gotani voluntate, è tam longinquis oris in Germaniæ modicullum pellexisset.

Jusserat ERNESTUS illum primo in castella sua *Heidelbergum in Franconia*: 16 deinde *Tennebergam in Thuringia* deducere, quò explorato per idoneos viros hominis ingenio, sciret, quo pacto illum exciperet atque haberet. Cum igitur de persona, moribus & indole viri non ingrata nunciarentur, novâ veste Germanicâ donatus, in arcem Gotanam *Friedensstettin* introducit, ibique commodo conclavi mecum collocatur. Mox die dato ad Principem vocatus, Cancellario cæterisque Consiliariis tam secularibus quam ecclesiasticis præsentibus (b) præviâ salutatione agebat: *Se immortalè Deo gratias agere, quòd sibi in tam remotis Septentrioniæ regionibus, præter spem & expectationem suam, Principem Christianum videre & alloqui contigisset, cujus pietatem & prudentiam in hac loca venient prædicari audivisset: nec minùs de clementiâ & benevolentia ejus bene sperare, cum peregrinum se & ignotum tam clementer exceperet, atque ad manus officium benignè admisisset.* Ad ea Princeps: *Non minùs gratum sibi esse, à te, virum Christianum è tam longinquis regionibus in aula sua conspici. Providentiam divinam summâ laudibus celebrandam, quòd inter tot barbaras, inter tot Muhammedanorum persecuciones, Ecclesiam Æthiopicam in Africa per tot secula conservaverit, eumque de benevolentia sua nullatenus dubitare jubet.*

Gregor. allocutio.

Quæ cum illi Italicè interpretari voluissem, ut præsentibus, quid dicerem, intelligerent, Amharicâ dialecto exclamavit: ሙዩክ፡፡ ሙዩክ፡፡ *Metzhaséa, Metzhaséa* q. d. *Librorum lingua, i. e. Æthiopicè, Æthiopicè.* Mirantibus cunctis quid vellet; *Quandoquidem, inquit, cum viro Principe agendum sibi esset, oportere se cuncta ejus dicta accuratissimè intelligere, ut scires, quid sibi respondendum esset, ac propterea petere, ut lingua Æthiopicâ secum agerem.* Feci quantum potui. Tunc ille: *Verum esse, dicebat, in patriâ suâ Religionem Christianam à tot seculis miraculè conservatam fuisse, ejusque antiquitatem mirum in modum extollebat.* Respondit Princeps: *Ideo illum præcipui vocatum fuisse, ut statum Religionis & Regni patriæ exponeres, multa enim & magnifica de patria ejus per Europam differri, de quibus certior ac illo cognoscere cuperes, nihilque ex rebus nostris illi celatum iri.*

Colloquia cum eo.

Pr. l. §. 17.

Sic benevolè dimissus fuit, & mox nominati Consiliarij, qui cum eo colloquia 17 haberent. Hi jussu Principis ex antiquis illis libris (c) quos supra narravimus, (quia alios tunc temporis in promptu non habebant) excerperant, quæcunque de rebus Habessinorum à nostris scriptoribus memoriæ prodita habebantur. Vetera erant pleraque, ex *Tæza-Zaabi* incondita *Confessione fidei* maximam partem desumpta, quæ modo rîsum, modo stomachum Gregorio movebant, ut mox pluribus diceretur. Is itaque propofitis respondebat: sæpe etiam latius disserere, ut status & Religionis & Reipublicæ satis ex eo cognosci posset. At recentioribus Patrum Societatis Jesu scriptis & illorum annuis relationibus nunquam in Germaniâ visis, tunc temporis destituebamur; aliis cuncta longe accuratius examinare, & cum illo conferre potuissemus. Sic de veteribus, num vera essent, interrogatus, illa pro temporis diversitate & affirmare & negare sæpe tuto poterat. In Scriptura Sacra, tribus primis conciliis (quæ tantùm in Æthiopia recepta) librisque Habessinorum symboliceis probè versatus erat. Nonnulla tamen ex doctrina Patrum Societatis hauserat; quam ob causam sententias Æthiopum à nostris discrepantes, interdum ambigüè; interdum in mollius referebat: quæ ego postea ex Tellezii aliorumque Patrum relationibus satis discernere & dijudicare potui.

Colloquiis ipse Princeps sæpe interveniebat, sæpe Gregorium ad se vocabat: 18 sæpe etiam solus ad illum veniebat. Cùm audiret promtas ejus ac solidas responsiones, quòd *Psalterium & Novum Testamentum* (alios enim libros Æthiopicos secum

(b) Qui tunc erat D. *Georgius Frænklin* Castellanus, D. *Vilhelmus Liberman*, D. *Erasmus Ludovici* ac *Antonianus* illius successor, Dn. *Peter Ludovicus à Schuder*, quem supra inter præcipuos fautores nostris laudavimus, D. *Johannes Glöck*, Superintendentens & Dn. *Christophorus Brunn* Consiliarius subter præsentibus suis & meritis suis. (c) Ex *Abissiniæ, Tæza-Zaabi Confessione fidei, Dogmæ Societatis Æthiopicæ, & veteris* sicuti Religioniæ & symbolice.

secum non habebat) appositè allegaret, & allegata loca statim reperiret, & ostende-  
 ret, magnopere virum æstimabat, & omni benevolentia prosequeretur. PROV. XIII.  
 Gregorius vicissim æquali modestia & libertate quaestionibus Principis satisfacerebat, & offi-  
 ciosissimis verbis eum venerabatur. Cum aliquamdiu Principem non vidisset, aje-  
 bat illi: *Nobis modestia animum suum obvelasse, quandoquidem sole Clementia ejus illu-  
 stratus non fuisset.* Ejuscemodi elegantis Æthiopicis erga illum crebrò utebatur.  
 Respondit ERNESTUS: *Christianorum animos morere obscurari non posse, quamdiu Sol  
 justitia illi luceret.*

19 Vivebat tunc temporis adhuc filius ejus natus maximus Princeps JOHANNES JOHANN.  
 ERNESTUS, undecim annorum puer, ingenii elegantis, cujus postea Ephorus fuit. IS ERNEST.  
 creberrimè apud Gregorium esse, & cum illo colloqui audebat, quâ occasione usi PRÆ-  
 ceptores, prætexerunt Latinâ linguâ (quam aliis illicenter loquebatur) cum tali vico-  
 peregrino agendum esse. Morem gessit, bono successu: quamvis satis videret in-  
 terpretationem melius esse. Itaque crebrò Gregorium invisitabat, qui blandè illum  
 appellans, & ænigmata Biblica feliciter solventem laudans, favorem ejus mirè sibi  
 conciliabat. Post discessum suum, ex Italiâ in patriam profecturus, *Epistolâ Æthio-  
 picâ* lectum suum testatus est. Utrumque infra Lectori damus. *Lit. B. & C.* Sed  
 imprimis æstimabat Principem secundò genitum FRIDERICUM, nunc avitas ditio-  
 nes feliciter temperantem, qui, licet tunc sextum duntaxat ætatis annum explevis-  
 set, incessu, sermone & vultu gravitatem cum comitate miscebat. B. C. FRIDERICUS SEX. DUX.

20 Interea Gregorius non incuriosus erat rerum nostrarum, sed statum Principa-  
 tûs, rationem regiminis & mores aulae explorabat. Cùm videret & intelligeret,  
 Ducem ERNESTUM præcipua Regum jura in principatu suo usur-  
 pare, summum factorum jus habere: leges atque edicta promul-  
 gare: tributa colligere: populares suos armare: Ordines Principa-  
 tatus sui convocare: moneram cudere: præterea alia quædam jura  
 exercere, quæ Principibus Germaniæ secundum imperii nostri le-  
 ges, aut Imperatorum concessionibus in ditionibus suis longissimo  
 usu competunt; mirandus aiebat: Talem Principem nos Regem  
 vocaremus. Cum verò audiret multò plures & opulentiores per Germaniam  
 Principes dari, Ecclesiasticos & Seculares, Comites & Cœnobitarchas, nec non li-  
 beras civitates, atque in uno corpore sub Imperatore seu capite suo conjungi: pa-  
 rum aberat, quin Platonicam aliquam Politiam sibi representari putaret. *Qua-  
 tum oportet esse Imperatorem, inquit, qui tam diversa conditionis atque religio-  
 nis homines in officio contineat? qui possunt concorditer inter se vivere?* Nam præter  
 Monarchiam absolutam nullum aliud Regimen noverat. *Aristocratiâ & Democratiâ*  
 ignotæ illi erant Rerum publicarum formæ, & de earum constitutione & modò, pri-  
 usquam in Europam venisset, nihil unquam intellexerat. Omnis enim Africa  
 Regibus obtemperat: pauci ducibus suis ad tempus parent: Regna ferè sic compa-  
 rata sunt, ut unus Dominus reliqui servi habeantur.

21 At apud nos, cum audiret atque videret *subjectos moderatâ libertate frui: Prin-  
 cipem functioni suæ intentum, nihil per vim, nihil tumultuarie, sed cuncta mature con-  
 silio reque bene deliberatâ agere, collegia Consiliariorum suorum quotidie frequentare: sa-  
 cillem se accessu præbere: ac literas supplices à manu porrigentium accipere, nec eas repa-  
 nere, sed expeditionis curam habere;* beatos prædicabat populos qui hoc pacto  
 regerentur. Ubi ad aulam animum adverteret, & cuncta procul à fastu  
 & luxu ordinate peragi cerneret, Principem ipsum cultus divini &  
 precum horas tanquam canonicas strictissime observare: Liberos  
 in pietate, bonisque artibus sollicitè educari: mane & vesper famili-  
 am

E

liam



## 34 Gregorii studium Linguae Latinae.

**Pr. XIII.** liam ad preces convocari; prandium & cenam statis horis inchoari & finiri: disciplinam bonosque mores, quasi in aseceterio quodam coli: lufum atque lasciviam abesse: solitum suum ὄθη-ν: i. e. *suspendum!* exclamabat, ac vix Ἀπὸ τῶν: *Urbem suam* [ summum monachorum Anacitatem ] *familiarius vivere posse* dicebat. Nec minus suspiciebat Principis in restauranda urbe, & ædificandâ novâ arce, aliisque rebus privatis curandis sedulitatem. Is enim solebat ubique preesto esse, parare omnia, pauca solis ministris agenda relinquere, ac in futurum posteritati prospicere. Ubi frumentum coaceruari, immò etiam saxum (utin Europa fieri necesse est) convehi videret: *Quam bona foret in Æthiopia ista providentia contra locustas*, inquit, quæ scilicet herbidum omne atque frondosum ambedentes, frumenti & pabuli inopiam, exinde famem mortemque hominum & pecorum post se trahere solent. Cætera quæ tùm de rebus nostris judicabat, tùm de suis referebat, in loco memorabimus.

Cum ex nostris scriptoribus tam multa vana atque falsa de Habessinibus referri 22 audiret, indignabundus agebat: *Scripturandi quodam pruritu Europæi laborare, & quoque modo audita vel accepta, digna pariter & indigna literis consignare & publicare. Id populares sui quondam ne scripsit, aliàs cautius ad interrogata responsuri fuisse; modo nostri interpretes illas rectè intellexissent. Se, cum primum insignem Alphonſi Patriarchæ Lusitanici *Bibliothecam; libros privilegia Regiæ & licentiâ magnorum virorum manus vidisset (δ) existimasse Typographiam, seu sacrum quoddam inventum, inter Regalia Principum haberi, nihilque imprimi, nisi quod verum, bonum & publicè utile esset. At obſtupuisse sese, cum cognovisset, multa filla, vana, frivola, immò etiam publice noxia typis mandari.**

Typographia ab ulian.

Lexicon Æthiop.

Cæterùm in supplendo *Lexico* meo *Æthiopico* volenti animo me juvabat: loca 23 auctorum difficiliora & vocabula rariora libentissimè explicabat; idque feliciter, si materè Æthiopica essent: in peregrinis verò rebus & vocibus laxissimè hallucinabatur, atque ad patriæ suæ ἑρῶ-ν: *Sensu*, i. e. *Vocabularium magnum* provocabat. Sed Lexicographiæ artisque Grammaticæ planè rudis erat: dispositionem vocabulorum secundum radices ignorabat; & initio aversabatur: me enim quasi per ludibrium interrogabat: *Num putarem verba in solo Æthiopico radices agere?* ut in *Historia* mea dixi. Cùm verò me videret sive lecta, sive ex se audita digerere, & derivata sub radices suas ordine referre, suum ὄθη-ν: *Etzab* i. e. *Asium*: crebrò repetebat, & cùm de varia vpcis alicujus significatione differuisset, addebat: Ἐλθῆ: Ἀϰῖ-ῶ-δ: ὀν-ῶ: ἴ-ῶ-ῶ: *Nunc tu ordina (e) illud secundum artem tuam.*

L. 15. 12.

Grammatica vocabula.

Ego vicissim Grammaticæ Latinæ mysteria (ut vocabat) illi enodabam, eoque 24 promtior em ad respondendum quæstionibus meis habebam. Cùm vocabula technica, *declinationes, conjugationes, casus, tempora & similia*, descriptione laboriosâ Æthiopice illi explanassem, ut tandem finem usamque eorum assequeretur: Ἐρῶ-ν: ἡ-ῶ-ν: ἁ-ῶ-ν: *Revelatum est*, inquit, *Deo saluti*: & Ἀπὸ τῶν: ἡ-ῶ-ν: ἁ-ῶ-ν: *omnes res nomina sua habent in Europa*, vocabula artis intelligens. Nam Latinæ linguæ discendæ tantâ ferebatur cupiditate, ut cùm aliquando per biduum abfuissem, iste bonæ spei discipulus, Etymologiam totam, Declinationes & Conjugationes omnes, identidem legendò & relegendò vi quadam memoriæ sibi imprimere proposuerat. Igitur manè incipiens usque ad interpe-  
stam noctem assidè recitando & semet tentando, nemine interpellante, adeò caput turbaverat, ut rediens vertigine laborantem repererim. Vocato medico, eoque in causam insoliti morbi multùm diuque inquirente, tandem deprehendimus, ex nimia studii intentione contigisse. Sæpe autem querebatur, Patres Societatis, in

Gregorii studium intensum.

Pr. I. 5. 34.

(δ) Veluti cùm audiret Prætorum facultatem habuisse sibi librum suum de regni Prædymri Johannis imprimendi ab omnibus librorum censuris Valentianis, cum insignibus excomis vel Hispaniis; tanquam esse *librum prædymri regni*, qui omnes comprehendat *suavitatis*. Nunc *omniferia et editio*, ac *republice* *de* *libris* *Catholicis*, *ad usum se in illis dignissima*. Sic habent verba Cæsarum. (e) *Æthiopicè secunda justina phrasia est, quæ, bonæ salutis, ut Galli vocant* *ἡ-ῶ-ν* *utuntur.*





## 5. O ἵΠΠΟΣ ἄΓΡΙΟΣ Ε Ο EQUIFERUS

### 5.1. Citações de autores da Antiguidade e medievais

Para Aristóteles (384 - 322 aC) todas as espécies de mamíferos domésticos existiam também em estado selvagem (ἄγρια) e destes provinham; entre elas estavam os cavalos (ἵπποι). Assim em sua *História dos Animais* (I, i, 488a 28-32) consta [Figura 5.1]:

ἔτι δ' ἡμερα καὶ ἄγρια, καὶ τὰ  
μὲν αἰεὶ [οἶον ἄνθρωπος καὶ ὄρεὺς αἰεὶ ἡμερα, τὰ δ']  
ἄγρια, ὥσπερ πάρδαλις καὶ λύκος· τὰ δὲ καὶ ἡμε-  
ροῦσθαι δύναται ταχύ, οἶον ἐλέφας· [ἔτι ἄλλον τρό-  
πον·] πάντα γὰρ ὅσα ἡμερὰ ἐστὶ γένη, καὶ ἄγριά  
ἐστίν, οἶον ἵπποι, βόες, ὕες, ἄνθρωποι, πρόβατα,  
αἴγες, κύνες.

Figura 5.1. Trecho da *História Natural* de Aristóteles (I, i, 488a 28-32) (Peck, 1965: 16)<sup>80</sup>.

φέρει δ' ἡ Ἰβηρία δορκάδας πολ-  
λὰς καὶ ἵππους ἄγριους. ἐστὶ δ' ὅπου καὶ αἱ λίμναι πληθύνου-  
σιν· ὄρνεις δὲ κύνες καὶ τὰ παραπλήσια, πολλαὶ δὲ καὶ ὠτί- 10  
δες· κάστορας φέρουσι μὲν οἱ ποταμοί, τὸ δὲ καθύριον οὐκ  
ἔχει τὴν αὐτὴν δύναμιν τῷ Ποντικῷ· ἴδιον γὰρ τῷ Ποντικῷ  
πάρεστι τὸ φαρμακῶδες, καθάπερ ἄλλοις πολλοῖς. ἐπεὶ, φησὶν  
ὁ Ποσειδώνιος, καὶ ὁ Κύπριος χαλκὸς μόνος φέρει τὴν κα-  
δμίαν λίθον καὶ τὸ χαλκανθές καὶ τὸ σπόδιον. ἴδιον δ' εἶρηκεν 15  
ἐν Ἰβηρία ὁ Ποσειδώνιος καὶ τὸ τὰς κορώνας [μὴ] μελαίνας  
εἶναι καὶ τὸ τοὺς ἵππους τῶν Κελτιβήρων ὑποφάρους ὄντας,  
ἐπειδὴν εἰς τὴν ἔξω μεταχθῶσιν Ἰβηρίαν, μεταβάλλειν τὴν χροάν.  
ἐοικέναι δὲ τοῖς Παρθικοῖς· καὶ γὰρ ταχεῖς εἶναι καὶ εὐδρό-  
μους μᾶλλον τῶν ἄλλων. 20

Figura 5.2. Texto de Strabo (*Geographica* III, 4) sobre os cavalos selvagens da Ibéria (Kramer, 1864: 254).

Aparentemente, segundo o testemunho de Strabo (ver abaixo), o mais antigo autor a citar o cavalo selvagem (ἵππος ἄγριος) da Ibéria foi Posidonius de Apameia (135 – 51 aC); de sua variada obra nada resta, a não ser em citações de autores posteriores.

<sup>80</sup> Na tradução de Peck (1965: 17): “Further, we find some [animals] are tame, others wild; some are always (tame, e. g., man and the mule; some always) wild, as the leopard and the wolf; some can also be quickly tamed, e. g., the elephant; for any kind of animal which is tame exists also in a wild state, e. g., horses, oxen, swine, men, sheep, goats, dogs”.

Varro (116 - 27 aC) citou brevemente os cavalos selvagens (*equi feri*) da *Hispania*:

“*equi feri in Hispaniae citerioris regionibus aliquot*” (Varro, 1619: 59, II, 1, 13-14)<sup>81</sup>.

Strabo (64 ou 63aC – ca. 24) foi o seguinte, referindo-se ao ἵππος ἄγριος da Ibéria [Figura 5.2] (cf. Kramer, 1844: 254).

Na tradução de Hamilton (*in* Hamilton & Falconer, 1854: 245) desse trecho de Strabo:

“Iberia produces abundance of antelopes and wild horses. In many places the lakes are stocked. They have fowls, swans, and birds of similar kind, and vast numbers of bustards. Beavers are found in the rivers, but the castor does not possess the same virtue as that from the Euxine, the drug from that place having peculiar properties of its own, as is the case in many other instances. Thus Posidonius tells us that the Cyprian copper produces the cadmian stone, copperas-water, and oxide of copper. He likewise informs us of the singular fact, that in Iberia the crows are not black; and that **the horses of Keltiberia which are spotted, loose that colour when they pass into Ulterior Iberia** [nosso negrito]. He compares them to the Parthian horses, for indeed they are superior to all other breeds, both in fleetness and their ease in speedy travelling”.

E na tradução de Tardieu (1867: 268-269):

“L’Ibérie produit un grand nombre de chamois et de chevaux sauvages; ses lacs ou étangs abondent en oiseaux [aquatiques], tels que cygnes et espèces analogues; on y voit aussi beaucoup d’outardes, et, sur le bord des fleuves, des castors. Mais le castoreum d’Ibérie n’a pas toutes les vertus que possède celui du Pont; les propriétés médicales, notamment, ne se trouvent que dans ce dernier, ce qui est vrai du reste aussi de mainte autre substance, du cuivre de Cypre, par exemple, puisque, au dire de Posidonius, il est le seul qui donne le cadmie, le vitriol et le spodium. En revanche, Posidonius nous signale, comme une exception appartenant en propre à l’Ibérie, cette double particularité que les corneilles y sont aussi noires [que des corbeaux], **et que la robe des chevaux celtibériens, qui est naturellement miroitée [um cavalo baio rodado; dapple bay horse em inglês], change de couleur du moment qu’on les fait passer dans la province Ulérieure** [nossa ênfase]. Il ajoute que ces chevaux ressemblent à ceux des Parthes, en ce qu’ils ont de même incomparablement plus de vitesse et de *fond* que les autres”.

Em sua *História Natural* Plínio (23 – 79) mencionou algumas vezes os cavalos selvagens:

“Ceterorum animalium quae modo convecta undique Italiam contigere saepius formas nihil attinet scrupulose referre. paucissima Scythia gignit inopia fruticum: pauca conterminal illi Germania, insignia tamen boum ferorum genera, iubatos bisontes excellentique et vi et velocitate uros, quibus imperitum bolgus bubalorum nomen imponit, cum id gignat Africa vituli potius cervique quadam similitudine. Septentrio fert et **equorum** greges **ferorum**, sicut asinorum Asia et Africa, praeterea alcen, iuvenco similem ni proceritas aurium et cervicis distingueret” (VIII, xv- xvi) (cf. Rackham, 1967: 30, que assim traduziu esta passagem (p. 31): “It is not our concern to give a meticulous account of all the other species of animals that recently have reached Italy more frequently by importation from all quarters. Scythia, owing to its lack of vegetation, produces extremely few; its neighbor Germany few, but some remarkable breeds of wild oxen, the maned bison and the exceptionally powerful and swift aurochs, to which the ignorant masses give the name of buffalo, though the buffalo is really a native of Africa and rather bears some resemblance to the calf and the stag. The North also produces herds of wild horses, as do Asia and Africa of wild asses, and also the elk, which resembles a bullock save that it is distinguished by the length of its ears and neck”).<sup>82</sup>

“de **equiferis** non scripserunt Graeci, quoniam terrae illae non gignebant, verum tamen fortiori omnia eadem quam in equis intellegi debent” (XXXIII, xlv, 159-161) (cf. Jones, 1963: 110, que assim traduziu essa passagem (p. 111): “about wild horses the Greeks have not written, because Greek lands did not breed them, but it must be inferred that all remedies from them are more potent than from the tame animal”).

<sup>81</sup> “wild horses in Hither Spain, in some districts” na tradução de Storr-Best (1912: 129).

<sup>82</sup> Pascual Barea (2012: 126) comentou: “Plínio por su parte menciona *equi feri* en el Norte de Europa a propósito de los animales que llegaban a Italia, presumiblemente para los espectáculos del anfiteatro, procedentes de otras regiones como Escitia, Germania y el Norte, donde había además alces que parecían jumentos de orejas y cuellos alargados, y distinguía estas manadas de caballos salvajes europeos de las de asnos selváticos y africanos”.



“suspiriosis ante omnia efficax est potus **equiferorum** sanguinis, proximus lactis asinine tepidi, bubuli decocti ita ut serum ex eo bibatur, addito in tres heminas cyatho nasturtii albi perfusi aqua, deinde melle diluti” (XXVIII, lv) (cf. Jones, 1963: 132, que assim traduziu esta passagem (p. 133): “For asthma, effective above all things is to drink the blood of wild horses, next to drink warm ass’s milk, or cow’s milk boiled, the part drunk being the whey only, with the addition for every three heminae of a cyathus of white cress steeped in water and then tempered with honey”.<sup>83</sup>

Segundo um texto de Timóteo de Gaza (†350) de meados do século V, conservado em dois manuscritos dos séculos XIII e XIV, os cavalos iberos eram velozes, pequenos e caçadores e considerados descendentes de cavalos selvagens [Figura 5.3]:

Ἴβηρες <δὲ> μικροὶ  
<ὡς ἄτροφοι> καὶ θηρατικοί, πιστεύονται δ’ οὗτοι ἀπ’ ἀγρίων ἵππων  
γεγονέναι .

Figura 5.3. Trecho de Timóteo de Gaza mencionando o cavalo selvagem da Ibéria (*apud* Pascual Barea, 2012: 144; extraído de Oder & Hoppe, 1927).

Anicius Manlius Torquatus Severinus Boethius (480 – 524 ou 525) fez uma crítica à palavra *equiferus* (cf., p. ex., Andrés, 1509: fólio 65v; Boethius, 1549: 123, 1580: 119). Na edição de Migne (1860b: coluna 303) [Figura 5.4]:

*In nomine enim quod est equiferus, ferus per se nihil significat, quemadmodum in oratione quæ est equus ferus.*

**Si enim sit oratio quæ dicat equus ferus, duas res significat; equum et ferum. Utrumque enim est, unum sub-tantis, alterum quale. Qui vero dicit equiferus, unum nomen est, et si unum quod significat subjectum est; quocirca unum quoque permissio ista significat; quod si unum significat tota permissio, pars inde separata nihil extra designat. In toto enim nomine quod est equiferus, consignificat quidem ferus, per se vero nihil significat; quod si per se id quod dicimus ferus aliquid significare; arbitremur, non iam erit pars nominis, sed ipsum erit integrum nomen, et habebit partes se et rus.**

Figura 5.4. Trecho de Boethius falando do *equiferus* segunda a edição de Migne (1860b: coluna 303).

Vem a seguir S. Isidoro de Sevilha (ca. 560 – 636), que em suas *Etymologiarum sive Originum Libri XX*, ao tratar das cores dos cavalos, citou também brevemente o *equiferus*:

“Dositus autem dictus, quod sit color eius de asino: idem et cinereus. Sunt autem hi de agresti genere orti, quos **equiferos** dicimus, et proinde ad urbanam dignitatem transire non possunt” (XII, I, 54) (cf. Lindemann, 1833:

<sup>83</sup> Segundo comentou Pascual Barea (2012: 126): “Probablemente se trate de una información indirecta, de la misma manera que Cecilio Bión aprendió de los bárbaros. Pero él mismo [Plinio] pudo tener noticia de este remedio del *equiferus* hacia los años 46 o 73 cuando estuvo respectivamente en Germania y en Hispania, dos regiones donde había caballos salvajes y donde existía la costumbre de beber sangre de caballo, ya fuera como alimento, como remedio médico o como bebida en rituales religiosos”.

Baseados na obra de Plínio, alguns raros documentos medievais vão ainda citar a palavra *equiferus* (cf. Pascual Barea, 2012: 132):

(i) Códice 664 (pp. 185-186) da Biblioteca Universitária de Uppsala, da primeira metade do século IX<sup>85</sup>.

(ii) MS. de Lucca, Biblioteca Statale, 296 (fólio 58v), do século IX.

(iii) *Cura que ex hominibus atque animalibus fit*, do século XIII, MS. London, Wellcome Medical Library, 573, fol. 94v (*Cura que ex equifero fit*; figura reproduzida em Pascual Barea (2012: 133)), descrito por Ferraces Rodríguez (2002: 124-128, 2010: 207-222, com um índice de seus 80 capítulos e o texto das curas a partir do cavalo.<sup>86</sup>

Du Cange (1844: 66) acrescentou umas poucas citações [Figura 5.5]:

**EQUIFER, EQUIFERUS, in Glossario Lat. Gall. Mancheval, id est, malus equus: ἵππος ἄγρος. Aristoteli. Gloss. Saxon. Ælfrici: Equifer, vilde cynnes hors, i. indomitus equus. Glossarium MS. Ecclesie Parisiensis, de Equis: Sunt autem hi de agresti ordine orti, quos Equiferos dicimus. Equiferi, apud Capitolinum in Gordianis, et in Gordiano III. Agrestis caballus, in Epist. 1. Gregorii III. PP. ad Bonifacium Moguntin. Equus silvaticus, in Epist. 13. Zacharie PP. ad eundem Bonifacium. Vide Notas nostras ad libr. 2. Cinnami.**

Figura 5.5. Citações do *equiferus* em fontes medievais, segundo Du Cange (1844: 66).

## 5.2. Referências aos cavalos selvagens durante a alta Idade Média

Paulus Diaconus (s/d; IV, 10) declarou que, no século VI (presumivelmente, por ter citado Gaidoaldus, duque longobardo de Trento, que sucedeu a Evino em 595):

<sup>84</sup> Na tradução de Barney *et al.* (2006: 250): “The *dosinus* horse is so called because its color is that of an ass (*de asinus*); it is also known as ash-colored (*cinereus*). These originate from wild stock, which we call *equiferus*, and therefore they cannot be used as city horses”.

<sup>85</sup> “probablemente proceda del norte de Italia, pero las glosas altoalemanas de una mano de comienzos del siglo XI indican que en esa época ya estaría en tierras germánicas, donde seguía en los siglos XII-XIII y hasta el siglo XVII” (Pascual Barea, 2012: 132, 134).

<sup>86</sup> “En una copia del siglo XIII de esta recopilación conservada en la Biblioteca *Wellcome* de Londres figura la imagen de un *equiferus*. Probablemente proceda del norte de Italia, por lo que sería más verosímil que representara un caballo del centro de Europa que de la Península Ibérica u outra região. Las imágenes están realizadas siguiendo un mismo patrón artístico, y su realismo y fiabilidad son muy limitados, pero comparando el *equus* (92r) y el *equiferus* (94v) cabe inferir que este tenía las orejas más anchas, la cabeza más voluminosa y convexa, el aspecto más triste, el cuello más grueso, la capa más oscura, la crin más corta e hirsuta, las patas ligeramente más cortas, y también el cuerpo más corto. El onagro (95r) presenta orejas más largas que el *equiferus*, es más pequeño y ligero de cabeza, no se perciben sus crines, tiene la cola menos poblada, y el ojo más grande. El asno (95v) tiene unas orejas mucho mayores, una cola poco poblada, y carece de crines. También la mula (94v) tiene las orejas mucho mayores, escasa o ninguna crin, cabeza menos voluminosa, cola más larga y menos poblada que el *equiferus*” (Pascual Barea, 2012: 132).

“Tunc primum **Cavalli silvatici** et bubali in Italiam delati, Italiae populis miracula fuerunt”<sup>87</sup>

Ferraces Rodríguez (2013) publicou um esplêndido estudo de três manuscritos da alta Idade Média tratando da *Ars medicinalis de animalibus*, que citam cavalos selvagens:

(i) O *Codex Sangallensis* 217 (Stiftsbibliothek Sankt Gallen), do séc. IX:

“En el código sangalense el bestiaro constituyó probablemente una especie de *pendant* de un herbario que ocupa las pp. 309a-322b, 193a-308b y 275a-288b, y que fue editado primero por E. Landgraf [Landgraf, 1928], y recientemente por M. Niederer [Niederer, 2005]. Pero, a diferencia del herbario, que tiene carácter unitario, el bestiaro se presenta dividido en dos secciones, cada una de las cuales provista de un *incipit* específico. La primera sección, que sigue inmediatamente al herbario, comienza en la p. 288a, con la indicación *FINIT BODANICUS INCIP' LIB' BESTIARŪ* y finaliza, sin *explicit*, en la p. 327a. En total comprende diecisiete capítulos, que exponen las propiedades terapéuticas de órganos o secreciones de otros tantos animales, en su mayor parte cuadrúpedos. La segunda sección, cuyo inicio está señalado también por medio de un *incipit* – *INCIP' SUPER UOLATILIBUS ARTES MEDICINA* (p. 327a) -, finaliza, igualmente sin *explicit*, en la p. 332a. Esta sección consta de sólo diez capítulos, constituídos por las recetas que pueden obtenerse de igual número de aves. Tanto en la parte relativa a los cuadrúpedos como en la que se ocupa de las aves, los títulos de los capítulos y los títulos de las recetas han sido copiados, con pocas excepciones, en tinta de color rojo” (Ferraces Rodríguez, 2013: 177).

Nesse manuscrito consta (cf. Pascual Barea, 2012: 236; Ferraces Rodríguez, 2013: 224):

“NOMEN CABALLUS SALUATICUS

Ad nares male olentes. Ungula caballi facis puluere, in nares suffumigas et intus sufflas; mire facit. Ad stomaci[s] dolores. Unctura eius facis faxiamentum cum saluia, super inbuliculum ligabis; mire facit. Ad cauculos aut fel superuersum. Urinā caballi[s] dabis ei bibere, mira potentiā habet. Similiter propter uenenum [omne] genus serpentorum”.

(ii) O MS. Harley 4986 (British Library, Londres), dos sécs. VI-XII, que transcreve a *Theodorus Priscianus Diaeta* nos fólhos 64r-66r). Segundo Ferraces Rodríguez (2013: 177):

“Al igual que sucedía en el manuscrito de Sankt Gallen, también en el de Londres el bestiaro se muestra dividido en dos partes. La primera consta únicamente de nueve capítulos, frente a los diecisiete que tiene en el sangalense, pero el orden en que se suceden es el mismo que en este último. La segunda parte, en la que han sido omitidos los capítulos segundo y tercero transmitidos por el de Sankt Gallen (sobre la grulla y el buitre, respectivamente), está también precedida de un *incipit* – *INCIP' DE UOLUCRIBUS* (f. 67v) -, aunque, desde el punto de vista formal, este presenta variación respecto al del testigo sangalense...”.

Nesse manuscrito lê-se (cf. [HARLEY MS 4986 – Digitilised Manuscripts. www.bl.uk](http://www.bl.uk/DigitilisedManuscripts)> Digitilised Manuscripts Home), no fólho 64r:

“De caballo siluatico. Ad nares male olentes. Caballi siluatici ungulā pulverē faci naresq' ex eo suffumigas. & int' ĩsufflas mire fac'. De inguine ei' facis fasciamtū cū saluia. ad Dolores stomachi p'ficat. Caballi urina bibāt mira potentiā. Ad cauculos 't ad fel redundam: sic Ad uenenū serpentū similiter”.

(iii) O MS 187 da Österreichische Nationalbibliothek, dos sécs. XIII-XIV:

“El bestiaro presenta, en el manuscrito de Viena, un aspecto particular, por cuanto ha sido concebido como una continuación del *Liber medicinae ex animalibus* de Sexto Plácido Papiense, un recetario tardoantiguo cuyo término *post quem* se sitúa no antes del s. V. El texto de Sexto Plácido [cf. Sextus Placitus, 1538] cuenta, en la tradición manuscrita, con dos redacciones, una breve y otra extensa. La primera, transmitida por la familia de manus

<sup>87</sup> “Probablemente se trate de los caballos selvajes de los Alpes mencionados por Estrabón, que teniendo en cuenta su preferencia natural por los espacios abiertos debían de estar en las mesetas y prados, o al norte de esta cordillera. Y aunque ya fueron conocidos en el Anfiteatro de Roma en tiempos de Plinio, y más tarde en los juegos del milenario de la urbe (SCRIPT. HIST. AUGUST. Iul. Capit. XX Gordiani tres, 33, 1), la noticia prueba que su aspecto difería notablemente del caballo doméstico” (Pascual Barea, 2012: 135).

critos que Howald y Sigerist [1927] identificaron con la sigla  $\alpha$ , está formada por sólo doce capítulos; la segunda, transmitida por un elevado número de códices, que los editores agruparon en la sigla  $\beta$ , ofrece treinta y dos, es decir, añade veinte más a los doce que ya figuraban en la redacción breve. Pero ésta ha sido ampliada con un texto del bestiario similar al del manuscrito harleiano. Ambos – la redacción breve del Papiense y su complemento, el bestiario altomedieval – han sido yuxtapuestos para formar un cuerpo único, sin que se haya visto alterado el orden de la materia excepto en tres casos, los capítulos que la obra altomedieval dedica al perro, al león y al toro, que han sido removidos de su emplazamiento originario e integrados dentro de los capítulos de Sexto Plácido que se ocupaban de los mismos animales. Dicha integración es en sí misma una prueba de que fue voluntad del copista formar un texto único por medio del ensamblaje de dos obras preexistentes. El modelo a partir del cual fueron copiados los capítulos del bestiario transmitido por el códice vindobonense debía de presentar unas características muy similares a las del códice de Londres, particularmente en cuanto a la extensión y a la disposición del texto” (Ferraces Rodríguez, 2013: 177-178).

O trecho relativo ao *caballo siluatico* é muito semelhante ao MS de Londres (cf. Ferraces Rodríguez, 2013: 224).

Ferraces Rodríguez (2013: 212) apresentou a seguinte estemática desses documentos [Figura 5.6]:

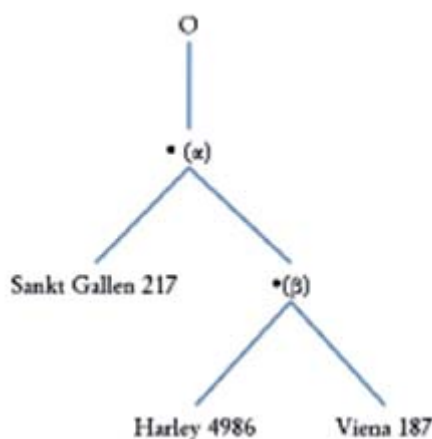


Figura 5.6. “Arqueología del *Ars medicinalis de animalibus*” (Ferraces Rodríguez, 2013: 212).



## 6. IDENTIFICAÇÕES ERRÔNEAS DO “ZEBRO”

### 6.1 Bisão e outros

Diz-nos Silveira (1948: 221) que:

“Em 1922, o Prof. José Joaquim Nunes levantou na nossa Academia das Ciências a questão do sentido e origem do aludido termo [*zevro*]<sup>88</sup>, questão que foi também debatida na imprensa diária, intervindo na tentativa, aliás malograda por então, de a resolver, os Professores Paulo Merêa, Leite de Vasconcelos, Paula Nogueira e Bettencourt Ferreira. (Vid. *Diário de Notícias* [de Lisboa] de 28-VIII-1922, 3<sup>a</sup>.pág., art. *Acerca da palavra ‘zevro’ e da sua identificação*, e de 15-IX-1922, 2<sup>a</sup>.pág., art. *Sobre a palavra ‘zevro’*). Em face dos imprecisos elementos de que se dispunha então, as hipóteses ante-olhadas como possíveis, quanto ao sentido, oscilavam entre o bisonte europeu, o alce (fr. *élan*), o boi-gebo (fr. *zebu*), algum incerto cervídeo da Península, ou mesmo o bode (opinião esta de Esteves Pereira)”.

### 6.2. Boi, vaca

Viterbo (1799: 415, 416) identificou o zebro como boi ou vaca, novilho ou vitela:

“ZEBRARIO. Coisa de boi, ou de vaca, novilho, ou vitella. De *Zevro*, ou *Zevra* se disse *Zebrario*. No Sec. XI. se doarão ao Mosteiro de Paço de Sousa certos bens, que ficavaõ nas raizes do Monte *Ordies*, *discurrente rivulo Zebrario*, isto he, ao longo de *Rio de Vacas* [sic]. Doc. de Paço de Sousa”.

“ZEVRARIO. O mesmo que *Zebrario*. Nas Demarcaçoens do grande Couto do Mosteiro de Crestuma, que se extendia á margem direita, e esquerda do Rio Douro, no de 922, se faz menção na Terra de Sousa do *Monte Zebrario*, isto he, *Monte de vacas* [sic]. L. Preto de Coimbra a f. 39”.

“ZEVRO. A. Boi, ou vaca, novilho, ou vitella. No Foral de Lisboa de 1179 se lê: *Dent de foro de vaca I. denarium, & de zevro unum denarium. De coriis boum, vel zebrarum* [sic], *vel cervorum dent medium morabatinum*. L. dos Foraes velhos”. [vide 2.1.4].

Do mesmo alvitre foi Dantas (1926: 110-111):

“O adjetivo *zebrum*, aplicado a determinada qualidade de calçado, aparece em muitos documentos medievais, em especialidade nas posturas municipais de Coimbra (século XII) e, salvo êrro, nos próprios ‘degredos’ de Afonso III, preciosos para o estudo da história das indústrias primitivas portuguesas, e verdadeira mina para os filólogos.

Sapatos *zebruns*, osas *zebrunas*, gramaias *zebrunas*, são designações vulgares em forais, posturas e leis dos séculos XII a XIV; e aquelas peças de calçado eram consideradas menos valiosas que as manufacturadas com *bezerrum*: donde parece inferir-se que na idade média se chamava couro *zebrum* ao couro de boi”.

### 6.3. Cabra ou cabrito

No *Worlde of Wordes* de Florio (1598: 460), Zebra é definida como “*a goat or a kid, but properly a kind of wild beast as big as a mule in India*”.

### 6.4. Cavalos *murcibios*

É praticamente impossível determinar a raça de cavalos a que foi dado o nome de *murci-*

<sup>88</sup> Ver 8.3 abaixo. Sobre a inexistência do *onagro* na Península Ibérica, cf. 6.5.

bios por Grattius Faliscus<sup>89</sup>. Ocorriam ou na Espanha ou na Trácia, ao longo do rio Strymon<sup>90</sup> (por exemplo, Appianus de Alexandria<sup>91</sup>, cf. White, 1961<sup>92</sup>; Estêvão de Bizâncio<sup>93</sup>, cf. Meineke, 1849<sup>94</sup>).

Quanto aos *murcibios*, ficamos também na dúvida, não só sobre sua identidade mas até sobre a grafia de seu nome. Wernsdorf (1780: 78, nota 516) diz: “*Murcibii* nomen populi ignotum”. Para Lemaire (1824: 74, nota 516): “Forte an *Murcinii*, vel *Myrcinii*, Vlit [Vliet ou Ulitius; cf. figura 6.2]. An *Marrubii*? Burm. [Burmans; cf. figura 6.3]. – *Murcibii* nomen populi incognitum”. Cabaret-Dupaty (1842: 206, nota 83) acrescenta: “*Murcibii* (v. 516). Nous n’avons aucun renseignement sur les Murcibiens ou les habitants de Murcibe; *nomen populi*

<sup>89</sup> Grattius [Faliscus], poeta romano da época de Augusto (63 aC – 14 dC) foi autor de um *Cynegeticon*, poema com 541 linhas em que descreveu vários tipos de caça, métodos de caça e as melhores raças de cavalos e cães. A única referência a ele deve-se a Ovídio (*Ex Ponto*, IV, 16, 33).

<sup>90</sup> O rio *Strymon* nasce na Bulgária e corre para a Grécia; é chamado CTPYMA em búlgaro e Στρυμόνας em grego moderno (Στρυμών em grego antigo); o nome do rio provém do nome trácio *strymón*, derivado do indo-europeu \*sru, regato, raiz que sobrevive no inglês *stream*.

<sup>91</sup> Appianus de Alexandria, Ἀππιανός Ἀλεξανδρεὺς, escritor romano de origem grega (95 – ca. 165), escreveu uma Ῥωμαϊκά, ou *Historia Romana*.

<sup>92</sup> O texto grego de Appianus (*Historia Romana* IV, xiii, 105) é o seguinte (cf. White, 1961: 314) é o seguinte:

105. Οἱ δ' ἀμφὶ τὸν Βροῦτον ἐκ παραλόγου  
τόλμης ἐς Φιλίππους παρήλθον, ἔνθα αὐτοῖς καὶ  
ὁ Τίλλιος ἐπικατήχθη καὶ πᾶς ὁ στρατὸς συνελή-  
λυθει. οἱ δὲ Φίλιπποι πόλις ἐστίν, ἣ Δάτος  
ἠνομάζετο πάλαι καὶ Κρηνίδες ἐτι πρὸ Δάτου  
κρήναι γὰρ εἰσι περὶ τῆ λώφου ἡμαίων πολλαί.  
Φίλιππος δὲ ὡς εὐφυὲς ἐπὶ Θράκης χωρίον  
ἠχώρωσέ τε καὶ ἀφ' ἑαυτοῦ Φιλίππους προσεῖπεν.  
ἐστὶ δὲ ἡ πόλις ἐπὶ λόφου περικρήμου, τσαύτη  
τὸ μέγεθος, ὅσον ἐστὶ τοῦ λόφου τὸ εὖρος. ἔχει  
δὲ πρὸς μὲν ἄρκτω δρυμούς, δι' ὧν ὁ Ῥασκουπόλις  
ἤγαγε τοὺς ἀμφὶ τὸν Βροῦτον πρὸς δὲ τῆ μεσημ-  
βρία ἔλος ἐστὶ καὶ θύλασσα μετ' αὐτό, κατὰ δὲ  
τὴν ἑὸν τὰ στενὰ τὰ Σαπαίων τε καὶ Κορπίλων,  
ἐκ δὲ τῆς δύσεως πεδίων μέχρι Μυρκίνου τε καὶ  
Δραβήσκου καὶ ποταμοῦ Στρυμόνος, τριακοσίων  
ποὺ καὶ περτήκοντα σταδίων.

Ou, na tradução de White (1961: 315, 317): “Thus Brutus and Cassius by an astounding act of audacity advanced to Philippi, where Tillius also disembarked, and the whole army was there assembled. Philippi is a city that was formerly called Datus, and before that Crenides, because there are many springs bubbling around a hill there. Philip fortified it because he considered it an excellent stronghold against the Thracians, and named it from himself, Philippi. It is situated on a precipitous hill and its size is exactly that of the summit of the hill. There are woods on the north through which Rhascupolis led the army of Brutus and Cassius. On the south is a marsh extending to the sea. On the east are the gorges of the Sapaeans and Corpilians, and on the west a very fertile and beautiful plain extending to the twons of Murcinus and Drabiscus and the river Strymon, about 350 stades”.

<sup>93</sup> Στέφανος Βυζάντιος; lexicógrafo grego do século VI, autor de um importante dicionário ou índice geográfico chamado *Ethnica* (Ἐθνικά); do dicionário sobrevivem poucos fragmentos (cf. Meineke, 1849).

<sup>94</sup> O texto de Estêvão de Bizâncio é o seguinte (cf. Meineke, 1849: 463):

Μύρκινος, τόπος καὶ πόλις κτισθεῖσα παρὰ τῷ Στρυ-  
μόνι ποταμῷ. τὸ ἔθνικόν Μυρκίνιος καὶ Μυρκινία. Παρ-  
θένιος δὲ Μυρκιννίαν αὐτὴν φησι.

*incognitum*, disent les commentaires. On a proposé, au lieu de *Murcibii*, les variantes *Murcinii*, *Myrcinii*, *Marrunii*; j’y joindrais celle de *Myrcenii*, peuples de la Macédonie septentrionale, dans la Bisalitique, sur les bords du Strymon. Les chevaux macédoniens étaient fort estimés, comme l’atteste le vers 523<sup>e</sup> [de Garius Faliscus]: Sic et Strymonio facilis tutela Bisaltae”.

Sarmiento (1761; in Santos Veja & Santos Puerto, 2013: 31-36) deu muitos tratos à bola para explicar a etimologia de *murcibio*:

“Voy a tratar el origen de una voz latina, perteneciente a España, de la cual han desesperado los autores, y han dejado por ininteligible, porque sólo una vez, y en un sólo autor se halla. Y cuando que yo, como supongo, no acierte a complacer a los críticos, me complaceré a mí mismo en proponer a los españoles curiosos la dicha voz, por si acaso alguno quisiere apurar su inteligencia.

Gratio Falisco, es un poeta de la pura latinidad, que escribió un libro de caza, con el nombre *Cynegeticon*. [...].

Al llegar a tratar Gratio de las calidades de los caballos de diferentes regiones, se mete luego en España, y allí habla de los caballos gallegos. Después habla de los caballos españoles en general, y en particular dice que los caballos *murcibios*, no sufren el freno, al contrario de los *nasamones* en África, que con una legera varita gobiernan sus *caballos*, y les hacen ejecutar mil primores. Es preciso apuntar el texto: *Murcibii vix ora tenantia ferro Concedunt: ad tota Levi Nasamonia<sup>95</sup> virga fingit equos<sup>96</sup>*.

La dificultad no tanto está en el significado general de *murcibios*, cuanto en señalar el origen de la voz *murcibii*. Qué importa se suponga, que esos caballos serían de aquellos que no admiten de buena gana el freno, si no se sabe por qué se llamaron *murcibios*? No es razón cargar este escrito de lo que Ulitio<sup>97</sup>, y otros<sup>98</sup>, han conjeturado sobre esta voz, pues nada satisface; ni aún al mismo Ulitio, pues a lo último confiesa, que jamás leyó tal voz: *Murcibii autem, né fando quidem cogniti* [cf. Figura 6.2]. Y en las adiciones, dice que esos caballos y con su nombre *murcibios*, se han de buscar em España: *Crediderim in Hispania et hos refractarios querendos*.

[...].

Y viendo que la zebra se parece al asno en las orejas, y en casi todo lo demás, al caballo; y que amansado ese animal puede servir para cargar, y para montar en él (...) conjeturo, que la voz zebra está desfigurada en la voz *murcibio*, suavizada a la latina. Mi dictamen, liso y llano, es que la voz *murcibio* es significativa de región, país o lugar de España, de la cual tomaron el nombre los caballos de que habla Gratio.

Pero, como no hay noticia de ese país, y no es inverosímil que el nombre *murcibio* fuese nombre del animal (...) mientras no se descubre el país que ha dado el nombre, diré lo que pudiere, en orden a la voz, tomada en el segundo sentido.

[...].

Un ejemplo me servirá para aplicar todo lo propuesto al animal *murcibio*. Es notorio, que el feto del burro y yegua se llama mulo, o mula, y que el de caballo y burra, se llama en latín *inuus* o *hinnus*, y en castellano mohíno. A mí me parece que de la voz *mulus hinnus* se formó sin violencia *molo-hino*, y al fin *mo-hino*. Y siendo el mohíno animal falso, bravo y fuerte, que necesita de muchos hombres para sujetarle, se formó por eso el adagio *tres al mohíno*; y mucho después se aplicó el adagio al juego en que tres conspiran contra uno. En la feria de Santiago se admira el corto precio a que se venden unos caballitos indómitos, pues no pasa de 20 a 30 reales de vellón; y es diversión que, al apartarlos de las madres, no alcanzan tres hombres para separarlos, y llevarlos, son a veces

<sup>95</sup> Segundo Duff & Duff (1934: 201, nota f: “The Nasamonian tribe dwelt in the eastern part of the Syrtis Major in N. Africa”.

<sup>96</sup> Versos 516-518 do *Cynegeticon* de Grattius. Duff & Duff (1934: 201) forneceram a seguinte versão desse trecho: “non tamen Hispano martem temptare m<inistro> ausim: <in> muricibus vix ora tenacia ferr<o> concedunt. at tota Nasam<onia virga> fingit equos” e traduziram assim essa passagem: “I should not, however, venture to try the conflict with a Spanish steed to serve me: amid Sharp Stones they scarce yield their stubborn mouths to the steel; but all Nasamonia controls her horses with light switches”.

<sup>97</sup> Janus Ulitius é a forma latinizada de Jan van Vliet (1622-1666), autor da obra *Venatio novantiqua* (Ulitius, 1645) [Figura 6.1]. O trecho referido por Sarmiento está na Figura 6.2. Dekker (1999) escreveu uma completa biografia desse autor.

<sup>98</sup> A obra de Grattius foi editada, por exemplo, por Anôn. (1728), Barth (1618), Burmann (1731), Duff & Duff (1934; grafam *muricibus* e traduzem apenas como “Spanish steed”; pp. 200 e 201), Enk (1918; grafa *muricibus*, p. 70), Haupt (1838; grafa *murcibiis*), Johnson (1699), Kütner (1775), Nisard (1812), Perlet (1826) e Stern (1832).

necesarios cinco; y a veces aquel animal amohinado, les arroja a todos cinco en el suelo. No porque sea hijo de asna, sino porque se ha criado salvaje en el monte; y es peor que mohino. Esta voz *mohino*, compuesta de mulo, y *hinno*, para distinguir al animal de otros *hinno*s, me excitó la idea de que acaso la voz *murcibio* sería compuesta de mulo, y de zebra, v. g. *mulo-cebro*, *murcebro*, *murcebo* y *murcibo*, o *murcibio* [nossa ênfase]. [...].



Figura 6.1. Frontispício de *Venatio novantiqua* de Ulitius (Jan van Vliet) (1645).

308 I. VLITII COMMENT.  
 DXV. *Murcibii*] Forſtean, *Murcinii*, à *Múrcin*-  
 Ⓞ, ut Appiano dicitur, vel *Myrcinii* pro *Myrcio*-  
 nii, à *Μύρκιν*Ⓞ, quæ Stephano eſt, πόλις κλι-  
 οδειῶα παρὰ τῷ Στρώμονι ποταμῷ. Ita ut per  
*Murcinior* intelligat Thracios, quos turpes, ſpecieque  
 deformes, ac ξυλοζάμευς, quales & tenaci plerum-  
 que ore ſunt, facit Aſbyttus. Eodem fere loco & Bi-  
 ſalce ad Strymonem: ita ut utrumque pro Thracio  
 poſitum videatur. Vti mox Naſamones & Numi-  
 dz. Et modo Callæci & Hiſpani, non diverſim, ſed  
 pro iſdem. Cæterum Θρήκις etiam Oppiano in-  
 ter equos, & *Thracius* à Marone cantatur. *Murcibii*  
 autem ne fando quidem cogniti.

Figura 6.2. Trecho de Ulitius (1645: 308), comentando a palavra *murcibii*<sup>99</sup>.

Así, siempre tenemos voz compuesta para el *murcibio*; o de *mulo-cebra*, o de *mulo-ceba*. En tiempo de Gratio se usaria en España la voz zebro, o cebro<sup>100</sup>, para significar aquel hermoso animal, nacido en el país; y como se parecía, y parece, a la mula, en las orejas, se le aplicaría la voz mulo o mula, a la latina; a imitación de los griegos,

<sup>99</sup> Stern (1832: 166) praticamente repete esse trecho: “v. 516. *Murcibii*, nomen prorsus incognitum. Derivat Titius a Murcia, Hispaniae regione. *Murcinii* a Μούρκινος vel *Myrcinii* a Μύρκιννος, quae Stephano est πόλις κτισθεισα παρὰ τῷ Στρώμονι ποταμῷ, Ulitius fecit. Marrubii coniecit Burm.”

<sup>100</sup> Vide capítulo 2, sobretudo 2.2.



que al mulo, llaman *hemi-onos*, o *semi-asno*, siendo también *semi-equus*.

516. ORA TENACIA ] Hinc Ovid. III. Am. IV. 13. *equum contra sua vincula (vel freno) tenacem*. ubi vid. notas. BURM.

516. MURCIBII VIX ORA TENACIA FERRO ] Cogitabam aliquando *Murciberi*: sed *Murcibios* vocari arbitror equos ex *Murcia* Hispaniae regione, cujus meminit Ptolemaeus. TITIUS. Fortean, *Murcinii*, à *Μύρκιος*, ut Appiano dicitur, vel *Myrcinii* pro *Myrcinii*, à *Μύρκιος*, quae Stephano est, *πέλις κτιδιῶσα ἐπὶ τῆς Στρυμόνι ποταμῷ*. Ita ut per *Murcinios* intelligat Thracios, quos turpes, specieque deformes, ac *ξυλοσώμους*, quales & tenaci plerunque ore sunt, facit Absyrtus. Eodem fere loco & *Bisaltae* ad *Strymonem*: ita ut utrumque pro Thracio positum videatur. Uti mox *Nasamones* & *Numidae*. Et modo *Callaeci* & *Hispani*, non diversim, sed pro iisdem. Caeterum *Θρηάκις* etiam Oppiano inter equos, & *Thracius* à Marone cantatur. *Murcibii* autem ne fando quidem cogniti. VLIT. Crediderim in Hispania & hos refractarios quaerendos. Nam idem de *Sarmaticis* in Hispania tradit Silius lib. III. 386.

— *crudoque vigore*

*Asper fraena pati, aut jussis parere magistris.*

IDEM. in *Add.* An *Marrubii*? dubito, quia non videtur de *Italicis* agere, de qua in superioribus jam egit. latet populi nomen, quod divinandum superest. BURM.

Figura 6.3. Trecho de Burmann (1731: 309), comentando a palavra *murcibii*.

Siendo esto así, se conoce que la voz zebra y el animal, se conservaron en España, acaso desde su población; y el ver que también se llamó *enzebra*, y *enzibia*, hace discurrir que la palabra en- antepuesta es significativa, como el *mul*, o *mur*, em *murcibio*. Acaso será el *onos* griego, que significa asno; v. g. *onoscebro*, *oncebro*, *enzebra*. Acaso será voz que los españoles tomaron de la misma lengua que la zebra. Robertson<sup>101</sup>, doctísimo en las lenguas orientales, y en especial de la hebrea, dice que la voz *asina*, y *asna*, viene de la raíz hebrea *atham*, ceceando la th. *Aran*, *asan*, *asina*, *asna*. Agregando esa voz a la zebra, resultará *asn-zebra*, *esnzebra*, *enzebra*; y si no gusta lo que ya dijo para *ezebrario*, que en hebreo *ez* significa cabra, concluyo diciendo que la *enzebra*, [es] una asna muy pulida, brillante y hermosa, como aquellas *nitentes asinas*, o *zechoras*<sup>102</sup>, en las cuales iban caballeros los príncipes de Israel.

Y esta útil propiedad deshace el escrúpulo que podría ofrecerse, si, siendo las zebras los *murcibios* de Gratio, servirían para cabalgar en ellas como en caballos. Digo que sí. Eran animales de España, y fecundos, en su especie, y aún con otras. Se amanzaban; eran muy hermosos, y muy veloces, y excedían a los caballos en la

<sup>101</sup> William Robertson (fl. 1650-1680) foi um hebraísta escocês. Foi educado na Universidade de Edimburgo, ensinou hebraico em Londres de 1653 a 1680, sendo em 1680 nomeado professor de hebraico na Universidade de Cambridge.

<sup>102</sup> Vide o capítulo 4 sobre o termo *zecora*.

Carrera; y si tal vez repugnaban el freno, pero le admitían, y se dejaban gobernar. Que más se necesitaba para que pasasen por caballos? Y qué conjeturas más verosímiles para creer que Gratio los entendió por *morcibios*? Que se yo, si nuestros *equiferi*, que supuso Varrón en el centro de España, son los mismos, y si por los mismos, entendió nuestras *enzebras*?

Aún pasan adelante mis conjeturas. Siendo la *enzebra* por sí, animal montaraz, y se usaba de ella, o para albarda, o para silla, es consiguiente que, además de las *enzebras* domesticadas, hubiese muchas tropas de las montaraces, em los más altos y retirados montes de España.

Atendiendo pues a las propiedades que los autores atribuyen al onagro<sup>103</sup>, o *enzebra*, conjeturo, que aquella prodigiosa fecundidad, y velocidad, que los antiguos afirmaron de algunas yeguas de España, hasta proparsarse a fingir, que solo concebían del viento zéfiro<sup>104</sup>, o favónio, no hallaré dificultad en creer, que además de la fábula, intervino alguna equivocación, tomando a la especie del zebro, por especie de caballo”.

## 6.5. Onagro

Muitos autores, antigos e modernos, identificaram o *zebro* com o o animal cujo nome latino era *onager*. E a associação entre o extinto zebro e o onagro foi repetida pelos autores até recentemente: Nunes (1916: 429), Baldinger (1955: 315), Piel (1968: 1-8), entre muitos outros.

Contudo, o animal conhecido como onagro (*Equus hemionus* Pallas, 1775), nunca existiu na Península Ibérica.

A mais antiga representação desse animal consta do chamado “estandarte” de Ur, um artefato sumeriano com 4500 anos, descoberto na antiga cidade de Ur, no atual Iraque, ao sul de Bagdá, num túmulo de um cemitério real da época. Sir Leonard Wooley, durante suas escavações na Mesopotâmia em 1927-1928 descobriu esse artefato e interpretou-o como um estandarte. Considera-se hoje tratar-se de uma caixa de madeira com 21,59cm de largura por 49,53 cm de comprimento, de uso desconhecido, em cujos lados havia mosaicos feito de fragmentos de conchas, lápis-lazuli e red limestone. Há várias figuras de carros puxados por onagros [Figura 6.4].



Figura 6.4. O “estandarte” de Ur (2600 a. C.) – a mais antiga representação de onagros (puxando carros de combate).

<sup>103</sup> Sobre a frequente identificação da *enzebra* com o latim *onager*, vide 6.5. (cf. também 2.2.3 e 3.8).

<sup>104</sup> Vide sobre esse tema o capítulo 1.





Figura 6.5. Onagros sendo mortos a flechadas – Desenho de um baixo-relevo assírio de Nínive (Maspero, 1895: 559).



Figura 6.6. Laçando onagros – Desenho de um baixo-relevo assírio de Nimrod (Maspero, 1895: 769).

O nome grego do onagro era ἡμίονος, composto do grego ἡμί- “metade” e de ὄνος “asno”. Em latim *onager*, usado em latim após Plauto, seria um empréstimo do grego ὄναγρος (já presente em Estrabão), composto de ὄνος “asno” e ἄγριος “selvagem”.

Talvez a mais antiga referência a este equídeo, no Ocidente, provenha da obra *Mirabiles Auscultationes*, livro espúrio atribuído a Aristóteles (cf. Westermann, 1839: 4-5; Figura 6.7)<sup>105</sup>.

<sup>105</sup> Na tradução latina de Loveday *et al.* (1913: 831<sup>a</sup>): “In Syria inquit inter silvestres asinos unum praeire armento, atque si iunior aliquis pullus feminam conscenderit, ducem indignari, et hunc tantisper persequi, dum

X (9). Φασὶν ἐν Συρίᾳ τῶν ἀγρίων ὄνων ἕνα  
 20 ἀφηγεῖσθαι τῆς ἀγέλης. ἐπειδὴν δὲ τις νεώτερος ὢν τῶν  
 πῶλων ἐπὶ τινα θήλειαν ἀναβῆναι, τὸν ἀφηγούμενον θυ-  
 μοῦσθαι, καὶ διώκειν ἕως τούτου ἕως ἂν καταλάβῃ τὸν  
 πῶλον, καὶ ὑποκύψας ἐπὶ τὰ ὀπίσθια σκέλη τῷ στόματι  
 ἀποσπάσῃ τὰ αἰδοῖα.

Figura 6.7. Trecho referente ao onagro, segundo as *Mirabiles Auscultationes* (apud Westermann, 1839: 4-5).

O *onager* foi citado brevemente por Plínio (cf. Grandsagne, 1829: 116), que mencionou sua carne como remédio.

Ao se referirem aos onagros do Oriente Médio, os tradutores europeus de textos bíblicos ou árabes empregavam erroneamente a palavra *zebro* (e variantes), dada a um animal por eles bem conhecido, para traduzirem as palavras semitas referentes ao *onagro* (hebr. *ferē*, ár. *fara'*)<sup>106</sup>, por eles desconhecido. Monferrer-Sala (2009: 212) declara que “[The] Hebrew פָּרָה [*pere*] is the cognate of Arabic *fara'* (var. *farā*) [أرف], etymon of both being the Akkadian *parū(m)*, ‘onager, mule’”.

Na Pérsia seu nome era *gūr*. O Xá da Pérsia Bahram V, o quinto da dinastia sassânida, que reinou de 420 a 438, foi cognominado Bahram Gur por sua destreza em caçar onagros [Figura 6.8]. Essa proeza foi relatada no grande épico persa *Shahnama* (Livro dos Reis), do poeta Abu'l Quasim Firdausi (935-1020) (cf. Warner & Warner, 1915: 80):

“How Bahrám went to hunt the Onager, showed his Skill before the Princes, and returned o Baghdád and Isakhr

Whenas the sun next day displayed its crown  
 The world-lord went to hunt the onager;  
 The soldiers strung their bows, the Sháh himself  
 Rode in the rear. He said: ‘If one should take  
 His bow to shoot at any beast the arrow  
 Should strike the buttocks and come through the breast’.  
 A paladin replied: ‘O king! consider  
 Who in this noble host can shoot like that  
 Among thy friends or foes unless indeed  
 Thou shoot in person. May thy head and crown  
 For ever live. When thou tak’st mace and arrow,  
 And scimitar, thy warriors are awe-struck  
 At thy commanding height and royal Grace,  
 While other archers’ hands use all their strength’.  
 The Sháh said: ‘’Tis of God. If He withdraw it  
 What strength hath then Bahrám?’ He urged Shabdíz,  
 And, nearing a buck onager, let fly  
 His arrow, when the moment came, and skewered  
 Together chest and buttock. As it died  
 The nobles of the golden belt came up;  
 They marveled at his shot, and all applauded.

comprehendat ac in crura posteriora conquiniscens ore verenda evellat”.

<sup>106</sup> Vide nota 58.



They could not see the arrow's point and feathers,  
 For they were hidden in the onager.  
 The warlike cavaliers and soldiers bent  
 With faces to the ground before Bahrám,  
 What while a paladin exclaimed: 'O king!  
 Ne'er may thine eye behold the ill of fortune.  
 Thou art a horseman but all we ride asses,  
 And are but ill at that'.  
 The Sháh replied: -  
 'Not mine the arrow, for the All-conqueror  
 Assisteth me. None in the world is viler  
 Than one whose prop and helper God is not'.  
 He urged his charger onward, thou hadst said: -  
 'Yon courser is an eagle in its flight!'  
 A gallant onager appeared. Forthwith  
 The Lion reached out for his scimitar,  
 And with a sword-stroke clave the beast asunder  
 In equal halves. Chiefs, nobles, and attendants  
 Armed with the scimitar, came up to him,  
 And, when they saw that stroke, a sage exclaimed: -  
 'What swordmanship and might are here! Oh! May  
 The evil eye ne'er look upon this Sháh.  
 He hath no semblance save the moon in heaven,  
 Beneath him are the heads of this world's chiefs,  
 While heaven is lower than his scimitar,  
 And arrowpoint'.  
 The troops that followed him  
 Cleared all the plain of onager. He bade  
 Make rings of gold and grave his name thereon.  
 He ringed the creatures' ears and let them go;  
 Six hundred too he branded in a batch,  
 Then freed them for the honour of his name,  
 Went round the host proclaiming thus: 'Let none  
 Sell to the merchants any onagers  
 On this broad plain but give them as a gift'".

No *Glosario* [latino-espanhol] *de Palacio*, do século XIII, descrito por Castro (1991: xxi-xxii), consta “onager – **enzebra**” (cf. Castro, 1991: 70, no. 46).

No *Glosario* [latino-espanhol] *de Toledo*, do último terço do século XIV, descrito por Castro (1991: xx-xxi), consta “onager, -gry – **zebro**” (cf. Castro, 1991: 11, no. 342).

No *Glosario* [latino-espanhol] *de El Escorial*, do século XV, descrito por Castro (1991: xxii-xxiii), consta “onager, -gri – asno montes” (cf. Castro, 1991: 110, no. 1566).

Toledo (1432), em sua tradução do *Guia dos Perplexos* (*Moreh Nevukhim*, **دلالة الحائرين**) de Maimônides, intitulada *Mostrador e enseñador de los turbados*, publicou a palavra *encebro*. A palavra árabe para o animal foi traduzida como *onagro*, conforme consta em Silveira (1948: 225):

“posso aditar outra [passagem] de Abulfeda, que no seu *Tacuim al-boldan*<sup>107</sup> (Tratado das regiões), concluído em 1321, nos diz que ‘no Andaluz há gazelas, *onagros* e cervos; porém leões nunca ali se encontraram’ (Cf. Alemany y Bolufer, *La geografía de la Península Ibérica en los escritores árabes*, p. 164)”.

<sup>107</sup> *Taqwin al-Buldan*, de Abu'l-Fidā Ismā'īl ibn Alī al-Ayyūbī ad-Dimaški al'Hamamī (1273-1331).



Figura 6.8. Bahram Gur caçando onagros (pintura atribuída a Mir Sayyid ‘Ali (ca. 1530-1535)).

No *Romance del rey Marsin*, de autor anônimo do século XV há os seguintes versos (Grimm (J.), 1831: 106):

“por las sierras de Altamira huyendo va el rey Marsin,  
 cavallero en una **zebra**, no por mengua de rocin,  
 la sangre que del corria las yervas haze teñir,  
 las bozes, que yva dando, al cielo quieren subir”.

Nebrija, que publicou por primeira vez seu *Vocabulario español-latino* em Salamanca em ?1495 citou o animal várias vezes (cf., p. ex., Nebrija, 1532: “**Zebra animal conocido. mula syria**”; 1560: “Mula Syria. Por la zebra, animal bravo y fiero” e “Zebra, animal conocido. lege Mula syria”; 1655: 173: “Mula Syria, *La cebra animal brauo, y fiero*” e 1586: “*Zebrar [sic] animal conocido. Mula Syria*”)<sup>108</sup>.

Frei Pedro de Alcalá (1505) (cf. Lagarde, 1883: 434) citou o nome árabe do onagro (como

<sup>108</sup> O mesmo fez Jerônimo Cardoso, em 1562, no verbete *zebra* (“lege mula syria”) ao lado de *asno bravo* (“onager, gri”) e do *asnhinho brauo* (“lalisio, onis”).

“zebra”):

“Zebra animal conhecido – *himár al guahx*”.

Brunetto Latini (cf. Chabaille, 1863: 227), em seu *Li Livres dou Tresor* (Livro I, parte V. cap. CLXXVIII – De l’Asne) já dizia:

“Asne sont de .ij. manieres: domesches et sauvages; mais au domesche n’a il nule chose qui face à ramentevoir en conte, fors que sa negligence et de sa foleté dit on mains proverbes qui donnent granz exemples as homes de faire bien.

**Li autre, qui sont sauvage, trueve on an Aufrique** [nossa ênfase], et sont si fier que l’on ne les puet donter. Et si soffist uns masles à plusors femeles. Cil est si jalous que quant il aperçoit que aucuns de ses poulains soit masles, maintenant li cort sus et li oste les coillons, se la mere ne s’en prent garde et le tiegne en repost sauvement.

Et sachiez que cist asnes sauvages que on apele **onagres**, à chascune hore dou jour et de la nuit crie une foiz, si que l’on puet bien cognoistre les hores et savoir certainement quant la nuiz est igoal”.

Franciosini, autor do *Vocabulario español e italiano*, aparecido em 1566, diz: “Zebra. Mula saluática, che nasce nella Siria” (cf. Franciosini, 1638: 832).

Oudin (1607): “Zebra, vne sorte de beste comme vne mule qui est fort farouche, & se trouue ay pays de Syrie, elle est fort viste & legere à la course, & son haleine rend vne odeur comme de musc”.

No dicionário de Oudin (1617) aparece: “Zebra, *une sorte de beste comme une mule qui est fort farouche, & se trouue au pays de Syrie, elle est fort viste & legere à la course, & son haleine rend une odeur comme de musc*, vna sorte di bestia simile ad vna mula, molto saluatica, che è in Syria, veloce al corso, & il suo fiato sente di muschio”.

Lapa (M. R.) (1970: 111 e 303 [nota 2])<sup>109</sup> diz:

“**zevron** = zevrão, aumentativo disfêmico de *zevro* = onagro, cavalo selvagem, conhecido por sua grande velocidade. Em sentido figurado, “homem grosseiro, bruto, impiedoso, asselvajado” e “era assim chamado [zevrão] o que montava o *zevro*, cavalo selvagem hispânico”.

## 6.6. Veado

Consta em Nunes (1926a: 430-431) [cf. 8.3 abaixo]. O mesmo autor (Nunes, 1926: 461) voltou a tratar desse mesmo tema:

“O *cervo* denomina vários lugares em ambos os números, no seu feminino, no derivado em *-eira* (*Vila Nova da Cerveira*) e talvez ainda em *Cervães* e *Cervainhos*. Por outra forma do mesmo nome, de feição mais popular, tenho eu *Zebro*, que, nos dois números, no feminino *Zebra* e derivados *Zebreal* ou *Azebral*, *Zebreira*, *Zebreiros* ou *Zibreira*, *Zibreiros* e diminutivo *Zebrinho*, deu não pequeno contingente à nossa toponímia. Outras designações do mesmo animal, *veado* e *corço*, se é que não indicam variedades da espécie, figuram ali; a primeira assim, no derivado *Viadal* e ainda em *Veade* ou *Viade*, que se afigura variante daquele; a segunda igualmente nesta forma, no singular, e em ambos os números o respectivo feminino, e quiçá ainda em *Corcitos*, *Corceal*, *Corcealinho*, *Corçães* e *Corçãos*\* (\* O dr. Cortesão cita *Cervais* ou *Cervães* (S. Salvadore de-), *Cervaynos*, *Cerveira*, *Cervana*, *Cervelis*, *Cervia*, *Zebrario*, *Zebrealio*, *Zebreiro*, *Ezebrario*, *Ezebreiro*, *Zevrario* ou *Zevreiro*, *Zibraria*, *Sevra* (planum de), *Venado* e *Veado*)”.

## 6.7. Zebra

<sup>109</sup> Lapa retira essa informação, com certeza, de *zeuron*, palavra presente nas cantigas de Lopo Lias. (CV 945; CBN 1288; CV 946, CBN 129; CV 952, CBN 1295; CV 955, 1298; CV 956, 1299; pl *zeurões* CV 950; 1293; CV 951; CBN 1294). Sobre Lopo Lias e sua obra, cf Cabo, 2011; Lapa (M. R.), 1966, 1970, 1982; Manso, 1990.

Essa hipótese foi lançada no século XVIII pelo Pe. Sarmiento (cf. Santos Veja & Santos Puerto, 2013)<sup>110</sup>.

Nunes (1926: 433-434) comentou sobre o assunto:

“Mais tarde os nossos navegantes trouxeram para Portugal o animal e com êle o nome de *zebra*, que lhe davam os indígenas do Congo<sup>111</sup>, nome que depois se comunicou às outras línguas da Europa. A coincidência, porém, de tal vocábulo se achar nas antigas línguas, portuguesa (e portanto galega) e castelhana, embora com forma própria a cada gênero, levou os investigadores do passado a afirmarem a existência entre nós da actual *zebra* africana e de ao dizer o Padre M. Sarmiento [sic], distinto erudito do século XVIII, que o animal era oriundo de Espanha e censurar não só os galegos de terem destruído ou deixado desaparecer os numerosos rebanhos de zebras, que existiam nas altas montanhas a que dão o nome de *Zebrero*, mas também os escritores que colocam a sua descoberta na época da conquista do Congo pelos portugueses, no século XVI”.

Ribeiro (1820: 134, 1867: 142), em suas *Correcções ao Elucidario da lingua Portugueza*, por Fr. Joaquim de Santa Roza do Viterbo compartilhou a opinião do Pe. Sarmiento:

“A pag. 415 e 416.

*Zebro*, ou *pedra zebra* (talvez *pedra*, ou *pelle zebra*) nada tem de gado vaccum. He hum animal bem conhecido, e que entre nós, em outros tempos era vulgar, dando-se com tudo ás suas pelles mais valor que ás dos outros animaes; a Africa he que hoje abunda na sua criação”.

---

<sup>110</sup> Vide 6.4 e 7.1.

<sup>111</sup> Vide capítulo 4.



## 7. ZEBRO: *EQUUS FERUS* OU *EQUUS HYDRUNTINUS*?

### 7.1. O zevere

Brunetto Latini<sup>112</sup> (1220-1294) foi enviado por seus compatriotas florentinos à corte de Afonso X de Leão e Castilha, em 1260, para pedir sua ajuda em favor dos guelfos. No entanto, a notícia da vitória dos gibelinos na batalha de Montaperti (4 de setembro de 1260), travada em Castelnuovo Berardenga, província de Siena, forçou-o a exilar-se na França, onde permaneceu por sete anos. Escreveu em vulgar florentino um poema (inacabado ou parcialmente perdido), chamado *Il Tesoro*, posteriormente (já em manuscritos do fim do século XIII) também chamado *Tesoretto*.

Durante seu exílio na França redigiu em *langue d'oïl* a obra *Li livres dou Tresor* por volta de 1264. Como ele mesmo explicou, a opção por essa língua deveu-se ao fato de ser “la parleur est plus delitable et plus comune a touz languaiges”. Foi mestre de Dante Alighieri, que depois o colocou num dos círculos do inferno<sup>113</sup>.

Nos *Li livres dou Tresor* nada consta sobre o zevere (cf. Chabaille, 1863, que publicou a obra por primeira vez).

O site “Brunetto Latino Website Portal – The Florin Website” ([www.florin.ms/brunettolatini.html](http://www.florin.ms/brunettolatini.html)) lista os manuscritos conhecidos do *Tresor*. E o site “animaux – University of Tennessee at Martin” [www.utm.edu/staff/bobp/vlibrary/animaux.shtml](http://www.utm.edu/staff/bobp/vlibrary/animaux.shtml) disponibiliza os manuscritos existentes na Biblioteca Nacional da França:

#### “Complete Manuscript Facsimiles Containing *Le Livre du Trésor*

MS Paris BNF fr. 191 *Tresor* [de BRUNET LATIN]  
MS Paris BNF fr. 566 *Li Livres del Tresor, lequel maistre BRUNES LATINS*  
MS Paris BNF fr. 567 *Tresors de maistre BRUNET LATIN*  
MS Paris BNF fr. 568 *Brunetto Latini, Livre du Trésor*  
MS Paris BNF fr. 569 *Livre dou Tresor, lequel comencza maistre BRUNET LATIN, de Florence*  
MS Paris BNF fr. 570 *Le Livre del Tresor, qe fist maistre BRUNET LATIN, de Florence*  
MS Paris BNF fr.571 *Brunetto Latini, Livre du Trésor*  
MS Paris BNF fr.573 (Anc. 7069) - *Le Livre qui est apelé Tresor [de BRUNET LATIN]*  
MS Paris BNF fr. 726 (Anc. 7160) containing [*Le Livre dou Tresor, de BRUNET LATIN*]  
MS Paris BNF fr.1110 *Li Livres dou Tresor [de BRUNET LATIN]*  
MS Paris BNF fr. 1112 - *Le Livre du Tresor, lequel translata maistre BRUNET LATIN de Florence*  
MS Paris BNF fr. 1113 - *Le Livre du Tresor, lequel translata maistre BRUNET LATIN de Florence*”.

Como comentou Aebischer (1956: 172-173):

“Ce ne fut pourtant pas dans l’édition française du *Tresor* à laquelle il travailla peu après pendant son exil en France, que le Florentin [Brunetto Latini] fit état de ses connaissances concernant le zevere: ces connaissances, il dut les communiquer, d’une façon ou d’une autre, à l’auteur du ‘vulgarizzamento’ [Giamboni<sup>114</sup>] qui, sinon dans une première version, du moins dans une version postérieure – hypothèse qui expli-

<sup>112</sup> Sobre a vida e a obra de Brunetto Latini, ver Sundby (1844).

<sup>113</sup> *Divina Commedia*, Inferno (Canto XV, 22-60).

<sup>114</sup> Segre & Marti (1959: 227-254) não admitem a participação de Bono Giamboni (cf. Giamboni, 1528, 1533, 1839, p. ex.) na “vulgarização” do *Il Tesoro* de Latini.

querait la présence de notre chapitre dans une partie seulement des manuscrits du *Tesoro* -, fit état de cette adjonction qui, du *Tesoro* passa dans le texte du *Bestiario* toscan et dans celui des fragments de Bologne”.

Os bestiários aos quais se referiu Aebischer são os seguintes:

1. Um bestiário toscano do século XIII (MS. no. 2117 da Biblioteca Universitária de Bolonha) (publicado por Garver & McKenzie, 1912), em que consta o nome **zeuere**.

2. Um manuscrito (no. 2183) da Biblioteca Riccardiana de Florença (uma cópia do começo do século XV, mas possivelmente de um século anterior, citada por Goldstaub & Wendriner (1892: 80-81):

“Cod. Riccard. 2183, chart., in fol., s. XV (Anfang) (...), enthält 77 Bl., welche in zwei Kolonnen geschrieben sind. Die Initialen sind nicht ausgeführt, sondern klein an den Rand gesetzt. Im geschriebenen Text selber sind zwei Hände erkennbar, und zwar hat die 2. Hand fol. 40, 2-47<sup>b</sup> [es sind übrigens nicht alle diese Bl. mit Schrift ausgefüllt] beschrieben; endlich hat eine 3. Hand aus fol. 1-2<sup>b</sup> ein sehr ausführliches Inhaltverzeichnis angelegt. Die Hs. gehörte, wie eine durchstrichene Angabe lehrt, dem ‘giouanni mazinghi, oste a vaglia’, sodann dem ‘Lionardo di Benedetto’; die letzte Bemerkung, hinter welcher die Jahreszahl 1524 steht, scheint von derselben Hand, welche als 2. bezeichnet wurde, geschrieben zu sein.

Der Inhalt der Hs. ist auf dem Titelblatt kurz durch: ‘Natura degli Animali. – Rime varie. – Ricette’ bezeichnet. An erster Stelle (bis fol. 16, 2) steht der in tosk. mdt. abgefasste Bestiarius, welcher durch die nach einem bestimmten Eintheilungsprinzip hergestellte Anordnung und dadurch, dass die Auslegungen oft fehlen. Eine besondere Stellung unter den bisher betrachteten Bestiaren einnimmt. Der Bestiarius beginnt mit einer Einleitung, die den bekannten Anfang zeigt: ‘[B]egli signori, tutte le cose che gli uomini del mondo sanno e prouano di sapere, si sono per due principale istrade’ und folgenden Schluss hat: ‘dunque siamo debiti di rendere grazia allui (d. i. Gott), che cosi dolcie padre e signore che na dato a sapere e a cognoscere tante cose a nostra utolita. che ne prendiamo asenpro al nostro edificamento della qual cosa ui conteremo alquanto begli signori allaude diddio’. Darauf folgt der Titel des 1. Abschnittes: ‘[Q]vi comincia il libro delle nature delle bestie’. Der Inhalt des Thierbuches ist nämlich in ‘bestie, uccielì, pesci, serpenti’ und 27 solche, ‘che non sono di chaccia’ – das 27. Kap. enthält die bekannten ‘4 Geschöpfe’ – sodann nach einer allgemeinen Einleitung ‘delle nature e condizioni de pesci’ 7 Wasserthiere und endlich nach einem Kapitel ‘delle nature de serpenti’ 11 Schlangen”.

O trecho relativo ao **zevere** desse manuscrito foi transcrito por Aebischer (1956: 168):

“[D]Ella natura del zeuere

**[Z]Euere** sono una gienerazione di bestie che abitano nelle parti dispagna e di castella uecchia e **sono maggiori che cieriui e anno i loro orecchi molto lunghi e anno una lista in sulla ischiene e lungho suo codo a modo de mulo**. E anno li loro piedi fieboli e la loro carne e molto buona a mangiare. E sono molto correnti e piacie loro molto la ueduta del fuecho. E pero quando i cacciatori gli uogliono prendere, si uanno nel bosco oue sono e quini fanno fuecho e intorno al fuecho anno fatti lacci di forti fumi, ed eglino per la uaghezza della fiamma ui uengono e in cotale modo sono presi”.

O nome *zeuere*, que aparece nos séculos XIII e XIV ou XV, só vai ser publicado na edição *princeps* do *Tesoro* de Brunetto Latini (Latini, 1474) [Figuras 7.1- 7.4].

Aí lemos:

“Del zevere. caplō. xlviiii.

**Zeuere** sono vna gienerazione di bestie, che habitano nelle parti di Spagna, cioe di Castiglia uechia, e **sono maggiori che cerui. Et anno li loro orecchi molto lunghi. Et ãno vna lista sup’ le schiene ifino su la coda, come mulo**. Et ãno li loro piedi fessi<sup>115</sup>. E la loro carne e molto buona da mangiare. E sono si corrēti: che luomo nō li puote pendere ã alchun modo, se nō che sono molto vaghi del fueco. E po q’ãdo li chacciatori li trouano al boscho: elli vãno intorno di loro di notte, e fanno gran fuoghi e ben chiari ã q’ella parte: òde possono esser vedu-

<sup>115</sup> “Fendidos”.

ti meglio. E q'ãdo elle el veghono: sinne sono si vaghe, che nõ pōgono boccha in terra per pascere, e q'ando li chacciatori li ãno tenuti q'asi il terzo di: elli vanno inversso di loro, e vanno gli trauidiãdo inversso q'ella parte: oue dee auere aq'a. E quando egli gli anno condotti allaq'a: elli li danno tanto dispazio: chelli possano bere, e beono moltto volentieri. E q'ãdo ãno molto beuto: et elli le chacciano. Et elle allora sono si lasse p'llo grãde digiuno che ãno fatto: e p'lla molta aq'a che hanno beuta, chelle nõ possono guari correre. Allora li chacciatori le prendono leggiermente”.

Sarmiento (1761; *in* Santos Veja & Santos Puerto, 2013: 9), muito judiciosamente assinalou que:

“Aquí se conoce que Brunetto Latini habla de la zebra [sic], por informe de algùn español, y que este, sobre el informe de muchas cosas ciertas, añadió, o engañado, o para engañarle, el artificio del fuego para cogerla, el cual tiene apariencia de fábula, constando ya de los *Fueros de Alarcón* que las zebras se cazaban como outro cualquier animal silvestre”.

Nores Quesada & Liesau Vonlettow-Vorbeck (1992: 64) acrescentaram:

“Sarmiento (1761) señala que no parece que hubiese podido observar en detalle tales animales, por la manera fabulosa con que describe su captura, lo que sugiere que añadió informaciones relatadas, a lo que habría que añadir la mención de sus pies hendidos [*fessi* ], que correspondería más creíblemente a un artiodáctilo<sup>116</sup>”.

Martín de Cantos, arceprestre e cronista de Chinchilla, escreveu em 1576 (cf. (Cebrián Abellán & Cano Valero, 1992: 119):

“criase en esta tierra muchos benados, corços, gatos monteses y algunas vezes se hayan puercos y cabras monteses, vna espeçie de salvagina ouo en nuestro tienpo en esta tierra que no la a avjdo en toda Espanna sjno aqui

<sup>116</sup> Investigamos diretamente falantes angolanos nativos de quimbundo (ou indiretamente, por meio da ajuda do prof. Francisco Xavier, africanista da Sorbonne) e concluímos que *zebra* se diz em quimbundo, atualmente, ora *ngolo* ora *kisema* (ou na grafia portuguesa *quissema*). No entanto, o termo *kisema* é primariamente aplicado ao antílope *Kobus ellipsyprimnus penricei* W. Rothschild, 1895 (em *Fauna de Angola – Antílopes*. [pt.slideshare.net/horacioalmeida73/fauna-de-angola.antilopes](http://pt.slideshare.net/horacioalmeida73/fauna-de-angola.antilopes) há uma foto do *quissema*). A confusão entre artiodáctilos e equinos se reflete também na forma “burro-do-mato”, já mencionada por Baltasar Teles, 1660 cf. 3.8; Leutholf 1676 cf. 4.1; Dapper 1686 cf. 4.1n; Paullinus 1695 cf. 4.1; Leutholf 1698 cf. 4.1, que pode ser um decalque de ampla distribuição na África (como se viu, também são as formas em amárico የሜዳላህያ *yam'eda ahəyya*, em tigrínia ላድጊ ረኽ 'adgi bārāha e em tigre ላድጊ ካድን 'adg kädän cf. 4.1). Por exemplo, no selo postal de 20 AGs o nome “burro-do-mato” aparece associado à figura de *Kobus defassa penricei* W. Rothschild, 1895: <http://www.arcadedarwin.com/2013/01/10/fauna-de-angola-selos/burro-do-mato-10ags/>



O nome quimbundo *ngolo* parece restrito apenas ao equídeo e tem correspondência em outras línguas banto (cf. apêndice III), porém, nas áreas onde atualmente a zebra inexistente, é conhecido metaforicamente por *kisema* ou *zebra* (vários informantes desconheciam o significado da palavra *ngolo*, a não ser com o sentido homônimo de “joelho”). Consultado por nós, o prof. Carlos Figueiredo, da Universidade de Macau, profundo conhecedor da fauna angolana do Libolo, relata que não há zebras nessa região e que o animal do selo, acima mencionado, se parece mais com um *kichoa*. Posteriormente enviou-nos fotos de outro artiodáctilo que, segundo ele, seria o *kisema*. Os de Kissama têm orelhas mais longas do que as do Libolo, o que talvez justificasse a associação com o burro.

que fueron **enzebras** que abja muchas y tantas que destruian los panes y senbrados, **son a manera de yeguas çenzosas de color de pelo de rrata vn poco mohinas rrelinchauan como yeguas** corrian tanto que no avia cavallo que las alcançase y para aventarles de los panes los sennores dellos se ponjan en paradas con caballos y galgos que otros perros no las podian alcançar y desta manera las auentaban que matar no podian por su ligereza”.

Esta passagem é muito provavelmente uma paráfrase do *Tesoro*; Martín de Cantos não deve ter visto nenhuma “enzebra”.

Se é que realmente Latini viu algum equídeo, ele não poderia corresponder propriamente ao *zebro*. Sua única menção de cor é a *lista su per le schiene infino in sulla coda, come mulo*. Nada consta sobre algum padrão “zebrado”, que seria de esperar nesse animal.

Ora, segundo Lusic (1943):

“1. Striping is distributed among diverse breeds of domestic horses. It is found frequently and more distinctly expressed among primitive local populations of horses than among standard breeds, due to continued selection against wild coat colors (wild dun, mouse-grey), with which striping is correlated in some way, as yet insufficiently elucidated.

2. Striping in domestic horses in most cases resembles striping in all other species of the family Equidae (zebras, asses, hemiones, wild horses) and is by its very nature rudimentary and atavistic. The most persistent elements of striping in domestic horses are: the spinal stripe [Figuras 7.5, 7.6, 7.7], next horizontal zebroid stripes on the legs [Figuras 7.8, 7.9, 7.6, 7.10], then rudiments of stripes on the vertical system (shoulder stripes and spots) [Figuras 7.9, 7.10, 7.11]; rarely there has been observed the development of arch-shaped stripes on the forehead”.



Figura 7.1. Fólío 7r da edição *princeps* (1474) do *Tesoro* de Brunetto Latini (*apud* Tesoro 1 – The Florin Website. [www.florin.ms/Tesoro1r-html](http://www.florin.ms/Tesoro1r-html)).



.xxxvii.	Del Corbo.	cap.	.xix
.xxxviii.	Della Lornachia.	cap.	.xx
.xxxviii.	Delle Lotoznici.	cap.	.xxi
.xxxviii.	Della Ligognia.	cap.	.xxii
.xxxviii.	Delli Ibes.	cap.	.xxiii
.xxxviii.	Del Licino.	cap.	.xxiiii
.xxxviii.	Della fenice.	cap.	.xxv
.xxxviii.	Della grue.	cap.	.xxvi
.xxxviii.	Della Upupa.	cap.	.xxvii
.xxxix.	Delle Rondine.	cap.	.xxviii
.xxxix.	Del pellicano.	cap.	.xxix.
.xxxix.	Della pernice.	cap.	.xxx
.xxxix.	Del papagallo.	cap.	.xxxi.
.xxxix.	Del paone.	cap.	.xxxii
.xxxix.	Della Tortola.	cap.	.xxxiii
.xxxix.	Dellauoltoio.	cap.	.xxxiiii
.xxxix.	Dello Seruzolo.	cap.	.xxxv
.xl.	Del Ubculo.	cap.	.xxxvi
.xl.	Del Rigogolo.	cap.	.xxxvii
.xl.	Del picchio.	cap.	.xxxviii
.xl.	Del Gallo.	cap.	.xxxix
.xl.	Del Leone	cap.	.xl
.xli.	Anteleus	cap.	.xli
.xli.	Arnes	cap.	.xlii
.xli.	De Buoi	cap.	.xliii
.xli.	Donnola	cap.	.xliiii
.xli.	Del Hamelo	cap.	.xlv
.xli.	Del Castoro	cap.	.xlvi
.xlii.	Del Lauriolo	cap.	.xlvii
.xlii.	Del Seruo	cap.	.xlviii
.xlii.	Del zeuere.	cap.	.xlix.
.xlii.	Dela natura de piu cani		.l.
.xlii.	Della natura dellame- lione.	cap.	.li.
.xliii.	Della natura de cauati.		.lii.
.xliii.	Delleofantē	cap.	.liii.
.xliiii.	Della formica.	cap.	.liiii.
.xliiii.	Delle chiene.	cap.	.lv.
.xliiii.	De piu maniere de Lupi		.lvi
.xliiii.	Del locotus.	cap.	.lvii
.xliiii.	Del yenticoze.	cap.	.lviii
.xliiii.	Della pantera.	cap.	.lix.
.xliiii.	Del parendres.	cap.	.lx.
.xliiii.	Della Simia.	cap.	.lxi.

Figura 7.2. Índice do Tesoro de Latini (1474), fólio 2v, coluna direita, onde aparece a palavra zeuere (apud Thesoro 1 – The Florin Website. [www.florin.ms/Tesoro1r.html](http://www.florin.ms/Tesoro1r.html)).

molti cerui. e fece mettere a ciaschaduno  
 nelle cozna vn ciurchio uozo. o uarieto. che  
 poi furon presi e trouati per gran tempo.  
 apresso di cēto anni. E sappiate. che q̄an-  
 do el ceruio tiene lozechie chinate: ellī nō  
 a ghorta. e q̄ando li diriza: a grietamēto.  
 E q̄ādo ellī passano alchuno gran fiume  
 quello di dietro porta el capo: sopra alla  
 groppa di q̄el dināzi. e così el sostiene: sel  
 li si trauagliasse niēte. E q̄ādo el ceruio e  
 amalato: e cōmosso di fiera luxuria q̄ādo  
 e stagione. la femina non concepe: se nō sī  
 leua vna stella: che chiamata arereti. E  
 q̄ando e la stagione che figliuoli uebbono  
 nascere: ellī vanno affare lo loro letto: nel  
 piu naschoso luogo. chelli possono troua-  
 re. laoue el boscho e piu pzo fondo. e piu  
 spesso e q̄ivi insegna a suoi figliuoli coze-  
 rare. e fugiere. e adare p ripe. e p mōtagne.  
 e lozo natura e: che laouelli sentono abba-  
 iare chani: chelli chaccino: li dirizano la  
 loro andatura. accio chelli chani nō sen-  
 tano lozo odoze. E non p tanto. che laoue  
 li chacciatōzi chelli chacciano li tēghono  
 si cozezi e dispari: che nō conta di piu po-  
 tere quarētire: ellī ritozina iotetto. chozēdo:  
 e battēdo q̄ella parte: la onde li chaccia-  
 tozi uegnono. pmozire dinanzi dallozo:  
 piu leggiermente.

**Del zevere. caplo. xlviii.**

Zevere sono vna generazione di be-  
 stie. che habitano nelle parti di spagna.  
 cice di Castiglia uechia. e sono maggiozi  
 che cerui. Et anno li lozo ozechi molto lun-  
 ghi. Et āno vna lista sup le schiene ifino  
 i su la coda. come mulo. Et āno li lozo pie-  
 di fessi. E la lozo carne e molto buona di  
 mangiare. E sono si cozezi: che luomo nō  
 li puote pendere i alchun modo. se nō che  
 sono molto vaghi tel fuoco. E po q̄ādo li  
 chacciatōzi li trouano al boscho: ellī vā-  
 no intorno di lozo uinotte. e fanno gran  
 fuoghi e ben chiari i q̄ella parte: ode pos-  
 sono esser veduti meglio. E q̄ādo elle el ve-

Figura 7.3. Descrição do zevere no *Tesoro de Latini* (1474, fólio 48r, coluna direita) ((*apud* Thesoro 1 – The Florin Website. [www.florin.ms/Tesoro1r.html](http://www.florin.ms/Tesoro1r.html)).

ghono: sinne sono si vaghe. che nō pōgbo-  
no bocca in terra per pascere. e quando li  
chacciatezi li āno tenuti qasi el terzo vi:  
elli vanno inuerso di loro. e vanno gli  
traiādo inuerso quella parte: oue dee auere  
aqua. E quando egli gli anno condotti  
all'acqua: elli li danno tanto di spacie: chelli  
possano bere. e beono molto volentieri. E  
quādo āno molto beuto: et elli le chaccia-  
no. Et elle allora sono si lasse p'lo grāde  
di giuno che āno fatto: e p'la molta aqua  
che anno beuta: ch'elle nō possono guarir  
corere. Allora li chacciatezi le pzendono  
leggiermente.

Della natura di piu cani. .cap. l.

**C**ani nō veghono: quādo nascōno.  
ma poi ricouerano loro vedutta. se-  
cōdo lordine di sua natura. e tutto chelli-  
no āno luomo piu che niunaltra animale  
del mondo: elli non cognoscono le strane  
gienti. se non colore: chon chui vsano. e si  
cognoschono bene loro nome: alla voce di  
loro signore. Le sue piaghe guarisce: for-  
bendole cōlla sua lingua spesso. E gitta  
el suo pasto. e poi el rimāgia. E quando elli  
porta carne in bocca: et elli vada sopra  
acqua: che veggia la sua ombra nell'acqua di  
quello cha in bocca: incontanente lascia  
quello che porta: p' quello che vede nell'acqua.  
E sappiate che quando si congiungono  
insieme chane e lupo: elli ne nasce vna ma-  
niera di cani: che molta fiera. O da li mol-  
to fieri cani nascōno: di chagna e di ri-  
gro. E sono si legieri e si aspri: che ciò e for-  
te marauiglia. Et altri cani che sono di  
dimestica magione: sono di molte manie-  
re. Becci nascōno di piccholi: che sono  
molto buoni a guardare chafe. E sinne so-  
no valtri piccholi: che sono buoni a chac-  
ciare. E quelli che sono generati di piccio-  
lo padre: puote luomo nutrire i loro giouē  
zude i questa maniera. chelli lo mettera in  
vna picchola paniera. e nutrichilo di po-  
cha vināda. e tirigli spesso gli orecchi chō-

Figura 7.4. Fim da descrição do zevero no *Tesoro de Latini* (1474, fólho 48v, coluna esquerda) (*apud* Thesoro 1 – The Florin Website. [www.florin.ms/Tesoro1r.html](http://www.florin.ms/Tesoro1r.html)).





Figura 7.5. Faixa espinal dorsal em *Equus kiang holdereri* Matschie, 1911.



Figura 7.6. Faixa espinal dorsal em cavalo doméstico.





Figura 7.7. Faixa espinal dorsal em cavalo doméstico.



Figura 7.8. *Equus africanus somaliensis* (Noack, 1884).



Figura 7.9. O *Sulphur Horse* de Utah.

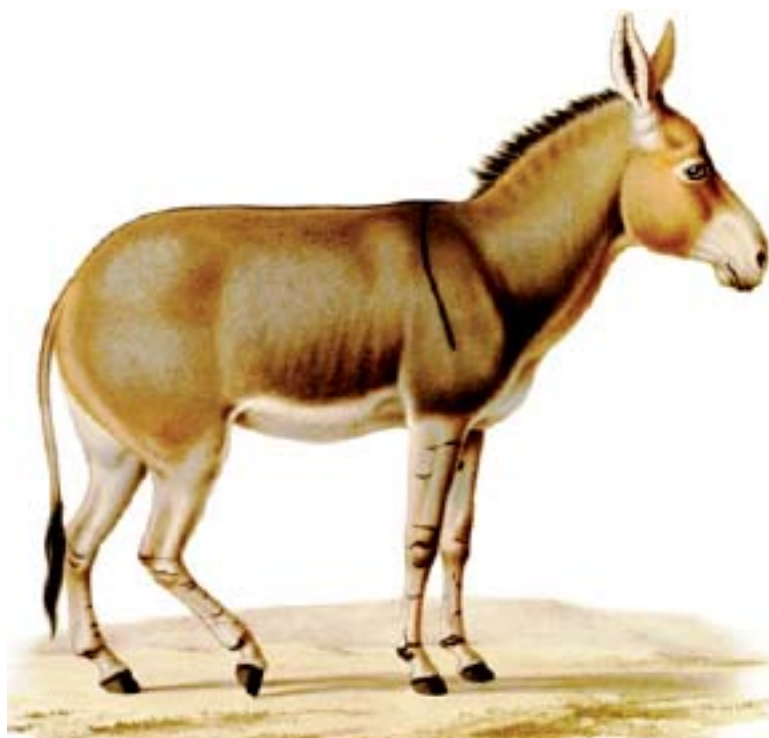


Figura 7.10. “Onagre ou Ane sauvage d’Abyssinie” (Milne-Edwards, 1869: pl. 5).



Figura 7.11. “Metis d’un Hemione et d’une Anesse” (Milne-Edwards, 1869: pl. 3).

Antunes (2006: 211, fig. 1) reproduziu um desenho do período paleolítico encontrado na caverna dos “Trois Frères”, na França, atribuindo-o ao *zebro*. À página 223 o mesmo autor cita “com reserva”, o “Apocalipse de Lorvão”, onde há uma interessante figura [Figura 7.12], sobre a qual comentou:

“The illustrated copy of the Comments by Saint Beatus de Liébana on the Apocalypse according [to] Saint John (end of the VIIIth century) that belonged to the Lorvão Monastery is kept at the Arquivo Nacional da Torre do Tombo [está disponível em “Apocalipse – Arquivo Nacional da Torre do Tombo – DgitArq (digitark.dgarq.gov.pt/details?id=4381091)], Lisbon. It was made in 1198 by a scribe, probably a monk who signs himself Egeas.

Equids are depicted. Most are horses; however, there is also an asinine being ridden, followed by a smaller one, maybe a female with a foal (see Egry, 1972, Lam. X). If so, it cannot be a mule. Long ears show it certainly is not a horse. It could be an ass, but it could also represent a *zebro*: data concerning Spain show that tame *zebras* were used as mounts ([Nores] Quesada & Lettow-Vorbeck, 1992, 65-66)”.

Mas esse equino não apresenta as faixas escuras que deveriam caracterizar um *zebro*. Em resumo, ***não temos nenhuma descrição de como seriam os zebros da Península Ibérica!***

Os diversos documentos medievais (cf. capítulo 2) claramente indicam tratar-se o *zebro* de um cavalo selvagem, diferente do asno e da asna, do mulo e da mula e do cavalo doméstico<sup>117</sup>. Este último é citado abundantemente nos documentos de Portugal, pelo menos desde o século XII, conforme consta dos vários volumes da obra *Portugalia Monumen-*

<sup>117</sup> Para uma história dos cavalos domésticos na Ibéria pré-romana, veja-se o excelente artigo de García-Gelabert Pérez & Blázquez Martínez (2006).



ta Historica. Leges et Consuetudines, como *caballus*, *caballo*, *cavalo*, *cavalo*, *cavallus* (pp. 89-94-194-195-350-361-363-371-379-380-381-391-392-395-419-422-425-427-430-431-436-439-442-444-446-455-458-466-471-487-488-495-513-515-516-526-533-534-536-542-546-554-556-563-566-567-572-577-578-580-581-588-590-591-592-593-595-596-603-606-619-623-624-625-626-627-631-646-651-681-692-694-696-701-702-704-705-709-721-722-765-778-783-807-810-819-833-843-884-885-893-928-932-936-937), provindas do latim vulgar *caballus*. Em menor número estão as palavras *equa* (pp. 194-201-350-361-363-371-381-407-412-416-422-427-475-488-492-496-557-560-563-582-664-705-734) e *equus*, *equus* (pp. 364-371-373-376-381-389-407-413-416-422-486-492-495-496-497-513-531-539-540-548-549-557-558-560-561-564-566-577-582-584-585-608-609-614-617-635-641-642-665-670-661-703).

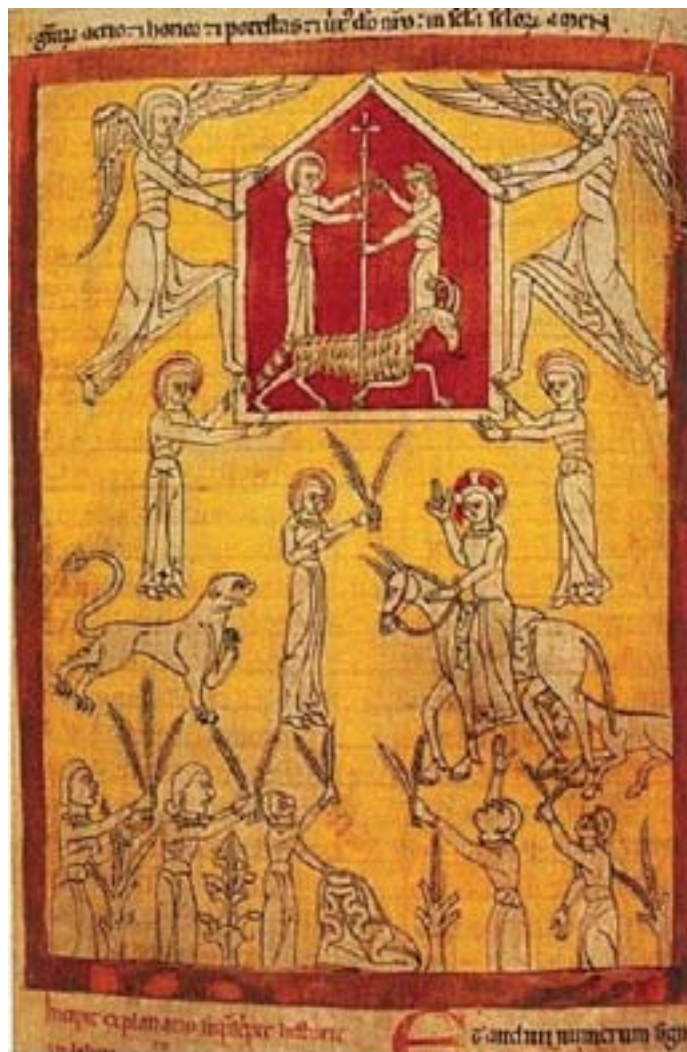


Figura 7.12. Fólio 120r do *Apocalipse do Lorvão* (1189).

A palavra *zebro*, grafada mais frequentemente *zeuro* (que reflete a pronúncia *zevro*), às vezes *zeura*, além de várias outras variantes prostéticas *ezeuro*, *enzebro* etc., já está registrada desde 1145, e na toponímia desde o século IX<sup>118</sup>. O zebro e o cavalo doméstico eram considerados dois animais distintos!

Por outro lado, se os portugueses, ao verem a zebra africana, passaram-lhe o nome desse equídeo ibérico, isto parece indicar que este animal tinha um padrão “zebrado” muito mais

<sup>118</sup> Cf. 2.1.1 e 2.3.



pronunciado do que as chamadas “marcas primitivas” (cf. [http://en.wikipedia.org/wiki/Primitive\\_markings](http://en.wikipedia.org/wiki/Primitive_markings)). Podemos **conjeturar**, talvez, que fosse muito semelhante ao *Equus (Quagga) quagga quagga* (Boddaert, 1785) [cf. Figuras 3.8 e 3.9].

## 7.2. Hipóteses sobre a identidade do “zebro”

Sabe-se que ocorriam na Ibéria duas espécies de cavalos selvagens.

O *tarpan* – *Equus ferus ferus* Boddaert, 1785 (= *Equus equiferus* Pallas, 1811; = *Equus sylvestris* Brincken, 1826; *Equus gmelini* Antonius, 1912; = *Equus silvaticus* Vetulani, 1928; = *Equus tarpan* Pidolichko, 1951) foi um cavalo selvagem que existiu na Europa desde a Ibéria e sul da França até a Rússia central.

Há desenhos dele em cavernas da Espanha e da França. Segundo o resumo de Pruvost *et al.* (2011) [Figuras 7.3 e 7.14]:

“Archaeologists often argue whether Paleolithic works of art, cave paintings in particular, constitute reflections of the natural environment of humans at the time. They also debate the extent to which these paintings actually contain creative artistic expression, reflect the phenotypic variation of the surrounding environment, or focus on rare phenotypes. The famous paintings “The Dappled Horses of Pech-Merle,” depicting spotted horses on the walls of a cave in Pech-Merle, France, date back ~25,000 y, but the coat pattern portrayed in these paintings is remarkably similar to a pattern known as ‘leopard’ in modern horses. We have genotyped nine coat-color loci in 31 predomestic horses from Siberia, Eastern and Western Europe, and the Iberian Peninsula. Eighteen horses had bay coat color, seven were black, and six shared an allele associated with the leopard complex spotting (*LP*), representing the only spotted phenotype that has been discovered in wild, predomestic horses thus far. *LP* was detected in four Pleistocene and two Copper Age samples from Western and Eastern Europe, respectively. In contrast, this phenotype was absent from predomestic Siberian horses. Thus, all horse color phenotypes that seem to be distinguishable in cave paintings have now been found to exist in prehistoric horse populations, suggesting that cave paintings of this species represent remarkably realistic depictions of the animals shown. This finding lends support to hypotheses arguing that cave paintings might have contained less of a symbolic or transcendental connotation than often assumed”.

Note-se que o relato de Posidonius de Apameia (*in* Strabo) (cf. 5.1) parece ser extremamente verossímil, tendo citado esse autor dois diferentes fenótipos para o *equiferus*!

O cavalo de Sorraia, em Portugal, parece ser uma população remanescente de cavalos selvagens indígenas da Ibéria Meridional, que sobreviveu quase pura nas terras baixas quase inacessíveis do rio Sorraia<sup>119</sup>. Ruy Andrade (1954) descobriu esses cavalos em 1920. Análises de DNA parecem indicar uma estreita relação entre o cavalo de Sorraia e o *tarpan* (Jansen *et al.*, 2002).

A segunda, hoje extinta, é o *Equus hydruntinus* Regalia, 1907. Nores Quesada & Liesau von Letow-Vorbeck (1992: 63), após enumerarem as várias tentativas de identificar o *zebro*, chegaram à conclusão de que:

**“El animal que mejor parece adecuarse a las descripciones que sobre el zebro se hicieron, entre los siglos X y XVI, es el *Equus hydruntinus*<sup>120</sup>, del que existe un amplio registro fósil en toda Europa, desde el Villafranquiese, hasta la Edad del Bronce, y cuyos registros más próximos en el tiempo, precisamente se han encontrado en España”** [nosso negrito].

<sup>119</sup> O rio Sorraia é um rio do Ribatejo que nasce na freguesia do Couço e resulta da junção de duas ribeiras, a ribeira de Sor e a ribeira de Raia.

<sup>120</sup> O epíteto específico, *hydruntinus*, provém de Hydruntum, o nome romano da cidade de Otranto, de onde proveio o material-tipo da espécie descrita por Regalia em 1907.



Figura 7.13. Réplica do desenho de cavalos selvagens na caverna de Pech-Merle (Museu de Brno).



Figura 7.14. Reconstrução dos cinco possíveis fenótipos dos cavalos selvagens europeus, sugeridas pela genética e pela evidência histórica. A forma do corpo e da cabeça e as proporções baseiam-se em cavalos selvagens viventes e descrições históricas. Artista: D. Foidl ([HTTP://en.wikipedia.org/wiki/Tarpan](http://en.wikipedia.org/wiki/Tarpan)).

Essa identificação passou a ser aceita por muitos autores, e é também por nós adotada.

Segundo Orlando *et al.* (2006):

“*Equus hydruntinus* inhabited Europe and the Middle East for more than 300 000 years. For a long time, palaeontological data failed to place *E. hydruntinus* into the equid phylogenetic tree, confronted with the fact that it shares primitive *Equus* characters with both zebras and asses, and derived characters with asses and hemiones. However, the study of a recently discovered skull points to a relationship with hemiones. Extraction of DNA from ancient samples from Crimea (*E. hydruntinus*) and Iran (*E. cf. hydruntinus*) yielded 134–288 bp of the mtDNA control region and 143 bp of the cytochrome *b* gene. This DNA analysis supports the proximity of *E. hydruntinus* and *Equus hemionus* suggested by skull and limb bone analyses, and rejects proximity to either *Equus burchelli* or the asses suggested by tooth morphology. Dental morphology may thus be of poor taxonomical value if used alone for establishing equid phylogenetic relationships. Furthermore, the small genetic distance between *E. cf. hydruntinus* of Iran and the classical *E. hydruntinus* of Crimea suggests that both samples belong to the same species. Accordingly, the geographic range of *E. hydruntinus* — until now believed to be restricted to Europe, Israel, and Turkey — can be extended towards East as far as Iran’.

Sobre o *zebro* em Portugal, temos estas preciosas informações de Antunes (2006: 232-233):

“*Equus hydruntinus* existed in the territory that is now Portugal at least since the Upper Palaeolithic times, late Pleistocene.

It is not surprising that the *zebro* existed all over the extant territory of Portugal, a fast and very mobile beast, it easily could reach more favourable areas according to seasons, or wherever human pressure was less.

The very wide geographical range is not in favour of physical or climate barriers, not all real as far as large-sized mammals are concerned. Mountain ranges leave passes, and generally unfavourable climates may seasonally alternate with more suitable weather.

Uneven geographic distribution does not imply that there were real barriers limiting distribution areas. Even if dominant occurrence in not very humid to quite dry areas seems clearly enough, it does not necessarily mean that the *zebras* could not pass or establish themselves, at least seasonally, in regions with far from optimal environments. *Zebro* populations could have been sedentary in favourable areas, nevertheless they could migrate and thus eventually or seasonally appear in less favourable ones.

The data from Portugal indicate that the *zebro* was a steppe, open and rather dry area dweller, including sparse cork-oak and ilex-oak woods, not a forest form. The range and survival of the *zebro* depended on humans (probably the prevailing factor) and environment.

The *zebro* was apparently common in the territories from the Portucale and Colimbría Provinces of the Portucale Country at least between the IXth and XIth centuries, with differences owing to more or less suitable environments. It could have become scarcer or extinct in northern and northwestern areas.

The *zebro* was common in Portugal in the XIIth century, including the later years. Most references concern Portugal’s expansion areas to the South and to the East, where natural, drier conditions were in favour of the *zebro*. It was common near Coimbra in 1145.

Meanwhile, the lack of *zebro*-references for the North-Western, more humid areas means rarity if not disappearance owing to a much larger human population and its increasing pressure, and otherwise to less favourable ecologic conditions coupled with a slow reproductive rate. The absence of a *zebro* references in the 1096 Guimarães *Foral* may be a preliminary sign of this situation.

XIIIth century *zebro*-references (the last being dated 1293 and 1295) are plentiful for the southern and eastern areas. Its presence in the North still is well documented by the 1253 Almotacaria Law, which fixes high prices for *zebro* animals and leather. However reality could be different because the same Law seems to have been applied to the entire country.

Nevertheless there are some signs of scarcity, at least for areas near population agglomerations as suggested by leather-only references. It may be concluded that *zebras* were not common any more nearby.

No XVIth century references are known, anyway the *zebro* had lost all economic importance.

The extinction of the *zebro* in Portugal seems to have progressed successively from Northwest to the East and South through XIIth to XIIIth centuries, its geographic distribution shrinking accordingly.

There are striking contrasts between the *zebro*-referring, late XIIth and XIIIth centuries *Forais* and the “modern”, Manuel I *Forais* for the same towns. The total lack of references from João II and Manuel I corroborate that the *zebro* extinction occurred much before the former’s accession in 1481.

There are *zebro* references in the 1455 Salvaterra de Magos *Foral*, but this is merely a copy of the 1179 Santarém *Foral*, hence the references do not describe the real situation any more. Furthermore, the *zebro* was not

mentioned in the earlier 1295 *Foral* for Salvaterra de Magos. Overwhelming negative evidence strongly points to the extinction of the *zebro* since ca. 1439 and probably much sooner. If we also take into account the entire lack of references in the numerous Afonso V hunting documents, an essential conclusion is that the *zebro* must have been extinct in Portugal by the first third of the XVth century at least.

The high concentration of toponyms at the end of the XIIIth century in southern Portugal (most in the *Serra* of the Baixo Alentejo and Algarve) seems to correspond to the last stronghold of the *Zebro* in Portugal”.



## 8. HIPÓTESES ETIMOLÓGICAS DO NOME *ZEBRO*

### 8.1. Datação das formas mais antigas

Os signos linguísticos dispõem de um significante, um significado e uma referência e esses três componentes são extremamente móveis, numa determinada sincronia, em variações diatópicas, diatráticas e diafásicas, tanto quanto na sua variação histórica. Ao longo dos capítulos anteriores, pudemos observar que o animal ibérico, que correspondia muito provavelmente a uma determinada espécie extinta de equídeo (cf. capítulos 5 a 7), tinha várias denominações (cf. capítulos 1 e 2), que serão discutidas abaixo, à guisa de uma etimologia adequada para o antigo nome *zebro*. Como visto, essa mesma denominação foi associada tardiamente a animais inexistentes na Península Ibérica, como o onagro (cf. 6.5)<sup>121</sup> e transposta definitivamente, por meio da língua portuguesa, para outros equídeos africanos a partir do século XVI (cf. capítulos 3 e 4; *vide* apêndice 2) e esta é a situação atual do nome.

Podemos fazer a seguinte recensão de tudo que até agora foi apresentado:

Com relação às denominações dos cavalos selvagens da Lusitânia<sup>122</sup>:

- (1) gr \*ἵππος ἄγριος (séc. II a.C. – I a. C. cf. 5.1 - ἵππους ἄγρίους séc. I a. C. – I d. C. cf. 5.1) ≥ lat *equus ferus* (*equi feri* séc. II a.C.- I a.C. cf. 5.1, 6.4<sup>123</sup> ~ *equorum ferorum* séc. I d. C. cf. 5.1) → \**equiferus* (*equifer* 1844 cf. 5.1 ≈ *equiferus* séc. V-VI cf. 5.1 ~ *equiferis* I d. C. cf. 5.1 ~ *equiferorum* I d.C. cf. 5.1 ~ *equiferos* séc. VI-VII cf. 5.1);
- (2) lat \**cavallus silvaticus* (*cavalli silvatici* séc. VI cf. 5.2) ≈ lat *caballus saluaticus* (séc. IX cf. 5.2) ≈ lat \**caballus siluaticus* (*caballo siluatico* séc. VI-XII cf. 5.2; séc. XIII-XIV cf. 5.2);
- (3) lat *Asina Brava* (1258 cf. 2.3n).

Observe-se que o nominativo do primeiro grupo de palavras é bastante tardio e incerto, uma vez que as formas mais antigas apresentam casos que apontam para uma indecisão entre a forma *equiferus* e a forma *equifer*.

Essas denominações são muito genéricas, de modo que apenas a partir do século IX vemos o surgimento de um radical *zebr-* ou *cebr-* para supostamente o mesmo animal (cf. 2.1.1 e 2.3.). A origem desse elemento mórfico será discutida abaixo.

<sup>121</sup> Como visto, também houve por vezes a identificação tardia do *zebro* com artiodáctilos, sobretudo cervídeos (cf. 6.1, cf. 6.6), bovídeos (cf. 6.1; 6.2), caprídeos (cf. 6.3) e perissodáctilos equídeos (cf. 6.4, 6.5, 6.7).

<sup>122</sup> Os símbolos utilizados nesta recensão com vistas à etimologia são os empregados em Viaro (2011), basicamente: > para a transformação diacrônica do significante, >> para a transformação diacrônica do significado, → para a transformação diacrônica do significado, ≥ para o decalque, ⇔ para a analogia, ~ para formas morfológica dentro do mesmo paradigma, ≈ para variantes de palavra da mesma origem na mesma língua e ≅ para cognatos em línguas diferentes. A estes, acrescentamos → para os empréstimos, segundo convenção criada por Aldo Bizocchi nas reuniões do NEHiLP e explicitada no *Manual NEHiLP* presente em [www.usp.br/nehilp](http://www.usp.br/nehilp). Todos esses símbolos podem ter a direção invertida, dependendo da proposição etimológica empregada.

<sup>123</sup> <*equiferi*> na leitura de Sarmiento (1761); cf. 6.4.

Dentre as inúmeras indicações da toponímia, apresentaram-se até o momento as seguintes formas, a maioria delas adjetivos derivados:

- (1) \*cebrário/a (*cebrarjo* 882 cf. 2.3);
- (2) \*zebrário/a > \*zebrairo/a > \*zebreiro/a (*zebrario* 964 cf. 2.3; 1002 cf. 2.3; 1072 cf. 2.3; 1097 cf. 2.3; séc. XI cf. 6.2<sup>124</sup>; séc. XII cf. 2.3n ; s/d cf. 6.6<sup>125</sup> ≈ *Zebrarij* séc. XIII cf. 2.4 ≈ *Zebrerius* 1078 cf. 2.3n ≈ *zebrerios* 1087 cf. 2.3 ≈ *Zebrerios* 1258 cf. 2.3n ≈ *zebreiro* 995 cf. 2.3; 1019 cf. 2.3; 1097 cf. 2.3; s/d cf. 6.6<sup>126</sup> ≈ *Zebreiros* s/d cf. 2.3n; cf. 6.6 ≈ *Zebreira* cf. 6.6);
- (3) \*zebrário/a > \*zebrálio/a (*zebralio* 1070 cf. 2.3; s/d cf. 6.6<sup>127</sup>);
- (4) \*zevrário/a > \*zevrairo/a > \*zevreiro/a (*zeurario* 922 cf. 2.3; 6.2<sup>128</sup>; cf. 6.6<sup>129</sup> ≈ *zeureiro* 1019 cf. 2.3 ≈ *Zevreiro* séc. XII cf. 2.3n; cf. 6.6 ≈ *Zeurera* 1228-1229 cf. 2.3n);

A abundante alternância *b/v* mostra que o grafema <u> não forma ditongo na sequência <eur> mas trata-se de um encontro consoantal \*[evr]. As etapas na diacronia mostram fenômenos comuns a muitas palavras do noroeste peninsular como a metátese da semivogal \*[j] e sua posterior assimilação \*[aj] > \*[ej] e síncope \*[ej] > \*[e]: lat *primarium* > *primairo* > *primeiro* > *primero*. Tais fenômenos são importantes para a determinação de antigas isoglossas, bem como para a periodização das palavras, mas não para a resolução do étimo.

Particularmente interessante, no entanto, é a flutuação *c/z*. Os nomes com *c-* por vezes foram associados por alguns autores a *cervo* (há vários outros, como os citados *Cerveira*, *Cervães*, *Cervainhos*, *Cervaynos*, *Cerveira*, *Cervana*, *Cervelis*, *Cervia* (1926 cf. 6.6). No entanto, a alternância *c-/z-* é bastante provável devido à pouca distinção fonológica entre \*/ts/\*:/dz/ no início das palavras, privilegiando dialetalmente ao ensurdecimento da forma mais frequente e mais antiga \*/dz/ > \*/ts/ em posição inicial. O inverso (isto, é, uma sonorização do \*/ts/ > \*/dz/ inicial) não é testemunhado, mas não é impossível, se pensarmos em alguma analogia hoje dificilmente recuperável. Um exemplo clássico é o desenvolvimento do gr. lat. *zelum* > port. *cio* (cf. a par do castelhano *celos*). No entanto, se formas em *z-* parecem originais, o étimo da palavra poderia iniciar-se tanto com \*[ts] quanto com \*[dz].

Aos exemplos acima acresçam-se formas com o *-i-* pretônico: *Zibraria* (s/d cf. 6.6); *Zibreira* (s/d cf. 6.6); *Zibreiros* (s/d cf. 2.3n; 6.6); *Zibreo* (s/d cf. 2.3n), a última de etimologia complexa.

Com um prefixo *e-* se encontram as seguintes formas:

- (1) \*ecevrário (*eceurario* 922 cf. 2.3);

<sup>124</sup> <Zebrario>

<sup>125</sup> <Zebrario>

<sup>126</sup> <Zebreiro>

<sup>127</sup> <Zebralio>

<sup>128</sup> <Zevrario>

<sup>129</sup> <Zevrario>

(2) \*ezebrário/a > \*ezebrairo/a > \*ezebreiro/a > \*ezebrero/a (ezebrario 897 cf. 2.3; 994 cf. 2.3; s/d cf. 6.6<sup>130</sup> ≈ Ezebrarij séc. X-XI cf. 2.4 ≈ ezebreiro 1072 cf. 2.3; s/d cf. 6.6<sup>131</sup> ≈ Ezebrera 1091 cf. 2.4);

(3) \*ezevrário/a > \*ezevrairo/a > \*ezevreiro/a > \*ezevrero/a (Ezevreiro 1072 cf. 2.3n);

Além das formas com *e-*, abundam outras variantes (*en-*, *on-*, *a-*), que apontam para um *-n-* que talvez tenha sofrido síncope no encontro *-nz-*. As formas prefixadas coocorrem com as não-prefixadas sem que possamos determinar com precisão, neste momento, qual é a mais antiga.

Como se pode observar, os topônimos, que nos fornecem as datas mais recuadas, são na maioria das vezes, derivados. No entanto, formas simples também ocorrer. Essas serão mencionadas abaixo, com a indicação <sup>TOP</sup>. A palavra da qual as formas acima derivam têm, aparentemente, os radicais \*cebr-, \*zebr-, \*zevr-, \*ecebr- ou \*ezevr- (não ocorre a forma ★cevr- sem prefixo).

Na zona galego-portuguesa atestam-se várias formas concomitantes em latim:

(1) \*zebro/a (zebra 1200 cf. 2.1.14 ≈ Zebra<sup>TOP</sup> s/d cf. 6.6 ≈ Zebro<sup>TOP</sup> 1545 cf. 2.3) → Zebrinho (s/d cf. 6.6);

(2) \*zevro/a (zeurus 1255 cf. 2.1.31 ~ zeuro 1145 cf. 2.1.1; 1179 cf. 2.1.3, 2.1.4, 2.1.5, 6.2<sup>132</sup>; 1195 cf. 2.1.12, 2.1.13; 1210? cf. 2.1.18; 1212 cf. 2.1.20, 2.1.21; 1254 cf. 2.1.29; 1255 cf. 2.1.30, 2.1.31; 1257 cf. 2.1.32; 1258 cf. 2.1.33; 1266 cf. 2.1.36; 1270 cf. 2.1.38; 1271 cf. 2.1.40; 1277 cf. 2.1.41 ~ zeurorum 1179 cf. 2.1.3, 2.1.4, 2.1.5, 6.2<sup>133</sup>; 1195 cf. 2.1.12, 2.1.13; 1210? cf. 2.1.18; 1212 cf. 2.1.20, 2.1.21; 1254 cf. 2.1.29; 1255 cf. 2.1.30; 1257 cf. 2.1.32; 1258 cf. 2.1.33; 1266 cf. 2.1.36; 1270 cf. 2.1.38; 1271 cf. 2.1.40; 1277 cf. 2.1.41 ≈ zevro 1288 cf. 2.1.42 ~ zevrorum 1288 cf. 2.1.42 ≈ zeura 1166 cf. 2.1.2; 1179 2.1.6; 1182 cf. 2.1.7; 1186 cf. 2.1.9; 1194 cf. 2.1.11; 1209 cf. 2.1.16; 1212 cf. 2.1.19; 1213 cf. 2.1.22; 1218 cf. 2.1.23; 1228/ 1229 cf. 2.1.24; 1232 cf. 2.1.25; 1244 cf. 2.1.27; 1255 cf. 2.1.31 ≈ cerua 1185 cf. 2.1.8; 1253 cf. 2.1.26 ≈ cerua zeura 1252 cf. 2.1.28 ≈ zeuura 1209 cf. 2.1.17 ≈ Zeura<sup>TOP</sup> séc. XII cf. 2.3n ≈ zeuras<sup>TOP</sup> 1224 cf. 2.3 ≈ Sevra<sup>TOP</sup> s/d cf. 6.6);

(3) \*ezevro/a (ezeura 1202 cf. 2.1.15) → Azebral<sup>TOP</sup> (s/d cf. 6.6).

Observamos dois aspectos nesta recensão: (a) não temos a forma ★ezebro/a; (b) a forma \*zebro é muito menos visível que \*zevro nos documentos em latim. Esses dois dados podem apontar para uma maior antiguidade das formas prefixadas em \*e(n)- (conservadas, com o passar dos anos, sobretudo em território não-português) e para o desenvolvimento das formas com *-b-* (ou seja, numa transformação *-v-* > *-b-*), possivelmente por uma neutralização muito antiga dos falares iberorromânicos que tendem a fundir os sons herdados \*[v] e \*[\beta] do latim vulgar. Assim sendo, na zona do galego-português, havia variantes em que \*[v] = \*[\beta] (inovação) e outras variantes em que a oposição fonológica \*/v/ :\*/\beta/ se mantinha (conservação da oposição herdada).

<sup>130</sup> <Ezebrario>

<sup>131</sup> <Ezebreiro>

<sup>132</sup> <zevro>

<sup>133</sup> <zevrorum> (sic).

Em textos em galego-português

(1) *zebro/a* (galego *zebro* séc. XIV cf. 2.2.3<sup>134</sup> ~ *zebros* 1292 cf. 2.1.43; 1820 cf. 6.7<sup>135</sup> ~ *zebra* 1562 cf. 6.5<sup>136</sup>);

(2) *zevro/a* (*zeuro* 1190 cf. 2.1.10; séc. XVI cf. 2.1.21; s/d. cf. 2.1.29; 2.1.33; 1269 cf. 2.1.37 ~ *zeuros* s/d. cf. 2.1.29; 2.1.33 ~ *zevro* 1292 cf. 2.1.43; 1369 cf. 2.1.44 ~ *zevros* 1369 cf. 2.1.44; 1393 cf. 2.1.46 ~ *muu zevro* 1372 cf. 2.1.45 ~ *zeura* 1258 cf. 2.1.34; 1262 cf. 2.1.35; ?1271 cf. 2.1.39 ~ *zeuruns* (*scilicet*, \**zeuruas*) 1269 cf. 2.1.37);

Derivados são atestados em latim e em vernáculo: \**zebrunus* (*zebrunos* 1145 cf. 2.1.1) > port *zebrum* (*zebrum* ~ *zebruns* ~ *zebrunas* séc. XII-XIV? segundo Dantas 1926, cf. 6.2); *zebral* (1139 cf. 2.1.47; 1820 cf. 6.7<sup>137</sup>) e *zevrão* (*zevron* 1970 cf. 6.5<sup>138</sup>).

A manutenção do \**e(n)*- fora do espaço da língua portuguesa e a transformação *v* > *b* acima mencionada se vê claramente na forma galega tardia *ezebros* (séc. XIV cf. 2.2.3<sup>139</sup>). No espanhol atesta-se a presença de uma nasal e o ensurdecimento do *z* > *c* iniciais:

(1) *zebro/a* > *cebro/a* (*zebro* séc. XIV cf. 6.5<sup>140</sup>; séc. XV cf. 2.2.9 ~ *zebra* séc. XIII cf. 2.2.5, 2.2.10; 1495? cf. 6.5<sup>141</sup>; 1505 cf. 6.5; 1560 cf. 6.5<sup>142</sup>; 1566 cf. 6.5; 1586 cf. 6.5<sup>143</sup>; 1761 cf. 7.1 ~ *cebro* 1761 cf. 6.4 ~ *cebras* 1518 cf. 2.2.11; 1655 cf. 6.5<sup>144</sup>);

(2) *enzebro/a* > *encebro/a* (*enzebra* XIII cf. 6.5<sup>145</sup>; 1425 cf. 2.2.7; 1761 cf. 6.4 ~ *enzebras* 1576 cf. 7.1; 1579 cf. 2.2.12 ~ *enzibia* 1761 cf. 6.4 ~ *ençebro* 1247 cf. 2.2.1; 1432 cf. 6.5<sup>146</sup> ~ *ençebros* 1247 cf. 2.2.1 ~ *encebra* 1423 cf. 2.2.7 ~ *encebras* 1423 cf. 2.2.7) → *enzebruno* (séc. XIII cf. 2.2.2);

(3) *ezebro/a* > *ecebro* (*ezebra* XIII cf. 2.2.4, séc. XIII-XIV cf. 2.2.7 ~ *ezabra* séc. XIII-XIV cf. 2.2.6 ~ *azebra* séc. XIII-XIV cf. 2.2.7)

Sobre o mesmo animal atesta-se ainda a forma italiana masculina *zeuere*<sup>147</sup> (XIII/1474 cf.

<sup>134</sup> Confundido com lat. *onager*.

<sup>135</sup> Confundido com a *zebra africana*.

<sup>136</sup> Tido como sinônimo do lat *mula syria*.

<sup>137</sup> Confundido com a *zebra africana*.

<sup>138</sup> Confundido com o *onagro*.

<sup>139</sup> Confundido com lat. *onager*.

<sup>140</sup> Tido como sinônimo do lat *onager*.

<sup>141</sup> Tido como sinônimo do lat *mula syria*.

<sup>142</sup> Tido como sinônimo do lat *mula syria*.

<sup>143</sup> <*zebrar*> tido como sinônimo do lat *mula syria*.

<sup>144</sup> Tido como sinônimo do lat *onager*.

<sup>145</sup> Tido como sinônimo do lat *onager*.

<sup>146</sup> Tido como sinônimo do lat *onager*.

<sup>147</sup> “una generazione de bestie (...) maggiori che cervi. Ed hanno li loro orecchi molto lunghi (...) ed hanno li loro



7.1; XIV-XV cf. 7.1<sup>148</sup>; 1528 cf. 7.1) e a francesa *zebra* (1607 cf. 6.5<sup>149</sup>). Conforme nos aponta Antunes (2006 cf. 7.2), a extinção do animal ibérico ocorreu por volta da primeira metade do século XV (e foi relatada em 1579 cf. 2.2.12), mas seu nome permaneceu durante a expansão ultramarina portuguesa e em terras africanas, a palavra portuguesa passou a designar as espécies e subespécies de equídeos africanos (cf. 3.1), cujos nomes autóctones (cf. apêndice 3) foram abandonados. Antigas denominações como o gr \*ἰππότιγρις (ἰππότιγριτυν séc. II-III cf. 3.2) também desapareceram.

Como se viu, desde o século V faz-se menção às zebras africanas como “asnos selvagens” ou como “asnos listrados” (cf. 3.3): gr \*ὄνος ἄγριος (ὄνοις ἄγριοις séc. IV-V cf. 3.2); lat \*asinus agrestis (asinos agrestes 1643 cf. 3.2); lat equus ferus (1744 cf. 3.8); francês anes sauvages (1686 cf. 3.8, figura 3.31); italiano asinella (1624 cf. 4.1n); گورخر (transliteração gūr-ḥar “wild ass” 1621 cf. 3.7); حمارة مخططة (transliteração: himārah muḥaṭṭatah “ânesse rayée” séc. X cf. 3.3); 花福祿 (transliteração: huāfùlù 1431 cf. 3.6; séc. XV cf. 3.6) etc. (cf. apêndice III). O contato de europeus e outros povos orientais com esses animais antes da divulgação do nome português também aparece na iconografia (cf. 3.4.).

Apesar de a forma portuguesa básica atual ser predominantemente *zebra*, alguma variação da língua portuguesa acima mencionada, contudo, deve ter permanecido no século XVI, como atestam formas sobretudo do século XVII e subsequentes. Num esforço de reconstrução supõem-se várias formas originais (cf. 3.8). Contudo, é possível que nem todas as formas abaixo listadas sejam formas originalmente portuguesas, uma vez que algumas podem ter sido introduzidas por meio de uma língua intermediária (por exemplo, o italiano *zevere* já mencionado, cf. 7.1, 8.4):

- (1) português \*zebra > italiano zebra (1591 cf. 3.8; 1595 cf. 3.8; 1687 cf. 3.8) ≈ zabra (zabra 1591 cf. 3.8 – zabre 1591 cf. 3.8) ≅ holandês zebra (1596 cf. 3.8; 1598 cf. 3.8; 1668 cf. 3.8) ≅ alemão Zebra (1597, cf. 3.8) ≅ latim Zebra (Zebra 1598 cf. 3.8; 1613 cf. 3.8; 1639 cf. 3.8; 1657 cf. 3.8 ~ Zebrae ; 1613 cf. 3.8, 1639 cf. 3.8 ~ zebras 1657 cf. 3.8) ≅ inglês zebra (Zebra 1598 cf. 3.8, 6.3<sup>150</sup>; 1626 cf. 3.8) ≅ espanhol zebra (1603 cf. 3.8n) > cebra (1804 cf. 3.8n);
- (2) português \*zevra (zeura 1609 cf. 3.8; séc. XVII cf. 3.8, 4.1) > latim \*zevra (zevram séc. XVII cf. 3.8) ≅ francês zeura (1728 cf. 4.1) ≅ inglês zeura (1789 cf. 4.1n);
- (3) \*cevra > francês \*seure (Esures 1611 cf. 3.8);
- (4) \*azebro > holandês azebro (Azebro 1668 cf. 3.8 ~ Asebros 1668 cf. 3.8);
- (5) \*zevera > inglês zeuera (Zeuera 1626 cf. 3.8 ~ Zeueras 1626 cf. 3.8);

Especiais são as formas tardias com nasais epentéticas, por exemplo, o francês \*zembra (zembras 1686 cf. 3.8, figura 3.31), do italiano zembram (1687 cf. 3.8) ou com metátese como o italiano zerba (Zerba 1692 cf. 3.8). Por fim, discorreu-se longamente sobre formas provenientes de erros de cópia, como parece ser o caso do latim zecora (Zecora 1681 cf. 4.1; 1691 cf. 4.1; 1695 cf. 4.1; 1738 cf. 4.1 ~ Zecoras 1691 cf. 4.1n) => século XIX (cf. 4.2n) ≅ francês zecora (1686 cf. 4.1; 1728 cf. 4.1) ≈ zechora (1860 cf. 4.2n) ≅ alemão zeckora (1856 cf. 4.2n) etc.

---

piedi fessi”.

<sup>148</sup> <Euere>.

<sup>149</sup> Confundida com o onagro.

<sup>150</sup> Com o significado de “cabra”.

Após o levantamento acima feito, torna-se fácil excluir uma série de hipóteses fantasiosas, como veremos abaixo. Um século apenas após o nome do animal ibérico sobejamente documentado nos textos medievais deixar de ser conhecido, quase simultaneamente com a sua identificação com o onagro (cf. 6.5) ou com a divulgação do seu homônimo africano, indagou-se sobre a origem do termo. No século XVII Covarrubias (1611: 266v) declara:

“CEBRA, es vna especie de bestia que parece al cauallo, aunque es tan cêceña y enxuta, que tira a la forma de la cierua; domase, anque con dificultad, y es velocissima en su corrida, y dura en ella todo vn dia sin parar: criase en Africa, y asi el nombre es Arabigo, **ignoro su etimologia**: sino se dixo Cebra, quase Cerua, con transmutacion de las letras. A la mujer que es muy arisca y braua, dezimos, pue es como vna Cebra”.

## 8.2. Origem hebraica: hipótese de Ogilvie (1865)

Proposição etimológica:

hebr צֶבִיא > ingl *zebra* [Ogilvie, 1865: 814]

Esta proposição se baseia na seguinte passagem:

“Zevra, zē’bra, *n.* [probably from Heb. *tzēbī*, splendor, beauty, from *tzābā*, to shine, to be splendid. Ar. *Zeeb*. Beauty.] *A beautiful animal of the ass kind*, inhabiting Southern Africa, and admitting of being tamed to a certain extent, but even in its most tractable state treacherous, obstinate, and fickle. The zebras belong to the family that contains the horse and the ass”.

Do ponto de vista epistemológico, desde o século XVI se sabe que é algo totalmente questionável a tentativa de encontrar semelhanças entre as palavras das línguas contemporâneas com palavras hebraicas, apenas para confirmar, direta ou indiretamente, a ideia bíblica da torre de Babel ou a antiguidade do Velho Testamento. No entanto, se pensamos em investigar todas as hipóteses etimológicas existentes para a palavra *zebra*  $\approx$  *zebro*, sem descartar nenhuma previamente, não podemos furtar-nos de fazer comentários à hipótese de Ogilvie, que é, do ponto de vista fonético, tipicamente fantasiosa, pois apenas se apoia em semelhanças fonéticas superficiais entre o hebraico e o inglês. Muitas palavras portuguesas iniciadas em *z-* são cultas, mas esse não é o caso da palavra *zebra*. Mesmo se fosse uma palavra culta, as palavras hebraicas tendem a mudar minimamente e, assim sendo, pois nada indica que a palavra hebraica צֶבִיא <*zviy*>, apontada como étimo, tenha tido algum tipo de divulgação nos estratos populares a ponto de sobreviver no iberorromânico. Todas as transformações fonéticas (*z* > *ze*, *v* > *br* e de *iy* > *a*) são totalmente *ad hoc*. No entanto, a maior motivação do autor, não explicitada no excerto acima, certamente foi saber que צֶבִיא <*zviy*> possa significar “gazela” ou “cervo” (cf. Dt. 12: 15; Is. 13:14; Ct; 2:9; 8:14; 2Sm), mas confunde-a, quando faz menção a uma suposta raiz \**tzābā*, com uma outra palavra, homônima, que tem os significados “joia, pérola; flor, apreço, ornato, honra, glória, ornamento, orgulho” (cf. Is. 4:2; Is 18:1; Jr 3: 19; Ez 7:20). Além disso, ignorando as primeiras ocorrências em português (cf. 3.3), não explica a trajetória completa da palavra do hebraico ao inglês (a forma árabe mencionada é dialetal ou adulterada, mas certamente se refere a *zabi* <*zabi*> “gazela”, da mesma raiz semítica). Por fim, erra ao associar a referência original da palavra ao animal africano.

## 8.3. Latim *cibus*: hipótese de Rodrigues (1926)

Proposição etimológica:

lat CĪBUS > port *zebro*  $\approx$  *cibo*  $\cong$  ital *cibo*  $\approx$  *zeba*  $\cong$  cast *chibo* [Rodrigues, 1926: 114]

Essa proposição se baseia na seguinte passagem:

“Na Idade Média a carne da cabra e do bode (capado, chibato) era a mais atualmente empregada na alimentação dos povos do sul da Europa, como dão fê as denominações *boucher de bouc* e *beccaio de becco*; e ainda hoje na parte sul de Portugal, sobretudo no baixo Alentejo, a carne de capado é a mais comum.

Do latim *cibus* derivam-se em italiano *cibo* e *zêba* (cabra); em castelhano *chibo* (cabrito); e em português *cibo* (pequeno pedaço de carne ou de pão) e *chibo* (cabrito).

Em vista do que fica exposto, conjeturo que o nome *zebro*, que se lê nos antigos documentos portugueses, equivale ao italiano *zêba*, e que o animal designado pela mesma palavra era a cabra e o bode (capado, chibato)”.

A proposta de Rodrigues esbarra em outros problemas que não são aceitos pela etimologia de cunho científico. Como veremos abaixo (cf. 9.2) modificação *ci-* para *ze-* não é impossível, mas tampouco é regular. A epêntese do *-r-* é uma explicação *ad hoc* e tem o mesmo problema da etimologia anterior. Por fim, a especialização de sentido é bastante inusitada e improvável. Em latim clássico, *cibus* significa apenas “alimento, comida” e as palavras herdadas dessa palavra (cf Meyer-Lübke §1896 *cibus*) costumam manter esse significado. Quando não o conservam, não o associam-no a uma espécie de animal, mas apenas ao alimento dos animais (por exemplo, asturiano *cebu* “feno”) ou alguma parte do animal que serve de alimento (por exemplo, corso *civa* “tripas”). A palavra do italiano antigo *zeba* é vinculada também por Meyer-Lübke (com dúvidas) ao holandês *zibbe* “cordeiro”. Corominas (1954, *sv. chivo*) atribui origem onomatopáica e associa o espanhol *chivo* “cabrito” ao italiano antigo *zeba*, ao gardenês *tsi<sup>e</sup>ba*, ao marquesano *zivera*, o lombardo *zavér*; o calabrês/romanesco *ciavarru* “cordeiro, ovelha”. Por meio de metátese, o logudorês *biti*  $\approx$  *bita* também pertenceria a esse grupo e, no português, talvez a palavra *chibata*, o minhoto *chibarro* “leitão” façam parte da mesma família de cognatos. Assim sendo, o étimo deveria ser procurado em outro lugar, diferente do apontado por Rodrigues. O cognato alemão da palavra holandesa é *Zibbe* (médio baixo-alemão *teve*, anglo-saxão *tife*), que tem uma vasta gama de significados nos dialetos regionais (Kluge, 1989), por exemplo, a fêmea da lebre, do cão ou do carneiro. A origem dessas palavras é considerada desconhecida, mas algumas delas serão retomadas no capítulo 9.

#### 8.4. Metátese de *cervo*: a hipótese de Nunes (1926a)

Proposição etimológica:

lat CĒRVUM > port *cervo* > port *cevro* → *cevra* → *a cevra* > \**acevra* > *azevra*  $\approx$  *ezevra* > port *zevra*  $\approx$  *zevro*  $\cong$  port *cervo* < lat CERVUS [Nunes, 1926a: 430-433, 455]

Nunes (1926a: 430-431) desenvolve um étimo de Covarrubias:

“À falta de outra base para a identificação do antigo *zevro*, entendo que é à filologia que se deve recorrer e quero crer que nela encontraremos solução a êste interessante problema. É o que procuro fazer. Afigura-se-me que o vocábulo *cervo* teve, antes desta, outra forma em que vislumbro aspecto mais popular e essa seria *zevro*, que teria resultado da metátese do *r*, letra de freqüente deslocação, sobretudo nos casos em que pode, como aqui, constituir grupo com outra, fenómeno que encontramos, por exemplo, em *fresta*, *quebrar*, *trevas*, etc.\* (\*Embora Gonçalves Viana na sua *Ortografia Nacional* diga a pág. 128 ter sido desusado no antigo português o agrupamentp *vr*, há, além de *zevro*, ainda no século XIII, *paravra*, *fevre*, *coovra*, *teevras*, etc.), o *z* inicial por *c* proviria da aglutinação do artigo, caso que também é vulgar e de que talvez dê testemunho a forma *ezevra*, se não é êrro de grafia, que aparece uma vez nos documentos e estaria por *azevra*; êsse artigo *o* ou *a* teria mais tarde caído, acidente que se deu igualmente noutros vocábulos. Depois por intermédio dos eruditos o *cervo* entraria na língua, onde não tardou a ser recebido pelo povo, que todavia faz dêle escasso uso, preferindo-lhe *corça* ou *veado*. É evidente que a sua forma anterior continuava a subsistir, como própria do animal que antes designava, sendo a última dada a outro qualquer da mesma espécie, o que ainda hoje assim chamamos”.

Diz o mesmo autor (Nunes, 1926a: 432-433) mais adiante:

“Vejam agora o que, na minha opinião, ocasionou o desaparecimento do vocábulo *zevro* da linguagem e

se daí poderemos conseguir identificar o animal conhecido outrora por essa designação.

Da leitura dos diplomas dêsse tempo vê-se que houve um nome que tendo a princípio tido sentido geral passou depois a tê-lo especial. É *venado* ou *veado* que, consoante a sua primitiva significação, indicava qualquer animal de caça grada; confirmam-no estas expressões que nêles encontro: *Si occideritis venatum, detis de urso manus et de porco montes et de porca lumbum* (Foralia in P. M. H. pág. 638). *Si occideritis venatum in vestro termine, detis de urso manus e de cervo et de curzo (sic) lunbo et de porco quarazil* (Id. 677). *Si aliquis venator occiderit aliqiod venatum in monte et noluerit vendere illum ad algazar* (Id. 743), etc. Sucedeu, porém, que tal sentido geral desapareceu e o nome foi dado em especial a um dos animais da mesma espécie, o *veado*, que os caçadores do tempo procuravam nas montanhas, a par do urso ou *osso* e *usso*, como então se dizia, do porco montês ou erdo, do corço, do gamo, etc. Ora, é óbvio que. Desde que o animal, que dantes se chamava *zevro*, começou a ser conhecido por *veado*, esta denominação havia forçosamente de suplantar aquela, como sucedeu com tantas outras que passaram à classe de arcaísmos, deixando por isso de ser usadas. No mesmo caso está o vocábulo *pescada*, que de sentido genérico passou a específico, aplicado ao peixe, dantes chamado *peixota*.

Mas o facto não se deu só em Portugal, passou-se também na Espanha. A língua castelhana, ao lado de *ciervo*, deve ter possuído igualmente *zevro*, *zebro* ou *cebro*, como se infere dos seus toponímicos *Cebrero* ou *Cebreiro*, conforme o lugar está fora ou dentro da Galiza, *Cebreal*, etc.; lá, como cá. *Venado* designava a princípio qualquer animal de caça grossa e nesse sentido ocorre entre outros textos, no *Libro de Alexandre* do século XIII onde se lê, por exemplo, na estância 1476:

De gamos e de ciercos e de otros venados,  
de osos e de osas e de puercos mal domados

e na 455:

fallaron grant abondo de venado montino

apenas, porém, deixou de ter o sentido geral e passou a aplicar-se ao animal conhecido hoje por essa designação, o antigo vocábulo *cebro* teve naturalmente de desaparecer do uso”.

A argumentação de Nunes encontra respaldo em alguns forais, uma vez que *cervo* e *zevro* tinham alguma semelhança fonética, a ponto de causar algumas confusões gráficas (cf 2.1.8, 2.1.26 e sobretudo em 2.1.28). Todavia, na maior parte deles, são palavras apresentadas como animais distintos: aparecem nos mesmos fragmentos, sem qualquer indício de sinonímia. Esses mesmos textos não apontam para o fato de étimo divergente, no qual *zevro* seria a forma popular e *cervo* a forma erudita. Se o autor estivesse correto, a suposta metátese de *-rv-* para *-vr-* teria de ser algo bem antigo, pois também ocorre no espanhol, como se vê nos exemplos apresentados pelo próprio autor. Além disso, a explicação sugerida para a sonorização de *c-* > *z-* por causa de uma posição intervocálica promovida pela “aglutinação do artigo”, posteriormente abandonado, parece sem fundamentação quando se trata do castelhano, cujo artigo *el*, terminado em coda consonantal, que criaria a situação *\*-lc-*, avessa à sonorização. Se algo parecido ocorreu não se deve à posição intervocálica (cf. 9.2). Por fim, a prova de que *zevro* não provém do latim vulgar *cervum* (com acusativo lexicogênico) é a própria ditongação do espanhol *ciervo*, na qual se pressupõe que *ie* < *ě*, bem como a inexistência de formas como *★zievro* ou *★cievro* (cf. Meyer Lübke §1850 *cěrvus*).

Assim sendo, é falso que lat *CERVUS* > port *cervo* como palavra culta, pois o étimo correto é igualmente popular, como prova a sequência de vocalismos: a saber lat *CĔRVUM* > *\*c[ɛ]rvo* > port *c[e]rvo*. O fechamento do *-ě-* é tardio, porém típico do Noroeste da Península Ibérica, em muitas outras palavras, como em lat *MĔTUM* > *\*m[ɛ]do* > port *c[e]rvo* (cf. grafia de João de Barros *mêdo*).

## 8.5. O nome *Zephyrus*: a hipótese de Marineus Siculus e Menéndez Pidal (1938)

Proposição etimológica:

gr ζέφυρος > lat *zephyru(m)* > *\*zévero* > *zevro* [Marineus Siculus, 1533: fólhos 1v-2r; 1759: 743 = Menéndez Pidal, 1938: 75-76]



Como vimos, Luca Marineo (Lucius Marineus Siculus, ca. 1444-1533) supôs que o nome *zebra* provinha do nome *Zephyrus* (cf. 1.2). Menéndez Pidal (1938: 75, 76) fez reviver essa etimologia:

(P. 75): “El caso es que ya en el siglo XVI Marineo Sículo, hablando de la *zebra*, pensó en la fábula de la antigüedad, relativa a los potros engendrados por el viento céfiro; pero esto parece una leyenda etimológica inatendible, y no ha sido tenido en cuenta. Sin embargo, ahí hallamos la verdadera etimología. Fonéticamente y semánticamente es intachable: **z ĕ p h y r u** debe dar em gallego-português *zév(e)ro*; y semánticamente esta derivación responde claramente al mito zoológico de las yeguas que concebían del viento”.

(P. 76): “Además, el ser más famosas que ningunas las yeguas lusitanas de Lisboa o del Algarve, nos da razón del carácter dialectal del oeste que tiene la forma *zevro*, *zevra*, sin la diptongación que debiera tener, a haber sido palabra nacida em Castilla. El nombre fué ideado en Lusitania y de allí se difundió por toda la Península”.

Esta etimologia é bastante difundida<sup>151</sup>; no entanto, encontra problemas muito difíceis de serem resolvidos. O primeiro diz respeito à sobrevivência do nome *Zephyrus* no latim vulgar. Além disso, não ocorre a manutenção do *z-* grego inicial, que costuma se tornar *c-/ç-* pela via popular (cf. gr ζῆλος > lat ZELUM > *ceo* > port *cio*, gr ζωμός > *çumo* > port *sumo*). A letra *c/ç* seguida de *e/i* tinha o som \*[ts] > [s], dorso-alveolar, diferentemente de *s-* \*[s̺], apico-alveolar (proveniente de um *s-* latino). A confusão desses dois sons só se testemunha por meio da mescla do galego com os falares moçárabes, de modo que os testemunhos mais antigos provêm do português meridional do final do século XIV e início do XV. A origem do *z-* \*[dz] > [z] inicial se deve sobretudo devido aos superstratos (por exemplo, palavras de origem árabe, cf. 8.7), pois o som \*[z] herdado de palavras latinas ocorria somente no interior de palavras e, normalmente, provinha de um *c+e/i* latino (cf. *dicĕre* > *dizer*). O som \*[z], grafado <z>, não se confundia com \*[z̺], grafado <s>, exceto quando as variantes meridionais se tornaram frequentes na escrita (por volta do século XV).

Não deixa de ser interessante a forma hipotética *\*zévero*, que tem alguns paralelos em formas tardias, como o italiano *zevere* (cf. 7.1) e inglês *zevera* (cf. 3.8). A grafia *zeuura* (cf. 2.1.17) e a intrigante forma *zecora* (cf. 4.2) também apontam para uma vogal postônica não-final numa palavra proparoxítona, mas a vulgarização de *zephyrus*, mesmo sob uma forma vulgar *\*zefûrum*, esbarra em outros problemas associados às leis fonéticas. O mais grave é a presença da vogal semifechada [e] e não a esperada \*[ɛ]. Se houvesse uma atuação do fechamento típico do Noroeste Peninsular (mencionado para o caso de *cervo* em 8.4), teríamos uma pronúncia *z[e]vro* ao lado do feminino *\*z[ɛ]vra*, mas isso não ocorre. Tampouco temos *\*zievro* no castelhano. Para justificar a etimologia de Nunes e a de Menéndez Pidal teríamos de postular étimos *ad hoc*, respectivamente, *\*cĕrvus* e *\*Zĕphÿrus*.

Por outro lado, o *-v-* pode, de fato, provir de um som \*[f] original (como se espera que se pronunciava palavras populares gregas tardias, transliteradas com *-ph-*), como podemos ver TRIFOLIUM > *\*trifōlum* > *trevo* > *trevo*, AURIFĪCEM > *ourives*, DEFENSAM > *devesa*, PROPECTUM > *proveito*, STEPHĀNUM > *Estêvão*. O problema é o encontro *-vr-*, se não provém da síncope da postônica, como apontado por Menéndez Pidal, normalmente é originário de um *-br-* (cf. LIBRUM > *livro*).

Por fim, a mudança semântica é pouco transparente, pois requer uma metonímia que su-

<sup>151</sup> Baldinger (1955:315) cita, entre as obras que adotaram esse étimo, a segunda edição do *Dictionnaire étymologique de la langue française*, de Bloch & Wartburg (1950) e o *Vocabolario etimologico italiano*, de Prati (1951)

ponha que o vento fecundador das éguas (cf. capítulo 1) dê o nome das próprias éguas, o que é um dificultador a mais para a aceitação da proposição etimológica de Sículus-Menéndez Pidal.

## 8.6. O latim *insipidus* e *separare*: as hipóteses de Agero (1947)

Proposições etimológicas:

(1) lat INSPIDUS > *enxebre* ( $\cong$  gal *enjebre*)  $\approx$  *enzebro*  $\approx$  *ezebro* > *xebre*  $\approx$  *zebro* [Agero, 1947: 3-16].

(2) lat SEPARARE > lat SEPERARE > \**sebrar*  $\rightarrow$  *zebrar*  $\rightarrow$  *zebro* [Agero, 1947: 3-16].

Agero (1947: 3-16) observa, por meio de vários indícios, que do latim SEPARARE (por meio de uma forma vulgar SEPERARE<sup>152</sup>, REW 7826), deduz-se *xebrar*; donde, por derivação regressiva de um composto \**enxebrear*, teríamos (*en*)*xebre*, que não só se derivariam as ideias de “insípido”, mas também de “puro”, “virgen”, “salvaje” e “en estado de natureza”. Para provar as mudanças semânticas, faz paralelos com o desenvolvimento de outras palavras (latim INSPIDUS, *extremar*, *lígrimo*). Para as dificuldades fonéticas, porém, declara:

“Queda, sin embargo, la dificultad fonética del cambio de *s* en *z*; dificultad tanto más grave, cuanto que en este caso podemos pensar en la solución del ceceo, ya que esta palabra tuvo su mayor vitalidad en épocas anteriores a la en que se generalizó este fenómeno y que ni una sola vez se la ve grafada con *s*; pero, si por causas especiales, que no pueden preverse al empezar una investigación, viniera a atestiguar la presencia de *z* en esta familia, parece que entonces la interpretación de *zebro* no podría ser otra. Pues bien, la substitución de *s* por *z* se justifica, como ahora veremos, y, sin embargo, la atestación de nuestro zoónimo no es esta.”

Todavía, a partir da ideia de “separar com violência”, Agero observa a alternância que o *s-* inicial poderia ser substituído expressivamente por *z-*, como o corso *tzípara* “resíduos de la primera presión del lagar” ou os verbos do minhoto *zebrar* “chover”, do trasmontano *zerbada* “chuva forte”, na Beira *zêbra* “pião comprido e malfeito” e a gíria portuguesa *zebra* “maluqueira, mania”. Associa essas palavras tão díspares ao mesmo étimo e a mudança fonética pouco comum à expressividade. Em suma, Agero parece ser contrário à teoria da arbitrariedade do signo, que tomava forças na linguística moderna, em prol da explicação etimológica por meio de simbolismo fonético, que vê no *z-* um elemento de bastante força expressiva (cita, no português palavras como *zoeira*, *zoar*; o alentejano *zina* “birra, teima”, asturiano *zuna* “vício, mania” e o português brasileiro *azombado* “preocupado”):

“Ahora ya podemos comprender por qué se alteró el fonetismo de la palabra: hubo un momento en que se sintió la necesidad de comunicar a ésta un sonido que sugiriese el de las cosas que son rasgadas, y para ello se acudió a la *z*; el fonema que encontramos en *zumbar*, *zurrrir*; en el port. y gall. *zunir*; en el it. *zittire*, en el alem. *zischen* y tantas otras onomatopeyas; y, precisamente el portugués, la lengua a que pertenecen los representantes de esta desviación que quedan estudiados, presenta un ejemplo elocuente de este principio psicofísico, en el que los fonemas en juego han sido los mismos. Me refiero a *zoar* ‘zumbar’, ‘zurrrir’, que el gallego también posee, y que no es más que una deformación onomatopéyica de *soar* ‘sonar’, como Cornu y Nunes reconocen; ejemplo éste que, por su sencillez y evidencia, no debiera ser olvidado cuando se habla de esta clase de conversiones.”

Silveira (1948: 234-236), citado por Agero, assim se manifestou sobre a hipótese do autor espanhol:

“A outra tentativa etimológica é o estimável lusófilo espanhol Sr. Santos Agero, que a expôs num opúsculo publicado em Madrid, em 1947, sob o título *Zebro, ‘ónagro’*. *Una contribución al estudio de los representantes románicos de SEPARARE, y una tentativa etimológica acerca del nombre hispánico del ónagro*’.

<sup>152</sup> O REW indica essa forma com asterisco, no entanto, segundo Baldinger (1955: 316): “der Asterisk (...) ist überflüssig, da diese Form wiederholt belegt ist, s. Schuch Vok 1, 196; 3, 101; RPh 25, 222: Formules des Sens, hier sogar *severare*; RF 26, 892; RLR 54, 531”

O A. começa por aproximar o nome *zebro-ezebro-enzebro* do nosso antigo adjetivo, ainda provincial, *enxebre* (em Trás-os-Montes, *xebre*), também em gal. *enjebre* < lat. INSIPIDUS, cujo significado próprio é ‘sem sabor, insípido’, secundariamente ‘simples, sem mistura’, mas a que ele atribui o sentido de ‘puro, virgem’, porque lhe propicia a passagem para um outro, inteiramente suposto – o de ‘selvagem’. E é, partindo deste último, que acha possível que a origem do nosso zoónimo esteja numa denominação composta, tal como *asno xebre* ou *enxebre*, ‘asno selvagem’, cujo segundo elemento se substantivaria, adquirindo diferenciação genérica, e aleterando-se depois em *zebro*, *enzebro*.

Mas, decerto não satisfeito com esta solução, Santos Agero, na sequência do seu estudo, inclina-se preferentemente a considerar *zebro* como nome pós-verbal de um verbo *zebrar*, que teria o sentido... hipotético do esp. ‘zumar’ ou ‘rebuznar’, nome esse empregado em função do epíteto equivalente a ‘zumbador’, ‘zumbón’, e que seria justificado pelos frequentes ‘rebuznos’ ou ‘bufidos’ do animal, de si muito pressentido, por motivos emocionais. Teríamos aqui, portanto, uma formação parelha do esp. *rozno* ‘burrículo’, derivado do verbo *roznar*, ‘ornejar’, etc. Por sua vez, o dito verbo *zebrar* proviria do lat. SEPARARE no lat. vulgar SEPERARE ‘desunit, separar’...

Mas Agero move-se aqui no pleno domínio da fantasia e das hipóteses inconsistentes, em que não é possível acompanhá-lo. O verbo *zebrar*, que alega, ignorado do esp. e do gal., e mesmo em port. só recolhido num remoto rincão do país (Melgaço) por Leite de Vasconcelos com o sentido pouco seguro de ‘nevar’, e por um seu informador com o de ‘chover fortemente’ (cfr. Leite, *Opúsculos*, II, 360 e 519), não consta que, em parte alguma, significasse ‘zumar’ ou coisa parecida. Ainda, porém, que assim fosse, - como poderá ligar-se ideologicamente, quer por este último, quer por qualquer daqueles sentidos, ao do lat. SEPARARE, tão afastado?

Paralelamente às semânticas, as dificuldades fonéticas oferecidas por qualquer destas pretensas soluções são de tal ordem, que liminarmente as inutilizam. Como é que, na primeira hipótese, desapareceria a nasal do lat. INSIPIDUS (ou do port. *enxebre*...) para dar o arcaico *ezebro*? Como é que, na segunda, surgiria, na base SEPARARE < *zebrar*, a inicial desse *ezebro*? E, em ambos os casos, como passaria a *z* o *s* dos étimos? O opúsculo de Agero não respondeu a estas perguntas, nem a outras igualmente graves, que as suas hipóteses suscitam. Decididamente não acertou”.

Conforme o próprio Silveira nos aponta, as duas etimologias atribuídas a Agero são fantasiosas em vários aspectos. Do ponto de vista fonético, uma palavra como o latim INSIPIDUS não originaria tão facilmente a forma *enxebre* (que significa “insosso” ou “de jejum” ou, dialetalmente, “simplesmente”; cf. Vasconcelos 1926:196) e o próprio Agero se mostra reticente quanto a essa sugestão de étimo, que parece abandonar. De fato, para justificar a mudança *ins-* > *enx-*, é preciso pautar-se em formas como *enxerir* < lat. INSERERE ou no alótopo (*des*)*enxabido*, cujo étimo hipotético remonta a um \*INSAPITUM (espanhol *enjábido*), porém o -e final de *enxebre* não é regular (apesar da mudança -bro > -bre ter algumas atestações), nem na epêntese do -r-. Dito de outro modo, esperar-se-ia, pela mudança fonética regular, algo como ★*enxêbio*.

O lat. SEPERARE encontra de fato cognatos nas línguas românicas (Meyer-Lübke §7826 *separare*), talvez por conservação de apofonia (motivada pelo antigo prefixo *se-*) no latim falado. Mas o lat. SEPERARE geraria, no máximo ★*sebrar* e jamais *zebrar*<sup>153</sup>, como apontado por Silveira, que se vale de elementos de várias línguas, escolhidos *ad hoc*. Tampouco é seguro que *zoar*, citado por Agero, venha de *soar*; com “mudança expressiva” do *s-* > *z-*.

Por fim, é desnecessário comentar as extremas mudanças semânticas, que lembram as explicações *ad hoc* de etimólogos da Antiguidade ou da Idade Média. Uma série de dificuldades trazidas pelas inúmeras associações feitas por Agero torna as duas hipóteses aventadas completamente inaceitáveis, como nos aponta Silveira.

## 8.7. O latim *equifērus* – a hipótese de Silveira (1948)

<sup>153</sup> De fato, o vocábulo *zebrar* significa “chover fortemente” (Vasconcelos 1928: 360, 519). Segundo o Gran Dicionario Xerais da Lingua (Carballeira Anllo, 2000), em galego, *cebra* é também uma “chuvia moi intensa acompañada dun vento forte; cebrina, chuvascada, chuvasco, chuveira, cifra, ciobra, xistra, zarracina” ou então: “algas mariñas de varios tipos coma a *Posidonia oceanica*, a *Rouppia maritima* e a *Zostera marina*, que lanza o mar á praia cando está revolto; ceba, seba” e “mal ssabor da carne”. Trata-se, ao que tudo indica, de um homónimo e o étimo que é dado a essas acepções é o latim *Zephyrus*! Cf. 8.8 para outras palavras semelhantes.

Proposição etimológica:

lat EQUIFĒRUS > lat \**eciferum* > *ezevro* > *zevro* ≈ *zebro* [Silveira, 1948: 229-236]

Silveira (1948: 229-236) teceu doudas considerações sobre a possível origem do nome *zevro*:

“Conforme a documentação aduzida pelos filólogos precedentes, sobretudo A. Castro e por mim próprio, o vocábulo discutido aparece em port. ant. sob as formas *zevro*, *zevra* (estas já nas posturas de Coimbra de 1145<sup>154</sup>, no foral de Évora de 1166<sup>155</sup>, etc.) e *ezevra* (no foral de Alpreada de 1202<sup>156</sup>). Cfr. P. M. H., *Leges*, pp. 393 e 522. Há muitas mais referências no *Index Generalis* do final do volume das *Leges*, s. v. *zebra*<sup>157</sup>. Em todos os nossos textos esse nome comum vem escrito com *u* = *v* até ao séc. XV, e com *u* = *v* ou *b* nos derivados toponímicos. Mas em doc. de 1469 cita-se já ‘uma mula *zebra* e um asno branco’ (*O Archeólogo Port.*, XIX, 65), aquela certamente híbrida, ou de pelagem *zebruna*.

Em espanhol, como vimos, temos o lapso *ezabra* (por *ezebra*) no *Fuero* de Alarcon, *ecebra* no de Sepúlveda, *z(e)vra* no de Salamanca, *zebra* no de Plasencia e num doc. de Toledo de 1207, *encebro* no de Cuenca. *Encebra* com a variante *azebra* nas *Partidas* (ed. da Academia Espanhola, III, 718). Na *General Estoria* vem *enzebro* e o mesmo no *Fuero* de Albarracin; *enzebra*, no citado *Glosario de Palacio*. Nebrissa, em 1492, no *Dicc. de romance en latin*, registra ‘*zebra*, animal, conocido, [lat.] MULA SIRIA’.

Em catalão aparece também o plural *atzebres* num texto poético de 1492 (a par do adjectivo *adzebruno* em outro texto de 1523) e em valenciano *enzebra* num escrito de 1495 ou 1496, aduzidos por Leo Spitzer, na *Rev. de Filol. Esp.*, XV, 375-6.

Fora da Península encontram-se em textos medievais latinos da França, aproveitados para o *Suplemento* ao *Glossarium* de Ducange, ed. Fabre, os vocábulos – *azebra*, identificado erradamente pelo colector com a zebra africana, - e *ezeberus*, cujo sentido não explica, dando apenas a passagem de p. 93 do Ms. latino 10272 da Biblioteca Nacional de Paris, onde ocorre: ‘Si ex formis Veneris in lapide de alequeth feceris caput *ezeberi*’, passagem que me parece dever traduzir-se por ‘Se de uma figura de Vénus, em pedra de alaqueca (cornalina, variedade de calcedónia), fizeres uma cabeça de onagro’.

De tudo isto concluo que a forma românica primordial do nosso zoónimo, documentada, ou postulada por derivados toponímicos, já desde o séc. IX, é \**ecevro*, -*a* ou *ezebro*, -*a*. É dessa forma que procedem: - *a*) o ant. cat. *atzebre* e ant. esp. *azebra*, com *a* < *e*- como em esp. *aciago*, cat. *abziach* < lat. AEGYPSIĀCUS, e esp. e cat. *aqui* < lat. ECCU- HIC; - *b*) o esp. *enzebro*, -*a*, *encebro*, -*a*, com nasalização da vogal inicial, como em *embriago* (ébrio), *enridar* (ant.), *langosta*, *rendir* < lat. EBRIĀCUS, IRRITARE, LOCUSTA, REDDERE; - *c*) e o port. *zevro*, -*a*, ant. esp. *zebro*, -*a*, hoje *cebro*, -*a*, com queda daquela inicial, como na nossa língua *bispo*, *radio*, *Grijó* < lat. EPISCOPUS, ERRATIVUS, ECLESIOLA, e na espanhola *gitano*, *bizma*, *Grijalva* < lat. AEGYTĀNUS, EPITHĒMA, ECLESIA ALBA, etc.

Qual a origem daquela forma românica primordial, isto é, em última análise, qual a etimologia do nome *zevro*, *zevro*, objectivo essencial do presente artigo?

Não vale a pena resenhar o que, a tal respeito, se disse antes do apuramento do seu sentido exacto, porque tudo partia sempre da hipótese falaz de se tratar de qualquer bovídeo, cervídeo ou caprídeo.

Agora que se averiguou tratar-se realmente de um equídeo<sup>158</sup>, parece-me nada obstar seriamente a que se aponte como origem daquela forma primordial \**ecevro* = *ezebro* o lat. ĒQUĪFĒRUS (= EQUUS FERUS), ‘cavalo selvagem’, palavra que já ocorre duas vezes [*sic*; três; cf. capítulo 5, acima] no livro xxviii da *História Natural* de Plínio, e foi usada por vários escritos medievais no *Glossarium* de Ducange [cf. 5.1 acima], edição referida, s. v. *equifer*, *equiferus*.

Na verdade, sob o ponto de vista semântico, os sentidos dos vocábulos latino e romance são tão próximos, que, pode dizer-se, coincidem. Pela sua figura, vivacidade e mesmo elegância, o asno selvagem é de uma semelhança flagrante com o cavalo. Apenas a cabeça menos nobre a as orelhas mais compridas o prejudicam um tanto.

<sup>154</sup> Ver item 2.1.1 acima.

<sup>155</sup> Ver item 2.1.2 acima.

<sup>156</sup> Ver item 2.1.15 acima.

<sup>157</sup> Ver seção 2.1 acima.

<sup>158</sup> Silveira identificou esse equídeo, erroneamente, como um *onagro* – como já vimos, esse animal nunca existiu na Ibéria (cf. 6.5).



Foneticamente, a dificuldade, que pode alegar-se, da assibilação em *-ci-* do grupo *-qui-* daquele nome, é explicável. É que o zoónimo latino se apresenta claramente formado de EQUUS (na composição EQU-Ī, segundo a regra; cfr. Madvig, *Gram. Lat.*, § 205, a) + FERUS; e, como o primeiro desses vocábulos se havia tornado ECUS no lat. vulgar (*Appendix Probi*), e nos próprios escritores clássicos já os derivados EQUULUS, EQUULA, EQUULEUS tinham passado também a ECULUS, ECULA, ECULEUS, julgo eu que o povo, mantendo o tipo morfológico da composição de ĒQUĪFĒRUS, analogicamente com aquele ECUS alterou o elemento EQUI- em ECI-, dizendo \*ĒCĪFĒRUS.

De resto, assibilação semelhante de *qui, que* em *ci, ce* se observa em vários outros casos, ora por influências analógicas, como no nosso, ora por dissimilações consonânticas. Tais são os bem conhecidos de TORQUERE, QUINQUE, COQUERE, COQUINA, LAQUEUS, etc., que se fizeram no lat. vulgar \*TORCERE, CINQUE, COCERE, COCINA. \*LACEUS, bases do port. *torcer, cinco* (ant. *cinque*), *cozer, cozinha, laço*. O citado *Appendix* corrige também: 'EXEQUIAE non EXECIAE'; e nos dicionários latinos registram-se as formas equivalentes ACIPENSER = AQUIPENSER do nome de um peixe.

A esta série pertencerá ainda o lat. AQUIFOLIUM, nome de planta, tornado no lat. vulgar ACIFOLIUM, que no conceito dos mais reputados filólogos, é a base indirecta do esp. *acebo*, e gal. *acibo* e do ant. port. \**azevo*<sup>1</sup> (<sup>1</sup>) Esta palavra é a base de bastantes topónimos do nosso país: *Azevo, Azevedo* (vários), *Azeveda, Azevido, Azeveiro, Aziveiro, Azeval, Azival* (vários) e *Azivoso*, hoje *azevinho* (*Ilex aquifolium*, L.). (Cfr. Leite de Vasconcelos, *Antropon. Port.*, p. 168, nota 14; J. J. Nunes, *Gram. hist.*, 2<sup>a</sup> ed., p. 106; Meyer-Lübke, REW, no. 113; Menéndez Pidal, *Gram. hist. esp.*, 6<sup>a</sup> ed., § 42, 2).

A aludida assibilação da oclusiva gutural surda *q* (e *k* ou *ch*), seguida de *i* ou *e*, era ainda possível depois da invasão dos Bárbaros, no séc. IV, como faz notar Meyer-Lübke (*Introd. a la lingüística romance*, trad. esp., § 126), pois, por exemplo, o antropónimo germânico *Rikila* (*Rechila* em Idácio, nome de um rei suevo, de 438 a 448) aparece não só com a forma assibilada *Rizila* ou *Rrizila*, *-anis* em outros de 991 e 974, todas recolhidas por Cortesão no seu *Onomástico Medieval*. Da primeira provêm os nossos topónimos *Requiães* (Barcelos), *Requião* (V. N. de Famalicão, etc.) e *Reguião* (Lousada) e da segunda *Recião* em Portugal (Lamego e Felgueiras) e *Receá* na Galiza (Corunha).

O mesmo sucede com o antropónimo congêneres *Íkila, anis*, variantes *Íquila* e *Íquia*, que também aparece com as formas assibiladas *Ícila* e *Ízila*, variantes *Íccila, Íczila* e *Ícia* em vários docs. dos séculos X e XI, igualmente recolhidas naquela obra de Cortesão. Já em 633 figura um bispo de Salamanca chamado *Hiccila*. Da forma não assibilada deste nome nasceram os nossos topónimos *Inquião* (Barcelos) e *Anquião* (Ponte de Lima e Baião), conforme estabeleceu Pedro de Azevedo (*Rev. Lus.*, VI, 48) e desenvolveram depois G. Sachs (*Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal*, p. 71) e J. Piel (*Os nomes germânicos na topon. port.*, no. 848).

Atingida, assim, por ĒQUĪFĒRUS a fase \*ĒCĪFĒRUS, todos os acidentes evolutivos posteriores até *zevro* = *zebro* estão dentro das normas da fonética peninsular: - enurdecimento, em português, do *c(i) = c(e)* intervocálico em *z*, como em DICERE > *dizer*, VICINUS > *vizinho*, - passagem de *f a v* e depois a *b*, como em AFRICUS > *ávrego* (ant.). Da aférese da inicial já falei atrás.

A etimologia: lat. ĒQUĪFĒRUS > port. *zebro*, esp. *cebro* tem, pois, segundo me parece, todas as condições de aceitabilidade.

\*

Depois que se apurou o verdadeiro significado daquele nome, e anteriores à publicação desta minha, apenas duas tentativas conheço para a sua explicação etimológica, ambas recusáveis. A mais importante foi feita por Menendez Pidal, no seu artigo *Zebra, cebra*, publicado em *The Romanic Review*, de Nova Iorque, número de Fevereiro de 1938, pp. 74-78.

Retomando uma sugestão do humanista L. Marineo Sículo, que, no séc. XVI, falando da *zebra* ibérica ou *zebro* trouxe à colação a fábula da antiguidade relativa às éguas que concebiam do vento, gerando potros velocíssimos, o eminente filólogo espanhol defendeu ali para étimo desse vocábulo *zebro*, o lat. (tomado ao grego) ZĒPHŶRUS, 'o vento zéfiro ou favónio, que sopra na primavera, fecundando as flores'. Não era falha de encanto esta explicação metafórica, que o A. apoia com a sua rica erudição.

Oferece ela, todavia, dois graves senões, que a contra-indicam: - 1º. Não explica o *e-* inicial das mais velhas formas do zoónimo, isto é, *ezevra, ezebro, ezeberus, enzebro* e dos respectivos derivados toponímicos, que citei; - 2º. Não explica, outrossim, como é que o *ē* breve tónico de ZĒPHŶRUS não aparece, nas formas espanholas, ditongado em *ie*, como manda a regra. Pidal tentou explicar esta última dificuldade, supondo que o nome seria originalmente ideado na Lusitânia, onde aquele *ē* não sofre ditongação, e daqui se difundiria pelo resto da Península. Mas isso não tem verosimilhança, visto que o animal era tão vulgar, se não mais, no país vizinho do que no nosso, e a sua menção, e o emprego em toponímia, remontam, lá como cá, a uma alta antiguidade, conforme mostrei.

Devo esclarecer, porém, que Menendez Pidal, que tomou conhecimento, por um esboço, da etimologia que atrás apresento, quando de sua visita a Coimbra, em Junho de 1943, teve a generosidade de escrever, na separata do seu artigo, que me enviou de Espanha, estas palavras, que manifestam a magnanimidade de um verdadeiro sábio e

envolvem a renúncia à sua hipótese: ‘Su EQUÍFERUS me parece mejor por explicar la *e* inicial’.

Esta hipótese é uma das mais aceitas nos dicionários e revistas (por exemplo Baldinger, 1955 afirma “diese letzte Etymologie scheint uns, um es vorwegzunehmen, die richtige zu sein”). A favor do étimo EQUIFĒRUS há: o testemunho de *e-* inicial na documentação, a regularidade na passagem *-ī-* > *-e-*, a regularidade na passagem de *-c-* > *-z-* e a queda do *-Ē-* postônico, fenômenos que ocorrem em muitos outros étimos.

Tampouco a transformação de *-QUI-* > *\*-CI-* em vez de sua manutenção (que geraria algo como *★eguevro*) é de todo improvável, mas nos informa, indiretamente, que a palavra era muito frequente como, por exemplo, lat *COQUĒRE* > *\*cocere* > *cozer*. Essa condição, porém, pode ser questionável, pois se trata de uma palavra muito rara. Essa transformação informa-nos também que ocorreu numa sincronia pretérita bem antiga.

Se o contexto fônico de EQUIFĒRUS é o mesmo de COQUĒRE, isto é, o *-QU-* está na posição intervocálica (ou na notação fonológica atual *V\$\_V*<sup>159</sup>), o mesmo ocorre no lat *AQUĪLAM* > *águia* (e não *★ázia*). Alguém possa defender o étimo de Silveira dizendo que não se trata do mesmo contexto, devido à diferença de posição do acento tônico. De fato, o *-QUI-* é tônico em EQUIFĒRUS e postônico em AQUĪLAM. Em outros contextos do interior de palavras, a sequência *-QUI-* (ou *-QUE-*) apresenta soluções distintas:

- Contexto intervocálico em que a *\*[i]* é seguido de uma vogal: torna-se uma semi-vogal *\*[j]* (ou seja, *\*V\$\_V* > *V\$\_G*). Nesses casos, a solução foi a não-sonorização da consoante intervocálica. Por exemplo, *LAQUĒUM* > *\*laciū* > *laço* (e não *★lázeo* ou *★lazo*).
- Contexto interno não-intervocálico (ou seja, *C\$\_V*): tem o mesmo resultado do caso anterior: *TORQUĒRE* > *\*torcere* > *torcer* (e não *★torzer*) ou *ALĪQUEM* > *\*AL-QUEM* > *alguém*.

Dessa forma, respeitadas as condições de antiguidade e frequência, uma forma hipotética *\*ECIFĒRUM* só poderia gerar *ezevro* ou mesmo *\*ezêvero* (cf. 7.1, donde poderíamos conjecturar, viriam as formas apresentadas em 8.5 com duas postônicas). A aposta na aférese de *e-* em vez de sua manutenção tampouco nos aponta para nenhuma sincronia pretérita precisa. Atente-se para o fato de que palavras com *e-* inicial normalmente se transformam em *i-*, como *ECCLESĪAM* > *igreja*, *ÆQUALEM* > *igual* etc. e não existe uma forma *★izevro*. De qualquer forma, havia em português antigo poucas palavras com *z-* inicial (cf. 8.8), algo que pode servir para um estímulo para a conservação da vogal inicial (isto é, para a não-aférese). Por exemplo, a inexistência de palavras com o som *[r]* inicial, impedia a aférese em muitas palavras com contexto fonológico como *#V\$\_V*, por outro lado, uma neutralização regional dos dois fonemas herdados */r:/r/* poderia promover o aparecimento do fenômeno oposto à aférese, ou seja, a prótese.

Como em 8.5, tampouco é segura a solução *-vr-* como resultado de um *\*-FR-* secundário,

<sup>159</sup> Este tipo de notação apresenta de forma sintética todo o entorno ou contexto fônico em que um som se encontra. Para compreendê-la: *V* representa qualquer vogal; *C*, qualquer consoante; *G*, qualquer semivogal (do inglês *glide*), o símbolo *\$* representa a divisão silábica; *#*, os limites da palavra (início ou fim) e *\_* a posição em que o elemento fônico (fonema, som ou sílaba) estaria ocupando. Em vez de *V*, *C* ou *G* podem ser usados alguns símbolos específicos. Dizer *V\$\_V* equivale a dizer que o grupo *-QU-* em questão está iniciando uma sílaba (que não é a inicial), entre duas palavras; *C\$\_V* significa que inicia uma sílaba não-inicial, após uma consoante e antes de uma vogal; *#\_V* significa que inicia uma sílaba inicial antes de uma vogal; *#[Vn\$\_V]* significa que o encontro vem depois do som *[n]*, que se encontra na sílaba anterior, e que o *cluster* consonantal (isto é, *-NQU-*) está antecedido e precedido de uma vogal (e que a vogal que precede se encontra em início absoluto de palavra) etc.

isto é, resultado de uma síncope. Não há outros exemplos desse encontro resultante de palavras herdadas do latim vulgar. O exemplo de *SUFFLARE* > *soprar* (em vez de ★*sofrar*) é irregular.

O fato de *EQUIFĒRUS* (ou *EQUIFER*) ser uma espécie de neologismo criado por Plínio<sup>160</sup> (ou um erro de leitura dos manuscritos) nos informa que essa proposição etimológica aposta numa espécie de preciosismo, como as que defendem a sobrevivência da preposição *tenuis* apenas em português (cf Viaro, 2013): isso é bastante suspeito. Além disso, a palavra usada por Plínio, cujo nominativo necessita ser deduzido, só é raramente usada em poucas obras diretamente ligadas aos escritos desse naturalista romano ou à obra de Boethius sobre as *Peri Hermenias* de Aristóteles<sup>161</sup>. Não há nenhuma evidência que tenha sido usada popularmente, para ter evoluído até a palavra *zebro*. Por fim, do ponto de vista da identificação da espécie de animal a que Plínio se referia, *EQUIFĒRUS* não foi aplicado por Plínio ao *zebro* da Ibéria, mas sim ao *tarpan* [ver 7.2 acima].

## 8.8. Um étimo árabe para *zebra*?

Proposição etimológica:

árabe الزاملة > \**azamla* > \**azembra* > \**anzebra* > *enzebra* → *zebra* [hip. nova].

Étimos árabes de algum valor para a discussão etimológica, salvo engano, não foram propostos por ninguém<sup>162</sup>. Do ponto de vista do significado, o mais próximo que se poderia chegar da denominação de um animal seria a palavra árabe الزاملة <*zāmilah*>, que, na forma articulada, se diz الزاملة <*az-zāmilah*>. Como não é de todo improvável que surjam discussões de novos étimos para a palavra, sem que se investigue cuidadosamente nem a reconstrução das sincronias pretéritas que essa proposta implicaria, nem a aplicação das leis fonéticas associadas à frequência de uso, achamos por bem averiguar a verossimilhança desse suposto étimo ou de similares.

A proposição etimológica como acima formulada apostaria na antiguidade da forma feminina *zebra* sobre *zebro*, na metátese da nasal, na epêntese do *-b-* (como em *HUMĒRUM* > \**omro* > *ombro*<sup>163</sup>) e na antiguidade (não testemunhada) das formas com *-br-* sobre as formas com *-vr-*. Necessitaria de alguma mudança semântica, pois a sua forma divergente testemunhada seria

<sup>160</sup> Ver, por exemplo, Leopardi (1921: 1822, 1823): “Dico altrove che l’uso di creare giudiziosamente e parcamente nuovi composti fu mantenuto dagli autori latini, e massime da’ poeti, non solo fino alla intera formazione della della lingua e della letteratura, ma nello stesso secolo della latinità, e nel tempo che immediatamente gli succedette. (...). **Segno qui alcuni composti latini de’ quali ch’io sappia non si trova esempio negli autori anteriori al secolo aureo (...) equiferus ed equisetum presso Plinio il Vecchio...**”; ou, em inglês (Caesar & d’Intino, 2013: 1191: “I state elsewhere [...] **that the practice of judiciously and sparingly fashioning new compounds was maintained by Latin authors, and especially by poets, not only prior to the complete formation of the language and the literature, but in the full classical age of Latin authors, and in the period immediately succeeding it. (...). Let me pick out some Latin compounds of which no example is to be found so far as I know in authors before the golden age (...) equiferus and equisetum in Pliny the Elder...**”); e Arens (1964: 221): “The Kallippos example of a compound is replaced by ‘equiferus’, a word only found in Pliny...”. [negritos nossos].

<sup>161</sup> Só para citar alguns exemplos: d’Etaples (1503: fôlio 48v), Caramuel (1554: 57), Comas i del Brugar (1661: 186), Cauvino (1709: 608), Mayr (1739: 354).

<sup>162</sup> Castro (1928) menciona um possível étimo árabe ou pré-românico, sem propor nenhum em particular. A proposta de Jassem (2013) é completamente sem nenhum fundamento: “**Zebra** from Arabic Zimaara(t) where /2 & m/ became /z & b/ each or Dhabee, Dhibya(t) ‘deer’ in which /Dh/ became /z/ from which /r/ split besides lexical shift.” O étimo proposto por Jassem é <himārah> “asno”.

<sup>163</sup> Sobre a transformação *ml* > *br* cf. a forma *branconia* < *mlanconia* < *melanconia* ~ *melancolia*, no dialeto de Baião, conforme Vanconcelos (1928: 88).

*azêmola* (espanhol *acémila*) significa algo como “besta de carga”. Por outro lado, beneficiar-se-ia do pouco conhecimento que atualmente temos acerca das sincronias que envolvem a língua árabe, das regras fluidas que definem algumas mudanças consonantais e a *imāla*<sup>164</sup>, assim como da alternância das iniciais átonas *an-* e *en-* das línguas iberorromânicas em geral. Formas antigas são: castelhano *azemala* ≈ *azemila* ≈ *azemela*, português *azemela* ≈ *azemala*, catalão *atzembla* ≈ *embla* e aragonês *azembla*. Para o étimo do espanhol das Canárias *célemo* ≈ *cénimo* “mula”. Corriente (1983 *sv célemo*) acredita numa alteração de *cémilo* “pessoa rústica”, que também teria vindo de *zāmil*, masculino de *zāmilah*, com o sentido de “cavalo inútil” com uma especialização semântica estranha ao árabe clássico, mas comum no árabe andaluz e com reflexos românicos.

Segundo esta hipótese, formas com duas vogais postônicas (cf. *zevere* 8.5) seriam consideradas inovadoras, pois não parece verossímil que a epêntese e a perda da nasalidade coocorram com a queda da primeira sílaba e a lenização do *-b-* intervocálico. Essa inovação não é de todo descartada, cf. lat *FEBRUARIUM* > *FEBRARIU* (AP 208) > \**fevreiro* > port *fevereiro* (mas esp *febrero*) e no topônimo espanhol *Febros* ≈ lat *Feveros* (Piel, 1968: 1-8).

Dito de outra forma, uma sequência \**azembra* > \**anzêbera* > \**enzêbera* → \**zêbera* > \**zêvera* parece mais artificial e menos sustentável, por ser totalmente baseada em reconstruções. Por outro lado, se o *-i-* árabe tivesse sobrevivido, nenhuma das mudanças necessárias para a criação de um *-b-* seria possível, isto é, do árabe *az-zāmilah* se chegaria a *azāmila* mas jamais a \**azembra*, que depende de uma fase anterior \**azamla* ou \**azemla*. Também a solução \**ml* > \**mbr* em vez de \**mbl* parece algo *ad hoc*.

Concluindo: apesar de uma semântica mais transparente, a proposição que envolve um étimo árabe, por causa das inúmeras mudanças fonéticas exigidas, se torna tão fantasiosa quanto a dos étimos de *Agero* (cf. 8.6). No entanto, o superstrato árabe seria uma boa solução para explicar o incomum *z-* inicial que, segundo as leis fonéticas conhecidas, não viriam de palavras latinas, nem de palavras gregas *via latim*.

A presença de um *z-* sonoro inicial no português arcaico, que corresponda ao som [z] moderno, é enigmática. Havia quatro sons numa fase mais antiga do galego-português: \*[ts], \*[dz], \*[s̺] e \*[z̺] (Maia, 1986: 439-468)<sup>165</sup>. Os dois primeiros se simplificaram e o sistema se tornou, em algum momento da formação do Condado Portucalense, algo como \*[s], \*[z], \*[s̺] e \*[z̺]<sup>166</sup>. O galego moderno perdeu a distinção entre surdas e sonoras e a mesma sequência hoje

<sup>164</sup> Da mesma forma que se tenta utilizar a *imālah* (lit. “inclinação”, isto é, a transformação do árabe *ā* > *e*) para explicar a alternância entre *ata* ≈ *até* (Viaro, 2013). Perante os três fonemas vocálicos do árabe clássico, preveem-se um grande número de realizações distintas: /a/ se resolve como [a] [ɛ] ou [ɔ], /i/ se realiza como [i] ou [e] e /u/ como [u] ou [o], dependendo de elementos do seu entorno (consoantes palatais, labiais ou velares, sílaba fechada etc. (Corriente, 2004: 190-196).

<sup>165</sup> Ariza (2004:216) declara que “la /s/ latina (...) debía ser ya apical porque es sistemáticamente representada por el šin árabe /š/ es decir: una palatal fricativa sorda, ya que la /s/ era dental”. Concordamos com a reconstrução do *s* latino \*[s̺], herança provável de uma pronúncia indo-europeia. Esse pequeno detalhe articulatória explicaria muitos rotacismos *-s-* > *-r-*, encontrados na história do latim e de outras línguas indo-europeias (o germânico, o grego, por exemplo). Também é do mesmo parecer Correa Rodríguez (2004: 40).

<sup>166</sup> No início do século XX, Vasconcelos (publ 1985) informava a manutenção das quatro sibilantes [s], [z], [s̺] e [z̺] e das três palatais [j] [tʃ] e [ʒ] em diversas regiões de Portugal, como por exemplo, em Covelães (p. 191), em Vila Verde de Chaves (p. 194), em Valpassos (p. 195) etc.



equivale a: \*[θ], \*[θ̥], \*[ʒ̥] e \*[ʒ̥]<sup>167</sup>. Fato é que não existe nenhuma palavra iniciada por \*[ʒ̥] no português arcaico (Maia 1986:464) e que há pouquíssimas palavras iniciadas por \*[ʒ], como é o caso do *zebro* e derivados (*zebruno*, *zebral*, *zevrão*, *zebreiro* etc.). Segundo Maia (1986: 439), para representar os sons \*[dz] > \*[z] e \*[ts] > \*[s]:

“Um dos grafemas utilizados no século XIII em documentos das quatro províncias galegas, quer em posição intervocálica, quer no início de sílaba, precedido de sílaba entravada, quer no início de palavra, é *z* (...) Esta grafia não é exclusiva dos antigos documentos galego-portugueses, uma vez que aparece com relativa frequência desde o período primitivo em formas romances registradas em documentos escritos em latim a partir do século X em várias zonas da Península Ibérica, especialmente em Leão e Castela. Há também, contudo, vestígios desta grafia em documentos de Navarra e Aragão dos séculos XI e XII. O emprego do grafema *z* é, portanto, um dos processos gráficos para transcrever o fonema africado pré-dorsal surdo no período mais antigo, não ultrapassando, no que se refere a textos romances, o século XIII. Neste século (...) o grafema *z* tanto podia representar a africada pré-dorsal surda como a sonora. uma distinção gráfica completamente generalizada entre os dois fonemas só se encontra, no que se refere aos documentos da Galiza, desde os últimos anos do século XIII e princípios do século XIV”.

Diferente do que poderíamos imaginar, na nossa investigação etimológica particular, a grafia é um porto bastante seguro para algumas decisões etimológicas, quando se trata de textos antigos, pois podemos partir para métodos de exclusões de conjecturas absurdas. Segundo Maia (1986:465-8):

“Tanto em Portugal como na Galiza, não se distinguia claramente, em posição intervocálica, a grafia de /s/ e de /z/<sup>168</sup>: na transcrição de ambos os fonemas poderia ocorrer a variante simples -j- (ou -s-) e a variante geminada -jj-, sendo apenas diferente a frequência relativa de seu emprego. Na representação de /s/, -jj- é mais frequente que -j-, ao passo que, no caso de /z/, -j- está muito mais representado (...) as grafias atrás apontadas com -jj- não podem considerar-se indícios de ensurdecimento de /z/. Aliás, grafias desse tipo aparecem também em Portugal onde, de modo nenhum, pode pensar-se numa explicação desse género, uma vez que aqui nunca se verificou o ensurdecimento de sibilantes e fricativas palatais que afetou outras zonas peninsulares. Porém, com essa afirmação, não pretendo negar que o ensurdecimento atingiria na Galiza, ao longo do período estudado, também a sibilante áptico-alveolar sonora: o paralelismo com o ensurdecimento de /z/ e de /ʒ/, manifestado nos textos através da confusão dos grafemas que representavam esses fonemas, leva a crer que, também no caso /z/, ele já existiria, uma vez que nas zonas peninsulares afectadas pelo ensurdecimento, ele atingiu as sibilantes /z/ e /ʒ/ e a fricativa pré-palatal /ʒ/. A diferença está em que, no caso de /z/ e /ʒ/, o estudo das grafias é totalmente esclarecedor porque as surdas correspondentes (/s/ e /ʃ/) se representavam por grafemas totalmente diferentes: por esse motivo, quando, em vez do grafema *z*, aparece *ç* (ou *c*) ou, em vez de *j* (ou *g<sup>e</sup>*), aparece *x*, a interpretação das grafias não oferece dificuldades. O mesmo não acontece com a sibilante áptico-alveolar: através de uma estrita análise das grafias, não pode concluir-se que o ensurdecimento já se verificava nessa época na Galiza. Não excluimos, porém, a possibilidade de que alguns casos de -jj- resultassem da tendência para a confusão dos dois fonemas surdo e sonoro”.

Contudo, o único exemplo dado por Maia, extraído de todo seu *corpus*, de uma palavra com *z*- inicial (como é o caso de nossa palavra investigada) é *zera* “cera”, ou seja, de uma forma com \*[ts]<sup>169</sup>. Nas cantigas de Santa Maria há também apenas uma única palavra iniciada por *z*-: *zarello* (“certo tecido cf. galego *cerello* ‘farrapo’”) no verso 28 da cantiga 273 (mas o manuscrito F diz *azarello*). Em Afonso Lopes de Bailão encontramos um derivado dessa palavra, a saber, *zarelhon* (“Mays trax perponto roto sen algodón,/ Cuberturas d’un uelho zarelhon”)<sup>170</sup>.

<sup>167</sup> O mesmo se diz das palatais \*[ʒ] e \*[ʃ], que convergiram, em galego moderno em \*[j] e \*[ʃ]. Maia (1986) traz exemplos que sustentam o fato de esses ensurdecimentos já acontecerem em período muito mais antigo do que registrado para o castelhano. O galego, manteve a distinção \*[tʃ] e \*[ʃ], que o português acabou por perder.

<sup>168</sup> Isto é, de /s/ e /z/ na anotação de Maia.

<sup>169</sup> Deve ser o mesmo caso da palavra *zedo* na cantiga de João Airas de Santiago (CV 594; CBN 1638) e *zima*, em Pero da Ponte (CBN 1557). O caso inverso, é mais frequente, por causa do início do ensurdecimento e a perda de distinção entre /s/:/z/ em algumas áreas galegas, como a grafia *çopo* no séc. XIII para a palavra atualmente grafada *zopo*.

<sup>170</sup> Também aparece em nomes próprios: *Zorzelhone*, na cantiga de Fernão Soares de Quinhones (CBN 1465).

A palavra *zibelina* tem a grafia latina *cebellinis* em 1169 e a curiosa grafia *ziuryna* em 1452 (no espanhol do século XIII *cenbellin*, com possível cruzamento com *cembel* “sino”, segundo Corominas *sv. cibelina*). Também atestada no século XIII está a palavra *zote* (1258)<sup>171</sup>.

Com base nas Cantigas de Santa Maria, a presença de <z> numa estrutura silábica #V\$ (que seria propícia a uma aférese) tem alguma frequência quando a vogal é um <a>: *Azamor*; *azarello*, *Azaria(s)*, *azaria*, *azedo*, *azeite*, *azyeira*, *azor*, *azur*. Tampouco há para vogais nasais, exceto na palavra *onze*. Assim sendo, oscilações entre *an-* ≈ *en-* ≈ *on-* seguidas de <z>, como as já vistas para *enzebro*, não se encontram, como se esperaria de outros contextos fônicos com variação dialetal, por exemplo: *antre* (185:28) ≈ *entre* (61:150, 193:51 etc) ≈ *ontre* (205.2, 225.29 etc).

A raridade do z- inicial é de fato intrigante. Pode-se pensar que somente o superstrato árabe pode ter contribuído para o aumento significativo de palavras com este contexto fônico. No entanto, Cunha (1982) apresenta apenas nove palavras de origem árabe, as mais antigas situadas no século XIV (*zabra*, *zaga*, *zagal*, *zaino*, *zamboia*, *zarabatana*, *zarcão*, *zarco* e *zedo-ária*). Via francês, também temos *zénite* e *zuave*. Foneticamente aparentados com *zebra* temos *zabra* “espécie de embarcação”, *azebre* “aloé”, além da já mencionada *zibelina*<sup>172</sup>, mas ambas são palavras muito mais tardias que *zevro*.

O sistema fonético árabe andaluz, que deve ter atuado muito fortemente na fala romance-andaluz dos moçárabes<sup>173</sup>, foi favorável à revitalização do /z/ inicial, pois não é pequeno o número das palavras de origem árabe que sobrevivem, sem falar da onomástica e na toponímia.

Dispõe o árabe clássico do seguinte jogo de distinções: /s/: /z/: /θ/: /ð/: /s/: /z/, que corresponde em parte ao árabe andaluz, ou seja, não tinha /s/ nem /z/ e isso será um fator para mudanças profundas na formação do português antigo e fonte do seu distanciamento da matriz galega. Corriente (2008) dá-nos vários exemplos:

O س <s> surdo árabe [s] equivale a palavras grafadas com <c<sup>e,i</sup>> ~ <ç> em português, isto é, \*[s] < \*[ts], e a <c<sup>e,i</sup>> ~ <z> no espanhol e galego, isto é \*[θ] < \*[ts]:

árabe *\*as-safāt* > port *açafate* ≅ gal *azafate* ≅ cast *azafate*;

árabe *\*as-samn* > port *acém*;

árabe *\*as-saqifa* > port *açaquifa* ≅ cast *azaquefa*;

<sup>171</sup> Machado Filho (2013) encontra ainda no século XIV as palavras *Zabedeu*, *Zalla*, *Zenono*, *zurrando* (gerúndio de *zurrar*). As obras de Moreira (2005) e Silva (2007) não detalham a datação.

<sup>172</sup> No caso de *zabra* atesta-se em castelhano *zabra* ≈ *zabura* ≈ *zambra*, formas com contexto fônico curiosamente parecido com outras variações de *zebra* já vistas. O português tem *zavra* e em catalão *atzaura*. Todas essas formas são remetidas ao étimo árabe قروزلا <az-zawraq>. A palavra *azebre* equivale ao castelhano *acíbar* e tem por étimo a palavra ريبصلا <as-šibr>. O topônimo latino Cisimbrum parece ser o étimo de *Zambra*.

<sup>173</sup> Corriente (2004:187) nos informa que “las fechas de consolidación de ambos haces dialectales, ár[abe] and[aluz] y romandalusí, se pueden situar en el s[iglo] X, y la extinción final y total del romandalusí a fines del s. XII, habiendo posteriormente una situación de monolingüismo ár[abe] en lo que restaba de Alandalús, o zonas islámicas de la Península Ibérica.” Sobre a conservação dos falares moçárabes em território português é mais difícil de estabelecer as datas. Se as falas românicas desapareceram antes mesmo da consolidação do território português durante a chamada Reconquista, isso não quer dizer que influências de substrato (sobretudo no campo das realizações fonéticas) não tenham sobrevivido, como é comum ocorrer em zonas de intenso multilingüismo, por exemplo, na África Ocidental ou nos Bálcãs (vide Sandfeld, 1930).

árabe *\*as-sariyyah* > port *açaria*<sup>174</sup>  
 árabe *\*as-sáwṭ* > port *açoute* ~ *açoite* ≅ gal *azouta* ~ *azoute* ≅ cast *açote* ~ *azote*;  
 árabe *\*as-súkar* > port *açúcar* ≅ gal *azucra* ≅ cast *azúcar*;  
 árabe *\*as-sussána* > port *açucena* ≅ gal *azucena* ≅ cast *azucena*;  
 árabe *\*as-sutáyyah* > port *açoteia* ≅ gal *azotea* ≅ cast *azotea*;  
 árabe *\*as-súd* > port *açude* ≅ cast *azud*;  
 árabe *\*(as-)súq* > port *açougue* ≅ cast *zoco* ~ *azogue*;

O ج <z> sonoro árabe [z] equivale a palavras grafadas com <z> em português, isto é, \*[z] < \*[dz], e a <c<sup>e, i</sup>> ~ <z> no espanhol e galego, isto é \*[θ] < \*[ts] < \*[dz]<sup>175</sup>:

árabe *\*(az)-zabbúj* > port *zambujo* ~ *zambulho* ~ *azambuja* ~ *azebuche* ≅ cast *acebuche* ~ *zambullo*;  
 árabe *\*az-záj* > port *azeche* ~ *aziche* ≅ cast *aceche*;  
 árabe *\*az-zarnih* > port *arzanefe* ≅ cast *azarnefe*;  
 árabe *\*az-zayt* > port *azeite* ≅ gal *aceite* ≅ cast *aceite*;  
 árabe *\*az-zaytúna* > port *azeitona* ≅ cast *azeytuna* ~ *aceituna*;  
 árabe *\*az-zawán* > port *azevém* ≅ cast *acebén* ~ *acevén*;  
 árabe *\*zájal* > port *zéjel* ≅ cast *zéjel*;  
 árabe *\*zāniyah* > port *zoina*;  
 árabe *\*zarúmba* > port *zerumba*;

O ث <t̤> interdental surdo árabe [θ] equivale a palavras grafadas com <c<sup>e, i</sup>> ~ <ç> em português, isto é, \*[s] < \*[ts], em português e e a <c<sup>e, i</sup>> ~ <z> no espanhol e galego, isto é \*[θ] < \*[ts]:

árabe *\*at-túrda* > port *açorda*;  
 árabe *\*tumni* > port *celamim* ≅ gal *celamí* ≅ cast *celemí* ~ *celemín*;

O ذ <d̤> interdental sonoro árabe [ð] adquiriu um caráter oclusivo e se transformou em *d* em português, galego e castelhano:

árabe *\*ad-dib* > port *adibe* ≅ cast *adive*;

O ص <s> enfático surdo árabe [s] equivale a palavras grafadas com <s> em português, isto é [s̤] e a <c<sup>e, i</sup>> ~ <z> no espanhol e galego, isto é \*[θ] < \*[ts]<sup>176</sup>:

árabe *\*šáḥḥa* → port *safanão* ≅ gal *zafanada* ~ *zafañada* ~ *zafranada*;  
 árabe *\*šafīr* > port *safira* ≅ gal *zafiro* ≅ cast *zafiro*;  
 árabe *\*šúrra* → port *surrão* ≅ cast *zurrón*;

<sup>174</sup> Mas também *azaria*. Outros casos de <z> em português são árabe *\*samt* > port *zênite* ≅ gal *cénit* ≅ cast *zonte* ~ *zunt* ~ *cénit*; árabe *\*(as-)sáqa* > port *azaga* ~ *zaga* ~ *saga* ≅ gal *zaga* ≅ cast *zaga* etc.

<sup>175</sup> Idem: persa moderno *āzād deraxt* > port *azedaraque* mas castelhano *acederaque* ~ *acetraque*. O português *acederaque* é empréstimo do castelhano. Também persa moderno *zenjarf* > port *azinhavre* ~ *azenhavre* ≅ galego *acebre*. Diferente é a história de palavras portuguesas com <c<sup>e, i</sup>>: árabe *\*zaḥrūrah* > port *azarola* ~ *azerola* ~ *acerola* ≅ cast *azarolla* ~ *acerola*; árabe *\*as-siḥl* > port *acéter* ~ *acetre* ~ *acetril* ≅ cast *acetre* ~ *cetretre*; árabe *\*az-zabīb* > port *acepipe* ≅ cast *acebibe* etc. A solução <s> se encontra em árabe *\*zúbra* > port *safra* ≅ cast *zafra*.

<sup>176</sup> Diferentemente é a história de palavras em que o português tem <z>: árabe *šifr* > port *zero* ≅ gal *cero* ≅ esp *cero* ou <ç>: árabe *\*šiḡāl* → port *açacalar* ~ *acecalar* ~ *acicalar* ≅ gal *acicalar* ≅ cast *acicalar*; árabe *\*šifrāwi* → port *açafrado*; árabe *\*aḥ-šúmḥa* > port *açómua* etc.

O ظ <z> enfático sonoro árabe [z] não sobreviveu em muitas palavras no árabe falado na Península Ibérica exceto em poucas palavras técnicas. Normalmente se confunde com o ذ <d>.

Esquemáticamente, verifica-se, de modo geral, que o português acaba tendo uma gama maior de soluções (quatro em vez de duas) para as seis consoantes árabes:

Árabe	Português	Galego	Espanhol
ز <z>: [z]	<z> *[z] < *[dz]	<ce, i> ~ <z> *[θ] < *[ts] < *[dz]	<ce, i> ~ <z> *[θ] < *[ts] < *[dz]
ذ <d>: [ð]	<d>	<d>	<d>
ظ <z>: [z]	*[d]	*[d]	*[d]
س <s>: [s]	<ce, i> ~ <ç>	<ce, i> ~ <z>	<ce, i> ~ <z>
ث <t>: [θ]	*[s] < *[ts]	*[θ] < *[ts]	*[θ] < *[ts]
ص <ş>: [s]	<s> *[s̄]	<ce, i> ~ <z> *[θ] < *[ts]	<ce, i> ~ <z> *[θ] < *[ts]

Espanhol<sup>177</sup>

Todavía, a falta de um étimo árabe adequado e a falta de casos de sobrevivência de palavras com o inicial \*an seguido das consoantes acima proveniente do árabe em português (o exemplo mais próximo, se assim podemos dizer é o cast *anzarote* < árabe \**ʕanzarút*) em nada contribuem para o entendimento do z- inicial da palavra *zebra*. Uma decorrência de se apostar num étimo árabe, portanto, seria dizer que formas como *enzebra* e similares são casos de prótese silábica; no entanto, qualquer hipótese sobre a proveniência dessa suposta sílaba prostética é uma aposta demasiadamente arriscada.

Uma pesquisa ao dicionário de Cunha (1982) nos faz observar o fato de tantas palavras iniciadas em z- terem étimo complexo, controverso, duvidoso ou obscuro (XIII: *zopo*, XVI:

<sup>177</sup> Os enurdecimentos do castelhano são atestados mais tardiamente do que os do galego: “hay indicios de que se mantuvo el contraste fonológico entre oclusiva /b/ (grafía b) y fricativa /β/ (grafía v ~ u) hasta finales de la Edad Media” “aunque en la pronunciación cuidada de las clases cultas parece probable que se conservara la articulación africada de /β̣/ y /β̣̣/ [isto é, /ts/ e /dz/] hasta el s. XVI (...) hay testimonios fidedignos de que ya en siglos anteriores estos fonemas se convertían en fricativos por lo menos en los sociolectos más populares del castellano (...) sin embargo, a diferencia de lo que ocurrió en francés, occitano, catalán, la mayor parte del portugués etc. los resultados de la desafricación no confluyeron con las consonantes fricativas ya existentes (/s/ y /z/ apicoalveolares), ya que en la mayor parte del territorio castellano /s/ y /z/ mantuvieron su articulación apicoalveolar y no se confundieron con los sonidos producto de la desafricación de /β̣/ y /β̣̣/. Sólo en parte de Andalucía hubo coalescencia de estos dos series de fonemas (...) Cuando perdieron /β̣/ y /β̣̣/ su elemento oclusivo lo más probable es que conservaron su punto de articulación dental, con lengua convexa. Es decir que tendrían una conformación articulatoria (fricativa dental acanalada) parecida a la de las eses andaluzas actuales” (...) “es probable que el sistema de seis fonemas sibilantes (...) siguiera intacto hasta el s. XVI (...) sin embargo, hay testimonios bastante claros de que, en las variedades rurales y más incultas de ciertas zonas se había producido una simplificación del sistema varios siglos antes (...) desde principios del s. XIV en adelante hay ejemplos indudables de intercambio de ç con z y de ss con s, que, sólo pueden indicar que los escribas no distinguían fonológicamente entre sibilantes sordas y sonoras” (Penny, 2004: 602-603).



*zabucái*<sup>178</sup>, *zaburro*, *zombar*; *zambo* ≈ *zambro*, XVIII: *zurrapa*, *zuarate*; XIX: *zabelê*<sup>179</sup>, *zanzo*, *zápete*, *zaraga*, *zaranga*, *zarolho*, *zarro*, *zina*, *zinga*, *zingamocho*, *zingrar*, *zoina*, *zorô*, *zumbar*; XX: *zambê*, *zamboque*), para não falar das palavras “de origem onomatopaica” (XVI: *zinir* ≈ *zunir*, *zoar*; XVII: *zangão*; XVIII: *zabumba*; XIX: *zanzar*, *zonzo*, *zumbir*, *zurrar*). Mais recentemente, palavras de origem castelhana (*zampar*, *zaragata*, *zaragatoa*, *zarpara*, *zarzuela*, *zorra*), francesa (*zebu*, *zero*, *zesto*, *ziguezague*, *zircão*), italiano (*zingaro*) e de outras origens (*zende*, *zerumba*, *zumbaia*, *zumbi*), juntamente com radicais cultos gregos (*-zeo-*, *-zigo-*, *-zimo-*, *-zoo-*) aumentaram a proliferação do fonema /z/, ainda que sua distinguibilidade ainda hoje seja baixíssima (Viaro & Guimarães Filho, 2010)<sup>180</sup>.

No árabe não existia o som [v], de modo que a sobrevivência da distinção /b/:/v/ no português tampouco provém de um reforço árabe (pouco se pode falar sobre os falares moçárabes). Partindo de uma distinção iberorromânica de duas consoantes bilabiais \*/b/:\*/β/, proveniente do latim vulgar<sup>181</sup>, houve uma tendência dialetal à neutralização, que resultou um único fonema /β/<sup>182</sup>. Essa transformação ocorreu bastante cedo no Noroeste Peninsular (século XIII) e posteriormente no castelhano, no entanto a expansão do castelhano pela Espanha generalizou o sistema com uma só bilabial. A distinção dos dois fonemas manteve-se no português centro-meridional, formando o par mínimo /b/:/v/ atual do português padrão<sup>183</sup>. Como o fonema /β/ do

<sup>178</sup> Para a palavra *zabucái* ver Papavero & Teixeira (2014: 277, no. 254).

<sup>179</sup> *Zebelê* aparece por primeira vez em Pitta (1730: 40), como sinônimo da jaó (*Crypturellus noctivagus* (Wied, 1820)); é considerado uma onomatopeia.

<sup>180</sup> Com base no input de 809 palavras portuguesas começadas com z- o pesquisador Zwinglio de Oliveira Guimarães Filho, do GMHP ([www.usp.br/gmhp](http://www.usp.br/gmhp)) obteve, automaticamente, em 15/8/2006, dados por meio de busca no Google, restritas a páginas em português, numa base de cerca de 500 milhões de páginas de internet. As palavras são estas, em ordem decrescente de frequência de uso (> 20.000 ocorrências, cada): zero, zona, Zê, zootecnia, zoologia, zen, zoneamento, zebra, zelar, zoológico, zinco, zumbi, zagueiro, zelo, zodíaco, zodiaco, zito, zum, Zezinho, Zaire, zulu, zeta, zerado, zaga, zerrar, zeladoria, zoofilia, zorro, zoar, zoo, zangado, zíper, zoeira, zorra, zelador, zumbido, zebu, zola, zootecnia, zafira, zinho, zabumba, zeloso, zarolho, zonal, zootécnico, zás, zoa, zarco, zoonose, zambujal, zabelê, zimbo, Zoé, zumbo, zanga, zombaria, zinha, zoster, ziguezague, zênite, zombar, zincado, zodiacal, zangar, zircônio, zumba, zuca, zudovina, zooplâncton, zambujo, zéfiro, zenite, zimbro, zarpar, zabumbeiro, zigoto, zenda, zuco, zarro, zerinho, zonzo, zincagem, zambi, zenital, zina, zedoária, zoada, zeinha, zarzuela, zagaia, zoólogo, zefir, zarabatana, zilhão, zircão, zombeteiro, zarcão, zunzunzum, zinga, zangão, zunido, zoro, zamba, zepelim, zurzir, zanaga, zoóide. Ainda hoje, zebra é uma das palavras iniciadas em z- mais utilizadas. Dialetalmente encontra-se zebrar “chover fortemente”, zupar “bater” e outras palavras (Vasconcelos 1928: 360, 519).

<sup>181</sup> A saber: iberorromânico do noroeste \*/b/ < lat B- ~ C\$B ~ -P- (lat *bucca* > boca, lat *ambos* > ambos, lat *sapere* > saber); iberorromânico do noroeste \*/β/ < lat V- ~ -V- ~ -F- ~ -B- (lat *ventum* > vento, lat *levare* > levar, lat *profectum* > proveito, lat *debere* > dever). Exemplos de Maia (1986: 482).

<sup>182</sup> O fonema \*/β/ forma perfeito paralelismo com \*[φ], realização mais provável do \*/f/ <F> latino, muito bem conservada na Península Ibérica, por ter sido introduzida talvez antes do século III d. C. quando o latim vulgar passa a ter mais prestígio do que o latim vulgar hispânico (falado desde III a. C.). De um fonema \*/φ/ torna-se mais compreensível realizações muito antigas como \*[h], não só no castelhano e na Península Ibérica, mas também no galorromânico (por exemplo, no gascão). Apoiados em Beltrán Lloris (2004: 83-102), podemos afirmar que há quatro etapas para o latim falado na Hispania, desde 218 a.C. até a chegada dos árabes em 711: (1) latim da República, muito semelhante ao latim da koiné itálica (séc. III a. C. - I a. C.), o latim do Império após as Guerras Cantábrias, quando se forma um proto-iberorromânico (séc. I a. C. - III d. C.), a koiné latina da Antiguidade Tardia conhecida como “latim vulgar” (séc. III - V) e o período de fragmentação do iberorromânico, após a invasão das tribos germânicas, quando se forma, por exemplo o iberorromânico do Noroeste Peninsular (séc. VI-VIII).

<sup>183</sup> Observe-se que enquanto o iberorromânico do noroeste tinha a oposição \*/b/:\*/β/ ao lado de apenas \*/β/ e o árabe apenas clássico tinha \*/b/, o romance moçárabe andaluz da região portuguesa (e dialetos do árabe hispânico?) tinham dois fonemas consonantais labiais, provavelmente, \*/b/:\*/v/, assim como \*/s/ e \*/z/, razão pela qual as distinções originais se mantiveram em português, diferente dos demais falares da Espanha. Esta proposta de

galego, espanhol e dialetos meridionais do português, o fonema /b/ do português conservou a pronúncia [β] no contexto fônico V\$\_V\$, mas preferiu [b] nas posições C\$\_V\$ e #\_V. Apenas [b] é conhecido do português brasileiro, onde não há traços de [β], motivo pelo qual se imagina que a transformação portuguesa seja bastante tardia.

De qualquer forma, trata-se de uma distinção importante de ser feita no nosso estudo e vários indícios mostram que *zevro* ~ *zevra* é anterior à *zebro* ~ *zebra*. Em suma, é possível que em algumas áreas houvesse exclusivamente \*/β/ (proveniente da neutralização de um \*[β] e de um \*[b] > \*[β]), grafado <b> ou <v> ~ <u>, mas nos locais onde temos a oposição \*/b/: /β/ não há confusão gráfica e temos a grafia -b- distinta de -v-. Assim sendo, da mesma forma que <z> e <c<sup>e</sup>.i> ~ <ç> se distinguem por ser realidades fonológicas distintas, toda forma com -v- em português é uma conservação e um som distinto de -b- e, portanto, *zevro* ~ *zevra* é anterior a *zebro* ~ *zebra*. Conforme Maia (1986: 474-480):

“Creio ter existido inicialmente, no Noroeste Peninsular uma oposição fonológica entre dois fonemas, mas sendo um deles bilabial sonoro oclusivo /b/ que se escrevia com *b* e outro um fonema fricativo de articulação bilabial /β/ que se representava habitualmente com *u* ou *v*, surgindo de modo totalmente esporádico e isolado *uu* (...) além disso, há ainda a observar a confusão dos grafemas *u* e *v* com o grafema *b* (...) na maior parte dos casos, trata-se de palavras que deveriam apresentar *v* ou *u* quer em posição inicial, quer em posição intervocálica e que revelam com frequência a presença do grafema *b* (...) relativamente ao ocidente da Península, ou seja, ao domínio galego e português, a perda da distinção entre os dois fonemas não se difundiu na metade sul de Portugal: aí se mantém claramente a oposição fonológica /b/ ~ /v/ / praticamente em toda a área<sup>184</sup>”.

Descartado o árabe, para explicar o *z-* inicial, restam-nos duas soluções: ou um substrato ibérico desconhecido (e não há associações da palavra com nenhuma língua celta ou com o basco) ou um superstrato germânico<sup>185</sup>.

É fraca uma hipótese que pressuponha um substrato ibérico, pois um \*[dz] ou \*[z] sonoros iniciais de qualquer palavra ibérica teria sido ensurdecido durante o período latino e teríamos, ao fim e ao cabo, algo como iberorromânico \*[ts]. Os alfabetos ibéricos, contudo, não dão pistas: as decifrações da língua “ibérica” apontam para um *s* e um *ś*, provavelmente \*[s] e \*[ś], respectivamente. O chamado “celtibero” permite a reconstrução de um *s* e um *z*, mas o último se pronunciaría algo como \*[ð] (Correa Rodríguez, 2004: 40-43).

---

reconstrução é distinta da de Ariza (2004:212-214) que fala de uma oposição \*/b/:\*/β/ e de apenas um \*/s/, como no castelhano andaluz moderno.

<sup>184</sup> Este problema, portanto, independe de outro, de questão paleográfica: “Em alguns documentos do século XV e por vezes do século XIV *b* e *v* são, sob o ponto de vista paleográfico, muito semelhantes, sendo difícil distinguir claramente as duas letras” (MAIA 1986: 474 nota 1).

<sup>185</sup> Desconsidera-se, diante de todo o exposto, qualquer étimo de origem africana para essa palavra, que aparecem em etimologias especulativas. Segundo Baldinger (1955: 318), na 15ª ed. do dicionário de seu dicionário, Kluge (1951) diz: “Zebra... ein afrikanischer Tiername wie Gnu, Okapi... aus der Bundasprache des Kgr. Kongo”. Na 22ª ed. do mesmo dicionário (1989), a enigmática afirmação “im 17. Jh. entlehnt aus einer südafrikanischen Sprache”. A mesma associação do nome zebra a uma “língua africana” aparece na etimologia do 8ª ed. do The Concise Oxford Dictionary (Allen, Fowler & Fowler, 1990) “It. or Port. f. Congolese” e também no The Oxford Dictionary of English Etymology (Onions, Burchfield & Friedrichsen, 1966): “It. or Pg. zebra, of Congolese origin. Other forms have been used reflecting F. zèbre et Sp. cebra”. No Etymologisch woordenboek der nederlandsche taal (Franck, 1949), afirma-se “de oudst bekende vermelding in Europa is van 1681 in een te Frankfort a. d. M. verschenen latijns werk. Beschouwingen over het engere gebied van herkomst (Angola?) bij Loewe KZ. 61, 114 vlgg”. No Russisches Etymologisches Wörterbuch (Vasmer, 1976), a palavra russa зебра é explicada como “wohl eher über engl nld zebra als direkt aus frz zèbre, das aus dem Negerdial. Bunda (Angola) zerba stammt (s. Loewe KZ. 61, 114, Kluge-Götze EW. 705, Gamillscheg 899)”. Só a história dos erros etimológicos geraria uma nova obra. Aparentemente, parte do equívoco dessas informações provém de Sorrento (que menciona a palavra zerba cf. 3.8 e figura 3.33) e Leutholf (cf. cap. 4).

O basco atual faz distinções entre os sons /s/, /s̺/, /ts/ e /t̺/: *zu* [‘su] “você”, *su* [‘s̺u] “fogo”, *atzo* [‘atso] “ontem”, *atso* [‘at̺so] “velha”, ou seja, também não dispõe de fonemas sonoros. O basco, ademais, não explica as transformações havidas no galego-português, uma vez que, segundo Elizondo (2004: 59):

“Con gran probabilidade esta lengua vasca no es prolongación en el tiempo de la antigua lengua prerromana que conocemos con el nombre de ibérica (lengua o grupo de lenguas que se extendía a lo largo del litoral mediterráneo con una penetración hacia el interior por el sureste) (...) en cambio, resulta claro el parentesco vasco-aquitano y es hoy aceptada la unidad cultural a uno y otro lado de los Pirineos occidentales en época pasada, de la que el vascuence formaba parte a lo largo y en buena medida ancho de la cadena pirenaica”.

Em resumo, portanto, perante os nossos dados, temos uma raiz \*[dzeβr]- que corresponde às formas *zevro* ~ *zevra*, as quais não podem ser resolvidas nem pelo latim, nem pelo substrato ibérico, nem pelo árabe.

Resta-nos, portanto, investigar o superstrato germânico.

## 9. O ÉTIMO GERMÂNICO DO ZEBRO

### 9.1. Do germânico às línguas românicas

Sabemos, segundo o depoimento de Estrabão [Figura 9.1], que os antigos lusitanos sacrificavam cavalos e outros animais, assim como prisioneiros tomados nas guerras a seu deus da guerra Cariocecus (depois da ocupação romana chamado Mars Cariocecus):

7. Ἀπαντες δ' οἱ ὄρειοι λιτοί, ὑδροπόται, χαμαιεῦναι, βα-  
15 θεῖαν κατακεχυμένοι τὴν κόμην γυναικῶν δίκην· μετρωσάμενοι  
δὲ τὰ μέτωπα μάχονται. τραγοφαγοῦσι δὲ μάλιστα, καὶ τῷ C. 155  
Ἄρει τράγον θύουσι καὶ τοὺς αἰχμαλώτους καὶ ἵππους· ποιοῦσι  
δὲ καὶ ἑκατόμβας ἑκάστου γένους Ἑλληνικῶς, ὡς καὶ Πινδα-  
ρός φησι  
20 πάντα θύειν ἑκατόν.

Figura 9.1. Texto de Estrabão sobre sacrifícios de homens e animais pelos antigos lusitanos (Kramer, 1844: 239)<sup>186</sup>

Pode-se conjecturar, portanto, que os lusitanos, após a invasão dos suevos, adotassem alguma palavra semelhante ao *zēber* do antigo alto alemão, transformando-a em *zebro* para referir-se a equinos selvagens, que serviriam a sacrifícios em fases anteriores à sua conversão ao Cristianismo.

Nunes (1926: 431) já havia assinalado a possibilidade de o vocábulo *zevro* provir do Antigo Alto Alemão:

“É possível que, como pretende Körting no seu *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch*, no. 9533, da 2ª edição<sup>187</sup>, os nossos antepassados tivessem ido buscar o nome *zevro*, que êle traduz por cabeça ou peça de gado (*ein Stück Vieh*), não ao *cervus* latino, mas ao *zēber* do velho alto alemão, recebendo-o dos povos de procedência germânica, que na Idade-Média estanciaram na Hispânia. Tal vocábulo, tendo significado originariamente *animal de sacrificio*, em harmonia com a raiz *dap*, que vamos encontrar no grego δάπτω ou despedaçar e no latim *daps*, etc., parece haver depois tomado o sentido de *animal grosso*, segundo se deduz do antigo francês *toivre*, que queria dizer *gado*; é possível que na Península essa generalização se especificasse no chamado *zebro*, como aconteceu com o arménio, que pelo nome *tzar* designa o carneiro”.

<sup>186</sup> Na tradução de Hamilton & Falconer (1854: 232): “All the mountaineers are frugal, their beverage is water, they sleep on the ground, and wear a profuse quantity of long hair after the fashion of women, which they bind around the forehead when they go to battle. They subsist principally on the flesh of goat, which animal they sacrifice to Mars, as also prisoners taken in war, and horses. They likewise offer hecatombs of each kind after the manner of the Greeks, described by Pindar,

‘To sacrifice a hundred of every [species]’”.

<sup>187</sup> O trecho de Körting (1901: 860, s. v. *tibher* § 9533), referido por Nunes, é o seguinte:

9533) altfränk. *tibher*, shd. *zēber*, Opfertier; altfrz. *toivre*, *atoivre* (wohl = *l'atoivre* für *la toivre*), Vieh, das Wort bedeutet aber anscheinend auch „Bugspriet“ (eigentl. wohl einen daselbst zum Schmuck angebrachten Tierkopf); altptg. *zevro*, *zevra*, ein Stück Vieh. Vergleiche Dz 689 *toivre*; Mackel p. 92.



Na verdade, Körting, citado por Nunes, apoiava-se em autores anteriores a ele. Diez (1853: 735) relaciona diretamente *toivre* ao *zevro* português:

“**Toivre** altfr. vieh, z. b. oisiel et toivre Alex. 233, 27, auch atoivre ds. 282, 28, Ren. I. 44. Nach Grimm Reinh. p. LIV, myth. 36, vom ags. tiber, ahd. zepar opfelthier, woher nhd. ungeziefer d. h. nicht zum opfer taugliches thier, unthier. Denselben lautübergang zeigt altfr. Toivre vom lat. Tiber. Aber welche bedeutung hat a- in a-toivre? Und was ist toivre de la nef Parton I. 27? In seiner hochd. gestalt mit anlautenden z hat sich das wort sogar nach Portugal verirrt, wo *zevro*, fem. *zevra*, ein stück vieh bedeutete, ochse, kuh, kalb, wenn S. Rosa richtig übersetzt, z. b. in einem foral von Lissabon vom j. 1179: dent de foro de vaca I. denarium et de zevro unum denarium; de coriis boum vel zevrarum dent etc.<sup>188</sup>”

Donkin (1864: 431) retoma o mesmo étimo:

“**Toivre** O. Fr. cow, beast; from A. S. *tiber*, O. H. G. *zepar* a beast for sacrifice, whence G. *unge-ziefer* (an animal not fit for sacrifice) vermin, cf. Pg. *zevro zevra* an ox, cow, Sp. &c. *zebra*”.

No Francês Antigo, a forma *atoivre*<sup>189</sup> se encontra no *Roman de Renart*, do século XII (cf. Méon, 1826: 44, Roget, 1896: 301):

“Ce fu un poi devant Noël  
que l’en metoit bacons en sel,  
li cieux fu clers et estelez,  
et li vivier fu si gelez  
ou Ysengrin devoit peschier,  
qu’on pooit par desus treschier,  
fors tant c’un pertuis i avoit,  
qui des vilains faiz i estoit,  
**ou il menoient leur atoivre**  
chascune nuit juër et boivre”.

Em *Li Romans d’Alixandre*, também do século XII, no capítulo “Joute de Dinas et d’Alixandre”, temos (cf. Michelant, 1846: 233):

“Li rois fist apoter tot plain i. gant de poivre.  
oies, fet-il à l’mes, que vus voel amentoivre.  
si com eil poivres est ases plus fors à boivre  
de votre graine douce, bien le pões perceivre,  
est ma jens dure et fors por grant estor recoivre;  
la votre gens menue est legiere et decoivre.  
ausi com li lions prent et oisiel et **toivre**,  
qui est grans et creus comme rains de genoivre,  
vos conquerrons en camp et votre gens **atoivre**;  
quant partirons de vus, des testes seres soivre”.

E no capítulo “Descente au fond de la mer” (cf. Michelant, 1846: 282):

“Saves, font li signor, que vos volons mentoivre  
por cou que de noient ne vus voulons decoivre.  
quant venres à l’estant, vus trouves grant aboivre;  
pins i a et loriers dont vus quellies genoivre,

<sup>188</sup> vide 2.1.3

<sup>189</sup> O <oi> de *atoivre* não se pronunciava [wa] como no francês moderno, mas \*[oj] e provinha de uma dissimilação de \*[ej], por sua vez, correspondia ao ē ~ ĭ do latim clássico ou \*[e] do latim vulgar (cf. lat *STĒLLAM* > fr *étoile*, lat *TĒLAM* > fr *toile*, lat *PIRA* > fr *poire*, lat *FIDEM* > fr *foi*). Assim sendo, *atoivre* aponta para uma forma \*[ (a) ’tevr]-, que provém do franco \*tīfra-.

mult sunt grant li herbage que paisent li asoivre,  
gardes ne detruisies noient de notre **atoivre**,  
qu'il n'a mervelle en l'Inde qu'iluec ne viegne boivre;  
se serpent nos i truevent, des armes seront soivre”.

No *Fabliau du Sot Chevalier* (Manuscrito F. Fr. 837, fol. 277r a 278v) (Barbazan, 1808: 263-264; López Alcaraz, 1991: 97<sup>190</sup>; Montaiglon, 1872: 229; Roquefort, 1808b: 134) lemos:

“En sa main .I. hanap pris,  
De si au feu s'en est venus,  
Trestoz despoilliez et toz nus;  
Puis a pris .I. manefle court,  
De qoi li bouvier de la cort  
Appareilloient leur **atoivre**;  
Ce doit-l'en moult bien ramentoivre”.

Na obra *Li Regres Nostre Dame*, de um poeta conhecido como Huon de Cambrai ou Huon le Roi de Cambrai, do século XIII, há a seguinte passagem (Långfors, 1907: 127):

“Li citiens li respondi:  
‘Va a ton seignor, si li di  
Que jê nel puis caiens recevoir,  
Car mi voisin et mi ami  
Venront ensemble boivre ci  
Por lor grant dete ramentoivre.  
J'ai dras et laine et maint **atoivre**,  
De quoi il me vuelent decoivre”.

Em nota ao pé dessa página Långfors cita a variante “mainte **estoivre**” que consta em outro manuscrito<sup>191</sup>. E à página XCIX da mesma obra esclarece:

“A devient *e*, d'abord à l'initiale: *effamer* (+ *aff.*) 191 6, *essaut* (= *ass.*) 69 8, *estachier* (= *atachier*) 143 4, ***estoivre*** (= ***atoivre***) 244 7 (l'*s* est purement graphique (...). – Le fait qu'on trouve *es* souvent (36 4, 212 5 etc.) como préposition + article, au lieu de *as*, s'explique sans doute de la même manière: l'*a* est traité comme étant en syllabe

<sup>190</sup> Essa autora, sob *bouvier* (López Alcaraz, 1911: 97-98) explica: “Viene del latín ‘bovarius’, derivado de ‘bos/bo-vis’. El boyero es un personaje que estaba considerado en la Edad Media entre los obreros cualificados de la ‘vila’ o de la ‘curtis’, junto con los cultivadores, porqueros y cabreros, cualificación que viene indicada por las tarifas de composición de las leyes germánicas según el valor comercial que se les atribuía y por la existencia en algunos dominios de tenencias de boyeros, así como de pescadores, bateleros, cazadores, pastores, etc... En los *fabliaux* encontramos ciertas menciones a los utensilios que manejaban los boyeros y también vienen citadas algunas de sus costumbres y de sus gustos. En ‘Du sot chevalier’ aprendemos el nombre medieval del hierro que utilizaban los boyeros para, después de calentarlo al rojo vivo, marcar los animales. Y lo aprendemos como siempre pasa con estos cuentos, en una escena cómica y divertida.

En sa main .I. hanap pris,  
De si au feu s'en est venus,  
Trestoz despoilliez et toz nus;  
Puis a pris .I. manefle court,  
De qoi li bouvier de la cort  
Appareilloient leur **atoivre**;

(En estos versos encontramos también el término ‘cort’ (lat. *curtis*) como sinónimo de ‘vile’). Más adelante nos sigue diciendo el *fabliau* para qué servía dicho ‘manefle’:

Or escoutez du vif maufé:  
Il a le manefle chauffé,  
Ausi com li bouvier fesoient,  
Quand lor harnas appareilloient.

<sup>191</sup> A variante ***estoivre*** é também citada em nota de rodapé por Martin (1882: 142), desta vez em relação ao trecho do *Roman de Renart*.

atone et changé en *e*. Il ne s’agit donc pas d’un véritable changement de préposition”.

Para Lacombe (1767: 47), *atoivre* significa “collier ou joug d’un boeuf”; com o que concorda Roquefort (1808a: 104): “Collier ou joug qu’on met aux boeufs”.

No *Roman de Partonopeu de Blois*, de fins do século XII, *atoivre* é empregado no sentido de mastreação ou aprestos de um navio (cf. Whalen, 2088: 4, nota 6; ver tb. Collet & Joris, 2005):

“Mais quant li jors est esclarcis  
Et li solaus est espanis,  
Qu’il puet veïr tot cler le tref  
Et tot l’*atoivre* de la nef,  
Dont s’esmerveille de l’ovraigne,  
Car plus sutil ne fait iraigne.  
Li très est tos de soie fine;  
Onques n’ot tel rois ne roïne.  
De soie fu tos li funains;  
Molt par le firent sages mains”.

Daele (1940: 43) assim definiu *atoivre*: “*atoivre* (?), var. *azeivre*, sm.: *appareil, ustensile – disposition – boeufs, bétail – animal fabuleux*”.

Segundo Wiener (1921: 30-32), em relação à palavra *atoivre*:

“Here it is necessary to discuss the OHGerman Word for ‘sacrificial animal’, *zebra*, since it might be confused with our group and has led to most extravagant philological discussions, when in reality it is a ghost word. The Keronian glosses have

Hostia uictima *cepar* edo antfangida  
Cote ist ante cotes pipot ist  
Holocausta integra hostia anthaiz aloc *cepar*.

The lemma ‘hostia uictima holocausta’ is found in the Graeco-Latin glosses ‘*θυσία* hostia uictima sacrificium immolatio’ and otherwise very frequently, while we have the Latino-Greek glosses ‘*calpar* οἶνοσεν. *θυσία*’, ‘*calcar* *θυσία*. *Ἀραχωνοίνου*’, which, in their turn, are based on ‘*calpar* uinum quod primum libatur e dulio’ of the Pacidus glosses. The German glossator reads *calpar* as *caepar* and, as usual, wrote *cepar*. As the housel [arcaico para ‘eucaristia’] was taken in wine, it was quite natural to apply the word to the housel in general. This *cepar* was later changed to *zebra*, and in Bishop Alfric’s vocabulary for the first time entered Anglo-Saxon as *tifer*, in the significant gloss ‘libatio *wintifer*’, and was generalized in Caedmon’s *Genesis* as *tiber* ‘sacrificium, minus’. The OHG. *cepar* was still further read *aibr* in Gothic, and found its way into the Bible, Matthew V. 23, where it is the translation of ‘munus, sacrificial gift’.

**Totally unrelated with this is OFR. *toivre* ‘animal’, which is generally quoted as derived from the same root as OHG. *zebar* [nossa ênfase].** We have OFR. *atoivre* ‘manner of ding, apparel, everything which belongs to a thing, cattle’, *atir* ‘garment’, *à tire* ‘in order’, *tire* ‘row, rank, order’, *attirance* ‘disposition’, *atirement* ‘agreement, arrangement, apparel’, *atirer* ‘to arrange, procure, fix’, *atourer* ‘to dress up’, OProv. *aturar* ‘fix, dress up, apply’, *atieirar* ‘to put in order’, *tieira* ‘order’, all of which **come from the Arab** طور *tawr*, pl. اطوار ‘*atwār*, ‘state, quality, disposition, manner, form, appearance, a thing that is commensurate or equal’, طارة, طار *tār*, *tārah* ‘everything which surrounds a thing, circle. It is barely possible that in OFr. *atoivre* ‘cattle’ there is a cross between *atoivre* ‘belongings’ and an original *tavar* form, which has disappeared in the west; but that is not likely. However, we have in OFrench side by side *atoivre*, *toivre* and *aveir* ‘cattle’. Thar OFr. *atoivre*, *attire* are from the Arabic is further proved by Span. *Aparejo*, Fr. *Appareil* etc., from the Romance word for ‘equal’, since this is an exact translation of the Arab. طور *tawr* ‘a thing that is commensurate or equal’, hence ‘form, appearance’, etc.”.

Além de *atoivre*, existe também a forma *azeivre*<sup>192</sup>. No *Roman de Thèbes*, obra de autor

<sup>192</sup> As formas *atoivre* e *azeivre* parecem muito distintas mas se explicam pela dialeção do antigo alemão, pois *t-* e *z-* são variantes diatópicas: a primeira é mais restrita a formas setentrionais e a segunda a formas meridionais

anônimo, escrita entre 1150 e 1155, aparece a palavra *azeivre* para denotar algum equídeo; quatro desses animais, atrelados a um carro, corriam tão rapidamente que seus cascos não deixavam pegadas na areia nem na terra mole (cf. Constans, 1890a: 233, 1890b: 115, versos 4775-4779):

“Le curre traient quatre **azeivre**:  
L’escot<sup>193</sup> n’en puet hon aperceivre  
En sablon ne en terre mole,  
Car plus tost vont qu’oiseaus qui vole”<sup>194</sup>.

Para Constans (1906: 175), a *azeivre* era um “animal fabuleux”.

A origem de *atoivre* ≈ *azeivre* é semelhante à do anglo-saxão *tifer* (“opfeltier”) e no antigo-alto alemão *zēbar*. O FEW 17:328a comenta que a mudança de “Opfeltier” para “appareil etc.” é difícil de entender e aposta:

“Wahrscheinlich ist “ausrüstungsinventar (des bauernhofes, des schiffes)” zwischenstufe. Der vorschlag des a- ist schwer zu verstehen, weil das wort m. ist. Apr sibra “art wildes Tier” (Flamenco) gehört wohl kaum hierher. Das von ML 8726 zitierte piem. sōber “haushund”, das auf die entsprechende lgb. form zurückgehen sollte, ist nicht nachweisbar, Salvioni RLomb 49, 1057. - Diez 689; ThomasNEss 212; Mackel 92; Arch 127, 374”.

Sobre a forma reconstruída \**tīwer* comenta: “diese form stimmt weder zur ags., die man mit î, noch zur ahd., die man mit ē ansetzt, aber zu einer seit dem mhd. belegten form mit i”.

O dicionário de anglo-saxão de Henry Sweet (Sweet, 1897: 172) diz para *tīber*: “sacrifice, offering”.

Em Bosworth & Toller (1898) encontramos as seguintes citações: [Figura 9.2.].

Além do francês, há algumas sobrevivências dessa forma germânica em outras línguas românicas. Em sobresselvano e no subselvano *zepla*, no sobremirano *zèpla* e em engadino *zepra* ≈ *zepla* significam “cadáver”, por meio da derivação semântica de “animal sacrificado” >> “animal morto (para servir de isca para caça)” >> “cadáver”. Na dialetologia do romanche encontramos (Bernardi *et alii*, 1994):

- *zepla* (com vogal [ɛ] aberta) em Curaglia (Val Medel), Trun (Cadi), Lantsch (ou Lenz, Sotses), Savognin (Surses), Riom (Surses), S. Murezzan (ou St. Moritz, Alta Engadina);
- *zepla* (com vogal [e] fechada) em Tumleastga (ou Tomils);
- *zepra* (com vogal [ɛ] aberta) em S-chanf (na Alta Engadina), Ardez (Baixa Enga-

---

(que mais tarde foram conhecidas respectivamente como baixo-alemão e alto-alemão). A alternância b/v é bastante complexa na reconstrução dos dialetos germânicos. No FEW 17, 328a confirma-se que \**tīwer* é “Opfeltier” e cita-se a palavra do séc. XII-XIII *atoivre* pl. “bétail” e também “appareil, après d’un vaisseau, ustensile en gén.; ce dont on a besoin” (também do séc. XII-XIII, fontes: GdF, TL, FeTR, GLeu, R 50, 276); “boeuifs, bétail en gén.” (ca.1180-séc XIII), *atoivre* (var Renart, TilLex), *estoivre* (var Renart), picardo *atoivre* “collier ou joug d’un boeuf” - Daire. Derivado: *atrever* “munir, équiper” (1160).

<sup>193</sup> *Escot* – Segundo Constans (1890b: 115, nota 66), “trace du sablot” [pegada do casco].

<sup>194</sup> Faral (1913: 69-70), comparando esses versos com passagens das *Metamorfoses* de Ovídio, comentou: “Le char d’Amphiaräus est longuement décrit aux vers 4711-4778 de *Thèbes*. Or nous remarquerons: qu’il est couvert d’ornements cosmiques (v. 4717-4728), comme les portes du Soleil (*Métam.*, II, 7ss.); - qu’il est également précieux par ‘l’oeuvre’ et par la ‘matière’ (v. 4769), comme encore les portes du Soleil (*Métam.*, II, 5: ‘Material superabat opus’); - que l’or et les pierres précieuses en couvrent le timon et les roues (v. 4771 ss.), comme dans celui du Soleil (*Métam.*, II, 107 ss.); - enfin qu’il est traîné par quatre ‘azeivre’, qui ‘plus tost vont qu’oiseau qui vole’ (v. 4775 ss.), de même que le char du Soleil est attelé de quatre coursiers ailés (*Métam.*, II, 153 ss.)”.



dina, Val Sura), Tschieru (Val Müstair);

- *zepra* (com vogal [e] fechada) no Val Müstair.

tiber, tifer, es; *n. A sacrifice, offering, victim*:—Wit fyr and sweord habbaþ, hwær is ðæt tiber ðæt ðú torht Gode to ðam brynegielde bringan þencest (cf. ic æxige hwær seó offrung sig; hær ys wudu and fyr ecce ignis et ligna; ubi est victima? Gen. 22, 7), Cð. Th. 175, 4; Gen. 2890. Ðú scealt mē onseccan sunu ðinne to tibre offeres filium tuum in holocaustum (Gen. 22, 2), 172, 31; Gen. 2852. Se ðe ou tife gesalde Drihten Hælend, 301, 1; Sat. 575. Hió Drihtne lác begen brohton; brego engla beseah on Abeles gield, cyning eallwihta, Caines ne wolde tiber. sceawian (ad munera illius (Cain) non respexit Dominus, Gen. 4, 5), 60, 9; Gen. 979. Noe tiber onsægde (obtulit holocausta, Gen. 8, 20), 90, 29; Gen. 1502: 108, 17; Gen. 1807. Hálilig tiber (Isaac), 204, 6; Exod. 415. Ic on ðin hús gange and ðær tidum ðe tifer onsece . . . Ðás ic mid mūde áspræc . . . ðæt ic ðe on tifrum forgulde ealle ða gehát ðe ic mid minum welerum tóððelde introibo in domum tuam in holocaustis . . . Haec locutum est os meum . . . : Holocausta offeram tibi, Ps. Th. 65, 12–13. Tiber, Cð. Th. 9, 2; Gen. 135. v. timber. [O. H. Ger. zepar, zepar hostia, sacrificium, holocaustum: Ger. ziefer in ungeziefer. Cf. Icel. tafn a sacrifice, victim. See Grmm. D. M. p. 36.] v. fyrd- (?), sig-, sigor-, win-tiber (-tifer).

tiberness, e; *f. Sacrifice, destruction, immolation*:—Ræde on his bōcum hwelce tibernessa ægðer ge on monslitum ge on hungre ge on scipebroce let him read in his books what sacrifices of life there were by slaughter, famine, and shipwreck (the Latin, which is not closely followed, has qui caedem didicerunt), Ors. 1, 11; Swt. 50, 18.

Figura 9.2. Página 981 de Bosworth & Toller (1898).

A alternância vocálica, contudo, pode provir de metafônias típicas de cada sistema linguístico dialetal. Com relação ao que foi dito em 8.3, há ainda outras palavras em outras línguas cuja sequência de fonemas lembra os casos acima apontados. Para não citarmos os casos sem *-r*;- voltemos a mencionar o marquesano *zivera*, o lombardo *zavér*, o calabrês/romanesco *ciavarru* “cordeiro, ovelha” e o português minhoto *chibarro* “leitão”, cuja semelhança fonética pode ser fonte de associações etimológicas diversas; no entanto, requerem maior investigação.

## 9.2. Do proto-indo-europeu ao germânico e do germânico ao suevo

Segundo Mallory & Adams (2006: 142):

“\**dibhro-* ≈ \**dībhro-* ‘(sacrificial animal)’ (Gothic *tibr* ‘sacrifice’, OE *tiber* ‘offering’, MHG *ungezibere* ‘vermin’ [*<* ‘animals unsuited for the sacrifice’]), OHG *zepar* ‘offering’ [the only form requiring \**dibhro-*], Arm *tvar* ‘male sheep, herd of cattle’), perhaps a compound whose second member is \**bher-* in the latter’s meaning of ‘offer sacrifice’ but the initial part is obscure”.

O radical proto-indo-europeu \**dibhro-* ≈ \**dībhro-* remete ao germânico \**tibra-*, por meio do ensurdecimento \**d-* > \**t-* típico desse grupo de línguas<sup>195</sup>. A perda de aspiração \**bh* > \**b* também é um fenômeno do germânico. Por fim, a transformação do proto-ide. \**o* > \**a* também é regular.

<sup>195</sup> Como, por exemplo, proto-ide. \**dweh<sub>3</sub>(u)* que equivale ao gótico *twai*, ao holandês *twee*, ao sueco *två*, ao inglês moderno *two*, mas que se transformou em \**z* no antigo alto-alemão *zwēne* ~ *zwo* ≈ *zwā* ~ *zwei*. O mesmo podemos dizer do proto-ide. \**dék'm(t)* que se transformou no germânico \**tihun*, donde gótico *taihun*, no holandês *tien*, no sueco *tio*, no inglês moderno *ten*, mas *zehan* em antigo alto-alemão (atualmente *zehn*).

Desse modo, projeta-se a passagem proto-idg. *\*dibhro-* ≈ *\*dībhro-* > germânico *\*tibra*. O destino do *-a* final é diferente de língua para língua. Em muitos casos temos a metátese *\*tibar*, que conduziu a formas como *\*tibār*, *\*tivār*, *\*tibr*, *\*tivr*: anglo-saxão *tīber* ≈ *tīfer* ≅ francônio antigo *\*tivar* (cf francês *atoivre* ~ *estoivre* ~ *azeivre*) ≅ antigo-alto-alemão *zebar* ≈ *zepar* ≅ antigo nórdico *tífurr* ~ *tívurr*.

Em alemão moderno a palavra deixou de ser usada. No entanto, a mesma raiz se encontra na palavra depreciativa para “animal, bicho” *Ungeziefer*, com um prefixo *un-* provavelmente negativo. Assim, em Kluge (1989):

“**Ungeziefer** n. Spmhd. *ungezibere*, auch *ungeziebele* “unreines Tier”, vielleicht ‘nicht zum Opfer geeignetes Tier’ zu ahd *zebar*; ae. *tiber*; anord *tívurr* m. vielleicht “Opfer”. Herkunft unklar. Nach Hamp (s.u.) als *\*(a)ti-bher-*, zu g. *\*ber-a-* “tragen” (s. gebären) in der Sonderbedeutung ‘opfern’. S. gebären (+), Ziefer. - E. Hamp JIES 1 (1973), 322”.

“**Ziefer** n. ‘Federvieh, Viehzeug’, südsw. Wohl erst aus *Ungeziefer* (s.d.) rückgebildet; sonst zu der drt angegebenen Grundlage ahd. *zebar*”.

Mas de qual superstrato germânico teria vindo a palavra *zevro* ≈ *zevra* (ou *zebro* ≈ *zebra*) se apostamos nesse étimo? Poder-se-ia conjecturar que, durante a formação do Condado Portucale, no século XII, na povoação dos territórios que hoje estão ao norte de Portugal, vieram muitos falantes de francês e provençal, que poderiam ter trazido algum cognato do termo *azeivre*. No entanto, historicamente seria algo improvável, pois já vimos que, na toponímia, o termo já aparece em época muito anterior a esse movimento, mais precisamente, três séculos antes (cf. 2.1.1 e 2.3.). Além disso, a ditongação da forma *azeivre* testemunhada no francês antigo não corresponderia às formas utilizadas na Península Ibérica, pois não há formas de ★(*a*)*zeivra* no galego-português (e muito menos formas provenientes de *atoivre*, com a consoante *-t-*).

Precisaríamos ir para uma época mais recuada. No entanto, como já vimos, uma origem latina ou um étimo buscado no superstrato árabe ou em algum substrato ibérico parecem hipóteses descartadas (cf. 8.8). Resta-nos a influência germânica, mais especificamente, a língua utilizada pelos visigodos ou suevos.

Durante o reino visigodo, nada confirma a continuidade de sua língua na Península Ibérica. Atestado apenas pela Bíblia de Úlfilas, do século IV, a língua gótica pode ter sido abandonada pelos godos, sobretudo quando se estabeleceram em Tolosa, de onde foram expulsos pelos francos em 507. A partir da sua nova capital, Toledo, tornaram-se senhores da Espanha, com exceção da zona sueva e bizantina. Depois de vencer os suevos no final do mesmo século, o fim do período visigodo coincide com o início do domínio árabe em 711.

Ao entrarem na Península Ibérica, os visigodos tinham já um grau de integração bastante grande, uma vez que os gotismos são reduzidos praticamente à onomástica; deviam falar um dialeto galorromance da França Meridional e haviam-se convertido ao catolicismo (Beltrán Lloris, 2004: 101; Kremer, 2004: 133-147). Em suma, a língua gótica deve ter sofrido grandes modificações até sua chegada à Península Ibérica, se não se extinguiu ao longo de sua longa deambulação ou de sua permanência na Gália. De qualquer forma, prevê-se que o gótico, uma língua germânica oriental, conservou o *\*t-* original do germânico: dito de outra forma, o gótico não é fonte para o étimo de nossa palavra, pois, se tivesse sobrevivido, a palavra germânica prevista em gótico teria um radical *\*tibr-*.

Diferentemente dos visigodos, há muitos indícios da presença de uma língua sueva sendo falada na Galícia antes da chegada dos góticos. Aponta-se para se tratar deles a menção feita no documento de fins do séc. IV-VI de “evangelização em língua bárbara” por Cerasia. A presença sueva na Galícia remonta a 409, onde, por quase dois séculos, os suevos mantiveram um reino cuja capital era Braga, o qual foi vencido pelos visigodos em 585 (Kremer, 2004: 133-148).

### 9.3. Do suevo ao iberorromânico do Noroeste Peninsular

Há dúvidas sobre a manutenção do *\*t-* inicial em suevo. Na deriva linguística conhecida como *zweite Lautverschiebung*, da qual os suevos podem ter tomado parte, ainda que de forma precoce, prevê-se *\*[t] > \*[ts]* já no século V. Os suevos equivalem, geograficamente, a tribos germânicas, entre as quais Tácito (58-120) associava os sênones, marcomanos, hermúnduros, quados e longobardos.

Vários nomes de animais locais receberam denominações germânicas. O zebro aparentemente está nesse campo semântico propício (algo bem diferente do que ocorre com o vocabulário de origem árabe, que é mais citadino):

- port *gavião* ≅ gal *gavián* ≅ esp *gavilán* (cf. alem *Gabel* < antigo alto-alemão *gabala* “forcado”);
- port *texugo* ≅ arag *taixudo* ≅ ast *tesugu* (cf. alem *Dachs* ≅ hol *das*);
- port *laverca* ≅ gal *laverca* (cf. ingl *lark* < anglo-saxão *lēwerka* ≅ alem *Lerche* < médio alto-alemão *lērche* ~ *lēwer(i)ch* < antigo alto alemão *lērih* ~ *lērihha* ≅ hol *leeuwerik* ≅ sueco *lärka* ≅ isl *lævirki*);
- port *meixengra* (cf. alem *Meise* ≅ hol *mese* ≅ anglo-saxão *māse* ≅ sueco *mes* ≅ nórd antigo *meisingr*).

Durante o reino suevo, apontam-se para mudanças linguísticas profundas, sobretudo na fonética e na formação de um protogalego. Esse período coincide com a sincronia em que se prevê a formação das isoglossas que distinguirão o Iberorromânico do noroeste peninsular (galego-português e leonês) do Iberorromânico centro-oriental (castelhano e aragonês).

O suevo deve ter alterado o *\*i > \*e*, como ocorreu no antigo alto-alemão e também pode ter mantido o *\*-a* do germânico, de modo que podemos imaginar que do germânico *\*tibra > suevo \*[tseβra]*. Trata-se de uma explicação plausível para o galego-português *zevra*, cuja terminação foi reinterpretada como uma desinência de feminino, formando assim, em sincronia, por analogia, a forma masculina *zevro*, atestada nos manuscritos.

O suevo *\*[tseβra]* devia ter o significado genérico de “animal (que serve para o sacrifício)” >> “animal útil” e a partir dele, pode-se reconstruir, por meio do prefixo de negação, também o suevo *\*[ən'tseβra]*<sup>196</sup> “animal inútil” >> “um bicho qualquer” (cf. alemão *Ungeziefer*). Assim sendo, um étimo germânico, proposto por Diez (1853: 735) e retomado por Donkin (1864: 431), Körting (1901 s. v. *tibher* § 9533) e Nunes (1926: 431), torna-se altamente prová-

<sup>196</sup> O símbolo *\*[ə]*, aqui, representa uma vogal indeterminada, provavelmente algum som arredondado como *\*[o]* ou *\*[u]*. Talvez possa ser apontado como um problema do étimo suevo *\*[ən'tseβra]* que a formação destoa da forma alemã cognata, a saber, *Ungeziefer*, pois na primeira palavra há entre o prefixo negativo e a base nominal sem o elemento *-ge-* formador de coletivos/participios. No entanto, a presença de *-ge-* não é prerrogativa para translação entre as classes morfológicas, pois o mesmo prefixo germânico *\*un-* aparece associado a muitos outros substantivos, como no antigo alto-alemão *unsculd* (atual *Unschuld* “inocência”, cf. sueco *oskuld*) ou no médio alto-alemão *unsin* (atual *Unsinn* “absurdo, disparate”). Observe-se *Untier*, definido pelo dicionário Duden (1989) como “häßliches u. böses, wildes, gefährliches Tier” (médio alto-alemão *untier*).

vel<sup>197</sup>:

- proto-idg. \**dibhro-* ≈ \**dībhro-* > germânico \**tibra-* > suevo \*['tseβra] > iberorromânico do noroeste \*['dzeβra] → galego-português *zevra* ~ *zevro* > *zebra* ~ *zebro* > português *zebra* (“equino extinto ibérico” >> “equino de origem africana”) [Diez 1853:735].

Atente-se, porém, para a forma “*oncebreros*”, presente em vários topônimos espanhóis, já citados em 2.4 (nota 46). Aparentemente, trata-se de um derivado de \**oncebro* ~ \**oncebra*, que, por sua vez, é bem parecida com outras formas com uma sílaba a mais já citadas (*azebra*, *ezebra*, *azebro*, *enzebruno*, *Azebral*, *Ezebrario*, *Ezebreiro* e o próprio fr *atoivre* cf. 2.2.1-3, 2.2.7-8, 2.2.12, 3.8, 6.5, 9.1): *Acequia de Oncebreros* (La Herrera, Albacete, Espanha), *Casa Nueva de Oncebreros* (Higuieruela, Albacete, Espanha), *Casas de Oncebreros* (Higuieruela, Albacete, Espanha), *Lomas de Oncebreros* (Higuieruela, Albacete, Espanha), *Oncebreros* (La Herrera, Albacete, Espanha) e *Oncebrico* (Albacete, Espanha). O formato *oncebr-* do radical é compatível às transformações do castelhano e do galego (isto é, *z* > *c*, *v* > *b* cf. 8.8). A difusão por séculos dos topônimos com “zebro” e derivados ocorreu a partir da noroeste peninsular a partir do século XII, tendo aparentemente por origem as falas de zona galega e leonesa e não castelhana, em direção ao sul (vide figura 2.1)- foi nessa região que se estabeleceram os suevos.

O que pode parecer contrário ao étimo suevo é o fato de o *z-* inicial do português arcaico soar \*['dz] e não \*['ts]. Mas talvez possamos encontrar a resposta a essa sonorização no composto \*['ən'tseβra]. A palavra com o contexto fônico mais próximo, a saber, *onze* < lat UNDECIM não ajuda muito, pois a vogal que antecede o encontro *-nz-* é tônica. Se conseguirmos provar que é possível que #\*V[n\$'ts]\_ > #\*V[n\$'dz]\_ > #\*['dz]\_, diríamos que *zebra*, diferentemente da proposta de Diez, não vem diretamente do suevo \*['tseβra], mas do seu derivado \*['ən'tseβra]. Dito de outro modo:

- suevo \*['ən'tseβra] > iberorromânico do noroeste \**on[ts]evra* ≈ \**on[dz]evra* galego-português \**enzevra* > *ezebra* > *zebra* [hip. nova].

Ou mais completamente, desde a sua origem mais remota:

- proto-idg. \**dibhro-* ≈ \**dībhro-* > germânico \**tibra-* > suevo \*['tseβra] → suevo \*['ən'tseβra] > iberorromânico do noroeste \**on[ts]evra* ≈ \**on[dz]evra* galego-português \**enzevra* > \**ezevra* ~ \**ezevro* > *azebra* ~ *azebro* > *zebra* (“equino extinto ibérico” >> “equino de origem africana”) [hip. nova].

Palavras cultas como *execrar*, *executar*, *exemplo*, *exercer*, *exibir*, *exilar* dispõem de um [z] proveniente de um \*['ks] latino. No entanto, isso é um padrão de pronúncia para essas palavras cultas. Na língua popular, ocorre muitas vezes o contrário: a epêntese de uma nasal para a manutenção do som surdo, isto é, \*['ks] > \*['j] > [ŋ]: lat EXAMEN > *enxame*, lat EXAQUARE > *enxaguar*, segundo o padrão de INSERTARE > *enxertar*. Esse tipo de padrão não ajuda nossa hipótese, pois o que temos no étimo da *zebra* é um \*['ts] e não um [s] ou um \*['s]<sup>198</sup>.

<sup>197</sup> Diferentemente do que pensa Baldinger (1955: 315 nota 1) sem justificar-se por que considera a relação “impossível” ou “falsa”: “Deshalb auch die unmögliche Anknüpfung an afrz. *toivre* ‘Vieh’, ahd *zepar* ‘Opfeltier’, nhd. *Ungeziefer* durch Diez (...) Diese falsche Bedeutung findet sich noch in modernen port. und span. Wörterbuchern (z. B. C. de Figueiredo, 5. Ausg. ca. 1940; Academia Española, 16. Ausg. 1936; s. RPF. 2, 220, n.1)”.

<sup>198</sup> Observamos que a epêntese da nasal se deu por analogia, um modo de evitar a incomum construção #[e\$]V para #[ẽ\$]V, que tem inúmeros paralelos. Poderíamos pensar se a forma herdada do suevo não seria \*['ə'tseβra], sem a nasal, como aconteceu, por exemplo no germânico setentrional. No entanto, a entrada da palavra sueva no século V encontraria uma situação em que a sonorização dos \*['ts] intervocálicos já havia sido sonorizada para



E é justamente o que encontramos em outros casos similares:

- lat \*HAMICEŎLUM > port *anzol*
- lat \*ILICINA > port *enzinha ~ azinha*

Contudo, o que se pode alegar é que, nos casos acima, a sonorização já havia sido efetuada, em uma sincronia anterior à síncope da pretônica (\*ANZIÓLU, \*INZĪNA < \*ILZĪNA)<sup>199</sup> e de fato, quando isso não ocorre, temos hoje [s] < \*[ts] e não [z], como no lat UNCINUM > *ancinho*, ou seja, o travamento original parece impedir a sonorização.

Do levantamento dialetal feito por Vasconcelos (1928), para uma possível desnasalização -nz- > -z-, abona-se no interamnense: *cinzel* > *cizel* (p. 482); para a queda da inicial átona, resultando um #z, encontram-se, vários casos: *Zabel* < *Isabel* (em Ponte de Lima, p. 66), *Zé* < *José* (em várias localidades, cf. Póvoa do Varzim, p. 277), *Zefa* < *Josefa* (em Guimarães, p. 261); *erisipela* > *zipela* (Paredes, p. 443). Para a sonorização de um c- originalmente provindo de um \*[ts] encontra-se em S. Gregório e em Paderne *zeba*, variante de *ceva* ← *cevar* < lat *cibare* (S. Gregório, Paderne, p. 172). Uma junção de dois desses fenômenos, a saber, aférese silábica e sonorização, se vê no interamnense *trizia* < *ictericia* (p. 515).

Além das exceções de palavras de origem árabe, citadas em 8.8, nas quais temos um \*[dz] > \*[z], onde se esperaria um \*[ts] > \*[s] (cf. nota 169, por exemplo), no ambiente de alternância surda/sonora no noroeste peninsular, uma sonorização dialetal de um \*[ts] original suevo numa palavra de alta frequência (como atestam sê-lo *zebra* e variantes) não parece de modo algum algo impossível. Estudos dialetológicos ou novas atestações de variantes regionais antigas poderiam confirmar o étimo aqui sugerido<sup>200</sup>.

---

\*[dz] como em lat ACETUM > \*[a'dzedo] > *azedo*, na posição V\$\_V\$, diferente do lat ACCEPTARE > \*[atsej'ta] > *aceitar*, na posição C\$\_V\$. Baldinger (1955:317), por meio de um levantamento toponímico, acredita que a nasalização de um e- original foi posterior (possivelmente por razões analógicas com um prefixo *en-* < lat *in-*): “Die Chronologie ist aufschlußreich. Sie zeigt, daß die e- und z- Formen gerade in ältester Zeit (9.-10. Jahrhundert) [ou seja, 897 *Ezebrario*; 922 *Eceurario*, 969 *Ezebrarii*, 994 *Ezebrario*; 1091 *Ezebrera*] recht häufig sind und daß die en-Formen erst im 13. Jahrhundert erscheinen [por exemplo, a1284 *enzebro*, fim séc. XIV *enzebra*, 1576 *encebras*]”. Todavia, a antiguidade de e- pautada simplesmente em topônimos é um argumento frágil, mas utilizado por Baldinger, que prefere o étimo EQUIFĒRUS.

<sup>199</sup> O mesmo ocorre com lat UNDĒCIM > *onze* e com BENEDICĒRE > *benzer*; nos quais a síncope gerou o encontro \*[dts] automaticamente resolvido como \*[dz].

<sup>200</sup> A raridade do contexto fonológico compensava-se, desse modo, pelo fato de *zebra* e variantes serem originalmente palavras rurais, portanto, típicas da língua falada. Isso significa, nos primórdios da formação da língua portuguesa, que se tratava de uma palavra com alta frequência de uso (provavelmente a mais alta com o padrão #[dz]\_). Essa raridade do z- inicial é sentida ainda hoje. Há sabidamente no português atual um número pequeno de palavras dicionarizadas iniciadas com o som [z], se compararmos com outras consoantes, como, por exemplo, a correspondente surda [s]: há cerca de 800 palavras que iniciam com <z> em comparação com 12000 que começam com <s> ~ <c<sup>e</sup>.i>. Também o número de palavras que contêm uma vogal nasal seguida de um [z] não passa de 400, sendo a maioria delas muito posteriores à criação da palavra *zebra*. Uma tentativa de lista completa dessas palavras seria: *abrenunza*, *abronzado*, *abronzar*, *abronzeado*, *abronzear*, *acetilcoenzima*, *acinzado*, *acinzamento*, *acinزار*, *acinzelador*, *acinzelar*, *acinzentado*, *acinzentador*, *acinzamento*, *acinzentar*, *afranzinar*, *alanzoado*, *alanzoador*, *alanzoamento*, *alanzoar*, *alanzoeiro*, *alcanzia*, *alcanziada*, *alecrinzeiro*, *amarronzado*, *aminobenzóico*, *ananzado*, *ananzar*, *anãzado*, *anãzar*, *anzico*, *anzol*, *anzolado*, *anzolar*, *anzoleiro*, *apoenzima*, *aranzel*, *araticunzeiro*, *assaranzar*, *assenzalado*, *assenzalamento*, *assenzalar*, *assinzinho*, *atunzinho*, *avelãzeira*, *azaranzado*, *azaranzar*, *azobenzeiro*, *azonzado*, *azonzar*, *bananzola*, *banza*, *banzado*, *banzaense*, *banzai*, *banzar*, *banzativo*, *banzé*, *banzear*, *banzeiro*, *banzo*, *belenzada*, *benzaconina*, *benzaldeído*, *benzedeiro*, *benzedela*, *benzedor*, *benzedrina*, *benzedura*, *benzênico*, *benzeno*, *benzenossulfonato*, *benzenossulfônico*, *benzer*, *benzidina*, *benzido*, *benzidrol*, *benzil*, *benzila*, *benzilhão*,

Da análise das características fonéticas particulares dos vocábulos aqui analisados, a saber: (a) o prefixo *e(n)-* presente nas formas mais antigas (e suas variantes *a-* e *on-*); (b) o *z-* inicial, proveniente de um \*[dz] arcaico, raro; (c) um *-[e]-* fechado e não metafônico; (d) o encontro consonantal original *-vr- ~ -br-*, excluem-se étimos latinos e pré-romanos. ao mesmo tempo que não se identifica nenhum étimo árabe convincente, como visto no capítulo anterior.

**Assim sendo, um étimo germânico, mais especificamente suevo, usado na língua falada do iberorromânico do Noroeste Peninsular, parece ser a única solução razoável para a origem da palavra que denominava o extinto equídeo ibérico (*Equus hydruntinus*).**

---

benzilico, benzilo, benzimidazol, benzina, benzíngia, benzoato, benzocaína, benzodiazepina, benzofenona, benzo-furano, benzóico, benzoil, benzoíla, benzoilico, benzoim, benzoína, benzol, benzolismo, benzônia, benzopireno, bernunza, bibenzilo, bonza, bonzão, bonzaria, bônzio, bonzo, bonzó, bonzô, brenunza, brinzão, bronzagem, bronze, bronzeado, bronzeador, bronzeamento, bronzear, brônzeo, bronzina, bronzista, bronzita, calalanza, calanza, camacãense, canvuanza, canzá, canzana, canzarrão, canzil, canzo, canzoada, canzoal, canzoeira, canzuá, canzuim, canzumbi, canzurral, capinzal, chimpanzé, chipanzé, cinza, cinzar, cinzeira, cinzeiro, cinzel, cinzelado, cinzelador, cinzeladura, cinzelagem, cinzelamento, cinzelar, cinzento, clorobenzeno, coenzima, corpanzão, corpanzil, corpanzudo, cuanza, cunzita, cunzítico, cupinzama, cupinzeiro, curuminzada, dannunziano, desbenzido, desengranzado, desengranzamento, desengranzar, desfranzido, desfranzir, diaminobenzeno, dibenzoil, dibenzoíla, diclorobenzênico, diclorobenzeno, dinitrobenzeno, donzel, donzela, donzalaria, donzelesco, donzeleta, donzelice, donzelinha, donzelo, donzelona, empanzinado, empanzinador, empanzinamento, empanzinar, encanzinado, encanzinamento, encanzinhar, encançoar, encinzar, encinzeirar, engranzado, engranzador, engranzagem, engranzamento, engranzar, enlanzar, enzampa, enzampamento, enzampar, enzampe, enzenza, enzima, enzimático, enzimico, enzimólise, enzimologia, enzimológico, enzimologista, enzimólogo, enzinha, enzinheira, enzinheiro, enzona, enzonar, enzoneiro, enzonce, enzonzar, enzoose, enzootia, enzoótico, escanzelado, escanzelo, escanziar, escanzinado, escanzurrado, escanzurrar, esfinzado, etilbenzeno, fanzine, fanzoca, flamboaiãzinho, franzido, franzimento, franzino, franzir, ganza, ganzá, ganzé, ganzepe, ganzi, ganzola, ganzuá, goianzeiro, gonzaguiano, gonzemo, gonzo, gorgonzola, granganzá, granza, granzal, granzerita, granzosa, gravanzudo, grugunzar, guenza, guenzo, hexaclorobenzeno, holoenzima, holoenzimico, homenzarrão, homenzinho, ingranzéu, inzenza, inzona, inzonar, inzoneiro, inzonice, isoenzima, isopropilbenzeno, jerimunzeiro, jinzumbi, kanvuanza, kuanza, kunzita, kwanza, ladranzana, lanzudo, lâzinha, lâzudo, manhãzinha, manzanilha, manzana, manzanar, manzape, manzorra, manzuá, marfinzeiro, martinzinho, mazanza, mazanzar, mefinze, mirinzal, mirinzalense, monzonítico, monzonito, mpenza, muanza, mucunza, mucunzá, mugunzá, multienzimático, multienzimico, munanzenza, mungunzá, munzuá, muritinzal, muzenza, nanzuque, nebonzo, neozonza, onze, onzena, onzenar, onzenário, onzenaar, onzeneirar, onzeneiro, onzenice, onzeno, organza, panzuá, paraminobenzóico, perclorobenzeno, proenzima, quartzomonzonito, quibenza, quinze, quinzena, quinzenal, quinzenalista, quinzenário, quinzeno, quizenze, ranzinja, ranzinzar, ranzinzice, rebenzer, refranzear, refranzido, refranzir, renzilha, risanza, romãzeira, romãzeiral, ruinzeira, sanza, sanzala, sanzaleiro, saranzal, senzala, senzaleiro, sinzal, tanzaniano, tramanzola, tucunzal, tucunzeiro, vunzar, zanzar, zanzibarita, zanzo, zaranja, zaranzar, zinzilular, zincolino, zonzar, zonzear, zonzeira, zonzo, zonzonear, zuanguinza, zunzum, zunzunar, zunzunir, zunzunzum e alguns compostos com prefixo *trans-*.

## 10. CONCLUSÕES

A história do animal hoje internacionalmente conhecido como *zebra* é diferente da história da palavra *zebra*. Os equídeos africanos, famosos por suas listras, não têm seu nome proveniente de uma língua da África, mas sua denominação deriva diretamente do galego-português, como prova abundante documentação medieval (cf. capítulo 2). Portanto, não devemos procurar o étimo da palavra *zebra* como se a palavra sempre tivesse sido utilizada na moderna acepção internacional, que adquiriu ao longo do tempo (cf. apêndice 2).

O nome originalmente designava um animal europeu, depois extinto. Havia, além disso, várias formas alternativas e dialetais (*zevro*, *zevra*, *zebro*, *ezevro* etc.).

O animal europeu que originalmente recebia o nome *zebra* também era um equídeo, provavelmente *Equus hydruntinus* Regalia, 1907 [cf. 7.2]. Alguns textos renascentistas posteriores à sua extinção passaram a confundi-lo com o onagro (*Equus hemionus* Pallas, 1775, cf. 6.5), quase na mesma época em que o nome passava a ser usado também aos animais africanos (cf. capítulo 3).

Pelo apresentado no capítulo 9, parece ser mais aceitável a seguinte etimologia, dada a antiguidade das palavras, sobretudo na toponímia, haja vista a impossibilidade de sua associação a uma origem latina, árabe ou de substrato ibérico:

proto-idg. *\*dibhro-* ≈ *\*dībhro-* > germânico *\*tibra-* > suevo *\*[ˈtseβra]* → suevo *\*[ənˈtseβra]* > iberorromânico do noroeste *\*on[ts]evra* ≈ *\*on[dz]evra* galego-português *\*enzevra* > *\*ezevra* ~ *\*ezevro* > *azebra* ~ *azebro* > *zebra* (“equino extinto ibérico” >> “equino de origem africana”) [hip. nova].

Essa etimologia pauta-se basicamente na antiga proposta de Diez (1853:735, cf. 9.1), mas procura compreender a sonorização do *\*[ts]* suevo original (cf. 9.2-3).

Descartaram-se as seguintes etimologias:

(1) hebr *זֶבֶר* > ingl *zebra* [Ogilvie, 1865: 814] (cf 8.2);

(2) lat *CĪBUS* > port *zebro* ≈ *cibo* ≅ ital *cibo* ≈ *zeba* ≅ cast *chibo* [Rodrigues, 1926: 114] (cf. 8.3);

(3) lat *CĒRVUM* > port *cervo* > port *cevro* → *cevra* → *a cevra* > *\*acevra* > *azevra* ≈ *ezevra* > port *zevra* ≈ *zevro* ≅ port *cervo* < lat *CERVUS* [Nunes, 1926a: 430-433, 455] (cf. 8.4);

(4) gr *ζέφυρος* > lat *zephyru(m)* > *\*zévero* > *zevro* [Marineus Siculus, 1533: fólíos 1v-2r; 1759: 743 = Menéndez Pidal, 1938: 75-76] (cf 1.1-2, 8.5);

(5) lat *INSIPĪDUS* > *enxebre* (≅ gal *enjebre*) ≈ *enzebro* ≈ *ezebro* > *xebre* ≈ *zebro* [Agero, 1947: 3-16] (cf. 8.6);

(6) lat *SEPARARE* > lat *SEPERARE* > *\*sebrar* → *zebrar* → *zebro* [Agero, 1947: 3-16] (cf. 8.6);

(7) lat EQUIFĒRUS > lat \*ECIFĒRUM > *ezevro* > *zevro* ≈ *zebro* [Silveira, 1948: 229-236] (cf. 5.1-2, 8.7);

(8) árabe الزاملة > \**azamla* > \**azembra* > \**anzebra* > *enzebra* → *zebra* [hip. nova] (cf. 8.8).

Descartam-se também as etimologias que envolvam a palavra *zecora* (cf. 4.1-2), forma alótopa de *zebra*, que, embora hoje seja um arcaísmo, teve ampla divulgação internacional, independentemente da palavra *zebra*, possivelmente a partir de um erro de leitura da grafia *zeura*.

Por fim, perante os dados apresentados, alerta-se ainda para uma possível sobrevivência de formas alternativas do suevo \*[‘tseβr] ~ \*[‘tseβər], que teriam mantido o gênero masculino original, diferentemente de \*[‘tseβra], cuja terminação foi confundida analogicamente como uma palavra feminina pelos falantes do iberorromânico do noroeste peninsular. Sobre essas formas alternativas é possível reconstruir testemunhos antigos como o italiano *zevere* do século XIII (cf. 3.8, 7.1, 8.1, 8.4).



## Apêndice II: O termo português *zebra* em diversas línguas do mundo

Africânder <i>sebra</i>	Gagauz <i>zebra</i>	Nepalês <b>जेब्रा</b>
Albanês <i>zebra</i>	Galego <i>cebra</i>	Norueguês <i>sebra</i>
Alemão <i>Zebra</i>	Galês <i>sebra</i>	Occitano <i>zèbre/ zèbra</i>
Árabe egípcio <b>زيبيرا</b>	Georgiano <b>ზებრე</b>	Oromo <i>zebra</i>
Aragonês <i>zebra</i>	Grego moderno <b>ζεβρα</b>	Panjabi <b>ਜੇਬਰਾ</b>
Azeri <i>zebr</i>	Hebraico moderno <b>זברה</b>	Polonês <i>zebra</i>
Basco <i>zebra</i>	Hindi <b>ज़ीब्रा</b>	Português <i>zebra</i>
Bashkir <b>зебра</b>	Holandês <i>zebra</i>	Quíchua <i>siwra</i>
Bengali <b>জেবরা</b>	Húngaro <i>zebra</i>	Romeno <i>zebră</i> ;
Bielorrusso <b>зебра/зэбра</b>	Ido <i>zebro</i>	Russo <b>зебра</b>
Búlgaro <b>зебра</b>	Indonésio <i>zebra</i>	Rutênio <b>зебра</b>
Catalão <i>zebra</i>	Inglês <i>zebra</i>	Sérvio <b>зебра</b>
Cazaque <b>зебра</b>	Interlíngua <i>zebra</i>	Sueco <i>zebra</i>
Checo <i>zebra</i>	Irlandês <i>séabra</i>	Telugo <b>జేబ్రా</b>
Cingalês <b>සීබිරා</b>	Islandês <i>sebrahestur</i>	Turco <i>zebra</i>
Crioulo haitiano <i>zèb</i>	Italiano <i>zebra</i>	Ucraniano <b>зебра</b>
Croata <i>zebre</i>	Japonês <b>シマウマ</b> ;	Udmurt <b>зебра</b>
Dinamarquês <i>zebra</i>	Letão <i>zebras</i>	Usbeque <i>zebra</i>
Eslovaco <i>zebra</i>	Lingala <i>zébélé</i>	Vêneto <i>xebra</i>
Esloveno <i>zebra</i>	Lituano <i>zebras</i>	Veps <i>zebr</i>
Espanhol <i>cebra</i>	Luxemburguês <i>zebra</i>	
Esperanto <i>zebro</i>	Macedônio <b>зебра</b>	
Estoniano <i>sebra</i>	Marati <b>जेब्रा</b>	
Faroês <i>sebra</i>	Moksha <b>зебра</b>	
Finlandês <i>seepra</i>	Náuatle <i>cebra</i>	
Francês <i>zèbre</i>		

### Apêndice III: Nomes da zebra não provenientes do português

Amárico የሜዳአህያ	Iroquês ᖃፀፕፐፐፍፅፐፐፐፐ	Shona <i>mbizi</i>
Árabe حمار الزرد	Kalaallisut <i>siutitooq ni-</i> <i>meruaartoq</i>	Swahili <i>punda milia</i>
Birmanês မြင်းကြောင်များ	Lingala <i>mpúnda ya</i> <i>mingólú</i>	Tailandês ม้าลาย
Bretão <i>roudenneg</i>	M a l a i a l a വരയൻകുതിര	Tâmil வரிக்கூதிரை
Cantonês 斑馬	M a l a i a l a	Tibetano ལྷོ་ཁྱེ།
Cheyenne <i>nêškovávo 'há</i>	Malaio <i>kuda belang</i>	Vietnamita <i>ngựa vằn</i>
Coreano 얼룩말	Mandarim 斑馬	Wu 斑馬
Farsi گورخر	Minnan <i>hoe-pan-bé/ hoe-</i> <i>bé</i>	Xhosa <i>iqwarhashe</i>
Gaélico escocês <i>asal</i> <i>stiallach</i>	Mongol эрээл тахь	
Hakka <i>pân-mâ</i>	Navajo <i>tééh líí'</i>	
Ioruba <i>kétékété abilà</i>	Sesotho <i>pitsi</i>	

## Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Dante Martins Teixeira (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro), que nos inspirou a escrever esta obra; em nossas conversas, ele mencionou várias vezes que o nome *zebra* deveria provir de algum equídeo da península ibérica.

Ao Prof. Dr. Miguel Telles Antunes, do Centro de Estudos Geológicos da Universidade Nova de Lisboa, por sua gentileza em facilitar-nos uma cópia de seu excelente capítulo sobre o *zebro*.

Ao Prof. Dr. William Leslie Overal (Museu Paraense Emílio Goeldi), ao Prof. Dr. Mario de Vivo e Dione Seriperri (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo), por sua generosa ajuda na obtenção de algumas referências.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Santos Duarte de Oliveira e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarida Maria Taddoni Petter (FFLCH-USP), que apresentaram ao segundo autor o Prof. Dr. Carlos Filipe Guimarães Figueiredo (Universidade de Macau) e o Prof. José Albino José “Kaxikote”, todos pesquisadores do projeto Libolo, bem como ao Prof. Dr. Francisco da Silva Xavier (Université Paris IV- Sorbonne) que nos forneceram informações sobre a palavra “zebra” no idioma quimbundo.

Ao prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche (FFLCH-USP, Departamento de Línguas Orientais) que nos auxiliou em problemas da língua árabe.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio às pesquisas do autor sênior, durante os últimos anos.

## Referências

- Aboad da Fonseca, I., 1756. *De Kandelaar des Ligts; met deszelfs Zeven Lampen, of het gewoon Huis-Boek der Hedendaagsche Joden. Bevattende hunnen gantschen kerkelyken en burgelyken godsdienst, met alle deszelfs plegtigheden; en alomme vervuld met fraaye spreuken en gebeurtenissen der talmudische rabbynen. Eertyds in het rabbynsch beschreven door den weerel-vermaarden leeraar onder de portgeesche joden Rabbi Isaab Abuabh. Thans in het nederduitsch vertaald, en met doorgaande aanmerkingen verrykt, door Eliazar Soesman. Derde deel.* Gerrit de Groot, te Amsteldam.
- Academia Naturae Curiosorum, 1683. *Miscellanea curiosa sive Ephemeridum medico-physicarum germanicarum Academiae Naturae Curiosorum, decuriae II. Annus primus, anni M.DC.LXXXIII. Continens celeberrimorum virorum, medicorum, tum aliorum eruditorum in Germaniã & extra eam observationes medicas, physicas, chymicas, nec non mathematicas. Cum appendice.* Sumptibus Wolfgangi Mauricii Endteri, Norimbergae.
- Academia Real das Sciencias de Lisboa. 1806. *Collecção dos principaes auctores da historia portugueza, publicada com notas pelo director da classe da litteratura da Academia Real das Sciencias, e por ella ofrecida a S. Alteza Real o Principe Regente nosso senhor. Tomo II.* Na Typographia da mesma Academia, Lisboa.
- Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1824. *Collecção de ineditos de historia portugueza, publicados de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Pela Commissão de Historia da mesma Academia. Tomo V.* Na Officina da mesma Academia, Lisboa.
- Aebischer, P., 1957. Le zebro ‘âne sauvage’ de la Péninsule Ibérique et Brunetto Latini. *Boletim de Filologia*, Lisboa 16: 165-175.
- Agero, S., 1947. Zebro, “onagro”. *Uma contribución al estudio de los representantes románicos de separare, y una tentativa etimológica acerca del nombre hispánico del onagro.* Gráficas Nebrija, Madrid.
- Agnant, A., 1847. *Seconde série de la Bibliothèque Latine-Française, traduction nouvelle des auteurs latins avec le texte en regard depuis Adrien jusqu’à Grégoire de Tours, publiée par C. L. F. Panckoucke. C. Julius Solin. Polyhistor. Traduit pour la première fois en français par M. A. Agnant.* C. L. F. Panckoucke, Éditeur, Paris.
- Aldrovandi, U., 1616. *Vlyssis Aldrovandi patricii bononiensis De Quadrupedibus Solidipedibus volumen integrum. Ioannes Cornelivs Vterverivs in Gymnasio Bononiensi simplicium medicamentorum professor collegit, & recensuit. Hieronymus Tambvrinvs in lucem edidit. Ad illvstrissimvm, et reverendissimvm D. Carolvm Mardvccvm S. R. E. Cardinalem Amplissimum Trrientio Episcopvm, et Principem. Cum indice copiosissimo.* Apud Victorium Benatium, Bononia.
- Aldrovandi, U., 1623. *Vlyssis Aldrovandi patricii bononiensis De Quadrupedibus Solidipedibus volumen integrum. Ioannes Cornelivs Vterverivs in Gymnasio Bononiensi simplicium medicamentorum professor collegit, & recensuit. Hieronymus Tambvrinvs in lucem edidit. Cum indice copiosissimo.* Typis Ioan. Hoferi, impensis Ioannis Treudel, Francofvrti.
- Aldrovandi, U., 1639. *Vlyssis Aldrovandi patricii bononiensis De Quadrupedibus Solidipedibus volumen integrum. Ioannes Cornelivs Vterverivs in Gymnasio Bononiensi simplicium medicamentorum professor collegit, & recensuit. Marcus Antonivs Bernia in lucem restituit. Eminentiss.<sup>mo</sup> et Ver.<sup>mo</sup> Principi D. Ivlio Sacchetti S. R. E. Presbytero Cardinalis Tit. S. Svsannae Ferrariae, antea nunc vero Bononiae Pontificio de latere legato. Cum indice copiosissimo.* Apud Victorium Benatium, Bononia.
- Aleman y Bolufer, J., 1921. *La geografía de la Península Ibérica en los escritores árabes.* El Defensor, Granada.
- Allen, R. E., H. W. Fowler & F. G. Fowler, 1990. *The Concise Oxford Dictionary of Current English. Sixth Edition.* Clarendon Press, Oxford.
- Alvarez de Quindós y Baena, J. A., 1804. *Descripción histórica de Real Bosque y Casa de Aranjuez, dedicada ao Rey nuestro señor.* Imprenta Real, Madrid.
- Amatus Lusitanus, 1628. *Amati Lvsitani svmmi doctoris Medici Cvrationvm Medicinalivm Centvriae Septem.*



*Ab omni sordivm svspicione expvrgatae. Qvibus praelvcet omnivm cvrationem per locos affectos in sua capita digestarum, una cum appendicibus eorum, quae auctor, vel inter curandum, vel in scholijs accuratè disserit, proprijs capitibus subiunctis. Illvstris et certvs index. Sumptibus Sebastiani & Iacobi Methevati, Barcinonae.*

- Amidon, P. R., S. J., 2007. *Writings from the Greco-Roman world. Philostorgius. Church History*. Society of Biblical Literature, Atlanta, Georgia.
- Andrade, R., 1954. *Alrededor del caballo español. Colección de estudios*. Sociedade Astória, Lisboa.
- Andrés, A., 1509. *Scripta: seu Expositiones Antonij Andree super artem veterem: & super Boetius de diuisiõib<sup>9</sup>: cū questiõib<sup>9</sup> eiusdē*. Simonem de Luere, Venetiis.
- Anôn., 1627. *Lettere annve d’Etiopia, Malabar, Brasil, e Goa. Dal’anno 1620. fin’al 1624. Al molto reuer. in Christo P. Mvtio Vittelleschi Preposito Generale della Compagnia di Giesv*. Francesco Corbeletti, Roma.
- Anôn., 1728. *Poetae latini rei venaticae scriptores et bucolici antiqui. Videlicet Gratii Falisci, atque M. Aurelii Olympii Nemesiani, Cynegeticon Halieuticon & De Aucupio. Cum notis integris Casp. Barthii, Jani Vlitii, Th. Johnson, Ed. Brucei. Accedunt M. Langii Dispunctio Notarum Jani Vlitii, & Caji Libellus de Canibus Britannicis. Itidem Bucolica M. Aurelii Olympii Nemesiani & Calpurni, cum notis integris Roberti Titii, Hug. Martelli, Casp. Barthii, Jani Vlitii & commentario Diomedis Guidalotti & B. Ascensii. Quibus nunc primum accedunt Gerardi Kempferi observations in tres priores Calpurnii Eclogas. Cum indicibus copiosis*. Apud Johannem Arnoldum Langerak, P. Gosse & J. Neaulme, Rutg. Christoph. Alberts & J. Vander Kloot, Logduni Batavorum & Hagae Comitum.
- Anôn., 1743. *The works of Virgil translated into English prose, as near the original as the different idioms of the Latin and English languages will allow. With the Latin text and order of construction in the opposite page; and critical, historical, geographical, and classical notes, in English, from the best commentators both ancient and modern, beside a very great number of notes intirely new. For the use of schools as well as of private gentlemen. In two volumes, Vol. I*. Joseph Davidson, London.
- Anôn., 1781. *The modern part of an Universal History, from the earliest accounts to the present time. Compiled from original authors. By the authors of the Ancient Part. Vol. XI*. C. Bathurst, J. F. and C. Rivington, A. Hamilton, T. Payne, T. Longman, S. Crowder, B. Law, J. Robson, F. Newbery, G. Robinson, T. Cadell, J. and T. Bowles, S. Bladon, J. Murray, J. Nichols, J. Bowen, and . Fox, London.
- Anôn., trad., Séc. XV. [*Biblia romanceada judío-cristiana*]. Códice 87, Real Academia de la Historia, Madrid.
- Antunes, M. T., 2006. The zebro (Equidae) and its extinction in Portugal, with an appendix on the noun *zebro* and the modern “zebra”, pp. 211-236, in Mashkour, ed., q. v.
- Arens, H., 1964. *Aristotle’s theory of language and its traditions. Texts from 500 to 1750*. John Benjamins, Amsterdam [Studies in the History of the Language Sciences 29].
- Argote de Molina, G., 1582. *Libro, de la Monteria qve mando escrevir el muy alto y muy poderoso Rey Don Alonso de Castilla, y de Leon, vltimo deste nombre. Acrecentado por Gonçalo Argote de Molina. Dirigido a la S. C. R. M. del Rey Don Philipe Segundo, Nuestro Señor*. Andrea Pescioni, Sevilla.
- Ariza, M., 2004. El romance en El-Andalus, pp. 207-232, in Cano, ed., q. v.
- Arrowsmith-Brown , J. H. & R. Pankhurst, 1991. *Prutky’s travels in Ethiopia and other countries*. The Hakluyt Society, London.
- Azevedo, L. M. de, 1652. *Primeira parte da fvndação, antigvidades, e grandezas da mvi insigne cidade de Lisboa, e sevs varoens illvstres em sanctidade, armas, & letras. Catalogo de sevs prelados, e mais covsas ecclesiasticas, & politicas ate o anno 1147. em que foi ganhada aos mouros por ElRey D. Afonso Henriquez. Dedicada ao illvstre, e inclito senado della. Escrita pelo capitão Lvis Marinho de Azevedo, natural da mesma cidade*. Officina Craesbeckiana, Lisboa.
- Azevedo, P. A. de, 1898. O territorio de “Anegia” [Anégia]. *O Archeologo Portugues* 4: 198-221.
- Baldinger, K., 1955. Santos Agero, Zebro ‘onagro’. Una contribución al estudio de los representantes románicos de ‘separare’, y una tentativa etimológica acerca del nombre románico del onagro. *Zeitschrift für romanische*

- Banhos, R. P., 2005. *Concepções de poder em Afonso II, rei de Portugal (1211-1233): Fontes jurídicas regiae concelhia*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Univerdidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Barbazan, E., 1808. *Fabliaux et contes des poètes françois des XI, XII, XIII, XIV et XV<sup>e</sup> siècles, tirés des meilleurs auteurs. Avec un glossaire pour en faciliter la lecture. Nouvelle édition, augmentée et revue sur les manuscrits de la Bibliothèque Impériale, par M. Méon, employé aux manuscrits de la même Bibliothèque. Tome quatrième*. R. Warée oncle, Libraire, Paris.
- Barth, G., 1618. *Venatici et bvololici poetae latini, Gratius, Nemesianus, Calpurnius, in Germania hactenus non editi, nunc commentariis luculentis explanati. Addita fragmenta Vesprici Spvrrinnae scriptoris nunquam hactenus publicati. Ad clariss. virum Isaac Casavbonvm*. In Bibliopolio Willieriano, Hanoviae.
- Battell, A., 1625. The strange adventures of Andrew Battell of Leigh in Essex, sent by the Portugals prisoner to Angola, who lived there, and in the adioyning regions, neere eighteen yeeres, pp. 970-1020, in Purchas, 1625, q. v.
- Battell, A., 1905. The strange adventures of Andrew Battell of Leigh in Essex, sent by the Portugals prisoner to Angola, who lived there, and in adjoining Regions, neere eighteen yeeres, pp. 367-517, in Purchas, 1905, q. v.
- Beale, R., 1579. *Rerum hispanicarvm scriptores aliquot, quorum nomina versa pagina indicabit: Ex bibliotheca clarissimi viri Dn. Roberti Beli angli. Nvnc accvrativs emendatu vsqve recusit, & in duos tomos digesti, adiecto in fine indice copiosissimo. Tomus prior*. Ex officina typographica Andreae Wecheli, Francofvrti.
- Beccari, C., S. J., 1908. *Rerum aethiopicarum scriptores occidentals inediti a saeculo XVI ad XIX. Vol. VIII. Patriarchae Alph. Mendez S. I. Expeditionis Aethiopiae liber I et II*. C. da Luigi, Romae.
- Beckmann, I., 1796. *APIΣTOTEΛOYΣ ΠEΠI ΘAYMAΣIΩN AKOYΣMATΩN. Aristotelis liber de Mirabilibus Avscvltationibus explicatvs a Ioanne Beckmann [...]. Additis annotationibvs Menr. Stephani, Fr. Sylbvrerii, Is. Casavboni, I. N. Niclas; subiectis sub finem notulis C. G. Heynii; interpretationibvs anonymi, Natalis de Comitibvs et Dominici Montesavri; atqve lectionibvs variis e Codice Caesareae Bibliothecae Vindobonensis*. Apud Vidvam Abrahami Vanderhoek, Gottingae.
- Beltrán Lloris, F., 2004. El latín en la Hispania romana: una perspectiva histórica, pp. 83-102, in Cano, ed., q. v.
- Berganza, F. de, 1721. *Antiguedades de España, propugnadas en las noticias de sus reyes, en la crónica del Real Monasterio de San Pedro de Cardena, en historias, cronicones, y otros instrumentos manuscritos, que hasta aora no han visto la luz publica. Parte segunda*. Francisco del Hierro, Madrid.
- Bermejo Barrera, J. C., 1976. Los caballos y los vientos: un mito lusitano antiguo. *Hispania Antiqua*, Valladolid 6: 301-310.
- Bernardi, R., A. Decurtins, W. Eichenhofer, U. Saluz & M. Vögeli, 1994. *Handwörterbuch des romanischen Wortschatz aller Schriftsprachen, einschliesslich Rumantsch Grischun mit Angaben zur Verbreitung und Herkunft. Erarbeitet auf Initiative von Hans Stricker. Herausgegeben von der Società Retorumantscha und dem Verein für Bündner Kulturforschung*, 3 vols.. Offizin, Zürich.
- Blersch, K., 1937. Wesen und Entstehung der Sexus im Denken der Antike. *Tübingen Beiträge zur Altertumswissenschaft* 29: ix + 104 pp.
- Bloch, O. & W. von Wartburg, 1950. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Presses Universitaires de France, Paris.
- Bluteau, R., Pe., 1713. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael*

Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Calificador no Sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 4, F-J]. No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra.

- Bluteau, R., Pe., 1720a. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa.* [Vol. 6, O-P]. Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.
- Bochart, S., 1663. *Hierozoicon sive bipertitum [sic] opus De Animalibus Sacrae Scripturae. Pars prior agit libris quatuor de animalibus in genere. Et de quadrupedibus viviparis et oviparis. Pars posterior agit libris sex de avibus, serpentibus, insectis, aquaticis, et fabulosis animalibus. Cum indice septuplici I. Locorum Scripturae. II. Auctores qui citantur. III. Vocum hebraici, chaldaici, syriaci, samaritanici, & aethiopici sermonis. IV. Vocum arabicarum. V. Graecarum. VI. Romanarum, quae passim explicantur. VII. Rerum.* Excubebat Tho. Roycroft, Regiae Majestatis in Linguis Orientalibus Typographus: Impensis Jo. Martyn & sac. Allestry, Londini.
- Bochart, S., 1692. *Hierozoicon sive Bipertitum Opus de Animalibus Scripturae, cujus pars prior libris IV. Pars posterior libris VI. De avibus, serpentibus, insectis, aquaticis, & fabulosis animalibus agit. Cum indice septuplici, I. Locorum Sacr. Scr. II. Authorum, qui citantur. III. Vocum hebr. Chald. Syriac. Samaritani & Aethiopicis sermonis. IV. Vocum Arabicum. V. Graecarum. VI. Romanarum, quae passim explicantur. VII. Rerum. Authore Samuele Bocharto. Editio tertia ex recensione Johannis Leusden.* Apud Cornelium Boutenteyn & Jordanum Luchtmans, Lvgduni Batavorum & Guilielmum vande Water, Trajecti ad Rhenum.
- Bochart, S., 1712. *Hierozoicon, sive Bipartitum Opus de Animalibus S. Scripturae, cujus Pars Prior libris IV. De animalibus in genere, & de quadrupedibus viviparis & oviparis: Pars Posterior Libris VI. De avibus, serpentibus, insectis, aquaticis, & fabulosis animalibus agit. Cum indice septuplici, I. Locorum Sacrae Scripturae. II. Authorum, qui citantur. III. Vocum hebraicarum, chaldaicarum, syriacarum, samaritani & aethiopicis sermonis. IV. Vocum arabicarum. V. Graecarum. VI. Romanarum, quae passim explicantur. VII. Rerum. Authore Samuele Bocharto. Editio quarta.* Apud Cornelium Boutensteyn & Samuelem Luchtmans, Lvgduni Batavorum & Guilielmum vande Water, Trajecti ad Rhenum.
- Bodenheimer, F. S. & A. Rabinowitz, 1949. *Timotheus de Gaza On Animals, Peri Zoon. Fragments of a Byzantine paraphrase of an animal book of the 5th century A. D.* Académie Internationale d'Histoire des Sciences.
- Boethius, A. M. T. S., 1549. *Anitii Manlii Severini Boethi, inter latinos Aristotelis interpretes et aetate primi, et doctrina praecipvui Dialectica, nunc denique post tot impressiones, auxilio manu scriptorū codicum, in pristinum candorem, à Martiano Rota restituta: ac libris, titulis, ordine, uitaq' autoris decorata. Opus non minus artis dialecticae, quàm facultatis rhetoricae studiosis, perq' necessarium. Atque haec prima impressio habuit. In hac avtem novissima impressione si quid forte latuerat (quod in tanta colluie oportuit) prorsus repositum est: Illud deinde accessit, quod lucis plurimum affert librorum quos de suo Boethus composuit, in capita distinctio: Noua Porphyrianae arboris designatio, Et eiusdem diligens explanatio. Index postremo, qui non multitudine lectorem obstruere, sed utilitate solertem excitare possit: atque ita omni ex parte absolutum opus, nunc denique excipe. Quibus adiecta est Disputatio Alexandri Aphrodisii de definitione, cum annotationibus, Ambrosii Leonis in eandem, nunquam aliàs impressam.* Ioan. Gryphus, Venetiis.
- Boethius, A. M. T. S., 1580. *Aristotelis stagiritae peripateticorum principis Organum, seu Logica. D. Severino Boetho interprete. Nuper ex optimis exemplaribus, cum Graecis, tum Latinis recognitum, ac scholijs, annotationibus, varietatibusq'; lectionum recens illustratum. Cum indice locupletissimo.* Ex Officina Dominici Guerraei & Io. Baptistae, fratrum, Venetiis.
- Bonet, T., 1687. *Medicina septentrionalis collatitia, sive rei medicae, nuperis annis à medicis anglis, germanis & daniae emissae, syntagma exhibens observationes medicas, in quibus nova, abdita, admirabilia & monstruosa exempla adducuntur circa aegritudinum causas, signa, eventus, curationes praeterea admirandae*

*proponuntur. Pars altera. Cui praeter observationes accessere plurima circa anatomen, medicamenta simplicis, tum vernacula, tum exotica, cum praeparationibus variis chymicis, aliisque rarioribus.* Sumptibus Leonardi Chovët & Socij, Genevae.

- Bonium, Rey de Persia (pseudo), 1510. *Bocados de Oro*. Sucesores de Pedro Hagembach, Toledo.
- Bosworth, J. & T. N. Toller, 1898. *An Anglo-Saxon Dictionary based on the manuscript collections of the late Joseph Bosworth, D.D., F.R.S. edited and enlarged by T. Northcote Toller, M.A.* Clarendon Press, Oxford.
- Botero, G., 1595. *Delle relationi vniversali di Giovanni Botero benese. Da lui corrette, & ampliate in più luoghi.* Per Vittorio Baldini. Ad istanza di Febo dal Giglio, Ferrara.
- Botero, G., 1603. *Relaciones vniversales de Iuan Botero benes, primera y segunda parte, traduzidas a instancia de don Antonio Lopes de Calatayud, Corregidor de las dezisiete villas, y regidor de Valladolid, por su Majestad: por el licenciado Diego de Aguiar su alcalde mayor. Dirigido a Don Francico de Sandoual y Roxas Duque de Lerma.* Herederos de Diego Fernandez de Cordoua, Valladolid.
- Bretschneider, E., 1871. *On the knowledge possessed by the ancient Chinese of the Arabs and Arabian colonies, and other western countres, mentioned in Chinese books.* Trübner & Co., London.
- Bretschneider, E., 1888. *Mediaeval researches from Eastern Asiatic sources. Fragments towards the knowledge of the geography and history of Central and Western Asia from the 13th to the 17th century. Vol. II. With a reproduction of a Chinese mediaeval map of Central and Western Asia.* Trübner & Co., London.
- Brown, T., 1831. *Biographical sketches and authentic anecdotes of horses, and the allied species. Illustrated by portraits, on steel, of celebrated and remarkable horses. Second edition.* Sherwood, Gilbert, & Piper, London.
- Buckingham, J. S., 1827. *Travels in Mesopotamia. Including a journey from Aleppo, across the Euphrates to Orfah, (The Ur of the Chaldees), through the plains of the Turcomans, to Diarbekr, in Asia Minor; from thence to Mardin, on the borders of the Great Desert, and by the Tigris to Mousul and Bagdad: With researches on the ruins of Babylon, Nineveh, Arbela, Ctesiphon, and Seleucia.* Henry Colburn, London.
- Buquet, T., 2013. Nommer les animaux exotiques de Baybars, d'Orient en Occident, pp. 375-342, in Müller & Roiland-Rouabah, q. v.
- Burmann, P., 1731. *Poetae latini minores sive Gratii Falisci Cynegeticon, M. Aurelii Nemesiani Cynegeticon, et ejusdem Eclogae IV. T. Calpurnii Siculi Eclogae VII. Claudii Rutilii Numatiani Iter. Q. Serenus Samonicus De Medicina. Vindicianus sive Marcellus De Medicina. Q. Rhemnius Fannius Palaemon De Ponderibus & Mensuris, et Sulpiciae Satyra. Cum integris doctorum virorum notis, & quarundam excerptis, curante Petro Burmanno, qui & suas adjecis adnotationes. Tom. I.* Conradum Wishoff & Danielem Goedval, Leide.
- Cabaret-Dupaty, (-), 1842. *Poetae minores. Sabinus, Calpurnius, Gratius Faliscus, Nemesianus, Valerius Cato, Vestritius Spurina, Lupercus Servastus, Arborius, Pentadius, Eucheria, Pervigilium Veneris. Traductions nouvelles.* C. L. F. Panckouke, Éditeur, Paris.
- Cabo, J. A. S., 2008. Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII. *Revista Galega de Filoloxía. Monografía* 5: 1-376.
- Caesar, M. & F. d'Intino, eds., 2013. *Zibaldone. Giacomo Leopardi. Translated from the Italian by Kathleen Daldwin.* Farrar, Straus and Giroux, New York.
- Calleja, B. D., 2008. *El primitivo romance hispánico.* Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, Salamanca.
- Calmet, A., 1720. *Commentaire litteral sur tous les livres de l'Ancien et du Nouveau Testament. Josué, les Judges et Ruth.* Chez Emery Pere, Emery Fils, Saugrain l'aîné & Pierre Martin, Paris.
- Calmet, A., 1722. *Dictionnaire historique, critique, chronologique, géographique et litteral de la Bible. Enrichi d'un grand nombre de figures en taille-douce, qui représentent les antiquitez judaïques. Tome premier.* Chez Emery Pere, Emery Fils, Saugrain l'aîné & Pierre Martin, Paris.
- Calmet, A., 1738. *Dictionarium historicum, criticum, chronologicum, geographicum, et literale Sacrae Scripturae cum figuris antiquitates judaicas repraesentantibus, authore A R. P. D. Augustino Calmet Ordinis S.*



- Benedicti, abate S. Leopoldi nanciensis; è gallico in latinum translatum, & nonnihil expurgatum. Ab R. P. D. Joan. Dominico Mansi lucensi, Congregationis Clericorum Regularium Matris Deo professore. Cum sacrae caesareae majestatis privilegio, ex permissu superiorum. Editio in Germania fecunda, cui addita sunt, & locis suis inserta ipsiusmet auctoris supplementa. Tomus primus. Sumptibus Martini Veith, Bibliopolae, Augustae Vindelicorum.*
- Calmet, A., 1756. *R. P. D. Augustini Calmet Ordinis S. Benedicti, Congregationis SS. Vitoni et Hidulphi Commentarius literalis in omne libros Veteris et Novi Testamenti. Opus gallice primum ab authore, nunc vero latinis literis traditum a Joanne Dominico Mansi Congregationis Clericorum Regularium Matris Dei, lucensi. Editio novissima ab authore recognita, alicubi emendata, textuum aliquot antea praeteritorum explanatione adaucta, passim vero novis animadversionibus locupletata, et XXVIII. tabulis aeneis ornata. Tomus secundus. Sumptibus Ignatii Adami et Francisci Antonii Veith Fratrum Bibliopolarum, Augustae Vind. & Wirceburgi.*
- Calmet, A., 1759. *R. P. D. Augustini Calmet Ordinis S. Benedicti abbatis Dictionarium historicum, criticum, chronologicum, geographicum et literale Sacrae Scripturae. Figuris XXX. antiquitates judaicae repraesentantibus exornatum. E gallico in latinum transtulit Ioannes Dominicus Mansi Congregationis Matris Dei, lucensis. Editio novissima. Supplementis auctoris (locus suis insertis) locupletata, et ab innumeris mendis, quibus aliae scatent, expurgata. Tomus primus. A – L. Sumptibus Ignatii Adami & Francisci Antonii Veith Fratrum Bibliopolarum, Augustae Vindelicorum.*
- Câmara Municipal de Cascais, *Lusitânia Romana – Entre o mito e a realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Facsimile, Ltda., Cascais.
- Cano, R., ed., 2004. *Historia de la lengua española*. Ariel, Barcelona.
- Cano Aguilar, R., 2013. De nuevo sobre los nombres medievales de la lengua de Castilla. *e-Spania* [Online], <http://e-spania.revues.org/22518>.
- Cantel, P. J., S. J., 1742. *Justinus De Historiis Philippicis, et Totius Mundi Originibus. Interpretatione & notis illustravit Petrus Josephus Cantel, e Societate Jesu: Jussu Christianissimi Regis, in usum Serenissimi Delphini. Editio altera, ab innumeris erroribus emendata. Huic editione accessere Jacobi Bongarsii Excerptiones Chronologicae, ad Justini Historias accomodatae. Typis Gul. Strahan, Impensis Gulielmi Innys, Londini.*
- Cantel, P. J., S. J., 1815. *Justinus De Historiis Philippicis, et Totius Mundi Originibus. Interpretatione et notis illustravit Petrus Josephus Cantel, e Societate Jesu: Jussu Christianissimi Regis, in usum Serenissimi Delphini. Editio prima americana, quinta londina, ad cujus exemplar etiamsi expressa, multis emendatior. Accessere Jacobi Bongarsii Excerptiones Chronologicae, ad Justini Historias accomodatae. M. Carey, Johnson & Warner, E. Parker, A. Finley, A. Small, J. F. Watson, M. Thomas, T. & W. Bradford, Bennet & Walton, and I. Peirce, Philadelpiae.*
- Canto, A. M., 2009. Un ‘mito’ homérico en Iberia: Zephyrus y las yeguas de Olisipo. Nuevos textos y ensayo de explicación desde la genómica, pp. 165-218, in *Câmara Municipal de Cascais*, q. v.
- Caramuel, J., 1554. *Caramuelis Metalogica Disputationes. Logicae essentia, proprietatibus et operationes continens. Sumptibus Joann. Godofredi Schönwetteri, Francofvrti.*
- Carballeira Anllo, X. M., coord., 2000. *Gran Dicionario Xerais da Lingua*. Edicións Xerais de Galicia, Vigo.
- Cardoso, J., 1562. *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*. Officina Ioannis Aluari, Lissabona.
- Carrion, L., 1576. *Lvdovici Carrionis Antiquarvm Lectionvm Commentarii III. In quibus varia scriptorium veterum loca supplentur, corriguntur & illustrantur. Ad clarissimum virum Franciscvm Nansivm I. c. apud Franconates in Flandria Senatorem PP. Christophorum Plantinum, Antverpiae.*
- Carrion, L., 1583a. *Lvd. Carrionis Emendationvm et Observationvm liber primvs. Ad V. Cl. Clavdivm Pvteanvm Consiliarum Regium in suprema curia Parisiensi. Apud Aegidium Beysium, Lvtetiae.*
- Carrion, L., 1583b. *Lvd. Carrionis Emendationvm et Observationvm liber secvndvs. Ad V. Cl. Nicolavm Fabrvm regis consiliarum. Apud Aegidium Beysivm, Lvtetiae.*

- Cary, E., 1955. *Dio's Roman History with an English translation, on the basis of the version of Herbert Baldwin Foster, Ph. D. In nine volumes. IX.* William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Castro, A., 1928. La palabra “zebro”. *Boletín de Filología Española* 15: 173-179.
- Castro, A., 1991. *Glosarios latino-españoles de la Edad Media.* Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- Castro, A. & F. de Onís, 1916. *Fueros leoneses de Zamora, Salamanca, Ledesma y Alba de Tormes. I. Textos.* Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Históricos, Madrid.
- Cauvino, P. M., Fr., 1709. *Disputationes theologicae in primam partem Summae Theologiae Sancti Thomae.* Ex Typographia Komarek, Romae.
- Cebrián Abellán, A. & J. Cano Valero, 1992. *Relaciones topográficas de los pueblos del reino de Murcia (1575-1579).* Universidad de Murcia, Secretariado de Publicaciones, Murcia.
- Chabaille, P., 1863. *Li Livres dou Tresor par Brunetto Latini. Publié pour la première fois d'après les manuscrits de la Bibliothèque Impériale de la Bibliothèque de l' Arsenal et plusieurs manuscrits des départements et de l'étranger.* Imprimerie Impériale, Paris.
- Cirot, G., 1911. La Chronique Léonaise (Mss. A 189) et G I de la R. Academia de la Historia. *Bulletin Hispanique* 13 (4): 381-439.
- Cohen, M., 1955. Zebra, zecora, hippotigris. Aventures lexicales dans les langues romanes. *Romania*, Paris 76: 145-182.
- Cohen, M., 1956. Onagre, zebre, marabou, pp. 315-330, in Institut d'Études Islamiques de l'Université de Paris & Institut Français de Damas, q. v.
- Cohen, R., 1980. The marvelous mosaics of Kissufim. *Biblical Archeology Review* 6: 16-23.
- Collet, O. & P. M. Joris, eds., 2005. *Le roman de Partonopeu de Blois.* Livre de Poche, Lettres Gothiques, Paris.
- Comas i del Brugar, M., 1661. *Qvaestiones minoris dialecticae, qvae symvlisticae vocantvr; in qvibus ea, qvae ad materiam, & formam artis differendi pertinent, ab Aristotele in libris Perihermenias, Priorum, Topicorum, & Elenchorum tradita iuxta illius, & Angelici Doctoris mentem disputatiuè declarantur.* Ex Typographia Antonij Lacaualleria, Barcinone.
- Constans, L., 1890a. *Le Roman de Thèbes publié d'après tous les manuscrits. Tome I.* Librairie de Firmin Didot et C<sup>ie</sup>, Paris.
- Constans, L., 1890b. *Chrestomatie de l'Ancien Français (IX<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècles) précédée d'un tableau sommaire de la littérature française au Moyen Âge et suivi d'un glossaire étymologique détaillé. Nouvelle édition soigneusement revue et notablement augmentée. Avec le supplément refondu.* Émile Bouillon, Éditeur, Paris.
- Constans, L., 1906. *Chrestomatie de l'Ancien Français. IX<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècles. Précédée d'un tableau sommaire de la littérature française au Moyen Âge et suivi d'un glossaire étymologique détaillé. Ouvrage couronné par l'Académie Française. Troisième édition soigneusement revue.* H. Welter, Éditeur, Paris & Leipzig.
- Corominas, J., 1954. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, 3 vols. Gredos, Madrid.
- Correa Rodríguez, J. A., 2004. Elementos no indoeuropeos e indoeuropeos en la historia lingüística hispánica, pp. 35-58, in: Cano, ed., q. v.
- Corriente, F., 2004. El elemento árabe en la historia lingüística peninsular: actuación directa e indirecta. Los arabismos en los romances peninsulares (en especial, en castellano), pp. 185-204, in Cano, ed., q. v.
- Corriente, F., 2008. *Dictionary of Arabic and allied loanwords: Spanish, Portuguese, Catalan, Gallician and kindred dialects.* Brill, Leiden/Boston.
- Covarrubias Orozco, S. de., 1611. *Tesoro de la lengua castellana, o española. Compvuesto por el licenciado Don Sebastian de Cobarruias Orozco, capellan de su Magestad, mastrescuola y canonigo de la santa yglesia*

- de Cuenca, y consultor del Santo Oficio de la Inquisicion. Dirigido a la Magestad Catolica del Rey Don Felipe III. nuestro señor.* Luis Sanchez, Impressor del Rey N. S., Madrid.
- Cunha, Antônio G. da, 1982. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Daele, H. van, 1940. *Petit dictionnaire de l'Ancien Français*. Librairie Garnier Frères, Paris.
- Damião de Góis, 1542. *Hispania Damiani a Goes, eqvitis lvsitani*. Rutgerus Rescius, Lovanii.
- Damião de Góis, 1579. *Hispania Damiani a Goes eqvitis lvsitani. Damianvs a Goes eqves lusitanvs, Petro Nannio, latino apvd lovanienses professori dignissimo, amicoque non vulgari, S. D., pp. 1235-1258, in Beale., 1579, q. v.*
- Dantas, J., 1926. Sessão de 13 de julho de 1922. *Academia das Sciencias de Lisboa. Boletim da Segunda Classe. Actas e Pareceres, Estudos, Documentos e Noticias*, Lisboa 16 (1921-1922): 110-111.
- Dapper, O., 1668. *Naukeurige beschrijvinge der afrikaensche gewesten van Egypten, Barbaryen, Lybien, Biledulgerid, Negroslant, Guinea, Ethiopiën, Abyssinie: Vertoont in de benamingen, grenspalen, revieren, steden, gewassen, dieren, zeeden, drachten, talen, rijkdommen, godsdiensten en heerschappyen. Met lantkaarten en afbeeldingen van steden, drachten, &c. na't leven getekent, en in kooper gesneden. Getrokken uyt verscheyde hedendaegse lantbeschijvers en geschriften van bereisde ondersockers dier landen*. Jabob van Meurs, t'Amsterdam.
- Dapper, O., 1676. *Naukeurige beschrijvinge der afrikaensche gewesten van Egypten, Barbaryen, Lybien, Biledulgerid, Negroslant, Guinea, Ethiopiën, Abyssinie: Vertoont in de benamingen, grenspalen, revieren, steden, gewassen, dieren, zeeden, drachten, talen, rijkdommen, godsdiensten en heerschappyen. Met lantkaarten en afbeeldingen van steden, drachten, &c. na't leven getekent, en in kooper gesneden. Getrokken uyt verscheyde hedendaegse lantbeschijvers en geschriften van bereisde ondersockers dier landen. Den tweeden druck van veel fouten verbeteret*. Jabob van Meurs, t'Amsterdam.
- Dapper, O., 1686. *Description de l'Afrique, contenant les noms, la situation & les confins de toutes ses parties, leurs rivieres, leurs villes & leurs habitations, leurs plantes & leurs animaux; les moeurs, les coùtumes, la langue, les richesses, la religion & le gouvernement de ses peuples. Avec des cartes des etats, des provinces & des villes, & des figures en taille-douce, qui representent les habits & les principales ceremonies des habitans, les plantes & les animaux les moins connus*. Wolfgang, Waesberge, Boom & van Someren, Amsterdam.
- Dauphin, C. M., 1978. Byzantine pattern pooks and 'Inhabited Scrolls' mosaics. *Art History* 1: 400-423.
- Dekker, K., 1999. Jan van Vliet (1622 – 1666): vicissitudes of a philologist, in seu *The origins of Old Germanic studies in the Low Countries*. Brill, Leiden.
- Diez, F., 1853. *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*. Adolph Marcus, Bonn.
- Dionigio Carli da Piacenza, 1687. *Il Moro trasportato nell'inclita città di Venetia, overo curioso racconto de costumi, riti, e religione de popoli dell'Africa, America, Asia, & Europa. Rauuisati dal molto reverendo Padre Dionigio Carli da Piacenza predicatore capuccino, e missionario apostolico in quelle parti. Diviso in doi libri. Consacrato all'avgusta, et immortal repvbblica Principe Serenissimo, et Eccellentissimo Senato di Venetia*. Antonio Remondinij, Bassano.
- Dombart, B., 1877. *Sancti Aurelii Augustini Episcopi De Civitate Dei Libri XXII. Vol. II. Lib. XIV-XXII*. In aedibus B. G. Teubneri, Lipsiae.
- Donkin, T. C., 1864. *An etymological dictionary of the Romance languages; chiefly from the German of Friedrich Dietz*. Williams and Norgate, London & Edinburgh.
- Dospěl, M., 2007. *P. Remedius Prutký OFM Itinerarium II. De Abyssinia et Indiis Orientalibus. Edidit, commentario instruxit et praefactus est Marek Dospěl*. Association for Central European Cultural Studies, Praha.
- Du Cange, C. du F., Sieur, 1844. *Glossarium mediae et infimae latinitatis conditum a Carolo Dufresne domino Du Cange cum supplemento integris monachorum Ordinis S. Benedicti D. P. Carpenterii adelungii, aliorum, suisque digessit G. A. L. Henschel. Tomus tertius*. Firmin Didot Fratres, Paris.

- Duff, J. D., 1961. *Silius Italicus. Punica. With an English translation. In two volumes. I.* William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Duff, J. W. & A. M. Duff, 1934. *Minor Latin Poets. With introduction and English translations.* William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Duyvendak, J. J. L., 1933. Ma Huan re-examined. *Verhandelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam, Afdeling Letterkunde Nieuwe reeks* 32 (3): 1-74.
- Edwards, G., 1758. *Gleanings of Natural History, exhibiting figures of quadrupeds, birds, insects, plantas, &c. Most of which have not, till now, been either figured or described. With descriptions of seventy different subjects, designed, engraved, and coloured after nature, on fifty copper-plates prints/ Glanures d'Histoire Naturelle, consistant en figures de quadrupedes, d'oiseaux, d'insectes, de plantes, &c. Dont on n'avoit point encore eu, pour la plus part, de desseins, ou d'explications; avec les descriptions de soixante et dix différens sujets, dessinés, gravés, et coloriés d'après nature, en cinquante planches. Et traduit de l'anglois par J. du Plessis, Ministre du S. E.* Printed for the Author, at the Royal College of Physicians, London.
- Egry, A. de, 1972. *Um estudo de O Apocalipse do Lorrão e a sua relação com as ilustrações medievais do Apocalipse.* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- El-Chennafi, M., 1976. Mention nouvelle d'une "reine éthiopienne" au IV<sup>e</sup> s. de l'Hégire/ X<sup>e</sup> s. ap. J. C. *Annales d'Éthiopie* 10: 119-121.
- Elizondo, T. E., 2004. La lengua vasca en la historia lingüística hispánica, pp. 59-80, in Cano, ed., q. v.
- Emiliano, A., 1999. O mais antigo documento latino-português (882 a.D.) – edição e estudo grafêmico. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, Santiago de Compostela 26: 7-42.
- Enk, P. J., 1918. *Gratti Cynegeticon quae supersunt. Cum prolegomenis, notis criticis, commentario exegetico. Pars prima. Prolegomena et textum continens.* Apud W. J. Thieme & C<sup>IE</sup>, Zutphaniae & Apud Humphredum Milford, Londini.
- Enrique de Aragón, Marqués de Villena, [1425] 2003. *Tratado de fascinación o de aojamiento.* Biblioteca Virtual Universal. [www.biblioteca.org/libros/789.pdf](http://www.biblioteca.org/libros/789.pdf).
- Enrique de Aragón, Marqués de Villena, 1766. *Arte cisoria, ó Tratado del arte de cortar del cuchillo, que escribió Don Henrique de Aragon, Marques de Villena: la da a lus, con licencia del Rey nuestro señor; la Bibliotheca Real de San Lorenzo del Escorial.* Oficina de Antonio Marin, Madrid.
- d'Étaples, J. L., 1503. *[Iacobi Fabri Stapulensis] Libri logicorum ad archeypus recogniti, cum novis ad litterã cõmentarijs: ad felices Parhisorũ & cõmuniter aliorum studiorũ successus, in lucem prodeant, ferantq' litteris opem.* Ex Officina Volphangiana, Paris.
- Falcão, A. de M., 1823. Memoria historica sobre a Villa de Cea. *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa (Memorias dos Correspondentes)* 8 (2): 1-42.
- Faral, E., 1913. Ovide et le Roman de Thèbes, pp. 63-71, in seu *Recherches sur les sources latines des contes et romans courtois du Moyen Âge.* Librairie Ancienne Honoré Champion, Éditeur Edouard Champion, Paris.
- Fenollar, B., 1497. *Lo procès de les olives e disputa dels joves hi dels vells, fet per alguns trobadors avant nomeats, e lo sompni de Johan Johan.* Lope de Roca, Valencia.
- Fernandes, R. M. R., 1984. O vento, as éguas da Lusitânia e os autores gregos e latinos. *Euphrosyne. Revista de Filologia Clássica*, Lisboa 12: 53-77.
- Fernández Galiano, D., 1957. El enebro o asno salvaje en el Teruel medieval y consideraciones sobre su extinción. *Teruel* 17-18: 127-141.
- Fernández López, J. A., 2011. *Mostrador e enseñador de los turbados.* Notas sobre el primer romanceado de la *Guía de perplejos. Anales del Seminario de Historia de la Filosofía* 28: 39-70.
- Fernández Roca, X. A. & M. J. Martínez López, eds, 202. *Vir bonus docendi peritus: Homenaxe a José Pérez Riesco.* Faculdade de Filoloxía, Universidade de Coruña, A Coruña.



- Ferraces Rodríguez, A., 2002. Un manuscrito com textos inéditos de las *Curae ex animalibus*, pp. 123-139, in Fernández Roca & Martínez López, eds., q. v.
- Ferraces Rodríguez, A., 2009. Unité, réélaboration des sources et composition d'un réceptaire du haut Moyen-Âge: *Curae quae ex hominibus atque animalibus fiunt*, pp. 207-222, in Le Blay, org., q. v.
- Ferraces Rodríguez, A., 2013. *Ars medicinalis de animalibus*. Estudio y edición crítica de um *anecdutum* de zooterapia altomedieval. *Myrtia. Revista de Filología Clásica*, Murcia 28: 125-241.
- Ferrand, G., 1925. Le *Tuhfat al-Albāb* de Abū Ḥamid al-Andalusi al-Ġarnāṭī édité d'après les MSS. 2167, 2168, 2170 de la Bibliothèque Nationale et les MS. D'Alger. *Journal Asiatique. Recueil de Mémoires et de Notices relatifs aux Études orientales publié par la Société Asiatique*, Paris 207: 1-148, 193-304.
- Ferreras, J. de, 1727. *Historia de España, parte XVI. Emmendada, añadida, y vindicada. Por Don Juan de Ferreras, Cura de la Parrochial de San Andrés de Madrid. Examinador Synodal de el Arzobispado de Toledo, y de el Tribunal de la Nunciatura, Calificador de el Supremo Consejo de la Santa Inquisicion, y su Revisor, y Bibliothecario Mayor de la Real Libreria de su Magestad*. Imprenta de Domingo Fernandez, Madrid. [A segunda parte desta obra contém um *Apendice a nuestra Historia de España*, com paginação independente].
- Figueiredo, A. P. de, 1825. Dissertação IV. Das egoas da Lusitania, de que se creo que concebião do Zefyro, e onde era nos campos de Lisboa, que ellas pastavão. *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* 9: 100-106.
- Filesì, T., 1962. *Le relazioni della Cina con l'Africa nel Medio-Evo*. Giuffrè, Milano.
- Filesì, T., 1972. *China and Africa in the Middle-Ages*. Frank Cass in Association with the Central Asian Research Centre, London [F. Cass Library of African Studies. General Studies, no. 144].
- Fischer, G., 1814. *Zoognosia. Tabulis synopticis illustrata, auctore Gotthelf Fischer. In usum praelectionum Academiae Imperialis Medico-Chirurgicae Mosquensis. Volumen tertium. Quadrupedum reliquiorum, cetorum et monotrymatum descriptionem continens*. Typis Nicolai Sergeidis Vsevolozsky, Mosquae.
- Florez, H., 1789. *España sagrada. Theatro geographic-historico de la Iglesia de España. Origen, divisiones, y limites de todas sus provincias. Antigüedad, traslaciones, y estado antiguo, y presente de sus Silas, con varias disertaciones criticas. Tomo XVII. De la santa igleia de Orense en su estado antiguo y presente*. Oficina de Pedro Marin, Madrid.
- Florio, J., 1598. *A worlde of wordes, or most copious, and exact dictionaire in Italian and English, collected by Iohn Florio*. Arnold Hatfield for Edw. Blount, London.
- Forster, E. S. & E. H. Heffner, orgs., 1954. *Lucius Junius Moderatus Columella. On Agriculture. With a recension of the text and an English translation. In three volumes. II. Res Rustica V-IX*. William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Foulché-Delbosc, R., org., 1912. *Cancionero castellano del siglo XV. Tomo I*. Casa Editorial Bailly-Baillièrre, Madrid [Nueva Biblioteca de Autores Españoles vol. XIX].
- Frago Gracia, J. A., 1987. Toponimia navarroaragonesa del Ebro (VI): Fauna. *Archivo de Filología Aragonesa* 39: 55-88.
- Franciosini, L., 1638. *Vocabylario español, e italiano. En ésta tercèra impression corregido, y añadido por su verdadero auctor Lorenzo Franciosin florentin, professor en Sena de la lengua toscana, y castellana. Segunda parte*. Empronta de la Reu. Camera Apostolica, Roma.
- Franck, J., 1949. *Etymologisch woordenboek der nederlansche taal*. Martinus Nijhof, s'Gravenhage.
- Frazer, J. G., 1959. *Ovid's Fasti. With an English translation*. William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Gallegos, M. de, 1635. *Templo da memoria. Poema epithalamico, nas felicissimas bodas do Excellentissimo senhor Duque de Bragança, & de Barcelos*. Lourenço Craesbeeck, Lisboa.
- García Arias, X. L., 2006. *Arabismos nel dominiu lingüístico ástur*. Academia de la Llingua Asturiana, Llibrería Llingüística, Uviéu.

- García-Gelabert Pérez, M. P. & J. M. Blásquez Martínez, 2006. Dioses y caballos en la Iberia prerromana. *Lycen-tvm* 15: 77-123.
- García Masegosa, 1996. Las yeguas fecundadas por el viento. *Minius, Revista do Departamento de Historia, Arte e Xeografía*, Vigo 5: 97-101.
- Garibay y Zamalloa, E., 1628. *Los qvarenta libros del Compedio Historial de las Chronicas y Vniversal Historia de todos los Reynos de España. Compvestos por Estevan de Garibay y Çamalloa, de nacion cantabro, vezino de la villa de Mondragon, de la prouincia de Guipuzcoa, diuidido en quatro tomos. Dirigido al doctor Monserrate Ramon, y del Consejo de su Magestad, en el principado de Cathaluña. Tomo primero.* Sebastian de Cormellas, Barcelona.
- Garstad, B., 2012. *Apokalypse of Pseudo-Methodius. An Alexandrian world chronicle.* Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Gentili, S., 1585. *Scipii Gentilis Nerevs sive De Natali Elizabethae illustriss. Philippi Sydnaei filiae.* Apud Iohannem Volfium, Londini.
- Giamboni, B., 1528. *Il Tesoro di M. Brunetto Latino Fiorentino, precettore del diuino poeta Dante nel qual si tratta di tutte le cose che a mortali se appartengono.* Gioan Antonio & Fratelli da Sabbio: Ad istanza di Nicolo Garanta & Francesco da Sali Libbrari & Compagni, Vineggia.
- Giamboni, B., 1533. *Il Tesoro di M. Brunetto Latino Fiorentino, precettore del diuino poeta Dante: nel qual se tratta di tutte le cose che à mortali si appartengono.* Marchio Sessa, Vinegia.
- Giamboni, B., 1839. *Il Tesoro di Brunetto Latini volgarizzato da Bono Giamboni nuovamente pubblicato secondo l'edizione del MDXXXIII. Volume I.* Tipi de' Gondolieri, Venezia.
- Girolamo Merolla da Sorrento, 1692. *Breve, e svccinta Relatione del Viaggio nel Regno di Congo nell'Africa meridionale fatto dal P. Girolamo Merolla da Sorrento, sacerdote cappuccino, missionario apostolico. Continente variati clima, arie, animali, fiumi, frutti, vestimenti con proprie figure, diuersità di costumi, e di viueri per l'vso humano. Scritto, e ridotto al presente stile istorico, e narratiuo dal P. Angelo Piccardo da Napoli predicatore dell'istess'Ordine. Diviso in dve parti. Dedicato all'Emin.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Cardinal Acciaiuoli.* Francesco Mollo, Napoli.
- Girolamo Merolla da Sorrento, 1726. *Breve, e succinta Relazione del Viaggio nel Regno di Congo nell'Africa meridionale, fatto dal P. Girolamo Merolla da Sorrento sacerdote cappuccino missionario apostolico. Contiente variati clima, arie, animali, fiumi, frutti, vestimenti con proprie figure, diversità di costumi, e di viveri per l'uso humano. Scritto, e ridotto al presente stile istorico, e narrativo dal P. Angelo Piccardo da Napoli predicatore dell'istesso Ordine. Diviso in due parti.* Napoli.
- Gmelin, J. F., 1789. *Caroli a Linné, Systema Naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species; cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus primus. Editio decima tertia, aucta, reformatata.* J. B. Demamolliere, Ludgduni.
- Godefroy, J., 1663. *Philostorgii cappadocis, veteris sub Theodosio Ivniore scriptores, Ecclesiasticae Historiae, a Constantino M. Ariiq' initiis ad sua usque tempora, Libri XII à Photio Patriarcha Constantinopolitano, peculiari (extra bibliothecam eius hactenus editam) opere, in Epitome contracti. Nunc primum editi à Iacobo Gothofredo: Vnà cum versione, supplementis nonnullis, indiceq' accurato, & prolixioribus dissertationibus.* Sumptibus Iacobi Chouët, Genevae.
- Góis, D. de, 1554. *Vrbis Olisiponis Descriptio per Damianvm Goem eqvitem lvsitanvm, in qua obiter tractantur nōnulla de indica nauigatione, per graecos, et poenos et lusitanos, diuersis temporibus inculcata.* Andream Burgensem, Eborae.
- Goldstaub, M. & R. Wendriner, 1892. *Ein tosko-venezianischer Bestiarius.* Max Niemeyer, Halle a. S.
- Googe, B., 1586. *Fovre Bookes of Hvsbandrie, collected by M. Conradvs Heresbachivs, Councillor to the high and mightie Prince, the Duke of Cleue: containing the whole art and trade of Husbandrie, Gardening, Graffing, and planting, with the antiquitie and commendation thereof. Newly Englished, and increased by Barnabe Googe, Esquire.* Iohn Wight, London.
- Gorosch, M., 1950. *El Fuero de Teruel* [Tilander, G., *Leges Hispanicae Medii Aevi I*]. Almqvist & Wiksells Bok-

tryckeri AB, Stokholm.

- Grandsagne, J; B. F. S. A. de, 1829. *Caii Plinii Secundi Historiae Naturalis libri XXXVII. Cum selectis J. Harduini, Dalecampii, Bodaei, Gerardi, Sprengelii, atque aliorum notis et excursibus. Pars quinta continens materiam medicam ex animalibus curante Jo. B. F. Ajasson de Grandsagne. Volumen octavum.* Nicolaus Eligius Lemaire, Parisiis.
- Griffith, E., 1827. *The animal kingdom arranged in conformity with its organization, by the Baron Cuvier, member of the Institute of France, &c. &c. &c. with additional descriptions of all the species hitherto named, and of many others not before noticed. Volume the third.* Geo. B. Whittaker, London.
- Grimm, H. N., 1683. Observatio CXLIX. D. Hermanni Nicolai Grimm. Lapidis de Bombaco, vel Mombaza, p. 368, in *Academia Naturae Curiosorum, q. v.*
- Grimm, J., 1831. *Silva de romances viejos.* Schmidl, Vienna.
- Grotius, H., 1779. *Hvgonis Grotii Annotationvm in Vetvs Testamentvm avctarivm scripsit Ioh. Christophorus Doderlein theologvs altorsinvs. Tom. I. Qvi continet observations in libros poeticos.* Apvd Io. Iac. Cvrt, Halae.
- Gruytere, J. de, 1604. *Lampas, sive Fax Artivm Liberalivm, hoc est, Thesavrus Criticvs, in qvo infinitis locis theologorum, iurisconsultorum, medicorum, philosophorum, oratorum, historicorum, poetarum, grammaticorum, scripta supplentur, corriguntur, illustrantur, notantur. Tomus tertius. Ex otiosa bibliothecarum custodia erutus, & foras prodire iussus, a Iano Grvtero. Cum indice & locorum memorabilium.* E Collegio Paltheniano, Sumtibus Ionae Rhodii Bibliopolae, Francofvrti.
- Hachlili, R., 1988. *Ancient Jewish art and archaeology in the land of Israel.* E. J. Brill, Leiden [J. Stargadt, ed., Handbuch der Orientalistik. Siebente Abteilung. Kunst und Archäologie. Erster Band. Der Alte Vordere Orient. Zweiter Abschnitt. Die Denkmäler, herausgegeben von B. Hrouda. B – Vorderasien. Lieferung 4].
- Hachlili, R., 2009. *Ancient mosaic pavements. Themes, issues, and trends. Selected studies.* Brill, Leiden.
- Hackett, H. B. & E. Abbot, 1872. *Dr. William Smith's Dictionary of the Bible; containing its antiquities, biography, geography, and natural history. Volume I. A to Gennesaret, Land of.* Hurd and Houghton, New York.
- Hamilton, H. C. & W. Falconer, 1854. *The Geography of Strabo. Literally translated, with notes. In three volumes. Vol. I.* Henry G. Bohn, London.
- Hanovius, M. C., 1778. *Philosophiae natvralis sive Physicae dogmaticae tomus IV. et vltimus continens botanologiam physicam, zoologiam, anthropologiam generalem, physiologiam et pathologiam physicam hoc est herbarvm, animalivm atqve hominis scientiam. Tanquam continuationem systematis philophici Christiani L. B. de Wolff, potentissimi borvssorum Regis consiliarii intimi, Fridericianae cancellarii et senioris etc. Avtore Michaele Christoph. Hanovio, gymnasia academici gedanensis profess. philos., eivsdemqve bibliothecario.* Officina Libraria Rengeriana, Halae Magdebvrgicae.
- Haro Cortés, M., 1996. Un nuevo testimonio fragmentario de los *Bocados de Oro*. *Revista de Literatura Medieval* 8: 9-25.
- Harvey, W., 1666. *Exercitationes de generatione animalivm. Quibus accedunt quaedam De Partu: de Membris ac humoris vteri: & de Conceptione.* Avtore Gvlielmo Harveo anglo, in Collegio Medicorum Londinensium anatomes & chirurgiae professore, *Cum elencho exercitationum.* Typis Heredum Pauli Frambotti, Bbliop., Patavii.
- Haupt, M., 1838. *Ovidii Haliievtica. Gratii et Nemesiani Cynegetica. Ex recensione Mavritii Havptii. Accedvnt inedita latina et tabvla lithographica.* Apvd Weidmannos, Lisiae.
- Herculano, A., 1858. *Portvgaliae Monvmenta Historica a saevclo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Sciantiarvm Olisiponensis edita. Leges et consvetudines Volvmen I. Fascicvlus II.* Typis Academicis, Olisipone.
- Herculano, A., 1863. *Portvgaliae Monvmenta Historica a saevclo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Sciantiarvm Olisiponensis edita. Leges et consvetudines Volvmen I. Fascicvlus III.* Typis Academicis, Olisipone.

- Herculano, A., 1864. *Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Crhistvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Sciantiarvm Olisiponensis edita. Leges et consvetudines Volvmen I. Fascicvlvs IV*. Typis Academicis, Olisipone.
- Herculano, A., 1866. *Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Sciantiarvm Olisiponensis edita. Leges et consvetudines Volvmen I. Fascicvlvs V*. Typis Academicis, Olisipone.
- Herculano, A., 1867. *Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Sciantiarvm Olisiponensis edita. Diplomata at chartae. Volvmen I [Fasc. I]*. Typis Academicis, Olisipone.
- Herculano, A., 1869. *Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Sciantiarvm Olisiponensis edita. Diplomata at chartae. Volvmen I. Fascicvlvs II*. Typis Academicis, Olisipone.
- Herculano, A., 1870. *Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Sciantiarvm Olisiponensis edita. Diplomata at chartae. Volvmen I. Fascicvlvs III*. Typis Academicis, Olisipone.
- Herculano, A., 1873. *Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Crhistvm vsque ad qvintvmdecimvm ivssv Academiae Sciantiarvm Olisiponensis edita. Diplomata at chartae. Volvmen I. Fascicvlvs IV*. Typis Academicis, Olisipone.
- Heresbach, C., 1570. *Rei Rvsticae libri qvatvuor, vniversam rvsticam disciplinam complectentes, vnâ cum appendice oraculorum rusticorum Coronidis vice adiecta. Item, De Venatione, Avcvpio atqve Piscatione compendium, in vsvm Heroum patrumq' familiâs ruri agentium concinnatum*. Apud Ioannem Birckmannum, Coloniae.
- Hernández de Córdoba, F., 1615. *Francisci Fernandii de Cordova cordvbensis Didascalía Multiplex. Nunc pri-mùm in lucem emissa. Cvm qvinqve indicibvs necessariis*. Sumptibus Horatij Cardon, Lvgdvni.
- Hirth, F. & W. W. Rockhill, 1911. *Chau Ju-Kua: His work on the Chinese and Arab trade in the twelfth and thirteenth centuries, entitled Chu-fan-chi. Translated from the Chinese and annotated*. Printing Office of the Imperial Academy of Sciences, St. Petersburg.
- Howald, E. & H. Sigerist, orgs., 1927. *Sextus Placidus. Liber medicinae ex animalibus pecoribus et bestiis vel avibus*. Teubner, Berlin.
- Hüe, D., A. Delamare & C. Ferlampin-Acher, eds., 2008. *22<sup>e</sup> Congrès de la Société Internationale Arthuriennne, 22<sup>nd</sup> Congress of the International Arthurian Society. Rennes 2008. Actes. Proceedings. Réunis et publiés en ligne par Denis Hüe, Anne Delamaire et Christine Ferlampin-Acher*. [<http://www.uhb.fr/alc/ias/actes/index/htm>].
- Hutchinson, M., 1881. *A report of the Kingdom of Congo, and of the surrounding countries; drawn out of the writings and discourses of the Portuguese, Duarte Lopez, by Filippo Pigafetta, in Rome, 1592. Newly translated from the Italian, and edited, with explanatory notes, by Marguerite Hutchinson. With facsimiles of the original maps, and a preface by Sir Thomas Fowell Buxton*. John Murray, London.
- Information Office of the People's Government of Fujian Province, 2005. *Zheng He's voyages down the western seas*. China Intercontinental Press, Beijing.
- Institut d'Études Islamiques de l'Université de Paris & Institut Français de Damas, 1956. *Mélanges Louis Massignon. Tome I*. Institut Français de Damas, Damas.
- Isenberg, C. W., 1841. *Dictionary of the Amharic language. In two parts. Amharic and English, and English and Amharic*. The Church Missionary Society, London.
- Jansen, T., P. Forstern, M. A. Levine, H. Oelke, M. Hurles, C. Renfrew, J. Weber & O. Olek, 2002. Mitochondrial DNA and the origins of the domestic horse. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 99 (16): 10905-10910.
- Jassem, Z. A., 2013. The Arabic origins of 'animal terms' in English, German, and French: a lexical root theory



- approach. *Language in India*. 13(4): 68-106.
- Javier Campo, F. & F. de Sevilla, 2005. Los pueblos de La Mancha a fines del siglo XVI según las “Relaciones Topográficas” de Felipe II. *Cuadernos de Investigación Histórica*, Madrid 22: 115-142.
- Jiménez de Rada, R., 1579. Roderici archiepiscopi toletani Ostrogothorum Historia, pp. 135-289, in Beale., 1759, q. v.
- Jones, W. H. S., 1963. *Pliny. Natural History. With an English translation. In ten volumes. Volume III. Libri XXVIII-XXXII*. Harvard University Press, Cambridge & William Heinemann Ltd., London.
- Johnson, S., 1789. *A Voyage to Abyssinia, by father Jerome Lobo, a Portuguese missionary. Containing the history, natural, civil, and ecclesiastical, of that remote and unfrequented country. Continued down to the beginning of the eighteenth century: With fifteen dissertations on various subjects, relating to the antiquities, government, religion, manners and natural history, of Abyssinia. By M. Le Grand. Translated from the French by Samuel Johnson, LL. D. To which are added, various other tracts by the same author; not published by Sir John Hawkins or Mr Stockdale*. Elliot & Kay, London and C. Elliot, Edinburgh.
- Johnson, T., 1699. *Gratii Falisci Cynegeticon, cum poematio cognomina M. A. Olympii Nemesiani carthaginensis: Notis perpetuis, variisq' lectionibus adornavit Thomas Johnson, M. A. Accedunt Hier. Fracastorii Alcon, carmen pastoritium: Jo. Caii, angli, De Canibus Libellus: Ut & opusculum vetus Κνωσόφιον, dict. seu, de Cura Canem, incerto authore*. Impensis Car. Harpez, Londini.
- Jonstonus, J., 1661. *Thaumatographia naturalis, in decem classes distincta, in quibus admiranda I. Coeli. II. Elementorum. III. Meteorum. IV. Fossilium. V. Plantarum. VI. Avium. VII. Quadrupedum. VIII. Exanguium. IX. Piscium. X. Hominis*. Apud Joannem Janssonium à Waesberge et Elizeum Weyerstraet, Amstelodami.
- Jonstonus, J., 1665. *Thaumatographia naturalis, in decem classes distincta, in quibus admiranda I. Coeli. II. Elementorum. III. Meteorum. IV. Fossilium. V. Plantarum. VI. Avium. VII. Quadrupedum. VIII. Exanguium. IX. Piscium. X. Hominis*. Joannem Janssonium à Waesberge et Elizeum Weyerstraet, Amstelodami.
- Jordanus, 1839. Mirabilia descripta per Fratrem Jordanum, Ordinis Praedicatorum, oriendum de Severaco, in India Majori episcopum columbensem. [Société de Géographie] *Recueil de Voyages et de Mémoires*, Paris 4: 37-64.
- Klein, J. T., 1751. *Iabobi Theodori Klein Secr. Civ. Ged. Soc. Reg. Lond. et Acad. Scient. Bonon. Membri Quadrupedum Dispositio atque brevisque Historia Natvralis*. Apvd Ionam Schimidt, Lipsiae.
- Kluge, F., 1989, *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. 22. Auflage. Walter de Gruyter, Berlin/ New York.
- Körting, G., 1901. *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch. Zweite, vermehrte und verbesserte Ausgabe*. Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh, Padeborn.
- Kolbe, P., 1719. *Caput Bonae Spei hodiernum. Das ist: vollständige Beschreibung des Africanischen Vorgebürges der Guten Hoffnung. Worinnen in dreyen Theilen abgehandelt wird, wie es heute zu Tage, nach seiner Situation und Eigenschaft aussiehet; ingleichen was ein NaturForscher in den dreyen Reichen der Natur daselbst findet und antrifft: Wie nicht weniger, was die eigenen Einwohner die Hottentotten, vor seltsame Sitten und Gebräuchen haben: Und undlich alles, was die Europaeischen daselbst gestifteten Colonien abetrifft. Nebst noch vielen andern curieusen und bissherto unbekandt-gewesenen Erzehlungen mit wahrhafter Feder ausführlich entworfen: auch mit nöhtigen Kupfern gezieret, und einem doppelten Register versehen*. Peter Corad Monath, Nürnberg.
- Kolbe, P., 1727. *Naaukeurige en uitvoerige beschryving van de Kaap de Goede Hoop, behelzende een zeer omstandig verhaal van den tegenwoordigen toestant van dat vermaarde gewest, deszelfs gelegenheit, haven, sterkte, regeringsvorm, uitgestrektheit, en onlangs ontdekte aanleggende landen; nevens een geleerde beschryving van het klimaat en aart van dat landschap; van deszelfs dieren, visschen, vogelen, planten, kruiden; mitsgaders verscheide wonderen der natuur, daar te lande ontdekt; waar by nog komt, een zeer nette en uit eige ondervinding opgemaakte beschryving van den oorsprong der Hottentotten: Vervattende en merkwaardig bericht van derzelve tale, godsdienst, levenswyze, zeldzame overleveringen, gewoonten, maniere van trouwen, besnydenis, opvoeding; als mede veele andere kurieuse waarnemingen aangaande de zeden van die natie ; den toestant van die colonie en europeansche inwoners : ingene andere beschryving van dit gewest te vinden. Alles, geduurende een lang verbyf aan de gemelde Kaap, na waarheit beschreven*.

- Met kurieuse, nieuwe en nodige kaarten en vele printverbeeldingen opgeheldert en versiert. Eerste deel.* Balthazar Lakeman, Amsterdam.
- Kolbe, P., 1741. *Description du Cap de Bonne-Esperance. Où l'on trouve tout ce qui concerne l'histoire-naturelle du pays; la religion, les moeurs & les usages des Hottentots; et l'établissement des hollandois. Tirée des memoires de Mr. Pierre Kolbe, Maitre ès Arts, dressés pendant un séjour de six années dans cette colonie, où il avoit été envoyé pour faire des observations astronomiques & physiques. Tome troisième.* Jean Caffé, Amsterdam.
- Kopp, U. F., 1836. *Martiani Minei Felicis Capellae, afri carthaginiensis, De Nuptiis Philologiae et Mercurii et de Septem Artibus Liberalibus Libri Novem. Ad codicum manuscriptorum fidem cum notis Bon. Vulcanii, Hug. Grotii, Casp. Barthii, Cl. Salmasii, H. J. Arntzenii, Corn. Vonckii, P. Bondami, L. Walthardi, Jo. Ad. Goezii, Henr. Susii, Marc. Meibomi aliorumque. Partim integris partim selectis et commentario perpetuo edidit Ulricus Fridericus Kopp, Hassus Casselanus.* Franciscum Varrentrapp, Francofurti ad Moenum.
- Kramer, G., 1844. *Strabonis Geographica recensuit commentario critico instruxit Gustavus Kramer Gimnasii Regii Gallici Director. Volumen I.* Libraria Friderici Nicolai, Berolini.
- Kremer, Dieter., 2004. El elemento germánico y su influencia en la historia lingüística peninsular, pp. 133-148, in Cano, ed., q. v.
- Kütner, C. A., 1775. *Gratii Falisci Cynegeticon et M. Avrelii Olympii Nemesiani Cynegeticon cum notis selectis Titii, Barthii, Vlitii, Johnstonii et Petri Byrmanni integris.* Apud Iacob. Frider. Hinzivm, Mitaviae.
- La Cerda, J. L. de, S. J., 1628. *P. Virgilii Maronis Bucolica et Georgica. Argumentis, explicationibus, et notis illustrata.* Svmptibus Bernardi Gvalteri, Coloniae Agrippinae.
- Lacombe, M., 1767. *Dictionnaire du Vieux Langage François; contenant aussi la Langue Romance ou Provençale, & la Normande, du neuvieme au quinzieme siecle; enrichi de passages en vers & en prose, pour faciliter l'intelligence des loix, des usages, des coutumes & des actes publics: Avec un coup d'oeil sur l'origine, sur les progrès de la langue & de la poésie Française, des fragmens des troubadours & des autres poëtes, depuis Charlemagne jusques à François I. Supplement, 6 liv. Broché.* Chez Nicolas Augustin Delalain, Libraire, Paris.
- Lactantius, L. C. F., 1548. *L. Coelii Lactantii Firmiani Diuinarum Institutionum Lib. VII. De Ira Dei Liber I. De Opificio Dei Liber I. Epitome in libros suos, Liber acephalos. Carmen de Phaenice, Resurrectione Dominica, Passione Domini. Omnia ex castigatione Honorati Fasitelis Veneti pristinae integritati restituta.* Apud Ioan. Tornaesium & Gulielmum Gazeium, Lvgdvni.
- Lagarde, P. de, 1883. *Petri Hispani De lingua arabica libri duo.* In Aedibus Dieterichianis Arnoldi Noyer, Göttingae.
- Landgraf, E., 1928. Ein frühmittelaltlicher Botanicus. *Kyklos*, Leipzig 1: 114-146.
- Långfors, A., 1907. *Li Regres Nostre Dame par Huon le Roi de Cambrai. Publié d'après tous les manuscrits connus.* Librairie Ancienne Honoré Champion, Paris.
- Lansius, T., 1620. *F.[riderici] A.[achillis] D.[uci] W.[wurtembergiae] Consultationis de principatu inter provincias Evropae. Editio secvnda: priori emaculatio & auctior: opera & studio Thomae Lansii.* Eberhardus Wildius, Tvbingae.
- Lansius, T., 1635. *F.[rederici] A.[achillis] D.[uci] W.[wurtembergiae] Consultationis de principatu inter provincias Evropae. Editio quarta prioribus auctior: opera Thomae Lansii.* Typis Brunnianis, Tvbingae.
- Lansius, T., 1637. *Fred. Achillis ducis Wurtembergiae &c. Consvltatio de principatu inter provincias Evropae. Operâ & Studio Thomae Lansii. Editio novissima. Accedunt hac editione De Svecorum, Slavorym, Dalmatarvm & Batavorvm regionibus, successibus & virtutibus dissertationes.* Ioannem Ianssonivm, Amstelodami.
- Lapa, M. R., 1966. O trovador D. Lopo Dias. Introdução ao estudo do seu cancioneiro. *Grial*, Vigo 4 (12): 129-148.
- Lapa, M. R., 1982. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval.* Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Coningrigensis), Coimbra.

- Lapa, R., 1970. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2ª edição, revista e acrescentada. Editorial Galaxia, Vigo.
- Lapa, R., 1933. Fray Martín Sarmiento e o vocábulo “caritel”. *Boletim de Filologia*, Lisboa 1 (3-4): 185-188.
- Larajasse, E. de, 1897. *Somali-English and English-Somali dictionary*. Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd., London.
- Latini, B., 1474 [“adi xvi decēbrio”]. *Qui inhomincia il tesoro di Brunetto latino di Firenze*. [Girardo Frandrino], Triuiso.
- Leão, D. N. do, 1610. *Descrição do Reino de Portvgal. Por Duarte Nunez do Leão, desembargador da casa da supplicação. Dirigido ao illustrissimo & muito excellente sñor Dom Diogo da Sylua, Duque de Francauilla, Conde de Salinas & Riudeo, presidente do conselho da coroa de Portugal*. Iorge Rodriguez, Lisboa.
- Le Blay, F., 2010. *Transmettre les savoirs dans les mondes hellénistique et romain*. Presses Universitaires de Rennes, Rennes.
- Le Grand, (-), 1728. *Voyage historique d'Abissinie, du R. P. Jerome Lobo de la Compagnie de Jesus. Traduite du Portugais, continuée & augmentée de plusieurs dissertations, lettres et memoires*. P. Gosse & J. Neaulme, Paris & La Haye.
- Lemaire, N. E., 1824. *Poetae latini minores. Gratii et Nemesiani Cynegetica, T. Calpurnii Siculi Eclogae. Q. Ennii, Severi Sancti, Bedae, Septimi Sereni, Ausonii, Cassii Parmenis, Optatiani Porphyrii; et açiorum carmina, quae notis veteribus ac novis illustravit N. E. Lemaire. Volumen primum*. Nicolaus Eligius Lemaire, Parisiis.
- Leopardi, G., 1921. *Pensieri di varia filoofia e di bella letteratura. Volume primo*. Successori Le Monnier, Firenze.
- Leutholf [Ludolfus], I., 1676. *Sciographia historiae aethiopiae, sive regni abessinorum, quod vulgo perperam Presbyteri Johannis vocatur*. Krebs, Jena.
- Leutholf [Ludolfus], I., 1681. *Iobi Lvdolfi aliàs Leutholf dicti Historia Aethiopica, sive brevis & succinta descriptio Regni Habessinorum, quod vulgò malè Presbyteri Iohannis vocatur. In qua libros quatuor agit I. De natura & indole regionis & incolarum. II. De regimine politico, regum successione &c. III. De statu ecclesiastico, initio & progressu religionis christianae &c. IV. De rebus privatis, literaturâ, oeconomia, &c. Cum tabulâ capitum, & indicibus necessariis*. Prostat apud Joh. David Zunner. Typis Balthasaris Christophori Wustii Sen., Francofurti ad Moenum.
- Leutholf [Ludolfus], I., 1691. *Iobi Lvdolfi aliàs Leutholf dicti ad suam Historiam Aethiopicam antehac editam Commentarivm in quo multa breviter dicta fusius narrantur: contraria refelluntur: atque hac occasione praeter res aethiopicas multa autorum, quaedam etiam S. Scripturae loca declarantur: Aliaque plurima geographica, historica et critica, imprimis verò antiquitatem ecclesiasticam illvstrantia, alibi haud faciliè exponuntur; ut variarvm observationvm loco haberi possit. Cum tabula capitum, figuris, & variis indicibus locupletissimis. Summam operis habes initio libri*. Sumptibus Johannis David Zvnneri, Typis Martini Jacqueti, Francofurti ad Moenum.
- Leutholf [Ludolfus], I., 1693. *Appendix ad Historiam Aethiopicam Iobi Lvdolfi illiusque Commentarivm, ex Nova Relatione de hodierno Habessiniae Statu concinnata. Additis epistolis Regiis ad Societatem Indiae Orientalis, ejusque responsione cum notis necessariis*. Sumptibus Johannis Davidis Zunneri, Typis Martini Jacqueti, Francofurti ad Moenum.
- Leutholf [Ludolfus], I., 1698. **ግዛታ : ቃላት : ስልጠና** : seu *Lexicon Amharico-Latinum cum indice latino copioso inquirendis vocabulis amharicis in hoc opere contentis*. Prostat apud Johannem David Zunnerum, Impressit Martinus Jaquetus, Francofurti ad Moenum.
- Leutholf [Ludolfus], I., 1699. *Iobi Ludolfi Lexicon Aethiopico-Latinum: Ex omnibus libris impressis, et multis MSSStis contextum. Nunc denuo ab ipso Autore revisum ac emendatum, plurimisque novis radicibus & derivatis, nen non nominibus propriis auctum, ut in praefatione pluribus dicitur. Editio secunda accedis index latinus copiosissimus, quovicem lexicis latini-aethiopici praestare possit*. Prostat apud Johannem David Zunnerum. Typis & sumtibus Autoris impressit Mart. Jacquet, Francofurti ad Moenum.<sup>201</sup>

<sup>201</sup> No frontispício dessa obra, encimando o título latino, consta:

- Lindsay, W. M., 1911a. *Isidori hispalensis episcopi Etymologiarvm sive Originvm libri XX. Recognovit breuique adnotatione critica instrvxit W. M. Lindsay. Tomvs I libros I-X continens.* E Typographeo Clarendoniano, Oxonii.
- Lindsay, W. M., 1911b. *Isidori hispalensis episcopi Etymologiarvm sive Originvm libri XX. Recognovit breuique adnotatione critica instrvxit W. M. Lindsay. Tomvs II libros XI-XX continens.* E Typographeo Clarendoniano, Oxonii.
- Linschoten, J. H. van, 1596. *Beschryvinghe vande gantsche Custe van Guinea. Manicongo, Angola, Monomotapa, ende tegen over de Cabo de S. Augustijn in Brasilien, de eyghenschappen des gheheelen Oceanische Zees; midtsgaders harer eylanden, als daer zijn S. Thome, S. Helena, 't Eyland Ascencion, met alle hare havenen, diepten, droochten, sanden, gronden, wonderlijke vertellinghen vande zeevaerden van die van Hollandt, als oock de bescreyvinghe vande binnen landen. Midtsgarden de voorder bescreyvinge op de caerte van Madagascar, anders 't Eylandt S. Laurens ghenoeemt, met de ontdeckinge aller droochten, clippen, menichte van eylanden in dese Indische Zee ligende, als oock de ghelegentheyten van 't vaste landt vande Cabo da boa Esperança, langhs Monomotapa, Zefala, tot Mossambique toe, ende soo voorby Quioloa, Gorga, Melinde, Amara, Baru, Magadoxo, Doara, &c. tot die Roo-Zee, ende wat u dan voort vande beschryvinge onthbeect, hebby in 't boeck van Ian Huyghen van Lischoten int lange; met oock alle de navigatien van alle vaerden die de Portugesche piloten ende Stier-luyden oyt beseylt hebben, uyt haer zee-caert-boecken ende geexperimenteerde stucken ghetrocken, ende in ons tale in 't licht ghebracht. Darom is de oncoste van dese nette, perfecte caerten ghedaen, met oock dese beschryvinghe daer op, om dat sulcks eyste aen 't heerlijk werck van Ian Huyguen voorschreven. Volchte noch de bescreyvinge van West Indien int langhe, met hare caerte.* Cornelis Claesz, t'Amstelredam.
- Linschoten, J. H., 1598. *John Hyyghen van Linschoten his Discours of Voyages into ye Easte & West Indies. Deuided into foure books. The second booke. The true and perfect description of the whole coast of Guinea, Manicongo, Angola, Monomotapa, and right ouer against them the Cape of S. Augustin in Brasilia, with the compasse of the whole ocean seas, together with the Ilands, as S. Thomas, S. Helena, & the Ascension, with all their hauens, channels, depths, shallows, sands & grounds. Together also with diuers strange voyages made by the Hollanders: also the description of the inward partes of the same landes. Likewise a further description of the Carde of Madagascar; otherwise called the island of S. Laurence, with a discouery of all the shallows, cliffs, and number of ilands in the Indian seas, and the situation of the countrey of the Cape de Bona Speranza, passing along to Monomotapa, Soffala, and Mosambique, and from thence to Quioloa, Gorga, Melinde, Amara, Baru, Magadxo, Doara, &c. to the red sea: and what further wanteth for the description thereof, you shal find at large in John Hughen of Linschotens books also the voiages that the Portingall pilots haue made into all places of the Indies. Extracted out of their sea cardes, bookes, and notes of grea experience. And translated into Dutch by I. Hughen van Linschoten. And now translated out of Duych into English by W. P. John Wolfe, London.*
- Lobo, J., 1728. *Relation historique d'Abissinie, du R. P. Jerome Lobo de la Compagnie de Jesus. Traduite du portugais, continuée & augmentée de plusieurs dissertations, lettres et memoires. Par M. Le Grand, Prieur de Neuville-les-Dames & de Preussin. Chez la Veuve d'Antoine-Ubain Coustelier & Jacques Guerin Libraires, Paris.*
- Lobo, J., 1789. *A voyage to Abyssinia, by Father Jerome Lobo, a Portuguese missionary. Containing the history, natural, civil, and ecclesiastical, of that remote and unfrequented country, continued down to the beginning of the eighteenth century: With fifteen dissertations on various subjects, relating to the antiquities, government, religion, manners, and natural history, of Abyssinia. By M. Le Grand. Translated from the French by Samuel Johnson, LL. D. To which are added, various other tracts by the same author; not published by Sir John Hawkins or Mr Stockdale. Printed for Elliot and Kay, London & C. Elliot, Edinburgh.*
- Lopes, E., 1597. *Regnum Congo, hoc est. Warhafft vnd eingentliche Beschreibung desz Königreichs Congo in Africa: vnd deren angrentzenden Länder; darinnen der Inwohner Glaub, Lebe, Sitten und Kleydung wol vnd aussführlich vermeldet vnd angezeigt wirdt. Erstlich durch Eduart Lopez welcher in dieser Nauigation alles*





*persönlich erfahren in portugalesischer Spraach gestellt jetzo aber in vnser Teutsche Spraach transferieret vnd vbersetzt durch Avgvstinum Cassiodorum. Auch mit schönen vnd kunstreichen Figuren gezieret vnd an Tag geben durch Hans Dietherich vnd Hans Israel von Bry Gebrüder vnd Bürger zu Franckfurt. Durch Johan Saur in Verlegung Hans Dieterich und Hans Israel von Bry, Franckfort am Mayn.*

- López Alcaraz, J., 1991. Villanía-villano. Redes léxicas en los Fabliaux. *Estudios Románicos* 7: 87-113.
- Loveday, T., E. S. Forster, L. D. Dowdall & H. H. Joachim, 1913. *The works of Aristotle translated into English under the editorship of W. D. Ross. Volume VI. Opuscula.* Clarendon Press, Oxford.
- Lucas de Tuy (Lucas diaconus Tudensis), 1608. Chronicon mundi ab origine mundi vsque ad eam MCCLXXIV, pp. 1-116, in Schott, 1608, q. v.
- Lusis, J. A., 1943. Striping patterns in domestic horses. *Genetica* 23 (1): 31-62.
- Machado, R., 1937. *Lisboa de Quinhentos. Descrição de Lisboa. Texto latino de Damião de Góis. Tradução de Raúl Machado.* Livratia Avelar Machado, Lisboa.
- Machado Filho, A. V., 2013. *Dicionário etimológico do português arcaico.* EDUFBA, Salvador.
- Maffei, R., 1603. *Raphaelis Volaterrani, Commentariorvm Vrbanorvm libri octo et triginta, accvratius quàm antehac excusi. Cum variis locorum, virorum, plantarum, indicibus recognitis. Item Oeconomicus Xenophon-tis, ab eodem Latio donatus. Accesserunt huic nouae editioni indices duo, prior capitum totius operis: posterior verò rerum, ac verborum memorabilium locupletissimus.* Apud Claudium Marnium, & haeredes Ioannis Aubrij, s/l.
- Maia, C. A., 1986. *História do galego português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno).* Fundação Calouste Gulbenkian/ Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa.
- Mair, A. W., 1928. *Oppian, Colluthus, Tryphiodorus. With an English Translation.* William Heinemann Ltd., London & G. P. Putnam's Sons, New York.
- Mallory, J. P. & D. Q. Adams, 2006. *The Oxford introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European works.* Oxford University Press, Oxford.
- Manso, F. N., 1990. *Teatro menor galaico-portugués (Siglo XIII). Reconstrucción contextual y teoría del discurso.* Ed. Reichenberger, Kassel.
- Margarit y Pau, J., 1545. *Episcopi gervndensis Paralipomenon Hispaniae libri decem antehac non excvssi.* Apvd inclytam Granatam.
- Margarit y Pau, J., 1579. Ioannis episcopi gervndensis Paralipomenon Hispaniae, pp. 3-134, in Beale., 1579, q. v.
- Marineus Siculus, L., 1533. *L. Marinei Sicvli regii historiographi opus De Rebus Hispaniae Memorabilibus modo castigatum atq' cesaraeae maiestatis iussu in lucem aeditum.* Miguel de Eguia, Compluti.
- Marineus Siculus, L., 1579. Lvcii Marinei Sicvli, regii historiographi, De Rebus Hispaniae Memorabilibus Opus, libris XXII. comprehensum, pp. 738-1004, in Beale, 1579, q. v.
- Martin, E., 1882. *Le Roman de Renart. Premier volume. Première partie du texte: première collection des branches.* K. J. Trübner, Éditeur, Strasbourg & Ernest Leroux, Paris.
- Martinez Lopez, R., 1962. *General Estoria. Version gallega del siglo XIV. MS. O. I. i. del Escorial. Edicion, introduccion lingüística, notas y vocabulario de Ramon Martinez-Lopez.* Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Oviedo, Oviedo.
- Mashkour, M., ed., 2006. *Equids in time and space. Papers in honour of Vera Eiseman.* Oxbow Books, Oxford.
- Maspero, G., 1895. *Histoire ancienne des peuples de l'Orient classique. Les Origines. Egypte & Chaldée.* Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, Paris.
- Mayr, A., S. J., 1739. *Philosophia peripatecica antiquorum principiis, et recentiorum experimentis conformata. Tomus I. Logica.* Sumptibus Viduae Joannis Andreae de La Haye, Ingolstadtii.

- Meineke, A., 1849. *Stephani byzantii Ethicorum quae supersunt. Tomus prior*. Impensis G. Reimeri, Berolini.
- Menéndez Pidal, R., 1938. Zebra, Cebra. *The Romanic Review*, New York 29 (1): 74-78.
- Méon, M. D. M., 1826. *Le Roman du Renart, publié d'après les manuscrits de la Bibliothèque du Roi des xii<sup>e</sup>, xiv<sup>e</sup> et xv<sup>e</sup> siècles. Tome premier*. Treuttel et Würtz, Libraires, Paris.
- Merêa, P., 1925. A palavra “zevro”. *Revista Lusitana*, Lisboa 25: 284-286.
- Merola, M., 2010. Turkish delights. *Archaeology* 63 (1): 35-37.
- Merula, P., 1639. *Paulli G. F. P. N. Merulae Cosmographiae generalis libri tres: Item Geographiae particularis libri quatuor: Quibus Europa in genere; speciatim Hispania, Gallia, Italia, describuntur. Cum tabulis geographicis aeneis multo quam antea accuratioribus*. Henricum Hondium, Amsterodami.
- Mettman, W., 1972. *Cantigas de Santa Maria*, 4 vols. Por ordem da Universidade, Coimbra
- Meyer-Lübke, W., 1911-1920. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Carl Winter, Heidelberg.
- Michelant, H., 1846. *Li Romans d'Alexandre par Lambert Li Tors et Alexandre de Bernay. Nach handschriften der Königlichen Büchersammlung zu Paris*. Gedruckt auf Kosten des Literarischen Vereins, Stuttgart.
- Migne, J. P., 1860a. *Encyclopédie Théologique, ou série de dictionnaires sur toutes les parties de la science religieuse, offrant en français, et par ordre alphabétique, la plus claire, la plus facile, la plus commode, la plus variée et la plus complète des théologies. Tome troisième. Dictionnaire de la Bible [de Calmet]. Tome troisième*. J. P. Migne, Paris.
- Migne, J. P., 1860b. *Patrologiae cursus completus. Patrologiae latinae tomus LXIV. Saeculum VI, Annus 528. Manlii Severini Boetii Opera Omnia. Tomus posterior*. J. P. Migne, Paris.
- Migne, J. P., 1864. *Patrologiae cursus completus. Patrologiae graecae tomus LXV*. J.-P. Migne, Editorem, Lutetiae Parisiorum.
- Mills, J. V. G., 1970. *Ma Huan. Ying-yai Sheng-lam. 'The Overall survey of the ocean's shores' [1433]. Translated from the Chinese text edited by Feng Ch'eng-chün with introduction, notes and appendices by J. V. G. Mills*. Published for the Hakluyt Society at The University Press, Cambridge.
- Mommsen, T., 1864. *C. Ivlii Solini Collectanea Rerum Memorabilium*. In aedibus Friderici Nicolai (G. Parthey), Berolini.
- Monferrer-Sala, J. P., 2009. Sacred readings, lexicographic soundings: cosmology, asses and gods in the Semitic Orient, pp. 199-211, in Monferrer-Salas & Urbán, eds., *q. v.*
- Monferrer-Salas, J. P. & Á. Urbán., eds., 2009. *Sacred text. Explorations in lexicography*. Peter Lang, Frankfurt am Main [G.. Wotjak. Studien zur romanischen Sprachenwissenschaft und interkulturelle Kommunikation].
- Monge de Silos, 1721. Historia del Monge de Silos, pp. 521-548, in Berganza, *q. v.*
- Monge de Silos, 1789. Monachii Silensis Chronicon, pp. 262-323, in Florez, 1789, *q. v.*
- Montaiglon, A. de, 1872. *Recueil général et complet de Fabliaux des XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles imprimés ou inédits. Tome premier*. Libraire des Bibliophiles, Paris.
- Moreira, Z. C., 2005. *Dicionário da língua portuguesa arcaica*. Natal: Edufrn
- Moule, A. C., 1925. Some foreign birds and beasts in Chinese books. *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland* 2: 247-261.
- Müller, C. & M. Roiland-Rouabah, eds., 2013. *Dans les non-dits du non. Onomastique et documents en terres d'Islam. Mélanges offertes à Jacqueline Sublet*. Presses de l'Institut Français du Proche-Orient, Beyrouth.
- Munro-Hay, S., 1991. *Aksum. An African civilisation of Late Antiquity*. [www.dskmariam.org/artandlittretaire/lit-trelature/pdf/aksum.pdf](http://www.dskmariam.org/artandlittretaire/lit-trelature/pdf/aksum.pdf).

- Mylius, A., ed., 1602. *De Rebus Hispanicis, Lusitanicis, Aragonicis, indicis & Aethiopicis. Damiani à Goes, Lusitani, Hieronymi Pauli, barcinonensis, Hieronymi Blanci, Caesa augustani, Iacobi Teuij, lusitani, Opera. Quorum seriem, vide lector, pag. sexta. Partim ex manuscriptis nunc primum eruta, partim auctiora edita. In Officina Birkmannica, sumptibus Arnoldi Mylij, Coloniae Agrippinae.*
- Nebrija, A. de. 1532. *Dictionarium Aelij Antonij Nebrisseñ, per eundem recognitū atq' exactissime correctum. In quo multa et superiori editione deprauata emendauit. nōnulla etiā in verum idioma conuertit. Cōpluti.*
- Nebrija, A. de, 1560. *Dictionarivm latinohispanicvm, et vice versa hispanicolatinvm, Aelio Antonio Nebrissensi interprete, nunc denovo ingenti vocvm accessione locupletatum, pristinoque nitori sublata mendarum colluuiie restitutum. Ad haec. Dictionarium priorum nominum, ex probatissimis graecae & latinae linguae auctoribus, addita ad calcem neoterica locorum appellatione concinnatum. In Aedib. Ioannis Steelsij, Antverpiae.*
- Nebrija, A., 1655. *Dictionarivm Aelii Antonii Nebrissensis grammatici, chronographi regii, imo recens accesso facta ad quadruplex eiusdem antiqui dictionarij supplementum. Quorum I. Continet dictiones latinas in sermonem hispanum versas. II. Nomina propria regionum, montium, fluuiorum, &c. III. Neotericas, ac vulgares regionum, & vrbium appellationes viceversa complectitur. IV. Voces hispanas latinitate donatas. Praeter Ioannis Lopez Serrani Malacitani labores. Ex Ciceronis lexicis, & historicis, multa, quae desiderabantur; addita, index insuper utilissimus, in quo opposita, emendatāque quotidianis sermonis barbaries, opera M. Ioannis Alvarez Sagredo Burgensis. Accesserunt permvltae dictiones, tvn ex sacrarvm litterarum. tum vtriusque iuris voluminibus. Index vevorum veterum, & raro vsitatorum apud Terentium. Dictionarium arabicum positum in calce Dictionarij hispani. Omnium penè syllabarum quantitas annotatur. Et vocabula quae a M. Fr. Petro Ortiz de Lviando antea ad calcem fuerunt addita, in proprias sedes hoc (...) signo reducta, facilius quisque inueniet. Aliaque sex millia penè vocabula, tam communia, quàm propria, quae addit M. D. Guilielmus Ocahasa, hos § signum demonstrat. Lvgdvni.*
- Negri, D. M., 1557. *Dominici Marii Nigri veneti Geographiae Commentariorum libri XI, nunc primum in lucem magno studio editi, quibus non solum orbis totius habitabilis loca, regiones, prouinciae, urbes, montes, insulae, maria, flumina, & caetera, ut nostro tempore sunt sita & denominata, uerum etiam omnium ferè populorum & uariarum gentium mores, leges ac ritus tam sacri quàm prophani exactè describuntur, ita ut uel ipso Strabone utilior nostris temporibus, autor hic doctorum quorundam iudicio meritò habeatur. Vna cum Lavrentii Corvini nouofoensis Geographia et Strabonis Epitome per D. Hieronymum Gemvsaevm translata, quam adiecimus ut quo cum Marium hunc nostrum lector conferat, habeat. Adicto rerum & uerborum memorabilium indice locupletissimo. Basileae.*
- Neves, C. M. B., M. T. B. Acabado & M. L. Esteves, orgs., 1980. *História florestal, aquícola e cinegética: Coleção de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, chancelarias reais. Ministério da Agricultura e Pescas, Direção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, Lisboa.*
- Niederer, M., 2005. *Der St. Galler Botanicus. Ein frühmittelalterlichen Herbar. Kritische Edition, Übersetzung und Kommentar. Peter Lang, Bern.*
- Nieremberg, I. E., S. J., 1635. *Ioannis Evsebio Nierembergii madritensis ex Societate Iesv in Academia Regia Madritensis physiologiae professoris Historia natvrae, maxime peregrinae, libris XVI. distincta. In quibus rarissima naturae arcana, etiam astronomica, & ignota Indiarum animalia, quadrupedes, aues, pisces, reptilia, insecta, zoophyta, plantae, metalla, lapides, & alia mineralia, fluuiorumque & elementorum conditiones, etiam cum prorietatibus medicinalibus, describuntur; nouae & curiosissimae quaestiones disputantur; ac plura sacrae Scripturae loca eruditè enodantur. Accedunt de miris & miraculosis naturis in Europâ libri duo: item de iisdem in terrâ Hebraeis promissâ liber vnus. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, Antverpiae.*
- Nisard, M., 1842. *Stace, Martial, Manilius, Lucilius Junior, Rotilius, Gratius Faliscus, Némésianus et Calpurnius; oeuvres completes avec la traduction en français. J. J. Dubochet et Compagnie Éditeurs, Paris.*
- Nisard, M., 1856. *Les agronomes latins, Caton, Varron, Columelle, Palladius, avec la traduction en français. Firmin Didot Frères Libraires, Paris.*
- Nonius, L. [Luis Nunes de Antuérpia], 1607. *Lvdovici Nonii medici Hispania sive populorum, vrbium, insularum, ac fluminum inea accuratior descriptio. Officina Hieronymy Verdussi, Antverpiae.*
- Nores Quesada, C. & C. L. von Lettow-Vorbeck, 1992. La zoología histórica como complemento de la arqueología. El caso del zebro. *Archaeofauna*, Madrid 1: 61-71.

- Nunes, G. S., 2013. Foral de Vila Franca de Xira – 1212, pp. 36-39, in Nunes (G. S.) & Silva, coords., q. v.
- Nunes, G. S. & P. Silva, coords., 2013. *800 anos do foral [de Vila Franca de Xira] 1212-2012*. Museu Municipal & Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira.
- Nunes, J. J., 1926a. Tentativa de identificação do animal chamado zevro nos documentos medievais. *Academia das Sciencias de Lisboa. Boletim da Segunda Classe. Actas e Pareceres, Estudos, Documentos e Noticias*, Lisboa 16 (1921-1922): 427-436.
- Nunes, J. J., 1926b. A fauna na toponímia portuguesa. *Academia das Sciencias de Lisboa. Boletim da Segunda Classe. Actas e Pareceres, Estudos, Documentos e Noticias*, Lisboa 16 (1921-1922): 452-473.
- Ocampo, F. de, 1791. *Coronica general de España, que recopilaba el maestro Florian de Ocampo coronista del Rey Nuestro Señor Don Felipe II. Tomo I*. Oficina de Don Benito Cano, Madrid.
- Oder, E. & K. Hoppe, eds., 1927. *Corpus hippiatricorum graecorum. Vol. II*. B. G. Teubneri, Lipsiae.
- Ogilvie, J., 1865. *The student's English dictionary, etymological, pronouncing, & explanatory: In which the words are traced to their ultimate sources, the root of primary meaning inserted, and the other meanings given fully according to the best usage. The pronunciation adapted to the best modern usage, by Richard Cull, F.S.A. Illustrated by about three hundred engravings on wood*. Blackie and Son, London, Edinburgh and Glasgow.
- Onions, C. T., R. W. Burchfield & G. W. S. Friedrichsen, 1966. *The Oxford dictionary of English etymology*. Clarendon Press, Oxford.
- Orlando, L., M. Mashkour, A. Burke, C. J. Douady, V. Eisenmann & C. Hänni, 2006. Geographic distribution of an extinct equid (*Equus hydruntinus*: Mammalia, Equidae) revealed by morphological and genetical analyses of fossils. *Molecular Ecology* 15 (8): 2083-2093.
- Ortega Rubio, J., 1918. *Relaciones topográficas de los pueblos de España. Lo más interesante de ellos escogido por Don Juan Ortega Rubio, Catedrático de Historia de España en la Universidad Central*. Sociedad Española de Artes Gráficas, Madrid.
- Oudin, C., 1607. *Tesoro de las dos lengvas francesa y española. Thresor des devx langves françoise et espagnolle: Avquel est contene l'explication de toutes les deux respectiuement l'vne par l'autre: Diuisé em deux parties*. Chez Marc Orry, Paris.
- Oudin, C., 1617. *Le thresor des trois langves, espagnole, françoise, et italienne: Auquel est contenuë l'explication de toutes les trois, respectiuement l'vne par l'autre. Distingvé en trois parties. I. Tesoro de la lengua española, francesa y italiana; que contiène la declaracion d'español en françés, y de françés en español, y italián, con muchas frases y manéras de hablar particulares à tres lenguas. II. Thresor de la langue françoise, italienne, & espagnole; contenant l'explication des dictionnaires françoises en italien & en espagnol: pour faciliter le moyen à ceux qui desirent atteinre la perfection de composer en la langue italienne & espagnole. III. Tesoro delle tre lingue, italiana, francese, e spagnuola: doue sono le voci italiane dichiarate in frãcese e spagnuolo: per ajudar chi desidera nelle tre sudette lingue perfettamente comporre. Le tout recueilli des plus celebres autheurs, qui iusques ici ont escrit es trois langues, espagnole, françoise, et italienne. Derniere edition reveuë & augmentee en plusieurs endroits*. Samvel Crespin, Cologny.
- Padilla, J. de (El Cartuxano), [Séc. XV]. Los doze triumphos de los doze apostoles, fechos por el Cartuxano, professo en Sancta Maria delas Cuevas en Seuilla, pp. 288-449, in Foulché-Delbosc, org., 1912, q. v.
- Papavero, N. & D. M. Teixeira, 2014. *Zoonímia tupi nos escritos quinhentistas europeus*. Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP), São Paulo.
- Papavero, N., D. M. Teixeira, J. L. de Figueiredo, C. F. M. dos Santos & R. D. da S. Campo, 2013. *Fauna e flora do Brasil (especialmente do Mato Grosso) segundo Joseph Barbosa de Sáa (1769) (Dialogos geograficos, coronologicos, polliticos e naturais, escripos [sic] por Joseph Barbosa de Sáa nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyaba - Manuscrito 135 da Biblioteca Pública do Porto, 203 pp*. Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP), Universidade de São Paulo, São Paulo.



- Pareus, D., 1630. *Ivstinvs Trogi Pompeii Historiarvm Philippicarvm epitomator: Ex nouâ recensione. Danielis Parei. Accesserunt seorsim eiusdem Danielis Parei Scemmata Historico-politica, ex Ivstino decerpta: ite-mq' Annotationes philologicae: quibus ex graecis latinisq' fontibus Ivstini Historiae luculenter illustrantur.* Impensis Gvilielmi Fitzeri, Francofvrti.
- Pascual, A., 1871. Palabras españolas de índole germánica. Artículo segundo. *Revista de España*, Madrid 19: 361-378.
- Pascual Barea, J., 2012. Las propiedades terapéuticas del *equiferus* desde Plinio hasta el siglo XV, pp. 125-150, in Santamaría Hernández, org., q. v.
- Paullinus, C. F., 1695. *Christiani Francisci Paullini De Asino liber historico-physico-medicus ad normam Imperialis Academiae Caes. Lepoldinae Nat. Curios. scriptus, variisque observationibus, memorabilibus & curiositatibus conspersus, cum gratia & privilegio Caes. perpetuo.* Impensis Joh. David. Zunneri, Francofvrti ad Moenvm.
- Paulus Diaconus, s/d. *Historia Langobardorum.* Bibliotheca Augustana ([http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost08/PaulusDiaconus/pau\\_lan4.html](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost08/PaulusDiaconus/pau_lan4.html)).
- Peck, A. L., 1970. *Aristotle. Historia Animalium. In three volumes. II. Books IV-VI. With an English translation.* William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Pedro de Alcalá [Petrus Hispanicus], 1505. *Vocabolista arauigo en letra castellana.* Iuan de Salama[n]ca, Granada. [Cf. Lagarde, 1883].
- Pelliot, P., 1933. Les grand voyages maritimes chinois au début du XV<sup>e</sup> siècle. *T'oung Pao* 30: 237-452.
- Pelliot, P., 1935. Notes additionelles sur Tcheng Houo et sur ses voyages. *T'oung Pao* 31: 274-314.
- Pelliot, P., 1936. Encore à propos des voyages de Tcheng Houo. *T'oung Pao* 32: 210-222.
- Pennant, T., 1771. *Synopsis of quadrupeds.* J. Monk, Chester.
- Penny, R., 2004. Evolución lingüística en la Baja Edad Media: evoluciones en el plano fónico, pp. 593-612, in Cano, ed., q. v.
- Pereira, E., 1926. Sessão de 27 de julho de 1922. *Academia das Ciências de Lisboa. Boletim da Segunda Classe. Actas e Pareceres, Estudos, Documentos e Noticias*, Lisboa 16 (1921-1922): 113-114.
- Pereira, G., 1879. *Fragmentos relativos à historia e geographia da Peninsula Iberica: Caius Plinius Secundus, Pomponius Mela.* Typ. de Francisco da Cunha Bravo, Evora.
- Perez de Moya, I., 1599. *Philosophia secreta. Donde debaxo de historias fabulosas, se contiene mucha doctrina prouechosa a todos estudios. Con el origen de los idolos, o dioses de la gentilidad. Es materia myy necesaria para entender poetas y historiadores. Ordenado por el bachiller Ioan Perez de Moya, vezino de la Villa de Sant Esteuan del Puerto. Dirigido al illvstre señor Ioan Bapista Gentil, hijo de Costantin Gentil.* En Casa de Miguel Fortuño Sanchez, Çaragoça.
- Perlet, F. C. G., 1826. *Des Gratius Faliscus Cynegeticon oder Jagdgesang lateinisch und deutsch.* Hahn'schen Verlagsbuchhandlung, Leipzig.
- Perottus, N., 1521. *Cornvcopiae sive lingvae latinae commentarii, denovo diligentissime recogniti, atqve ex archetypo emendati. Vnà cum aliis de eadem re authoribus, quorum catalogum uersa pagella reperies.* Andreas Cratander, Ex inclyta Basilea.
- Photius, 1864. *EK TΩN EKKΛHΣΙΑΣΤΙΚΩΝ ΙΣΤΟΡΙΩΝ ΦΙΛΟΣΤΟΡΓΙΟΥ ΕΠΙΤΟΜΗ, ΑΠΟ ΦΟΤΙΟΥ ΠΑΤΡΙΑΡΧΟΥ.* *Ex Ecclesiasticis Historiis Philostorgii Epitome, confecta a Photio Patriarcha*, columnas 459-624, in Migne, 1864, q. v.
- Piel, J. M., 1968. Febros: uma relíquia lexical zoonímica latina. *Revista de Guimarães*. 78: 1-8.
- Pigafetta, F., 1591. *Relatione del Reame di Congo et delle circonvicine contrade tratta dalli scritti & ragionamenti di Odordo Lopez Portoghese per Filippo Pigafetta con disegni vari di geografia, di piante, d'habiti d'animali, & altro.* Al molto Ill.<sup>re</sup> R.<sup>mo</sup> Mons.<sup>re</sup> Antonio Migliore vescovo di S. Marco, & commendatore di S.

*Spirito*. Appresso Bartolomeo Grassi, Roma.

Pigafetta, F., 1596. *De beschryvinghe vant groot ende vermaert Coninckrijck van Congo, ende de aenpalende oft ommegheleghen landen, met verclaringhe van veel sonderlinghe satzen, ende gheschiedenissen vanden selfden Coninckrijcke. Oock wat coopmanschappen al daer ghebracht ende van daer ghehaelt worden. Van hare mijnen. Vande elephanten, ende alle haer ghedierten. Van hare drachten ende maniere van cleedinghe, seltsame ghebruycken, breemde chrijchsgebruycken. hoe ende wanneer sy bekeert zijn tot den Christen gheloobe. Ghedeelt in 2. boecken. Ghenomen wt de schriften ende mondelick t'samen spraeken van Edoart Lopez portegijs. Beschreven door Philips Pigafetta in italiens, ende overgheset in ons nederlandsche spraecke: Deur Martijn Everart B. Cornelius Claesz, Amstelredam.*

Pigafetta, F., 1598. *Vera descriptio Regni Africani, qvov tam ab incolis qvam Lvsitanis Congus appellatur. Per Philippvm Pigafettam, olim ex Edoardi Lopez acroamatis lingua italica excerpta; nunc latio sermone donata ab Avgvst. Cassiod. Reinio. Iconibus & imaginibus rerum memorabilium quasi vivis, opera & industria Ioan. Theodori & Ioan. Israëlis de Bry fratrum, &c. exornata. Excudebat VVolfgangus Richter, impensis Io. Theo. & Io. Israel de Bry, frat. Francofvrti.*

Pigafetta, F., 1624. *Vera descriptio Regni Africani, qvov tam ab incolis quam Lusitanis Congus appellatur. Per Philippvm Pigafettam, olim ex Edoardi Lopez acroamatis lingua italica excerpta; nunc Latio sermone donata ab Avgvst. Cassiod. Reinio. Iconibus & imaginibus rerum memorabilium quasi vivis, opera & industria Ioan. Theodori & Ioan. Israëlis de Bry fratrum, &c. exornata. Excudebat Erasmvs Kempffer, Impensis haeredum Ioan. Theod. De Bry, Francofvrti.*

Pineda, J., Fr., 1589. *Primera parte de los Treynta y Cinco Dialogos Familiares de la Agricvltura Christiana. Compuesta por Fray Iuan de Pineda religioso de la orden del seraphico padre Sant Francisco de la obseruancia. Es obra en que el autor procuro poner la mas varia, prouechosa, curiosa, apazible, y mejor prouada doctrina que supo, y pudo. Algunos autores condenados por el Sancto oficio se nombran algunas vezes, porque se compuso este libro antes de salir el Catalogo; mas condenamos los con sus errores: y los que se nos ofrecieron quitamos de la tabla de los autores. Em casa de Pedro de Adurça, y Diego Lopez, Salamanca.*

Pinedo, [I.] T. de, 1678. *ΣΤΕΦΑΝΟΣ ΠΕΡΙ ΠΟΛΙΩΝ Stephanus De Urbibus. Quem primus Thomas de Pinedo lusitanus latii iure donabat, & observationibus scrutinio variarum linguarum, ac praecipue hebraicae, phoeniciae, graecae & latinae detectis illustrabat, his additae praeter ejusdem Stephani Fragmentum Collationes Jacobi Gronovii cum codice Perusino, unà cum gemino rerum & verborum indice ad Stephanum & Thomae de Pinedo observationes. Typis Jacobi de Jonge, Amstelodami.*

Pitta, S. da R., 1730. *Historia da America portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até de mil e setecentos e vinte e quatro, offerecida á Magestade Augusta d'El Rey D. João V, nosso senhor composta por Sebastião da Rocha Pitta, fidalgo da casa de Sua Magestade, cavalleiro professo da Ordem de Christo, coronel do regimento da infantaria da ordenança da cidade da Bahia, e dos privilegiados della, e academico supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza. Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, Lisboa Ocidental.*

Platnauer, M., 1998. *Claudian. Volume II. With an English translation.* William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.

Pontano, G. G., 1501. *Ioannis Iouiani Pontani Opera De Fortitudine: libri duo. De Principe: liber unus. Dialogus qui Charon inscribitur. Dialogus qui Antonius inscribitur. De Liberalitate: liber unus. De Beneficentia: liber unus. De Magnificentia: liber unus. De Splendore: liber unus. De Couiuentia. Venetiis.*

Postigo Aldeamil, M. J., 1985. El Foro de Plasencia. *Revista de Filología Románica*, Madrid 3: 169-222.

Prati, A., 1950. *Vocabolario etimologico italiano.* Garzanti, [Milano].

Prior, O. H., 1913. *L'Image du Monde de Maitre Gossouin. Rédaction en prose. Texte du Manuscrit de la Bibliothèque Nationale Fonds Français N° 574. Avec corrections d'après d'autres manuscrits. Notes et introduction par O. H. Prior.* Librairie Payot & C<sup>ie</sup>, Lausanne et Paris.

Pruvost, M., R. Bellone, N. Benecke, E. Sandoval-Castellanos, M. Cieslak, T. Kuznetsova, A. Morales-Muñiz, T. O'Connor, M. Reissmann, M. Hofreiter & A. Ludwig, A., 2011. Genotypes of predomestic horses match phenotypes painted in Paleolithic works of cave art. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 108 (46): 18626–18630. [<http://www.pnas.org/content/>

- Purchas, S., 1625. *Purchas his Pilgrimes. In five books. The sixth, containing nauigations, voyages, and land-discoveries, with other historicall relations of Africa. The seuenth, nauigations, voyages, and discoveries of the sea-coasts and in-land regions of Africa, which is generally called Aethiopia: by English-men, and others. The eighth, peregrinations, and discoveries by land, of Assyria, Armenia, Persia, India, Arabia, and other in-land countries of Asia, by English-men and others; modern and ancient. The tenth, Praetiorum, or discoveries of the World, specially such as in the other books are omitted. The Second Part.* Printed by William Stansby for Henrie Fetherstone, London.
- Purchas, S., 1905. *Hakluytus posthumus or Purchas his Pilgrimes. Contayning a history of the world in sea voyages and lande travells by Englishmen and others. Volume VI.* James MacLehose and Sons, Publishers to the University, Glasgow.
- Pyrrard de Laval, F., 1611. *Discovrs dv voyage des François aux Indes Orientales, ensemble des divers accidens, aduentures & dangers de l'auteur en plusieurs royavmes des Indes, & du seiovr qu'il a fait par dix ans, depuis l'an 1601. iusques en ceste année 1611. Contenant la description des païs, les moeurs, loix, façon de viure, religion de la plus part des habitans de l'Inde, l'acrosissement de la chrestienté, le trafic & diuerses autres singularitez, non encore écrites ou plus exactement remarquees. Traité et description des animaux, arbres & fruicts des Indes Orientales, obseruees par l'auteur. Plus vn brief advertissement & advis pour ceux qui entreprennent le voyage des Indes, Dedié a la Reyne Regente en France.* David le Clerc, Paris.
- Pyrrard de Laval, F., 1679. *Voyage de François Pyrrard de Laval, contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, & au Bresil: & les divers accidens qui luy sont arrivez en ce voyage pendant son sejour de dix ans dans ces païs. Avec vne description exacte des moevrs, loix, façons de faire, police & gouvernement; du trafic & commerce qui s'y fait des animaux, arbres, fruits, & autres singularitez qui s'y rencontrent. Divisé en trois parties. Nouvelle edition, reveuë, corrigée & augmentée de divers traitez & relations curieuses. Avec des observations geographiques sur le present voyage, qui contiennent entr'autres, l'estat present des Indes, ce que les europeens y possèdent, les diverses routes dont ils se servent pour y arriver, & autres matieres.* Louis Billaire, Paris.
- Quatremère, M., 1840. *Histoire des Sultans Mamlouks de l'Égypte, écrite en arabe par Taki-Eddin-Ahmed-Makrizi. Tome premier. Deuxième partie.* Printed for the Oriental Translation Fund of Great Britain and Ireland & Benjamin Duprat, Paris.
- Rackham, H., 1961. *Pliny. Natural History. With an English translation. In ten volumes. Volume II. Libri III-VII.* William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Rackham, H., 1967. *Pliny. Natural History. With an English translation. Volume III. Libri VIII-XI.* William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Ravenstein, E. G., 1901. *The strange adventures of Andrew Battell of Leigh, in Angola and the adjoining regions. Reprinted from "Purchas his Pilgrimes". Edited, with notes and a concise history of Kongo and Angola, by E. G. Ravenstein.* Printed for the Hakluyt Society, London.
- Resende, A. de, 1593. *Libri quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae à Lucio Andrea Resendio olim inchoati, & à Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti, atq' absoluti. Accessit liber quintus de antiquitate municipij Eborensis, ab eodem Vasconcello conscriptus, quo etiam auctore, secundus tomus quinque alios libros continens, cito, deo opt. max. fauente, in lucem prodibit.* Martinus Burgensis academiae typographus, Eborae [=Évora].
- Resende, L. A., 1593. *Libri quatuor de Antiquitatibus Lusitaniae à Lucio Andrea Resendio olim inchoati, & à Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti, atq' absoluti. Accessit liber quintus de antiquitate municipij Eborensis, ab eodem Vasconcello conscriptus, quo etiam auctore, secundus tomus quinque alios libros continens, cito, deo opt. max. fauente, in lucem prodibit.* Martinus Burgensis academiae typographus, Eborae.
- Resende, L. A., 2009. *As antiguidades da Lusitânia.* Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra [Portvgaliae Movmenta Neolatina Vol. III].
- Ribeiro, J. P., 1820. *Dissertações chronologicas e criticas sobre a historia e jurisprudencia ecclesiatica e civil de Portugal publicadas por ordem da Academia R. das Sciencias de Lisboa pelo seu socio João Pedro Ribeiro. Tomo IV. P. II.* Typographia da mesma Academia, Lisboa.
- Ribeiro, J. P., 1867. *Dissertações chronologicas e criticas sobre a historia e jurisprudencia ecclesiatica e civil*

- de Portugal publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo seu socio João Pedro Ribeiro. Tomo IV - Parte II. Segunda edição.* Typographia da mesma Academia, Lisboa.
- Ricard, R., 1951. *Les sources inédites de l'histoire du Maroc. Première série – Dynastie Sa'dienne. Archives et bibliothèques de Portugal. Tome IV. Janvier 1542 – Décembre 1550.* Paul Geuthner, Paris.
- Ritter, K., 1822. *Die Erdkunde in Verhältniss zur Natur und zur Geschichte des Menschen, oder allgemeine vergleichende Geographie, als sichere Grundlage des Studium und Unterrichts in physikalischen und historischen Wissenschaften. Erster Theil, Erstes Buch. Afrika.* G. Reimer, Berlin.
- Ritter, K., 1835. *Géographie générale comparée ou Étude de la Terre dans ses rapports avec la nature et avec l'histoire de l'homme, pour servir de base à l'étude et à l'enseignement des sciences physiques et historiques. Traduit de l'allemand par E. Buret et Edouard Desor. Tome I.* Paulin, Éditeur, Paris.
- Rockhill, W. W., 1915. Notes on the relations and trade of China with the Eastern Archipelago and the coast of the Indian Ocean during the fourteenth century. Part II. *Toung Pao* (2) 16 (1): 61-159.
- Rodrigues, J. M., 1926. Sessão de 27 de Julho de 1922. *Academia das Sciencias de Lisboa. Boletim da Segunda Classe. Actas e Pareceres, Estudos, Documentos e Noticias*, Lisboa 16 (1921-1922): 112-114.
- Rogers, A., trad., 1914. *The Tūzuk-i-Jahāngīr or Memoirs of Jahāngīr from the thirteenth to the beginning of the nineteenth year of his reign. Second volume.* Royal Asiatic Society, London [Oriental Translation Fund, new series, Vol. XXII].
- Roget, F. F., 1896. *An introduction to Old French.* Williams and Norgate, London, Edinburgh & Oxford.
- Roig, J., 1905. *Spill o Libre de las Dones por Mestre Jacma Roig. Edición crítica con las variantes de todas las publicadas y las del MS. de la Vaticana. Prólogo, estudios y comentarios por Roque Chabas.* L'Avenç, Barcelona & Librería de M. Murillo, Madrid.
- Roquefort, J. B. B., 1808a. *Glossaire de la Langue Romane, rédigé d'après les manuscrits de la Bibliothèque Impériale, et d'après ce qui a été imprimé de plus complet en ce genre; contenant l'étymologie et la signification des mots usités dans les XI, XII, XIII, XIV, XV et XVI<sup>e</sup> siècles, avec de nombreux exemples puisés dans les mêmes sources; et précédé d'un discours sur l'origine, les progrès et les variations de la langue française. Ouvrage utile à ceux qui voudroit consulter ou connoître les écrits des premiers auteurs français. Tome premier.* B. Warée oncle, Libraire, Paris.
- Roquefort, J. B. B., 1808b. *Glossaire de la Langue Romane, rédigé d'après les manuscrits de la Bibliothèque Impériale, et d'après ce qui a été imprimé de plus complet en ce genre; contenant l'étymologie et la signification des mots usités dans les XI, XII, XIII, XIV, XV et XVI<sup>e</sup> siècles, avec de nombreux exemples puisés dans les mêmes sources; et précédé d'un discours sur l'origine, les progrès et les variations de la langue française. Ouvrage utile à ceux qui voudroit consulter ou connoître les écrits des premiers auteurs français. Tome second.* B. Warée oncle, Libraire, Paris.
- Russell, M., 1833. *Nubia and Abyssinia: Comprehending their civil history, antiquities, arts, religion, literature, and natural history. Illustrated by a map, and several engravings.* J. & J. Harper, New York.
- Sampiro, Bispo de Astorga, 1634. *Sampiri astoricensis Ecclesiae Episcopi Historia ex Codice Ouetensi litteris Gotthicis exarato, transsumpta. Adepsonsvs III, Rex, pp. 56-70, in Sandoual, 1634 (Apendice), q. v.*
- Sampiro, Bispo de Astorga, 1727. *Sampiri Astoricensis Episcopi Chronicon regum legionis. Era DCCCIV, pp. 25-48, in Ferreras (Apendice), q. v.*
- Sánchez de Arévalo, R., 1579. *Roderici Santii episcopi palentini Historiae Hispanicae partes qvatvor, pp. 290-433, in .Beale, 1579, q. v.*
- Sandfeld, K., 1930. *Linguistique balkanique.* Honoré Champion, Paris.
- Sandoual, Fr. P. de, 1634. *Historias de Idacio obispo que escrivio poco antes que España se perdiese. De Isidoro bispo de Badajoz, que escriuiò en los tiempos que se perdiò España, trenta y ocho años despues. De Sebastiano obispo de Salamanca, que escriuiò desde el Rey don Pelayo, hasta don Ordoño Primero deste nombre. De Sampiro obispo de Astorga, que escriuiò desde el Rey don Alonso el Magno, Tercero deste nombre, hasta el Rey don Vermudo el Gotoso. De Pelagio obispo de Ouiedo, que escriuiò desde el Rey don*



*Vermudo el Gotoso, hasta don Alonso Septimo deste nombre, Emperador de España. Recogidas por don Fray Prudencio de Sandoual obispo de Pãplona, Coronista de su Magestad. Dirigidas al Rey Catholico don Felipe nuestro señor.* Nicolas de Assiayn Impressor del Reyno de Navarra, Pamplona.

- Santamaría Hernández, M. T., 2012. *Textos médicos grecolatinos antiguos y modernos: estudios sobre composición y fuentes.* Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca.
- Santos, J. dos, 1609. *Ethiopia Oriental, e varia historia de covsas notauéis do Oriente, composta pollo Padre Fr. Ioaõ dos Santos da Ordem dos Pregadores, natural da cidade de Euora. Primeira parte da Ethiopia Oriental, em qve se da relaçam dos principaes Reynos desta larga Região, dos custumes, ritos, & abusos de seus habitadores, dos animaes, bichos, & feras, que nelles se crião, de suas minas, & cousas notauéis, que tem assim no mar, como na terra, de varias guerras, & victorias insignes que ouue em nossos tempos nestas partes entre Christãos, Mouros, & Gentios. Repartida em cinco livros.* Manoel de Lira Impressor, Euora.
- Santos Vega, E. & J. Santos Puerto, orgs., 2013. *Fr. Martín Sarmiento. Dissertación sobre el animal zebra, nacido, criado, conocido y cazado antiguamente em España, en donde ya no se encuentra.* Museo de la Educación de la Universidad de La Laguna, La Laguna, Santa Cruz de Tenerife.
- Saraiva, A. M. de S., 2001. O processo de inquirição do espólio de um prelado trecentista: D. Afonso Pires, bispo do Porto (1359-1372). *Lusitania Sacra* (2) 13-14: 197-228, “2001-2002”.
- Scartazzini, G. A., 1882. *La Gerusalemme liberata di Torquato Tasso. Riveduta nel testo e corredata di note critiche ed illustrative, e di varianti e riscontri colla Conquistata. Seconda edizione intieramente rifatta.* F. A. Brockhaus, Leipzig.
- Scholfield, A. F., 1959. *Aelian. On the characteristics of animals. With an English translation. In three volumes. II. Books VI-XI.* William Heinemann Ltd., London & Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Schott, A., S. J., 1608. *Hispaniae illvstratae sev vrbivm revrmque hispanicvm, academiarum, bibliothecarvm, clarorvm deniqve in omni disciplinarvm genere scriptorum auctores chronologici, historici. Partim editi nunc primvm, partim avctores, melioresque facti studis, & opera Andreae Schotti antverp. Societatis Iesv. Tomus IIII.* Apud Claudium Marinum & heredes Ioan. Aubrii, Francofvrti.
- Schürig, M., 1744. *Lithologia historico-medica, hoc est Calcvli Hymani consideratio physico-medico-cvriosa, qva non solvm ipsivs generatio, loci natales, ac viae diversa pariter et copia, color et figvra, svbstantia et svperficies, sed etiam in corpore hvmano effectvs morbosus et symptomata. Item eivsdem excretio et ex vrethra excisio lithotomia et nephrotomia. Porro calcvli ipsivs analysis chymica et vsvs medicvs pariter ac vsvs lithontripticorvm et antinephriticorvm. Nec non varia de calcvli brvtorvm in specie lapidis bezoar; raris atqve selectis observationibvs. Cvm indice locvpletissimo.* Apvd Fridericvm Hekel, Dresdae et Lipsiae.
- Schultz, J. C. F., 1793. *Lexicon et commentarios sermonis hebraici et chaldaici. Post Ioannis Cocceii curas digestus, locupletatus, emendates a Ioh. Christ. Frid. Schulz. Tomvs prior. Literas complectens. Editio quinta, quae ipsa est novae recognitionis secunda.* Sumptibus Weygandianis, Lipsiae.
- Schumacher, J. H., 1773. *De Cvltv Animalivm inter Aegyptios et Ivdaeos Commentatio ex recondite antiqvitate illustrate.* Apvd Meisnerianos, Brvsvigijs Gvelperbyti et Helmestadii.
- Segre, C. & M. Marti, 1959. *Prosa del Duecento. Vol. I. Rettorica.* Ricciardi, Milano.
- Sextus Placitus, 1538. *Sexti Placiti papyriensis, De Medicamentis ex Animalibus, Libellus. Ant. Musae ad moecenatem suum, de bona ualetudine conseruanda instructio. Item. Tractatus utilissimus de natura & usu lactis, D. Hieronymi Acoromboni Eugubij, ordinarij clarissimi gymnasij Patauini.* Petreius, Norimbrigae.
- Silva, J. C da, 2007. *Dicionário da língua portuguesa medieval.* EDUEL, Londrina.
- Silva, D. F., 2013. O Foral de 2012 – Notas de análise textual, pp. 40-54, in Nunes (G. S.) & Silva, coords., q. v.
- Silveira, J. da, 1948. Estudos sobre o vocabulário português (Formas, sentidos, prosódia, origens). 8. Zevro. Zebra. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra 2: 220-247.
- Simon, J., 1735. Exercitatio philologica de tribus vocibus vexatissimis, qua usus significationis formalis in enucleandis vocibus difficilioribus demonstratur, pp. 678-692, in seu *Joh. Simonis Arcani formarum nominum hebraeae linguae pars altera de nominibus auctis.* Impensis Orphanotropei, Halae Magdeburgicae.

- Stern, R., 1832. *Gratii Falisci et Olympii Nemesiano Carmina Venatica cum duobus fragmentis de Aucupio. Cum scripturae varietate et aliorumque suisque commentationibus edidit Reinhardus Stern, Phil. Doctor.* In Libraria Orphanotrophei, Halis Saxorum.
- Spitzer, L., 1939. Port. Zevro, e zebra, Span. Zebro, etc. *Modern Language Notes*, Baltimore 54: 78.
- Stern, R., 1832. *Gratii Falisci et Olympii Nemesiani Carmina Venatica cum duobus fragmentis De Aucupio. Cum scripturae varietate et aliorum suisque commentationibus edidit Reinardus Stern, Phil. Doctor.* Libraria Orphanotrophei, Halis Saxonum.
- Storr-Best, L., trad., 1912. *Varro On Farming. M. Terentii Varronis Rerum Rusticarum libri tres; Translated, with introduction, commentary, and excursus by Lloyd Storr-Best M. A. Lond.* G. Bell and Sons, Ltd., London.
- Straet, Jan van de, 1570. *Equile Ioannis Austriaci Caroli V. imp. F. P. Galle*, Antwerpen.
- Sundby, T., 1844. *Della vita e delle opere di Brunetto Latini. Monografia di Thor Sundby, tradotta dall'originale danese per cura di Rodolfo Renier, con appendici di Isidoro del Lungo e Adolfo Mussafia, e due testi medievali latini.* Successori Le Monnier, Firenze.
- Sweet, H., 1897. *The student's dictionary of Anglo-Saxon.* Clarendon Press, Oxford.
- Tachard, G., 1686. *Voyage de Siam, des Pères Jesuites, envoyez par le Roy aux Indes & à la Chine. Avec leurs observations astronomiques, et leurs remarques de physique, de géographie, d'hydrographie, & d'histoire.* Arnould Seneuze & Daniel Horthemels, Paris.
- Tardieu, A., 1867. *Géographie de Strabon. Traduction nouvelle.* Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, Paris.
- Teles, B., 1660. *Historia geral de Ethiopia a Alta, ov Preste Ioam, e do qve nella obraram os padres da Companhia de Iesus composta na mesma Ethiopia, pelo padre Manoel d'Almeyda, natvral de Vizev, Provincial e Visitador, que foy da India. Abreviada com nova releçam, e methodo, pelo padre Balthezar Tellez, natvral de Lisboa, Provincial da Provincia Lvsitana: Ambos da mesma Companhia.* Oficina de Manoel Dias, Impressor da Vniversidade, Coimbra.
- Teles, B., 1710. *The travels of the Jesuits in Ethiopia: Containing I. The geographical description of all the kingdoms, and provinces of that empire; the natural and political history; the manners, customs, and religion of those people, &c. II. Travels in Arabia Felix, wherein many things of that country, not mention'd in other books of this nature, are treated of, as a particular description of Aden, Moca, and several other places. III. An account of the kingdoms of Cambate, Gingiro, Alaba, and Dancali, beyond Ethiopia in Africk, never travelled into by any but the Jesuits, and consequently wholly unknown to us. Illustrated with an exact map of the country, delineated by those fathers as is the draught of the true springs and course of the Nile, within Ethiopia, besides other useful cuts. The whole collected, and historically digested by F. Balthazar Tellez, of the Society of Jesus; and now translated into English.* J. Knapton, A. Bell, D. Midwinter & W. Taylor, London.
- Textor, J. R., 1524. *Ioannis Ravisii Textoris nivernensis Epitheta, studiosis omnibus poeticae artis maxime vtilia, ab autore suo recognita ac in nouam formam redacta.* Apud Reginaldum Chauldiere, Parrhisiis.
- Thévenot, M., 1665. *Relation d'un voyage fait au Levant dans laquelle il est curieusement traité des estats sujets au Grand Seigneur, des moeurs, religions, forces, gouuernemens, politiques, langues, & coustumes des habitans de ce grand Empire. Et des singularitez particulieres de l'Archipel, Constantinople, Terre-Sainte, Egypte, pyramides, mummies, deserts d'Arabie, la Mecque: Et de plusieurs autres lieux de l'Asie & de l'Afrique, remarquez depuis peu, & non encore décrits jusqu'à present. Outre les choses memorables arrivées au dernier siege de Bagder, les ceremonies faites aux receptions des Ambassadeurs du Mogol: Et l'entretien de l'auteur avec celui Du Pretejan, où il est parlé des sources du Nil.* Lovis Billaine, Paris.
- Thienemann, G. A. W., 1856. *Leben und Wirken des unvergleichlichen Thiernalers und Kuppferstechers Johann Elias Ridinger, mit ausführlichen Verzeichniss seiner Kuppferstiche, Schwarzkunstblätter und der von ihm hinterlassenen grossen Sammlung von Handzeichnungen.* Rudolph Weigel, Leipzig.
- Thilo, G., 1887. *Servii Grammatici qui fervntvr in Vergilii Bvcolica et Georgica commentarii.* In aedibvs B. G. Tevbneri, Lipsiae.
- Thompson, d'A. N., 1943. The Greek for a Zebra. *The Classical Review* 57 (3): 103-104.

- Toledo, P. de, trad., 1432. *Mostrador e ensinador de los turbados* [Trad. Castelhana do *Guia de Perplexos (Moreh nevuqhim)* de Maimônides; copiado por Alfonse Pérez de Cáceres]. Códice 10289 da Biblioteca Nacional de España, Madrid.
- Torres, M. A. M., 1819. Descrição historica e economica da Villa e Termo de Torres Vedras. *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* 6 (I) (Memórias dos Correspondentes): 12-138.
- Tostado, A., 1679. *El Tostado sobre Evsebio, Mineral de Letras Divinas, y Hymanas en la Historia General de Todos los Tiempos, y Reynos del Myndo, segvn los comentarios del ilvstrissimo, y venerable doctor, lvz de la Iglesia, y de la Christiantad, Don Alonso Tostado, obispo de Avila; sobre los libros de historias, y chronologias, que dexo escritos el grande Evsebio obispo de Cesarea de Palesina: recopilados, redvcidos, y compvestos al modo, y estilo destes tiempos, con sus adiciones, y glossas à la margen para el vso de los predicadres, y con tres tablas nueuamente añadidas por el reverendissimo padre maestro Fray Ioseph de Almonacid, del Orden de San Bernardo, hijo del monasterio de Valbuena, abad que fue dél, y de los co-nuentos de Hoya, y San Clodio, tres veces difinidor general, predicador de las Magestades de Don Felipe Quarto, y Don Carlos Segundo N. S. Lector iubilado, y maestro general de su religion. Segvndo tomo. Dedicale al excelentissimo señor Don Manvel Ioachin Alvarez de Toledo y Portugal Zuñiga Pimentel Monroy y Ayala, Conde de Oropesa, Beluis, y Deleytosa, Marquès de Xarandilla, gentilhombre de la Camara de su Magestad, &c.* Francisco Sanz, Impressor del Reyno, Madrid.
- Tzschucke, C. H., 1806. *Pomponii Melae de Situ Orbis libri tres ad plvrimos codices msstos vel denovo vel primvm consvltos aliorvmque editiones recensiti cum notis criticis et exegeticis recensitu vel integris vel selectis Hermolai Barbari, Ioach. Vadiani, Petri Io. Olivarii, Fredenandi Nonii Pintiani, Petri Ciacconii, Andr. Schotti, Io. Oporini, Petri Io. Nvnnesi, Is. Vossii, Iax. et Abr. Gronoviorvm, et Iac. Perizonii, Nec non msstis Io. Georg. Graevii, Iac. Gronivii, et Petri Bvurmanni, cum lectis praeterea et adpositis doctorvm virorvm animadversionibvs additis svvis Carolo Henrico Tzschvckio A. M. Scholae Electoralis Misnensis Rectore, et Societas Latinae Ienensis Socio. Volumen III. Pars III. Svmtibvs Siegfried Lebrecht Crvsii, Lipsiae.*
- Ulitius, I. [J. van Vliet], 1645. *Iani Vlitii Venatio novantiqua. Celsissimo Arausionis Principi Guilhelmo dicata.* Ex Officina Elzeviriana, Amsterdam.
- Ureña y Smenjaud, R. de, 1911. *Memorial historico español. Colección de documentos, opúsculos y antigüedades que publica la Real Academia de la Historia. Tomo XLIV. El Fuero de Zorita de los Canes según el códice 217 de la Biblioteca Nacional (siglo XIII al XIV) y sus relaciones con el Fuero Latino de Cuenca y el romanceado de Alcázar.* Establecimiento Tipográfico de Fontanet, Madrid.
- Ureña y Smenjaud, R. de & A. Bonilla y San Martín, 1907. *Biblioteca jurídica española anterior al siglo XIX. Fuero de Usagre (Siglo XIII) anotado con las variantes del de Cáceres.* Hijos de Reus, Editores, Madrid.
- Valentini, M. B., 1704. *Museum Museorum, oder vollständige Schau-Bühne aller Materialien und Specereyen nebst deren natürlichen Beschreibung, Election, Nutzen und Gebrauch, aus andern Material-Kunst und Naturalien-Kammern, Oost- und West-Indischen Reisz-Beschreibungen, curiosen Zeit- und Tag-Registern, Natur- und Arzney-Kündigern, wie auch selbst-eigenen Erfahrung, zum Vorschub der studirenden Jugend, Materialisten, Apothecker und deren Visitatoren, wie auch anderer Münster, als Jubelirer, Mahler, Färber, u. s. w. also verfasset, und ditectlich hundert sauberen Kupferstücken.* In Verlegung Johann David Zunners, Franckfurt am Mayn.
- Valentini, M. B., 1716. *Michaelis Bernhardi Valentini, Archiatri Hassiaci & Prof. Medici Gisseni, Historia Simplificum reformata, sub Musei Museorum titulo antehac in vernaculâ edita, jam autem in gratiam exterorum, sub directione, emendatione, & locupletatione auctoris à D. Joh. Conrado Beckero, Medico Alsfeldensi, latio restituta. Accedit India Literata, e lingua belgica primum in germanicam translata, nunc verò, ad desiderium exterorum latinitate donata, longe auctior reddita, novisque figuris aeneis illustrata à Christophoro Bernhardo Valentini M. B. Filio.* Ex Officina Zunneriana, apud Johannem Adamum Jungium, Francofurti ad Moenum.
- Valla, L., 1528. *Lavrentii Vallae patricii romani De Rebus a Ferdinando hispaniarū rege & maioribus eius gestis: deq' eiusdem electione, coronatione, regno & obitu, libri III.* Iodocus Badius Ascensius, Parisiis.
- Valla, L., 1579. *Lavrentii Vallae, patritii romani, De Rebus a Ferdinando Aragoniae Rege Gestis libri tres, pp. 1005-1072, in Beale., 1579, q. v.*
- Varro, M. T., 1619. *M. Terentii Varronis Opera Omnia quae extant. Cum notis Iosephi Scaligeri, Adriani Turneri,*

- Petri Victorii, & Antonii Augustini. His accedunt tabulae navfragii, seu fragmenta ejusdem auctiora & q' meliora, additis ad singula loca, auctorum nominibus und haed petita sunt.* Ex Officinâ Ioannis Bervvout, Durdrecht.
- Vasconcelos, J. L. de., 1928. *Opúsculos*, v.2: *dialectologia* (parte 1). Imprensa da Universidade, Coimbra.
- Vasconcelos, J. L. de., 1985. *Opúsculos*, v. 6: *dialectologia* (parte 2). Organizado por M. A. V. Cintra. Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, Coimbra.
- Vasmer, M., 1976. *Russiches etymologisches Wörterbuch*. Winter Universitätsverlag, Heidelberg.
- Veiga, M. da, S. J., 1628. *Relaçam geral do estado da Christandade de Ethiopia; reduçam dos scismaticos; entrada, & recebimêto do Patriarcha Dom Affonso Mendes; obediencia dada polo Emperador Seltã Segued com toda sua corte à Igreja Romana; & do que de nouo socedeo no descobrimêto do Thybet, a que chamam, gram Catayo. Composta, e copiada das cartas que os padres da Companhia de Iesv, escreveueram da India Oriental dos annos de 614. 625. & 626. Pelo padre Manoel da Veiga da mesma Companhia, natural de Villauçosa.* Mattheus Pinheiro, Lisboa.
- Verma, S. P., 1999. *Mughal painter of flora and fauna Ūstad Mansūr*. Abhinav Publications, New Delhi.
- Viaro, M. E., 2011. *Etimologia*. Contexto, São Paulo.
- Viaro, M. E., 2013. Sobre a origem das preposições ibero-românicas hasta, ata e até. *Estudos de lingüística galega*, Santiago de Compostela 5: 189-212.
- Viaro, M. E.; Guimarães-Filho, Z. O., 2010. Acerca dos diferentes graus de distinção em fonologia: o caso dos fonemas portugueses em dissílabos do tipo CVCV. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, 12(1): 125-148.
- Viguera, M. A. 2008. Grafias y fonemas en el siglo XI, pp. 145-162, in Calleja, q. v.
- Viterbo, J. de S. R. de, 1799. *Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usárão, e que hoje regularmente se ignorão; obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros, e preciosos, que entre nós se conservão; publicado em beneficio da litteratura portugueza, e dedicado ao Principe N. Senhor por Dr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo, dos Menores Observantes Reformados da Real Provincia da Conceição. Tomo Segundo. G-Z.* Typographia Regia Silviana, Lisboa.
- Vives, J. L., 1555. *Divi Avrelii Avgvstini hipponensis episcopi De Civitate Dei libri XXII. Ad priscae venerandaeq' uetustatis exemplaris denuò collati, eruditissimisq' insuper commentarijs per undequaq' doctiss. uirum Ioann. Lodouicum Viuem illustrati & recogniti. Accessit index foecundissimus.* Frobenius, Basileae.
- Walford, E., 1855. *Epitome of the Ecclesiastical History of Philostorgius, compiled by Photius, Patriarch of Constantinople. Translated by Edward Walford, M. A., late scholar of Balliol College, Oxford.* Henry G. Bohn, London.
- Warner, A. G. & E. Warner, 1915. *The Sháhnáma of Firdausí. Vol. VII.* Kegan Paul, Trench, Trübner & Co. L<sup>TD</sup>, London.
- Watson, J. S., 1853. *Justin, Cornelius Nepos, and Eutropius, literally translated, with notes and a general index.* Henry G. Bohn, London.
- Wernsdorff, I. C., 1780. *Poetae latini minores. Tomvs primvs complectens Gratii Falisci, M. Avr. Olympii Nemesiani, D. Magni Avsonii aliorvmqve De Venatione Avcvpio et Piscatv carmina et fragmenta. In fine additvm est Olympii Nemesiani Carmen de Lavdibvs Hercvllis.* Ex Officina Richteria, Altenbvrgi.
- Westermann, A., ed., 1939. *ΠΑΡΑΔΟΞΟΓΡΑΦΟΙ. Scriptores rerum mirabilum graeci. Insunt [Aristotelis] Mirabiles Auscultationes. Antigoni, Apollonii, Phlegontis Historiae mirabiles. Michaelis Pselli Lectiones mirabiles. Reliquorum eiusdem generis scriptorum deperditorum fragmenta. Accedunt Phlegontis Macrobi et Olympiadum reliquiae et Anonymi Tractatus de mulieribus etc.* Georgius Westermann, Brunsvigae & Black et Armstorg, Londini.
- Whalen, L. E., 2008. La nef magique dans les texts arthuriens des XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles [18 Juillet, L3, Session 2 Varia 11], pp. 1-10, in Hüe, Delamare & Ferlampin-Acher, eds., q. v.



- White, H., 1961. *Appian's Roman History. With an English translation.* Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts & William Heinemann Ltd., London.
- Wiener, L., 1921. *Contributions toward a history of Arabico-Gothic culture. Volume IV. Physiologus studies.* Innes & Sons, Philadelphia.
- Wiffen, J. H., 1868. *The Jerusalem Delivered of Torquato Tasso. Translated into English Spenserian verse, with a life of the author. Third American from the last English edition. Illustrated with six fine steel engravings.* D. Appleton & Company, New York.
- Willets, W., 1964. The maritime adventures of Grand Eunuch Ho. *Journal of South Eastern Asian History* 5 (2): 31-35.
- Willis, R., 1847. *The works of William Harvey, M. D. Physician to the King, Professor of Anatomy and Surgery to the College of Physicians. Translated from the Latin with a life of the author.* Printed for the Sydenham Society, London.
- Wotton, E., 1552. *Edoardi VVottoni oxoniensis De Differentiis Animalivm libri decem. Ad Sereniss. Angliae Regem Edoardvm VI. Cum amplissimis indicibus, in quibus primùm authorum nomina, unde quaequae desumpta sunt, singulis capitibus sunt notata & designata: deinde omnium animalium nomenclaturae, itémque singulae eorum partes recensentur, tam graecè,quàm latinè. Apvd Vascosanvm, Lvtetiae Parisiorvm.*
- Wright, T., 1863. *Alexandri Neckam De Naturis Rerum libri duo. With the poem of the same author, De Laudibus Divinae Sapientiae.* Longman, Green, Longman, Roberts, and Green, London.
- Ximenez, R., 1579. Roderici archiepiscopi toletani Ostrogotthorvm Historia, pp. 135-289, in Beale, 1579, q. v.
- Yule, H., 1863. *Mirabilia descripta. The Wonders of the East, by Friar Jordanus, of the Orders of Preachers and Bishop of Columbum in India the Greater, (circa 1330). Translated from the Latin original, as published in parts at Paris in 1839, in the Recueil de Voyages et de Mémoires, of the Society of Geography, with the addition of a commentary.* Hakluyt Society, London.
- Zirkle, C., 1936. Animals impregnated by the wind. *Isis* 25 (1): 95-130.